

LARE BARBOSA

PORTAS ERRADAS

Amores certos



editora
coerência



Copyright© By Editora Coerência 2018

PORTAS ERRADAS, AMORES CERTOS ©
LARE BARBOSA

1ª Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial

Diretora Editorial: LILIAN VACCARO

Revisão: SUSANA SILVA

Capa: DÉCIO GOMES

Diagramação: CINTIA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Barbosa; Lare

Portas Erradas, Amores Certos - 1ª edição — São Paulo — Editora
Coerência 2018

ISBN: 978-85-5327-006-4

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Título

CDD. 869-3

Editora Coerência

Rua Pinhancó, 12A

Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350

Site: www.editoracoerencia.com.br

E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br

Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



1ª Edição



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*Nem sempre entrar em portas
erradas é a pior coisa do mundo”.*

Prólogo

*“A visa é como andar de bicicleta.
Para ter equilíbrio, você tem que
se manter em movimento.”*

Albert Einstein

Fevereiro de 2008

Maria Clara

O brilho do pôr do Sol era tão lindo quanto ouvir a cantoria dos pássaros que voavam ao longe, ao lado de um dos letrados mais famosos — se não o mais famoso — do mundo: Hollywood, para onde eu olhava naquele instante. Estávamos em meados de Fevereiro de um ano novo.

Fechei os olhos para respirar fundo e tentar esvair a mente. Pedi aos céus que me desse um ano cheio de novidade e muitas risadas, cheio de aprendizado e amadurecimento. Desejei passar o ano apenas com as pessoas boas que Deus tinha colocado no meu caminho.

— No que está pensando? — sussurrou Ansel em meu ouvido, com uma voz doce e tranquila, fazendo-me levantar as pálpebras devagar.

Virei a cabeça na direção dele, o fitando e abri um pequeno sorriso. Seus cabelos escuros estavam bagunçados por conta do vento. Seus lábios pequenos me deram um selinho e eu sorri mais uma vez.

— Na vida.

— Estou incluído?

— Acha que o meu melhor amigo não estaria incluído em minha vida? — repreendi-o, fazendo Ansel rir.

— Acho bom, mocinha. — ele colocou uma mecha do meu cabelo preto atrás de minha orelha e logo tomou um gole de energético, virando a latinha na boca. — Ansiosa para o primeiro ano do ensino médio?

Antes de responder, soquei a mão dentro de minha pequena bolsa marrom de franja, achando minha câmera — mais conhecida como amor eterno da minha vida —, ligando-a em seguida e apontando para a vista maravilhosa em minha frente.

— Zero de ansiedade. — dei de ombros. — E você?

— Claro que sim! Agora eu tenho 17 anos, um carro novo e sem compromisso algum. Não estou preso a ninguém que me encha o saco. Tudo o que quero é mulheres, festas e novos começos.

— Certo! — dei todo o apoio. — Só não deixe de estudar, porque boceta não te paga uma faculdade,
PERIGOSAS ACHERON

nem te faz ganhar dinheiro. Bom, a menos que você seja um gigolô barato.

Arranquei uma gargalhada dele.

— Em Thompson High, você estuda ou você estuda. Acha que eu não sei? Preciso de um futuro!

Olhei-o por fim, sorrindo sem mostrar os dentes. Ele fez o mesmo, apoiando o corpo de costas no chão, com os cotovelos descobertos. Suas calças fajutas, apesar de serem atraentes, não revelavam o quanto aquele garoto era rico e inteligente.

Ansel Collins era meu melhor amigo desde que eu me entendo por gente. Seus pais eram ricos e, por sua vez, amigos antigos dos meus, por isso éramos amigos desde pequenos. Ele era um dos mais falados do colégio e também, um dos mais desejados pelas garotas.

Desde sempre nós ficávamos. Nada sério, apenas uma amizade colorida, onde saciávamos a companhia um do outro e trocávamos carícias para acabar com a carência que sentíamos.

Ah, qual é?! Atire a primeira pedra quem nunca teve uma amizade colorida! E quem resistiria! Ainda mais com o tão popular Ansel Collins!

Bom, já eu, não fico para trás com o quesito popularidade e, antes que qualquer pessoa pense mal de mim, vou contar quem sou. Eu me chamo Maria Clara Miller. Sou muito popular no colégio onde estudo. Como tiro boas notas, sou a queridinha dos professores e filha dos Miller, que estudaram lá anos antes.

Claro que o fato de não ser bolsista, ter amor por livros e fotografia também contam para essa mesma popularidade.

Mesmo tendo pais ricos e coisas materiais, sou uma adolescente comum de 16 anos, que sai, estuda, tem amigos e, felizmente pais maravilhosos.

Exceto o quesito namoro. Nunca tive um namorado e nem pretendo ter. Viver sozinha – e dando uns beijos no amigo gostoso – está bom demais. Muitos me perguntam: “*por que você não vai atrás da tampa da sua panela?*” Com toda a certeza do mundo, essa frase é a pior besteira já dita! Não existe isso! Eu nem sei cozinhar! E, já pensou se eu for uma frigideira? Que mesmo não tendo tampa, ainda é feliz e útil?

Escolho ser uma frigideira, é bem melhor do que

se apaixonar. Com esse mundo de hoje, com tantos imaturos, idiotas e ignorantes soltos por aí, eu quero é ser feliz e viver sozinha!

O celular de Ansel soou dentro de seu bolso, fazendo-o pegá-lo e sorrir.

— Quem é a galinha da vez? — chamei sua atenção e logo seus olhos pousaram em mim.

— É a Paige.

— Paige? “*A sorriu-para-mim-me-comeu*”?

— Que apelido maldoso! — ele fez uma careta, fazendo-me gargalhar e apoiar a câmera em minhas coxas. — Engole o veneno! — balancei a cabeça de um lado pro outro. — Eu quero só dar uma chance para a conhecer melhor.

— Ah, corta essa, Ansel! Você só pode ser bipolar! Acabou de dizer que queria boceta atrás de boceta e agora quer conhecer a rainha da vadialândia? — ele riu mais uma vez. — Se for para conhecer alguém, pelo menos abre os olhos para quem tá bem pertinho de você e que merece todas as chances do mundo!

— Quem? Você? Pô, Clarinha, a gente não combinou que é sem essa de se apaixonar?

Caramba, tudo bem que você é idiota, todo mundo sabe disso, mas assim já é demais, não? — brincou ele.

Eu gargalhei, balançando a cabeça mais uma vez. Ele era um completo idiota!

— Você sabe muito bem de quem estou falando... — respondi, lembrando-o de minha melhor amiga.

Ansel ficou em silêncio, olhando para o celular, perdido em pensamentos. Estava cansado de me ouvir pedindo que investisse em Melanie, ela era doida por ele desde os 14 anos. Ansel nunca lhe tinha dado chances, pois via-a como uma irmã mais nova ou algo do tipo.

Vocês devem estar se perguntando: já que Melanie é minha amiga e tão a fim de Ansel, por que diabos eu fico com ele? Bom, eu definitivamente não tenho respostas. Aconteceu do nada, sem maldade nenhuma e ela sabe disso, sabe e não fica chateada. Aliás, com tantas mancadas de Ansel com todas aquelas putas do colégio, uma ficada a mais ou a menos, pra ela não faz diferença alguma.

Melanie não quer só os beijos de Ansel e sim o

seu coração. Quer o Ansel por inteiro, coisa que nem eu tenho!

— Ansel? — chamei-o mais uma vez. — Você pode fazer isso? Só tentar? — arqueei a sobrancelha. — O ano é longo, as festas e oportunidades serão muitas. Vocês até fazem um casal lindo e você pode se apaixonar de verdade por quem te ama, é só querer.

Um pequeno silêncio se instalou até ele, enfim, responder:

— Por que você não tenta também? Ir atrás de um amor? Toda panela tem sua tampa, querida. Sempre há um chinelo velho para um pé descalço.

Viu? Eu não falei?

— Amor? — bufei baixinho. — Isso não é pra mim.

— Amor é pra todos, Clara. E não venha dando conselhos para os outros que nem você segue!

— Faça o que eu falo, só não faça o que eu faço. — abri um sorriso forçado.

— Engraçadinha! – Ansel sorriu ironicamente, guardou seu celular e se deitou por cima da toalha vermelha onde estávamos sentados.

— Ainda espero a sua resposta.

— Sem chance!

— Ansel, por favor! — deitei-me ao lado dele, com minha mão em seu peito. — Tenta! — insisti.

Seus olhinhos fitaram os meus, que deveriam estar parecendo os do Gato de Botas e – graças a Deus – funcionou. Pois, depois de me dar um selinho estalado, ele disse:

— Tudo bem, tudo bem!

— Ela vai surtar! — vibrei. — Só não fere o coração dela.

— Está doida? — esbravejou. – Nunca, não propositalmente.

Sorri ao sentar-me mais uma vez para olhar a maravilhosa vista, quando, depois de longos segundos, senti a presença de meu amigo atrás de meu corpo:

— Você também pode tentar Maria Clara. — sussurrou mais sério, me incentivando a tal.

— Tentar?

— É, o amor.

Bufei como se risse.

— Onde eu encontraria esse tipo de coisa? — perguntei retórica e ironicamente. — Naquele colégio? Na rua? Jamais!

— Em qualquer lugar. — insistiu ele. — Onde você menos esperar.

Bufei mais uma vez...

— Menos. — disse com uma voz de desdém.

— Mais! — retrucou ele. — Não desisti. Esse ano está só no começo, mocinha.

Em seguida, Ansel depositou um beijo em meu pescoço, fazendo-me fechar os olhos e balançar a cabeça, tentando a todo custo que aquele pensamento ridículo saísse de minha mente, sem qualquer vestígio de prolongamento.

Era só mais um ano escolar como todos os outros, caramba!

Banheiro feminino

*“Às vezes, a realidade é só um
sonho esperando ser vivido.”*

Eu Me Chamo Antônio

Maria Clara

O meu despertador habitual é o celular. Esta manhã de segunda-feira ele me despertou exatamente às 7h45 da manhã, que iria ser como todas as outras: chata. Mas como seria o meu primeiro dia de aula, acordei empolgada e ansiosa, com um friozinho na barriga.

Não é sempre que se começa o primeiro ano do ensino médio!

Pulei da cama e antes de correr para o banheiro, arrumei os lençóis quentinhos onde eu dormia minutos antes. Depois, fui até o closet de roupas. Olhei durante uns momentos e optei por uma calça jeans justa – como todas as outras que eu tinha – bem escura, uma regata vermelha sangue e por cima, uma jaqueta jeans escura e curta.

Em cima da cama já arrumada, coloquei a roupa que eu escolhi. Corri para o banheiro, para fazer minha higiene pessoal e tomar um banho gelado para despertar de uma vez.

Pensando em como seria esse ano escolar,

contando com os professores, as atividades, os novatos e veteranos, as festas e fofocas que iriam rolar por todos os lados, eu tomava meu banho, lavando meus cabelos escuros e depilando meu corpo com o qual eu tinha tanto cuidado.

Aliás, se eu não cuidasse de mim, quem cuidaria?

Assim que fechei o registro, me sequei e saí para me vestir. Depois das roupas íntimas, cobri meu corpo com as peças de roupa que havia escolhido.

Senti o cheirinho de café quente do andar debaixo e meu estômago já deu sinal de vida, roncando alto. Com certeza, Angelick já havia preparado tudo para a nossa primeira refeição do dia.

Passando corretivo, rímel e perfume, olhei meus olhos escuros pelo reflexo do espelho, pedindo a mim mesma, que eu pudesse ser feliz, correr risco, viver e me cuidar muito nesse novo ano letivo.

Pegando minha mochila com pertences pessoais e o caderno novinho, descí as escadas socando o celular no bolso e dando de cara com meus pais bem vestidos na mesa da copa.

— Bom dia, bebê! — exclamou Logan Miller, um dos donos da maior rede de automóveis dos

Estados Unidos, de terno, barba feita e os olhos tão escuros quanto os meus, sorrindo ao pegar um pedaço simples de pão.

— Bom dia, pai. — depositei um beijo em sua testa antes de me sentar ao seu lado, tocando a mão de minha mãe por cima da mesa e correspondendo ao seu sorriso aberto, que se parecia muito com o meu. — Vão sair?

— Washington. — respondeu Claudiana Miller, minha mãe, tomando seu café quente. — Voltamos em três semanas.

— Três semanas? — arqueei a sobrancelha ao olhar para ambos por alguns segundos, parando de me servir.

— Sim. — disse ela. — Tome cuidado, Angelick estará sempre aqui, você sabe. Não hesite em ligar-nos se precisar. — ao terminar, olhou seu relógio de pulso, pequeno e prateado. — Ande logo, se não perderemos o voo, querido.

— Está bem! — apressou-se meu pai, limpando o canto da boca com o guardanapo e se levantando. Veio até mim e depositou um beijo em minha testa. — Se cuide, Maria Clara, o pai te ama.

— Também te amo, pai... — sussurrei, ao ouvi-lo gritar para Angelick:

— Cuide de minha joia, Angel, por favor!

Angelick, minha humilde e doce governanta, soltou uma risada da cozinha.

O meu pai foi até à sala, sumindo do meu campo de visão. Mamãe levantou-se da mesa também, se aproximou de minha cadeira, deu-me um abraço de lado, ao beijar minha testa e sorriu:

— Bom primeiro dia de aula. Mais tarde eu te ligo! Por favor divirta-se, mas tome cuidado!

— Tudo bem, mãe. — respondi com uma voz que lhe mostrava o meu tédio por suas instruções serem sempre as mesmas, dia após dia.

Sempre que alguma de nós viajava ela dizia as mesmas coisas.

Tomei um gole de suco de manga gelado, enquanto ela ajeitava a saia social e os cabelos escuros que lhe caíam um pouco acima dos ombros. Antes de sair da copa alertou-me:

— Vê se arranja um namorado, querida! Conheça pessoas!

Saiu segundos depois, fazendo-me ouvir a porta

de casa se fechando, me deixando sozinha com Angel. Soltei um suspiro, balançando a cabeça ao processar em mente o conselho de Clau.

Minha mãe era uma figura. Era quase a adolescente da casa!

Senti meu celular vibrar no bolso da calça e o peguei, vendo uma nova mensagem de Melanie no visor:

“onde você está? pronta pro primeiro dia?”

“sinceramente? não! mas, vamos à luta! estou saindo de casa.”

Assim, tomei o suco enquanto me levantava da cadeira.

— Já vai querida? — a voz de Angelick chamou-me, fazendo-me olhá-la. Vinha da cozinha com um pano de prato em mãos.

— Já, sim. Até mais tarde, Angel! — depusitei um beijo rápido em sua testa carinhosamente e saí, passando pela sala, pegando minha mochila e os fones de ouvido que estavam na mesa de centro.

“Say Goodbye” de Chris Brown soava nos fones de ouvido, enquanto eu caminhava rumo ao colégio, que ficava a quatro quadras dali.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

— Brandon, meu filho, levanta! — exclamava a voz que, normalmente era doce, estava irritante ao me chamar tão cedo.

— Eu preciso dormir. — murmurei, morrendo de preguiça, sem acreditar que teria que voltar à rotina.

— Você vai se atrasar para a aula, por favor, se apresse! — pedia ela ao chacoalhar meu corpo, coberto apenas pela cueca e dois lençóis finos e bagunçados.

Cocei os olhos, de bruços na cama, logo levantando com calma uma das pálpebras e observando a mulher magra e linda que eu chamo de mãe, sentada em minha cama, olhando-me imóvel. Tinha a certeza de que ela só sairia dali, se eu levantasse, então, foi o que fiz. Suspirei fundo ao me sentar na cama, coçando os olhos de novo.

Ela sorriu e disse:

— Bom dia, filho! Belinda já está preparando seu café, preciso ir para o trabalho. Quero que você

tenha um maravilhoso primeiro dia de aula no colégio novo! — exclamou ela, depositando um beijo melado em minha bochecha.

— Eu não tenho mais cinco anos de idade, mãe. Não precisa vir me acordar com beijinhos no primeiro dia. — reclamei, ainda sonolento.

— Você já foi mais amoroso, querido. — ela repreendeu-me ao abrir as cortinas do meu quarto, depois seguiu até à porta. — Mamãe te ama, juízo! — mal acabou de falar deixou o quarto.

Juízo? Sério isso?

Elizabeth Green, professora de informática, inteligente, rica e uma mulher maravilhosa, mais conhecida como minha mãe e que fazia questão de me acordar com carinho todo primeiro dia de aula. Só faltava o café e bombons na cama.

O relógio no criado mudo indicava que eram 7h16 da manhã naquela segunda-feira, onde eu teria que ir para um colégio novo, com novos alunos, novos professores, novas mulheres...

Era o meu ensino médio. Iria viver até dizer chega. Eu não queria e nem pretendia manter contato com os meus colegas antigos, por isso

precisava ir decente para Thompson High para conhecer novas pessoas a quem poderia chamar de amigos.

Então, levantei da cama, indo direto ao banheiro fazer minha higiene e em seguida, tomar um banho morno, lavando meus cabelos claros, pensando se eu iria ou não me encaixar no colégio novo, com tanta gente... Bom, era o colégio mais caro da cidade, tinha que ter pessoas boas o suficiente para me aceitarem.

Ao sair do banho rápido e bem tomado, não demorei muito a escolher a roupa do dia, que acabou sendo uma jeans escura e justa, uma camisa branca lisa e em cima, uma jaqueta de basquete vermelha com detalhes em branco. Nos pés, um par de tênis cano alto também vermelho.

Acho que demorei mais para arrumar os cabelos do que para me vestir. Passei quase uns vinte minutos secando e levantando um topete perfeito em meus fios, que eu tanto gostava de arrumar. Enquanto me olhava no espelho, espirrei perfume caro em meu pescoço e pulsos antes de colocar a melhor corrente de ouro, guardada ao lado de meus

pertences no closet.

Desci as escadas com uma mochila branca nas costas, onde continha cadernos novos e o meu celular. Vi Belinda, minha doce governanta arrumando a estante da sala.

— Bom dia, Linda. — murmurei.

— Bom dia, menino! — respondeu. — Seu pai ligou.

— Agora?

— Há alguns minutos. Disse para eu te desejar um bom começo de aula no colégio novo, disse que vem te ver em breve.

— Como estão as crianças?

— Bem. — avisou ela, observando-me pegar as chaves do carro em cima da mesa de centro. — Não vai nem tomar café?

— Não, Linda, obrigado. — depus um beijo em sua testa antes de sair de casa, ouvindo-a gritar: “*não deixe de se alimentar, Campbell!*”.

Belinda trabalhava em minha casa há muitos anos, baixinha e simpática. Tinha seus 40 e poucos anos bem vividos e cuidava de mim como um filho, desde sempre.

Meu pai morava junto da mulher e dos meus dois irmãos mais novos perto da praia, mas, hoje, estavam viajando para Paris, para passar uma temporada de férias.

Desbloqueei o alarme de meu carro branco antes de entrar no mesmo e partir rumo ao colégio, com o corpo ansioso e a cabeça pensando em mil coisas ao mesmo tempo.

Maria Clara

Meus livros já estavam em meu armário, ao lado de Melanie enquanto eu olhava o horário da minha turma naquele ano.

Por incrível que pareça boa parte dos meus amigos/conhecidos teriam as mesmas aulas que eu, durante aquele ano, o que me deixava feliz, já que eu não ficaria sozinha.

Aliás, não é por ser popular que sou amada por todos naquele colégio.

Suspirei ao colocar o último livro que eu iria usar naquele dia na mochila e, logo em seguida, fechei meu armário, ouvindo Melanie dizer o quanto a casa dela estava um caos, já que, no fim do mês, sua irmã iria fazer a tão sonhada festa de 16 anos.

Eu e Melanie nunca havíamos tido uma, mas sua irmã Kath era muito mimada, então tinha obrigado os pais a fazer a festa, o que deixou Mel maluca!

— Bom dia, coisas lindas da minha vida! — Ansel brotou do além ao nosso lado, sorrindo com sua mochila nas costas, atraindo suspiros das

garotas ao lado.

Mel abriu um sorriso maior que a cara.

— Oi, Ansel. — murmurei, dando um beijo em sua bochecha.

Em seguida, foi a vez dela cumprimentá-lo. Eu sorri, ao vê-la depositar um beijo em sua bochecha e meu melhor amigo virar delicadamente o rosto, quase roçando seus lábios.

Aquilo a fez corar e eu sabia que ela estava morrendo por dentro, mas antes que fizesse alguma piadinha idiota, o sinal tocou exatos 9h da manhã, avisando o início da primeira aula.

Enquanto todos iam estudar, segurei o braço de Mel, chamando-a:

— Vem comigo ao banheiro?

— Ah, jura? — ela fez careta. — Não quero perder aula.

— Não vai perder! É rapidinho.

Ela continuava com a careta no rosto. Ansel envolveu os seus ombros com o braço, então, suspirei, sabendo que ela, com toda a certeza prefere mil vezes ir até à sala de aula com Ansel do que comigo.

— Tudo bem, eu já volto. — saí andando rumo ao banheiro, com a minha mochila ao ombro.

— Não demora! — ouvi minha amiga pedir, enquanto ia para a sala com os outros alunos.

Caminhei despreocupada para o banheiro feminino do colégio, fiz uma certa força ao empurrar a porta principal, dando alguns passos pelo banheiro adentro. Era enorme, bem limpo e estava vazio, exceto por um indivíduo curvado na pia de mármore, com suas mãos apoiadas na mesma.

Assim que o vi, parei de súbito, não sei se de susto ou de estranheza. De imediato, veio a dúvida: seria um estuprador barato ou um novato burro?

Seus olhos levantaram levemente do chão, passando pelo meu corpo rapidamente, chegando até meu rosto. Por fim, ouvi sua voz:

— Por favor, não grita! — pediu um tanto apreensivo e... aparentemente nervoso.

Automaticamente, soltei uma risada debochada.

Por que diabos estaria um garoto no banheiro feminino?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Uma troca justa

*“Você precisa de alguém que
faça sua mente explorar...”*

Bang Bang

Maria Clara

O garoto — bem arrumado por sinal — endireitou o corpo ao me olhar e quando viu que eu ria, semicerrou os olhos.

— De que tanto ri? — perguntou.

— O que um garoto está fazendo aqui, no banheiro feminino?

— Eu... errei a porta. — respondeu ele, ainda me olhando, imóvel.

— Errou a porta? — cessei um pouco a risada, franzindo a testa.

— Isso. — ele analisou as minhas palavras, antes de continuar: — Sou novo aqui.

— E já sai se revelando desse jeito?

A testa do garoto se franziu mais uma vez ao ouvir o que eu disse. Soltei um riso nasalado e me virei em direção ao enorme espelho no banheiro, passando as mãos em meus cabelos escuros e lisos, caídos em meus ombros.

Pelo canto dos olhos, observei a garotinha, ou melhor, o garotinho, observar-me mais uma vez de

cima a baixo, sem dizer uma palavra, sem esboçar uma só expressão.

— Quer maquiagem emprestada? Ou o endereço da loja onde compro minhas roupas? — perguntei irônica, incomodada por ver o quanto ele me observava.

— Você nasceu idiota assim mesmo ou faz algum tipo de curso técnico? — perguntou ele com a sobrelanceira arqueada e eu percebi transbordar ironia em sua voz.

Mas que garoto estúpido!

Engoli a seco, puxando as mangas de minha jaqueta até os cotovelos, controlando a raiva de meter a mão na cara dele por me ofender sem nem ao menos me conhecer, então, apenas rebati:

— Pelo menos não sou tão burra a ponto de entrar em uma porta errada.

— Sou novo aqui. Além de mimada e fresca, você também é surda? — ele repetiu, deixando-me mais irritada ainda.

Respirei fundo, ajeitando minha regata pelo espelho e logo passei meu foco do olhar de meu corpo para o dele, que estava atrás de mim,

PERIGOSAS ACHERON

olhando-me.

Seus olhos claros eram o que mais chamavam atenção em seu rosto, faziam uma combinação perfeita com a cor de seus cabelos e sua pele bem clara. E, desconfortavelmente, senti meu ventre se contrair levemente por ver a língua saindo de sua boca e molhando seus pequenos lábios.

Meus olhos se fixaram apenas naquele movimento, por segundos longos, até eu ver seu olhar debochado em cima de mim. Merda! Ele percebeu o quanto eu fiquei desconfortável com aquele ato, seu sorriso o demonstrou. Então, dei de ombros e murmurei:

— Vão adorar saber que um novato burro estava no banheiro feminino! — dei as costas e depois de alguns passos, pronta para ir embora, senti meu braço sendo puxado com força. Quando meu corpo foi virado, minhas costas bateram na parede logo atrás.

Mãos fortes com dedos finos estavam coladas em meu corpo, seja uma em minha cintura e a outra em minha nuca, me fazendo suar frio. Pelo susto, claro. Não... pelos lábios gelados e convidativos que

pressionavam os meus de uma forma gostosa que, mesmo eu batendo em seu peito por segundos, não fez com que ele parasse.

Fechei meus punhos, apoiando-os com cuidado em seu peitoral rígido, enquanto correspondia ao beijo gelado e feroz que aquele garoto me dava, sem o menor pudor. Seu braço envolveu-me pela cintura de um jeito que...

Eu estava já sem ar, apertando minhas pálpebras com força, enquanto involuntariamente, passava as mãos pelo pescoço liso daquele garoto, sem saber ao menos o porquê de estar fazendo aquilo. Eu queria sair correndo, mas ao mesmo tempo, queria continuar aquele beijo que me deixava anestesiada.

Só finalizamos por falta de ar, sua boca se afastou da minha entreaberta e, quando abri meus olhos, ele fitava meu rosto com um sorriso cafajeste nos lábios.

Meu peito descia e subia e só quando ele me soltou, percebi o quão mexida eu havia ficado. Sem conseguir parar em pé de primeira, respirei e ajeitei a mochila, ficando ereta.

— O que diabos foi isso? — berrei com a boca

dolorida olhando-o, assim que minha mente processou o que havia acontecido.

— Um beijo? — ele franziu a testa, cruzando os braços centímetros à minha frente, sem retirar o olhar do meu. — Bom, no mundo onde eu vivo isso se chama beijo.

— Idiota! — bati com minhas mãos em seu peito, empurrando-o para longe de mim. — Isso nem era pra ter acontecido! O que você tem na cabeça, hein?

— Mas aconteceu. — sua voz saiu tão confiante e desafiadora...

Fiquei transtornada. Quem esse garoto pensa que é?!

— E você amou. — comentou ele.

Merda! Mil vezes, merda!

Sério que ele percebeu mesmo que eu me entreguei tanto?

— Você não conta que me viu aqui e eu não conto o que aconteceu. Uma troca justa. — sugeriu ele.

Fitei seus olhos com raiva, antes de virar as costas para ir embora, quando ele puxou meu braço

PERIGOSAS ACHERON

mais uma vez, me fazendo prender a respiração.

— Posso saber o nome da moça que entrega beijos de bandeja? — perguntou ele, colando seu peitoral em meu braço rígido. Fiz questão de lhe dar um tranco, sem perder nosso contato visual.

Ao sair do banheiro, ainda com a respiração descompassada, apertei os punhos caminhando forte até à sala de aula. A porta estava fechada e eu precisei bater, interrompendo a aula.

Em segundos, Ric todo elegante e com seu sorriso no rosto apareceu do outro lado da porta. Assim que dei o primeiro passo, todos me olharam, inclusive Mel e Ansel que estavam nas últimas carteiras ao fundo.

Senti meu corpo desconfortável ao perceber que o garoto imbecil estava em pé, atrás de mim.

— Posso entrar, Ric? — perguntei, arqueando a sobancelha.

Ele fez um breve silêncio, até responder:

— Sempre atrasada no primeiro dia de aula, não é? Já é de lei! — brincou.

— Desculpe. — murmurei. — Licença. — andei em passos rápidos até o fim da sala, sentando-me

PERIGOSAS ACHERON

em frente a Melanie.

— E você, quem é? — a voz de Ric chamou minha atenção e, assim que me sentei, olhei-o.

— Eu me chamo Brandon. — avisou o garoto da pegada boa. — Brandon Campbell.

Ric sorriu, indo a passos lentos até à mesa dos professores e pegando uma lista, ao analisá-la, sorriu de novo, olhando o garoto debochado na porta.

— Seja bem-vindo.

— Obrigado. — foi a única coisa que ele disse, sorrindo e vindo se sentar na frente de Ansel, ao meu lado.

Tinha que ser! Será algum tipo de perseguição?

Senti Mel cutucar-me assim que abri minha mochila para pegar meus materiais. Sem que Ansel ouvisse, ela murmurou:

— Quem é ele?

— Você pergunta pra mim? — franzi a testa ao responder.

— Nossa... Ele é gato.

— Grande bosta.

— Clara, você é lésbica, por acaso? — perguntou ela.

Bufei.

— Um cara gostoso desses! E você não enxerga isso, porra?

— Melanie, presta atenção na aula, por favor. — pedi-lhe irritada. — Você só fala merda.

— Algum problema, senhoritas? — a voz alta de Ric puxou a atenção de todos para nós. — Querem compartilhar conosco algo?

— Não... er... — Mel perdeu a voz.

— Pois bem, silêncio! — ordenou ele.

E, assim que ele se virou para o quadro para passar a matéria, virei meu rosto, arqueando as sobrancelhas e repreendendo minha amiga com um olhar de: “*viu, eu bem que te avisei!*”. Ela bufou antes de me mostrar o dedo do meio.

Copiando as atividades minutos depois, me peguei pensando no beijo dele. Sério que isso realmente aconteceu? Ou foi apenas uma ilusão?

Delicadamente, girei a cabeça, ficando sem graça ao cruzar meu olhar com o do garoto do banheiro, sentado despojado na cadeira. Ele me observava.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para o quadro, sentindo meu rosto corar.

É, realmente aconteceu.

O relógio marcava exatos 12h26 quando me sentei com Mel e Kath, sua irmã que estudava no mesmo colégio que nós, mas em outras aulas.

— Vocês viram aquele garoto novo? — perguntou Kath, que era cagada e cuspidinha Melanie, mas, um pouco mais nova. Cabelos quase loiros, olhos pequenos, meiga e bem vestida.

— Quem? O Brandon? — Mel olhou.

— Ah, então é esse o nome dele? — Kath abriu um sorriso maior que a cara.

— É. Lindo igual o dono. — Mel suspirou.

Abri meu exemplar *O Casamento* de Nicholas Sparks, com uma força absurda ao me encostar a uma árvore, ouvindo as duas suspirarem como duas idiotas.

— Como será que ele beija? — intrigou-se Melanie, assim do nada, como se não tivesse mais nada para pensar.

Maravilhosamente bem, pensei.

— Espero que bem! — Kath sorriu. — Quero chamá-lo para a minha festa.

— Uou! — murmurou Mel, fazendo sua irmã rir e olhá-la.

— E você vai me ajudar a convidá-lo.

— Faço questão! — vibrou Mel.

Tentei me concentrar na droga do livro apoiado em meus joelhos dobrados, tentando não pensar no que havia acontecido assim que cheguei ao colégio, naquela manhã.

Quando consegui ler apenas duas linhas do capítulo que eu havia parado, Melanie ajeitou os cabelos apressadamente, sorrindo. Kath soltou uma gargalhada por ver quem chegava perto de nós.

— Olá! — murmurou Ansel em pé à nossa frente, segurando uma garrafa de refrigerante pequena.

Ao seu lado, estava o garoto imbecil do banheiro. Passei uma mecha de meus cabelos por trás da orelha.

— Oi, futuro cunhado. — Kath disse, sem pudor, fazendo Melanie corar e arregalar os olhos.

Ansel soltou uma risada.

— Amigo novo? — Mel perguntou, ignorando em segundos o comentário da irmã-da-onça dela.

— É. — Ansel apontou para o garoto. — Esse é Brandon Campbell. — o dono do nome sorriu ao acenar olhando as garotas. — E elas. — Ansel apontou para nós. — São Melanie Devis e sua irmã Katherine.

— Olá! — Brandon abriu um sorriso sapeca e ao mesmo tempo simpático, ao falar com as duas que riam.

— E ali. — meu amigo apontou para mim. — É Maria Clara.

O olhar de Brandon suspendeu o meu.

— Nós já nos conhecemos. — murmurou o novato.

Ansel franziu a testa olhando-nos e eu quis morrer.

— Sério?

Fiquei imóvel e em silêncio fitando o garoto que me olhava provocante. Travei o maxilar ao metralhá-lo com os olhos semicerrados.

Ele não podia falar nada. *Meu Deus, não!*

Assim que ele abriu a boca, tranquilizei-me:

— Nos vimos na porta da sala no início da aula.
— murmurou satisfeito por me ver nervosa.

Ansel apenas assentiu sorrindo.

Eu me mantive em silêncio, apenas tentando me concentrar no livro, mesmo desconfortável por sentir a presença do garoto na rodinha que meus amigos formaram para falar sobre estudos.

Tentei ao máximo – eu juro – prestar atenção na droga do mesmo parágrafo que eu passava o olho durante minutos, mas, minha visão periférica insistia em me mostrar que aquele par de olhos cor de mel me fitavam a todo segundo.

Mas que droga! O que esse garoto quer?

Não basta me beijar e fazer-me sentir igual uma vadia por me entregar tão fácil no mesmo instante em que nos vimos. Agora tem que me deixar sem graça por não parar de me olhar?

Eu nunca havia ficado com um garoto que não conhecesse antes. Fiquei com poucos até agora, eu sabia pelo menos o nome e a idade do garoto antes dele enfiar a língua em minha boca.

Não vejo problema algum em me aproximar de
PERIGOSAS ACHERON

novatos, fazer amigos novos, mas... ele? Brandon é gato, mas é burro, idiota e imaturo. Percebi de cara o quanto é fresco e se acha o macho alfa do mundo.

Quanto mais longe dele, melhor! Mas seria difícil a partir de agora, já que, meus amigos fizeram questão de colocá-lo em nossa roda de amizade, como se fosse a coisa mais natural.

— O que tanto você lê? — sua voz quase me assustou.

Antes de responder, suspirei.

— No mundo onde vivo isso se chama livro. — murmurei pirraçando-o.

— Jura? — ironizou. — Todo livro tem um autor, um gênero e um nome. Foi exatamente isso que eu perguntei.

Soltei um suspiro, sem responder. Apenas passando os olhos nas letras bonitas do livro, esperei o dono do par de olhos em cima de mim, abrir a boca mais uma vez:

— Além de ignorante você também é mal educada, ao ponto de não me responder?

— Tem como você ficar quieto? Está atrapalhando a minha leitura.

— Eu te fiz alguma coisa? — Brandon soltou um riso debochado ao perguntar.

— Você nasceu. Foi isso que você fez. — eu debatia com ele fitando as letrinhas do livro sem parar.

— Meus parabéns pelo argumento criativo, Maria Clara. — ironizou ele. — No quesito discussão barata você beija muito bem.

Engoli a seco.

Ele disse que eu beijo bem. Isso mesmo que eu ouvi?

— Sério que você ainda não calou a boca? Eu quero muito continuar minha leitura em paz. — rebati, ignorando o sentido de suas palavras.

E, dessa vez, quem ficou no vácuo fui eu, já que Brandon virou-se para falar com Ansel, não me dando mais atenção durante o resto do dia.

Brandon

— Essa garota é assim todos os dias? — foi a primeira pergunta que eu perguntei ao Ansel, um dos caras legais daquele colégio.

Ele olhou Maria Clara que continuava fingindo concentração em sua leitura, antes de me responder.

— Assim, como?

— Chata. — fui sincero, já sabendo por que ela estava me tratando daquele jeito.

— É. — Ansel deu de ombros. — Quase todos.

— E como é que vocês aguentam? — minha voz saiu com rastros de indignação.

Ansel riu baixo ao me olhar divertido. Nem ele e, muito menos as garotas presentes, tinham ouvido minha pequena conversa — ou troca de patadas carinhosas — com Maria Clara.

Observei a primeira garota que eu já havia ficado naquele colégio, logo no primeiro dia, já que errei uma porta e não queria, nem podia ser descoberto.

Sem pensar, fitando os cabelos escuros e os dedos finos da garota segurando aquele bloco de folhas

nas coxas, murmurei:

— Infelizmente, o que tem de chata, tem de...
linda.

Ansel não ouviu o que eu disse, pelo contrário, me chamou para apresentar-me a alguns amigos e... garotas novas. Eu fui sem reclamar.

Balada Infalível

*“Aprendi que a vida apesar de bruta,
é mágica. Dá sempre para tirar
um coelho da cartola.”*

Caio Fernando Abreu

Maria Clara

Jogada na cama após chegar em casa, fitei o teto branco, sentindo o ventinho bom, vindo da janela de meu quarto. Como meus pais não estavam em casa, o silêncio reinava. Eu não tinha nada pra fazer, bom, talvez sim, mas a preguiça e meus pensamentos me impediam de, se quer, levantar.

Não conseguia parar de pensar no que tinha acontecido pela manhã. Era algo fora do normal e é claro que eu iria ficar inquieta pensando nisso.

O que será que Brandon estaria pensando de mim?

Como meus amigos iriam reagir quando descobrissem o que aconteceu?

Mas eles não iriam descobrir. Meu orgulho falava mil vezes mais alto do que a vontade de chegar a Mel, Kath ou qualquer outra e dizer com ego: *“aquele novato gostoso de que todos estão falando, me beijou sem que eu pedisse! Ah, a propósito, ele disse que faço isso muito bem”*.

Brandon era atraente e deixava qualquer ventre

em chamadas, sem que precisasse fazer nada. Seus músculos eram visíveis mesmo com a jaqueta e dava para ver de cara que era estiloso. Seus cabelos intactos mantinham-se em um topete bem feito e seu perfume... *Nossa!*

Se eu fechasse os olhos, lembrava-me do cheiro dele invadindo minhas narinas enquanto seus lábios prendiam os meus. Confesso que ele tinha uma pegada boa e eu nunca havia ficado com alguém assim, tão confiante e malandro. Tão viciante a ponto de me fazer ficar pensando naquilo o resto do dia...

O aparelho celular vibrou freneticamente em cima da mesa do meu notebook, fazendo-me levantar assustada e às pressas para atender.

— Oi, Mel. — falei de pé em frente à mesa, com o celular no ouvido.

— *Amorzinho, você vai à festa de boas vindas, não vai?* — perguntou de uma vez.

— Bom... acho que não. — resmunguei.

— *É na fogueira, Clara! Você não perde uma desde que descobriu essas festas. Achei que fosse me dizer que horas eu poderia passar aí.*

— Eu sei, mas hoje eu não quero ir. — avisei. — Estou desanimada.

— *Por causa do Brandon?*

Franzi a testa, me virando em direção à cama de novo.

— O que tem ele?

— *Parece que você não foi com a cara dele, e bom, ele vai... achei que fosse por causa disso.*

Bufei.

— Nada a ver. — murmurei indo em direção à minha cama, parando no canto dela em segundos.

— *A propósito, ele perguntou de você no fim da aula.*

Caí sentada no colchão fofo.

— Por quê? — tentei esconder o desconforto em minha voz.

— *Ué, sei lá.* — ela respondeu. — *Ele só perguntou e pediu todas as suas redes sociais, eu mandei.*

— Filha da puta! — foi a única coisa que eu exclamei ao ouvir aquilo.

— *Quê? Você vai ter que aturá-lo, Maria Clara,*

querendo ou não! — ela avisou. — Aliás, você tá toda chata desde que ele chegou. Mas acha que não percebi os olhares que lançou pra ele?

Soltei uma risada nervosa.

— Você jura, Melanie? Te cria! — resmunguei.

— *Se cuida, hein! Não vai se apaixonar e entrar para o clube das sofredoras mal amadas! Beijo, até mais tarde.*

— Eu te odeio. — falei.

— *Eu também.* — ela riu sapeca. — *Agora deixa eu me arrumar, preciso ficar maravilhosa pro Ansel hoje.*

Soltei uma risada antes de finalizar a ligação.

Melanie não prestava! Éramos amigas de infância, assim como Ansel, crescemos os três juntos, ou melhor, os quatro – contando com Kath, sua irmã mais nova.

Morávamos perto e estudávamos juntos. Ela era tudo pra mim. Eu a amava muito.

Soltando um suspiro, joguei-me na cama esperando o tempo passar ou a coragem chegar para que pudesse fazer alguma coisa. Tomar um banho, ver um filme, fuçar minhas redes sociais,
PERIGOSAS ACHERON

qualquer coisa, menos pensar no beijo de Brandon Campbell.

Na manhã seguinte, já vestida em uma jeans e uma blusa branca de mangas e bem soltinha, caminhei no corredor para mais uma aula, dessa vez de Química, com a chatinha da Lize, minha professora mais nova, tinha uns 25 anos, eu acho.

Sentei-me na carteira ao lado de Ansel, sentindo a presença de Brandon ao nosso lado, assim como outros conhecidos, que já pegavam seus materiais para a aula.

No quadro, a professora marcava a data do dia em que estávamos, enquanto eu reparava em Ansel fitando sua bunda pequena dentro daquele jeans claro.

Não só Ansel, como os outros garotos da sala, inclusive Brandon. Com o rosto nas mãos, apoiei os cotovelos na mesa, prestando atenção em Lize terminando de escrever “Química” no topo do quadro.

— Ontem não tivemos aula e hoje é a primeira vez que estou dando aula aos novatos. Sejam muito
PERIGOSAS ACHERON

bem vindos. — Lize se virou em direção a nós, encostando-se à mesa dos professores. — Me chamo Lize, sou a professora de Química de vocês. — ela se apresentava. — Quem é novato?

Meia dúzia de pessoas levantaram as mãos, até Brandon, com um olhar misterioso olhando a professora loira.

— Se apresentem, por favor. Começando por você. — Lize disse a Brandon.

— Sou Brandon Campbell, vim de outro colégio local, tenho 17 anos.

— Seja muito bem-vindo, Sr. Campbell.

— Me chama de Brad, Lize. — pediu ele, jogando charme em cima dela.

— Eu não posso ter intimidades com os alunos, Sr. Campbell. — disse ela, toda meiga.

Escrota.

— Claro que pode. — rebateu ele. — Aliás, nós temos química. Eu senti isso.

Assim que o garoto fechou a boca, Ansel gargalhou, tombando a cabeça para trás, fazendo a maioria da sala soltar uma risada sobre a cantada ridícula de Brandon para a professora.

A vadia, ops, professora, apenas soltou uma risada ao balançar a cabeça, toda boba por ter recebido a cantada de um aluno novo e bem bonito.

Bufei ao vê-la fitando-o ainda, pelo resto da aula, enquanto eu tentava prestar atenção na maldita matéria que ela mal sabia explicar, completamente encantada com o garoto, assim como as garotinhas da sala.

Soltei um suspiro derrotada, tentando entender o que elas tanto viam nele..

Brandon

Esta semana em Thompson High estava sendo uma maravilha, simplesmente por eu conseguir estudar e colocar o cérebro pra funcionar a maior parte do tempo nas aulas – fora os momentos em que me pegava observando a tal de Maria Clara escrevendo, rindo, pensando, se mexendo e até me olhando de volta, toda perdida e sem graça.

Eram exatos 13h29 de quinta-feira quando começamos a jogar futebol na quadra imensa daquele colégio, ao ar livre. Eu ainda tentava me familiarizar.

Garotas jogavam vôlei na quadra ao lado, enquanto eu jogava com os garotos. Ansel era de meu time, junto de outros conhecidos. Os folgados – assim nominados por Ansel – jogavam contra nós. O professor Ric, nosso professor de História – e também de Educação Física – observava-nos jogar, já para montar grupos titulares para um campeonato entre classes.

O Sol estava muito quente para aquele começo de

Primavera, minha boca ficava quente toda vez que eu corria com aquela regata branca folgada, com meus braços livres, mostrando minhas poucas tatuagens.

— Ei, Campbell! — berrou Ric, fazendo-me olhá-lo. Ele estava perto das enormes arquibancadas de ferro na grama baixa. Atrás dele, ela chamou a minha atenção de imediato. — Dê o seu melhor, ok?

Perdido, apenas assenti com a cabeça, rezando para que ninguém me passasse a bola por uns tempos, só para que pudesse observar Maria Clara passar pelas arquibancadas com coxas de fora, apenas com uma regata justa e um shorts curto.

Seus cabelos amarrados em um coque a deixavam atraente e sexy. Foi difícil desviar o olhar ao ver como estava provocativa naquele instante, ainda mais me fitando intensamente assim que seus olhos prenderam-se aos meus.

Maria Clara

Não que eu seja sedentária, preguiçosa ou algo do tipo, mas mesmo sabendo correr, jogar vôlei ou até pular corda, eu não gostava muito. Porém, Melanie me convenceu a jogar vôlei naquele dia, então tive de ir com ela me trocar no vestiário.

Na quadra, meninas se exercitavam e outras começavam a montar times, quando fitei do outro lado do campo, os garotos jogando futebol com a supervisão de Ric.

Assim como Ansel e outros garotos bem ricos e atraentes, Brandon me chamou a atenção por estar tão enturmado com eles... era difícil um novato se enturmar tanto, mas com ele foi bem rápido.

Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei fuçando as redes sociais daquele garoto todo santo dia desde que ele entrou no colégio.

Juro por Deus que era automático, oculto e até bom, já que agora eu sabia que ele faz aniversário em Novembro, tem irmãos mais novos e gosta de skate.

Ocultamente, ele tinha mais um ponto comigo. Mesmo o fato de ser idiota, metido e irritante não mudar em nada.

A certeza que não era só eu que fuçava suas redes sociais todos os dias veio quando me enfureci por ver todas aquelas mal amadas observando o corpo de Brandon dentro de uma regata branca, uma bermuda rosa e chuteiras da mesma cor.

Seus braços eram realmente fortes e o fato de ter tatuagens, fez meu ventre se contrair levemente.

Eu era apaixonada por tatuagens! Mesmo não tendo nenhuma e tendo medo de fazer, mas, eu amava e me sentia completamente atraída por quem tinha. Ainda mais bonitas como as dele.

Eram poucas, como uma coruja em seu antebraço, um tigre em seu bíceps e uma palavra na parte de dentro do braço abaixo do cotovelo.

— O que tanto você olha, Clara? — ouvi a voz de Mel me chamando.

— Eu? Nada ué. — murmurei ao soltar o lábio que eu prendia entre os dentes sem perceber e comecei a me exercitar, colocando meus ombros para frente e para trás.

— Nada? — a testa de minha amiga se franziu.
— Sei.

Balancei a cabeça ao puxar assunto:

— O Ansel tá lindo hoje, foi só isso o que eu reparei ali.

O sorriso de minha amiga se abriu imensamente.

— Sim, eu sei disso. — ela ficou corada.

— Vem, vamos vê-lo! — pedi já a puxando pelo braço, que me acompanhou.

O jogo das garotas iria começar só em alguns minutos, então fomos andando até à quadra do lado para ver os garotos mais de perto.

O que me deixava mais irritada, era a merda do meu foco que ia apenas para uma pessoa, Brandon.

Thompson High recebe todos os anos garotos lindos, de todas as partes, mas Brandon tinha uma beleza diferente. Era misterioso, instigante, estiloso e até inteligente. Isso deixava qualquer uma de quatro por ele.

— Ai, Deus, esse Brandon... — murmurava Melanie.

— Achei que você viesse ver o Ansel. —

repreendi-a, com meu olhar sério pousado em cima de seu rosto.

— Vai me dizer que você não consegue ver o quão gato esse cara é? Por favor, Maria Clara, desde quando você é cega?

Aquilo me fez rir e cruzar os braços.

— Eu só o acho metido e filhinho de papai demais. — dei de ombros. —

Ele até que é bonitinho.

— Ele que venha ser bonitinho na minha casa, na minha cama, sem roupa, sorrindo... ah, Deus!

Engoli a seco ao ouvir suas palavras.

— Meus parabéns, mocinha! Agora vai atrás dele! Deixa o Ansel saber.

— Que mal tem o Ansel saber? — ela me repreendeu raivosa. — Quero mesmo que ele saiba que beijo outras bocas pra ele se tocar.

— Ele sabe o quanto você o ama, Mel.

— Mas não corresponde! Qual é! Ele me vê como uma irmã mais nova! Parece que quanto mais eu gosto, mais o tempo passa e mais ele se afasta.

— Você não perde por esperar, Melanie, não

perde... — murmurei ao me lembrar de Ansel me prometendo dar uma chance a minha amiga, quando meu raciocínio é cortado por um baque em minha cabeça, ou melhor, em minha testa. — Ai! — gritei ao colocar instantaneamente as mãos no rosto.

— Meu Deus! — Melanie se assustou e em segundos, soltou uma risada.

Meus olhos pareciam estar queimando, por conta da poeira, minha cabeça estava dolorida onde a bola bateu, e eu mantinha uma das mãos.

— Está tudo bem? — murmurou uma voz ao meu lado e mesmo de olhos fechados, consegui sentir sua presença.

— Meus olhos... — disse ao esfregá-los com força, morrendo de agonia com aquela poeira irritando-os.

— Calma... — a mesma voz respondeu e eu senti o toque de suas mãos nas minhas, fazendo-me abaixá-las.

Com os olhos semicerrados, consegui enxergar Brandon em minha frente, olhando—me. Apertei os olhos mais uma vez antes dele dizer:

— Abra-os com cuidado. — pediu e eu o fiz, sentindo uma lágrima escorrer por minha bochecha. — Isso.

Com calma, me acostumei com os olhos molhados e irritados, mas semicerrados, fitando o garoto em minha frente.

O mesmo, segurando minhas mãos para que eu não coçasse os olhos, aproximou seu rosto do meu para, com um biquinho nos lábios, assoprar meus olhos, um por vez.

Quis morrer internamente por sentir o perfume de Brandon, me fazendo encher o peito com seu cheiro. Mesmo suado e com o corpo cansado, continuava cheiroso.

Droga! O que será que ele tem?

Pisquei mais uma vez, sentindo uma lágrima escorrer e com cuidado, levantei as pálpebras, fitando o rosto dele de novo, depois sua boca assoprando meus olhos e seu olhar suspendendo o meu.

— Desculpa Maria Clara... — ele disse desnortado. — Foi o imbecil do Caleb Carter que parece um ogro jogando bola.

Apenas mexi a cabeça pra cima e pra baixo, piscando de novo, sentindo mais alívio nos olhos irritados. Mexi os dedos e instantaneamente engoli a seco ao sentir suas mãos fortes segurando as minhas ainda, ao lado de meu quadril.

Minha boca ficou seca, eu senti a necessidade de molhá-la com o gosto do beijo daquele cretino, só de olhar ele umedecendo os lábios com a língua rosada.

Só voltei à realidade, assustando-me com os berros de Ric:

— Vai ficar namorando por mais quanto tempo aí, Campbell? A donzela já está melhor! Não temos a tarde toda!

Engoli a seco, completamente frustrada por ver Brandon se afastar, ainda me olhando. Senti minhas bochechas queimarem de vergonha, não era só ele que me olhava, os garotos também.

— Bom... desculpa de novo.

Apenas assenti, sem sorrir, sem acenar e sem me mexer. Assim que Brandon voltou a jogar, Mel me chamou, tirando-me completamente do transe:

— O que foi isso?

— Nada. — franzi a testa, passando a mão na mesma.

— Eu quase saí correndo e gritando por vocês dois.

— Melanie, não exagera... — bufei ao sair andando e ela veio atrás, gesticulando e falando.

— Porra! Você viu o jeito que ele te olhou? Deixou de jogar pra saber se você está bem, caralho! Ele tá te querendo! — vibrou ela.

— Melanie, chega! — pedi, querendo não demonstrar o quão mexida fiquei por sentir aquela sensação. — Que ideia!

— Precisamos marcar de sair! — se empolgou. — Sei lá, vocês precisam se pegar!

— Jamais! — bufei enquanto nos aproximávamos das meninas que dividiam os grupos e, claro, não deixei de reparar algumas delas me olhando por ter sido salva pelo novato Campbell.

— Vocês ainda vão se pegar, escreve o que eu estou falando! — murmurou Mel toda feliz, enquanto eu balançava a cabeça.

O jogo começou e eu joguei. Cada vez que sentia

PERIGOSAS ACHERON

a pele da minha testa dolorida por conta da bolada que eu havia levado, fitava o outro lado do campo, na outra quadra e sorria por dentro ao ver, vez ou outra, Brandon me observar de longe.

Diversão na grama

*“Se somos ensinados a odiar, somos
ensinados a amar também.”*

Nelson Mandela

Brandon

Assim que o jogo chegou ao fim, me senti realizado ao saber que o professor havia me convocado para o time titular do campeonato, o que me animou um pouco. Fora os estudos e as mulheres, agora eu teria que me dedicar ao esporte naquele colégio.

Fui para o vestiário, tomar um banho rápido e colocar uma muda de roupa limpa: uma bermuda preta, um par de tênis da mesma cor e uma regata azul. Como meus cabelos estavam molhados, apenas os sequei com a toalha e saí junto de Ansel, que não calava a boca falando do jogo.

— Ei, Mel! — Ansel chamou a garota que estava saindo pela porta da frente do colégio, com uma bolsa de lado pendurada no ombro. — Aonde vai?

— Pra casa? — ironizou, parando de mover aquelas pernas boas e olhando-nos.

Seus olhinhos claros brilharam ao olhar meu amigo, seus cabelos loiros brilhavam mais ainda por conta do Sol e eu encarei-a de cima a baixo por

longos segundos.

Ela era um filezinho! Tão inocente que parecia bem mais nova do que era. Inteligente, simpática e gostosa.

Claro. Eu precisei reparar nisso.

— Já? — caminhamos até ela. — Vamos tomar alguma coisa, não quero ficar moscando em casa.

Ela abriu um sorriso leve, mas que no fundo, escondia o quanto era a fim dele. E esse era um dos motivos por eu não... tentar alguma coisa. Desde o primeiro dia, via o quanto ela gostava de Ansel e ele até já falara sobre isso comigo.

— Tudo bem, a sorveteria está à sua disposição. — ela avisou, passando a mão no cabelo. — Só precisamos esperar por Clara.

— E onde ela está? — a pergunta saiu de minha boca automaticamente, eu nem tive tempo de pensar.

Melanie me olhou.

— Conversando com o Dexter.

— Dexter? — minha testa se franziu levemente e no mesmo instante, a vi saindo do colégio ao lado de um garoto alto e magro, com uma mochila nas

PERIGOSAS ACHERON

costas.

— É. — Melanie olhou a mesma cena que eu, repetindo: — Dexter.

Maria Clara sorria ao trocar palavras com o garoto, que respondia do mesmo modo. Semicerrei os olhos por ver o quão seus ombros estavam relaxados, o quão tranquila estava ao falar com ele e só ali percebi que ela nunca havia ficado assim comigo.

Momentaneamente, o desconforto me invadiu.

Desviei o olhar, colocando as mãos nos bolsos ao vê-la pelo canto dos olhos se despedir do garoto com um beijo no rosto e vir em nossa direção ainda sorrindo, mas quando seu olhar cruzou com o meu, ela fechou a cara.

— Vem conosco tomar um sorvete, amiga? — pediu Mel a ela, que me fitava séria e depois de segundos, apenas assentiu com a cabeça.

A sorveteria ficava duas quadras atrás do colégio, então fomos caminhando. Ouvia Ansel e Mel conversando sobre as aulas, sobre o jogo e sobre os nossos professores. Qualquer assunto que fosse, eu não ficava nenhum pouco a fim de participar,

querendo só me manter em silêncio, com as mãos nos bolsos e observando vez ou outra Maria Clara caminhar com seu par de sapatilhas cor de rosa que combinava com a roupa limpa com que ela estava vestida.

Assim que chegamos, Ansel chamou a garçonete para que anotasse nossos pedidos e, assim que a moça chegou, pedimos sorvetes de sabores diferentes e com um sorriso no rosto, ela se afastou, deixando o silêncio reinar na mesa ao lado dos vidros da sorveteria onde estávamos. De relance, percebi Maria Clara sacar o aparelho celular do bolso e começar a fuçá-lo.

A curiosidade era grande, mas preferi não invadir a privacidade da garota linda sentada ao meu lado. Ansel e Mel conversavam, me perguntavam alguma coisa aleatória e que eu mal fazia questão de responder.

Mil vezes observar Maria Clara do que conversar.

Seus cabelos soltos sobre os ombros, mostravam o quão simples ela era. Sua respiração tão calma era quase imperceptível e seu lábio inferior sempre entre os dentes fazia-me querer tirá-lo de lá a força

com os meus próprios dentes fortes.

Os sorvetes chegaram e comemos rápido. Eu nem percebi o tempo passar. Troquei palavras com meus novos e bons amigos, observando Maria-viciada-em-tecnologia-Clara que não soltava o celular um só segundo.

A não ser quando o meu vibrou, chamando a atenção de todos. Seus olhos se prenderam em minhas mãos para me ver pegá-lo e soltar um riso por conta da mensagem de Paige, uma garota egocêntrica amiga de Ansel que conversava comigo desde o dia anterior e que me chamava a todo instante para ir a uma boate no sábado. A mensagem falava exatamente isso, o que me fez dizer:

— O que vocês acham de irmos a uma boate sábado à noite? — perguntei.

Ansel se alegrou no mesmo instante.

— Com RG falso?

— Desnecessário. — dei de ombros. — Conheço uma... quase boate.

— Quase boate? — Melanie franziu a testa.

— Uma boate genérica. — brincou Ansel, me

PERIGOSAS ACHERON

ajudando a explicar.

— E entra quem quer?

— Isso aí. — sorri, fazendo Mel sorrir também.
— Paga só pra entrar. Consumir é de graça e... é isso. — tentei falar o mínimo, já que é muito deselegante dizer o que rola em boates fajutas para uma garota tão inocente como Melanie.

— Eu topo. — ela sorriu sem mostrar os dentes, olhando para Ansel.

— Eu também. — disse ele sorrindo mais ainda.

— E você, Maria Clara? — chamei-a e, só naquele instante ela me olhou.

— O que tem eu?

— Vamos sair sábado. Boate, bebidas... — a loirinha respondeu por mim.

Maria Clara deu de ombros e apenas voltou a olhar o celular, balbuciando:

— Ok.

Derrotado em tentar chamar sua atenção naquele instante, apenas bufei ao relaxar meu corpo na cadeira.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

O dia passou voando e quando me dei conta, eram quase 18h da tarde, o Sol já estava indo embora e nós revolvemos ir também. Caminhando devagar pela praça do outro lado da rua da sorveteria, eu percebia o quanto Melanie e Ansel estavam próximos e fiquei rezando para que eles ficassem.

Brandon estava conosco, conversando e rindo a tarde toda, o que não me deixou nada confortável e assim, quase zerei a bateria do meu celular por ficando fuçando as redes sociais, ele já estava quente em minhas mãos.

Eu sentia minhas bochechas pegando fogo toda vez que percebia Brandon me observando, era automático! Como ele percebia o clima entre Ansel e Mel, fazia questão de ficar me olhando.

Ansel parou ao lado de uma árvore e chamou Mel que foi até ele, toda sem graça e esperançosa por um beijo. Eu, como iria embora com ela, me sentei em um banco perto para esperá-la e, cruzando as

pernas por sentir um pouco de frio, rolei a timeline do meu Twitter, esperando o tempo passar.

— O que tanto você faz nesse celular? — senti a presença de Brandon ao meu lado no banco no mesmo instante em que ouvi sua voz.

— O quê, não te interessa nadinha. — resmunguei. — Mil vezes fuçar o celular do que conversar com você.

— Por quê? — ele arqueou a sobrancelha, eu percebi olhando-o de relance. — Acha mesmo que eu gosto de conversar com você? Existem coisas muito melhores que duas bocas podem fazer juntas do que uma simples conversa.

— Ah, jura? — ironizei. — O quê?

— Um beijo. — ele sorriu provocante.

Soltei uma risada ridícula.

— Sério mesmo que você acha que eu vou beijar você? — perguntei olhando-o.

Rapidamente, ele puxou o meu celular de minha mão e colocou atrás do corpo. Sorrindo, respondeu:

— Acho. Como fez no primeiro dia.

Senti a raiva me consumir.

— Brandon! Devolve meu celular. — pedi séria.

Ele fez uma careta e balançou a cabeça de um lado pro outro.

— Anda! — pedi firme, estendendo a mão.

Ele fez o mesmo gesto com a cabeça.

— Vive um pouco sua vida, sem todas essas coisas tecnológicas. Olha como o céu está lindo. — comentou ele.

Revirei os olhos.

— Não estou pra brincadeiras, devolve. — murmurei, ao aproximar meu corpo.

— Então, me dá um beijo. — murmurou ele rapidamente, fazendo todo o meu corpo esquentar.

Como ele estava com as mãos pra trás, me aproximei, eu precisava abraçá-lo para alcançar o celular, mas assim que refleti sobre suas palavras, parei.

De imediato, para não demonstrar meu nervosismo, soltei uma risada ridícula outra vez.

— Quantos anos você tem mesmo? Dez?

— Dezesete de pura beleza. — comentou me fazendo rir.

— Ilusão é tudo nessa vida mesmo. — falei antes de tentar pegar o celular, mas ele se esquivou pra trás, fitando meus olhos.

Pisquei algumas vezes, esperando que o devolvesse, mas pelo contrário, ele levantou com impulso e se afastou do banco onde eu permanecia sentada.

— Brandon! — bati o pé.

— Vem buscar, Maria Clara. — ele levantou meu celular na altura dos olhos e abriu um sorriso.

A imagem era muito bonita. Ainda mais com o campo imenso atrás dele e em cima, o céu escuro, imerso em estrelas.

Brandon ainda sorria, enquanto eu observava seu corpo em pé à minha frente. Ainda irritada com suas brincadeiras, percebi que ele não iria devolver meu objeto, a menos que eu fosse buscá-lo e, sem pensar muito, levantei, dando um passo. Como um espelho, ele deu um passo também, mas para trás, se afastando.

Dei mais um e ele fez o mesmo, ainda rindo.

Eu senti-me como uma criança de dez anos brincando de pega-pega. O sorriso dele era muito

PERIGOSAS ACHERON

receptivo e o divertimento em seus olhos, mais ainda.

Quando dei por mim, já corria atrás dele pelo gramado todo, igual uma criança, rindo de mim mesma, até conseguir alcançá-lo e, sem querer, empurrá-lo contra o chão, fazendo-o rir e se jogar na grama. Como minha velocidade estava acelerada, caí junto, em cima dele.

Rindo e com a respiração ofegante pela sessão ridícula de volta à infância, eu me virei de costas, deitando na grama ao lado dele, olhando para o céu.

Em segundos, o vi se virar em minha direção e peguei impulso para me levantar, o que não deu muito certo, já que senti sua mão forte segurar meu pulso contra o chão, me fazendo olhá-lo.

Eu queria xingá-lo por ter me feito correr atrás dele, por ter me feito de boba e até me derrubado no chão, mas apenas deitei mais uma vez, fitando seu olhar que sustentava o meu, bem sério.

Aquele par de olhos cor de mel observaram todo o meu rosto, desde minha testa até meu queixo, demorando mais em meus lábios e eu os apertei contra os dentes de vergonha.

— Aquele beijo, foi o quê? — sua voz saiu um tanto cortada pela respiração ofegante.

— Um erro. — tentei ser o mais convincente possível.

Até minha voz entregava o quão desejável aquele garoto era!

Put a que pariu!

Os segundos demoraram uma eternidade pra passar, até ele, por fim, provocar:

— Não quer errar de novo?

Tomei ar antes de sentir seus lábios gelados procurando os meus e, fechando os olhos, correspon-di ao beijo calmo que Brandon me dava, tendo toda a certeza do mundo de que era aquilo mesmo que eu precisava.

Minha mão foi parar em sua cintura, que prendia a minha na grama verdinha da praça. Senti sua perna prender-se no meio das minhas, fazendo todo o meu corpo se arrepiar com seu jeito bom de me encantar.

Seus lábios chuparam minha língua e depois seus dentes morderam meu lábio inferior devagar. Seu perfume quase me deixava sem ar, ainda mais com

PERIGOSAS ACHERON

o vento que trazia toda a paz que aquele momento precisava e merecia.

Correspondi o beijo com carinho, que estava tão gostoso quanto o primeiro. Ora rápido, ora devagar, com mordidinhas gostosas de sentir e retribuir.

Brandon sabia exatamente como fazer aquele tipo de coisa.

E, naquele instante, eu me senti única.

O fôlego nos faltou, então ele se afastou um pouco, deixando meus lábios pedindo por mais. E, abrindo os olhos devagar, percebi-o me fixar. Sem dizer nada, ficamos nos olhando por segundos, até ele depositar selinhos diversos em meus lábios úmidos e, com a mão, fazer carinho em meu rosto. Antes de me perder mais e quebrando totalmente o clima, pedi:

— Agora que tem o que quer, pode devolver meu celular.

Ele me fitou por uns instantes, depois sorriu:

— Trato é trato. — e colocou o aparelho em minha mão.

Com força, tentei tirá-lo de cima de mim e me levantar, o que foi quase impossível por uns

PERIGOSAS ACHERON

instantes, já que ele era bem mais forte do que eu.

Em pé, de costas pra ele, comecei a limpar minha roupa, derrubando no chão algumas folhinhas de grama coladas em mim. Quase que sem pensar, olheio — ele estava fazendo o mesmo — e eu disse simplesmente:

— Obrigada.

— Pelo celular ou por ter te beijado de novo?

Vadias e álcool

*“Ela é do tipo que te quer,
mas não precisa de você”.*

Pitty

Maria Clara

Em toda a minha vida, eu nunca achei que teria uma semana tão turbulenta como a que havia acabado de viver!

Respirei fundo ao observar meu corpo coberto por um vestido preto, um palmo acima dos joelhos, tomara que caia e bem justo ao meu corpo. Ele tinha detalhes em prata no busto e embaixo, nas coxas. O salto preto de boneca bem fosco combinava com o vestido, o que me deixou alegre. Eu estava apresentável e desejável, pelo menos.

Pisquei algumas vezes com meus cílios altos cheios de rímel e observei minha maquiagem forte, com lápis e delineador preto nos olhos. Minhas bochechas levemente rosadas e minha boca também. Abri um sorriso.

Percebi que a única coisa que faltava naquele instante, era o perfume, então o peguei e passei, tanto no pescoço, quanto no busto e nos pulsos. Só de imaginar que chamaria a atenção de Brandon mais uma vez, meu corpo vibrava!

Depois que ficamos na grama no fim da tarde de quinta-feira, tudo voltou ao normal entre nós, como se nada tivesse rolado e eu, que deveria estar agradecendo por aquilo, estava me remoendo por dentro.

É que, toda vez que eu via aquele pedaço de mau caminho, minha barriga gelava e eu sentia o tato de suas mãos em meu corpo, tanto de nosso primeiro beijo, quanto do segundo.

Melanie e Ansel não viram o que tinha acontecido, não só por que nós estávamos nos beijamos longe de onde eles estavam, mas por que estavam ocupados trocando suas próprias salivas encostados à tal árvore. Mel nomeou-a como “árvore do amor”.

Faziam dois dias que eles estavam ficando e ela estava em surtos, o que me deixou muito feliz. Um tanto irritada, por ter que aguentar todos os risinhos bobos.

Eu rezava para que eles ficassem juntos por muito tempo.

Antes de me perder em pensamentos de como seria minha noite de hoje, ouvi o celular tocar em

cima da minha penteadeira e logo o peguei, atendendo a ligação de minha mãe.

— *Querida, como vai?*

— Bem, mãe. — respondi antes de espalhar o batom cor nude nos lábios. — E a senhora? O papai?

— *Estamos bem e morrendo de saudades! Ele está te mandando um beijo!*

— Mande outro. — joguei meus cabelos lisos e limpos para o lado, deixando minha franja caída ao lado de meu olho.

— *Como está tudo por aí? Comendo direito? Estudando direito?*

— Sim, mãe.

— *Fico feliz, meu amor.*

Soltei um suspiro, antes de avisar:

— Estou saindo. — murmurei.

— *Pra onde?*

— Uma festa com Ansel e Melanie.

— *Só vocês três?*

Oh, sim, e Brandon... escondi um sorriso de mim mesma.

— Não...

— *Conheceu alguém?*

— Talvez.

— *Talvez?* — ela se alegrou do outro lado da linha. — *Quem é ele?*

— Um amigo de Ansel.

— *E ele é gatinho? Já ficou com ele?*

— Mãe! — exclamei ao jogar a alça de corrente de minha bolsa no ombro.

— *Ué, me conta! Preciso saber se meu futuro genro é bom de beijos.*

Soltei um riso ao desligar a luz do quarto e descer as escadas, vendo Melanie na porta conversando com Angelick.

— *Preciso desligar, mãe. Mel já chegou, precisamos ir.*

— *Juízo, minha filha! Não se esqueça da camisinha!* — alertou ela, fazendo-me corar.

— Mãe! — exclamei mais uma vez e ela riu. — Tchau, boa noite.

— *Boa noite, querida.* — e assim, finalizamos a ligação.

Quando saí de casa junto de Mel, soltei um suspiro aliviado.

Ansiosas para a grande noite, minha amiga e eu pegamos um táxi na esquina de minha casa e partimos rumo à boate onde iríamos encontrar os garotos.

Brandon

Cocei a nuca, fissurado em mil bundas a minha volta, pelas 22h e pouco da noite daquele sábado radiante.

Ansel e eu chegamos antes das garotas. Assim que passamos da porta, não tiramos o sorriso do rosto.

Muita música, bebida e drogas circulavam por todos os lados. O cheiro de tesão era imenso naquele minúsculo e escuro lugar, onde só dava para enxergar vultos, por conta das luzes fracas e coloridas.

— Tenho uma garota para te apresentar. Apresentar pessoalmente, agora. — murmurou Ansel ao meu lado, assim que chegamos ao balcão onde três caras serviam todo mundo.

— Já? — olhei-o, depois, me virei em direção a um loirinho com um pano de prato no ombro. — Duas vodcas com gelo, por favor. — ele apenas assentiu e eu voltei minha atenção para Ansel.

— Paige Evans. — ele comentou, apontando com

o queixo para umaloirinha que estava na outra ponta do balcão ao lado de mais duas garotas. — Boa em tudo o que faz, aliás, tá te querendo.

Soltei uma risada enquanto ouvia suas palavras entrecortadas por conta do volume da música, olhando a tal Paige que olhava para nós. Ela tinha um canudo na boca.

— Beija bem? — perguntei, quando o garçom loiro apareceu com nossos copos.

— Orra! — vibrou Ansel ao virar seu copo de vodca.

Continuei olhando-a. Ela vestia um vestido todo branco e apertado, quase mostrando tudo. Seus cabelos eram lisos, só por conta da escova que ela tinha feito. Seus lábios enormes e seus olhos safados eram bem atraentes.

Paige seria um bom começo de noite.

Depois de virar meu copo de uma vez, coloquei-o no balcão escuro de madeira e arrumei a gola da jaqueta de couro preta.

— Me dê um minuto, Ansel. — pedi, ouvindo-o rir enquanto eu ia em direção à garota que, assim que me viu se aproximar, entregou o seu copo para

PERIGOSAS ACHERON

a amiga feia da rodinha e deu alguns passos à frente.

— Olá. — ouvia-a murmurar assim que nossos corpos ficaram próximos o suficiente para que eu sentisse seu hálito de álcool.

— Você vem sempre assim? — minha voz saiu simples, ao lado de seu ouvido bem decorado com um brinco de brilhantes.

— Se você vier eu também venho. — ela abriu um sorriso safado, fazendo-me segurar sua cintura fina, mesmo inchada, o que me fez apertá-la.

— Fico feliz em saber que esse lugar é bem frequentado. — murmureiem seu ouvido e ela soltou uma risada, pousando suas mãos em meus ombros.

— Como se chama, docinho?

— Campbell. Mas pode me chamar do que quiser. — ela riu mais uma vez, beijando minha mandíbula.

— Meu nome é...

— Evans. — cortei-a, empurrando seu corpo no balcão livre que estava ao nosso lado. Ela me fitou sapeca. — Paige Evans. Muito prazer em conhecê-

la. — tomei seus lábios antes que ela pudesse protestar.

Acho que ela não iria dizer nada, queria apenas o mesmo que eu. Um beijo gostoso e bem dado, onde apertar meus ombros era sua prioridade, chupar meus lábios e gemer como uma vadia toda vez que parávamos para tomar ar.

Minhas mãos ficaram em sua cintura o tempo todo e eu sentia meu corpo todo corresponder àquele ato tão bom.

Até que o ar faltou para ela, que gemeu assim que eu dei um selinho colado em seus lábios enormes. Fitando-me, ela quase me comia com os olhos misteriosos.

— Uou! Muito prazer, Campbell.

Sorrindo falso, apenas fiz carinho em seus cabelos e desencostei meu corpo do dela, piscando poucas vezes para que meus olhos pudessem se acostumar com o ambiente de novo.

Virando as costas, deixei-a franzir a testa e segurar meu braço, como se quisesse realmente que eu não saísse dali, quando vi Mel pendurada nopescoço de Ansel que sorria vagabundamente me

olhando.

Ao lado do recém-casal, uma mulher mais alta por conta dos saltos, estava parada com coxas grossas e usando um vestido com detalhes, bem curto e atraente. Seus cabelos um pouco abaixo do busto, fez com que eu levantasse mais o olhar para seu rosto maquiado e bem, bem atrativo.

Maria Clara continha seu maxilar travado e punhos serrados olhando a mesma cena que meus dois novos amigos. Com um sorriso, cumprimentei-a.

Maria Clara

A boate não era tão longe e nem tão cara, então Mel e eu estávamos toda risos por qualquer bobagem que conversávamos enquanto entrávamos no local bem fechado e escuro, mas que tinha uma energia ótima.

Bebidas rolavam, beijos rolavam, drogas rolavam. O que me espantou mais foi, enquanto procurávamos os garotos, ver muitos rostos conhecidos.

Agradei mentalmente por acharmos Ansel bebendo ao lado do balcão e logo Mel beijou-o, colando nele, que sorriu como cumprimento pra mim. Olhando pros lados, discretamente tentei procurar Brandon, que não estava ao lado de Ansel.

“*Internactional Love*” remixada de Pitbull e Chris Brown tocava quando fitei um casal aos beijos como todos os outros, ali, um pouco mais adiante encostado no balcão e o garoto bem vestido se afastando da garota e virando-se em minha direção.

Instantaneamente, meus pulsos se cerraram ao ver Brandon observar-me dos pés à cabeça e depois, cinicamente, sorrir.

Olhei a garota que estava com ele e... *Paige Evans? Ah, claro, tinha que ser!*

Assim como muitas vagabundas daquela cidade, Paige era mais uma. Não tinha onde cair morta, mas se mostrava a mais oferecida, a mais ambiciosa e falsa rica.

Jesus, como eu me irrita com essa garota!

Engoli a seco ao processar a informação.

Sim, Brandon e ela haviam acabado de ficar.

Mas, que merda!

Por que logo ela?

Molhando os lábios e se aproximando mais de nós, Brandon murmurou:

— Bom ver vocês, meninas. — sua voz saiu ofegante.

Ah, claro! Depois de beijar a boca da desentupidor de pia, bem capaz de ficar ofegante mesmo.

Respirei fundo, antes de desviar o olhar.

— Garçom! — berrei ao levantar a mão, chamando-o. Pelo canto do olho vi Brandon se encaixar entre Mel e eu, cumprimentando-a. Olhei para Paige que estava com cara de tacho imóvel. — Dois shots de tequila, por favor!

— Três! — reforçou Brandon.

— Cinco! — gritei por cima, fazendo o garçom apenas assentir e ir buscar o que eu pedi.

— Você está extremamente linda hoje, Maria Clara.

— Hoje? — arqueei a sobrancelha ao olhar para o dono da voz grossa.

— Todos os dias. — ele consertou. — Melhor assim?

Revirei os olhos ao pegar um dos copos em cima do balcão e virá-lo de uma vez, depois apertar os lábios por sentir minha garganta arder.

Aquilo era muito forte! Bem que me disseram.

Tá, eu já tinha tomado vodca e outras coisinhas por aí, mas tequila? Nunca!

Bom, pra tudo tem uma primeira vez.

Coloquei o copo no balcão e peguei outro.

— Vai com calma, viu, mocinha? — pediu Melanie, fazendo Ansel soltar uma risada.

Entre os dois, eu era a única que, mesmo já ter experimentado bebida alcoólica, nunca tinha ficado de porre.

Virando o segundo copo e sentindo o olhar dos dois e de Brandon ainda em cima de mim, dei de ombros.

Brandon

Eu não sabia que horas eram, mesmo com o relógio de ouro no pulso. E, com preguiça de fazer um esforçinho para ver, deduzi que já se passava das 2h da manhã.

A boate continuava a mesma, ou até mais cheia, acho. Eu já havia bebido bastante, beijado umas cinco... Ou talvez sete? Naquele momento, Melanie e Ansel estavam num grude só. Foi quando, ao virar mais um copo de vodca cheio de gelo, procurei Maria Clara com os olhos, avistando-a quase no centro da pista, se remexendo ao som de “*More*” do Usher.

Batendo o copo no balcão de madeira – como de costume – segui em sua direção, agarrando sua cintura por trás, fazendo-a se assustar, mas, ao me ver por cima do ombro, fez um biquinho de aprovação com os lábios.

Devagarzinho, segui seu ritmo, acompanhando a música e seu corpo que estava gelado, já que ela suava frio de tanto dançar. Seu vestidinho estava

uma perdição...

Durante a noite, se Maria Clara não tivesse dançando ou bebendo, ela estava me olhando. Toda mulherona e desinibida, ela não era de ficar pelos cantos. Bebia, dava risada de qualquer coisa que Melanie dizia, rebolava na pista ao lado da amiga ou até mesmo sozinha.

Sabendo bem como ela me odeia – ou acha que odeia –, espantei-me ao ver que não havia se afastado quando me viu aproximar.

Eu não sou o melhor dançarino do mundo, mas também não sou o pior, então não consegui conter o riso ao ouvir a voz alta de Usher nas caixas de som na boate, nem de sentir o bundão imenso de Maria Clara roçando meu sexo por dentro da calça, que já estava começando a dar sinal de vida.

A garota em minha frente mexia os quadris, jogava os cabelos e vez ou outra batia palma, fazendo caras e bocas enquanto me deixava mais encantado e... excitado.

Minhas mãos alisavam seu corpo quase que involuntariamente, enquanto eu tentava sentir seu perfume forte em meu nariz. E meu sexo, claro,

cada vez mais alegrinho, deixando meus músculos mais rijos por dentro da roupa.

Com cuidado, virei seu corpo de frente pra mim, fazendo Maria Clara me olhar e, quando segurei seu cabelo por trás da nuca com a mão, a música acabou e Maria Clara balançou a cabeça, empurrando meu corpo com as duas mãos com toda a força para longe dela.

Sem mais nem menos, ela se afastou, me deixando perdido, excitado e furioso no meio da pista de dança.

Maria Clara

Senti minha cabeça zonza ao sair pela porta da boate. A rua estava escura e fria. Apenas a luz de dois postes distantes e da Lua Cheia iluminavam a madrugada.

Passei a mão no couro cabeludo de meu cabelo suado, de tanto que eu dancei e respirei fundo, sentindo até minhas pernas cansadas. Parei por uns instantes, ajeitando minha pequena bolsa no ombro e puxando na memória se ainda havia táxis disponíveis para que pudesse ir pra casa. Não dei tchau aos meus amigos. Se não tivessem aos beijos, estariam me procurando.

Naquele instante eu só precisava achar um táxi, ir pra casa me jogar na cama e chorar. Chorar era o que eu mais queria fazer desde quando cheguei àquela bosta de boate.

Não que eu sentisse ciúmes de ver Brandon com outra, não é isso. Eu só não gostei, me senti trocada.

Preferi beber dez copos de vodca a chorar mil

lágrimas de raiva.

Respirando fundo, sem querer pensar em tudo o que vi, virei o primeiro beco que ficava a duas casas da boate, vendo que depois dele, tinha uma rua mais iluminada.

Caminhei devagar, tentando não cair com aqueles saltos imensos no beco esburacado e escuro.

Segurando com cuidado na parede daquele beco, eu sentia vontade de matar aquele garoto! Eu estava até me vendo cair, me quebrar toda e, tudo aquilo é culpa de quem? Brandon. Porque se ele não tivesse pegado as putas da minha cidade, eu não precisaria beber tanto e ficar naquele estado.

Respirei fundo mais uma vez.

Depois de dar mil passos e meio, olhei pra cima, para ver se já estava no fim daquele imenso beco e, instantaneamente tomei um susto por ver duas sombras altas e musculosas vindo em minha direção.

A boca do meu estômago gelou completamente e eu parei de andar. Em segundos, dois marmanjos estavam parados em minha frente, sorrindo.

— Oi, mocinha. Está perdida? — um deles, o
PERIGOSAS ACHERON

careca, perguntou com uma voz áspera e depois sorriu, mostrando seus poucos dentes amarelos dentro daquela boca nojenta.

Brandon

Passando pelo casal, perguntei onde Maria Clara foi, os dois, bêbados e risonhos, disseram que não sabiam. Bufando, resolvi sair da boate, já que a tinha procurado lá dentro por alguns instantes e não tive sucesso.

Não sei se estava procurando-a por ter me deixado no estado atual ou porque ela estava bêbada demais para ficar sozinha. Talvez os dois.

Olhando pros lados, não vi rastro nenhum de alguma morena gostosa e bêbada, mas andei alguns passos.

— Me solta! — ouvi um grito, me fazendo parar de andar. — Me deixem em paz! — pediu a voz fina e apavorada.

Claro, era ela!

Virei em direção ao beco, vendo no escuro, três sombras: dois homens e uma mulher, Maria Clara. Engoli a seco por ver os dois querendo tirar uma casquinha dela, ou melhor, querendo tirar a sua roupa!

Apressando os passos, entrei beco adentro, me aproximando dos três, ganhando toda a atenção assim que abri a boca:

— A garota pediu que a deixassem em paz. — minha voz saiu alta e senti meu ego crescendo por dentro por ter feito com que eles parassem.

Em segundos, os dois soltaram risadas nojentas. Mesmo no escuro, ainda dava para ver um deles segurando o braço fino de Clara com uma mão áspera e gorda.

— E você, quem é? — perguntou o mais gordo, ao lado do careca. — O super-herói da vadia bêbada?

— Talvez. — dei de ombros com as mãos nos bolsos da calça, olhando a cena.

Os dois logo se olharam e caíram na gargalhada.

— Desculpa, playboyzinho, mas essa aqui já é nossa. — o braço de Clara foi puxado e ela soltou um barulho apavorado da garganta e no mesmo instante, fitei seus olhos perdidos e com medo.

— Ah, claro, em seus sonhos mais longos! — provoquei, puxando Maria Clara para perto de meu corpo, mas ela não veio já que o gordo de merda

PERIGOSAS ACHERON

apertou mais seu braço.

— Me solta! Você está me machucando! — murmurava ela irritada, toda marrenta.

— Solta a garota! — berrei puxando-a para junto de meu corpo mais uma vez e por descuido deles, ela conseguiu escapar, jogando-se em meus braços.

Os olhares frios e irritados que os dois estupradores de merda lançaram-me, fez com que sentisse um frio na espinha. Não sei se foi de medo ou raiva, mas eu estava sentindo certo alívio. Maria Clara mantinha-se em meus braços, com suas mãos em meu peito.

— Eu tenho certeza de que vocês não iriam gostar de saber que as suas mulheres ou até filhas de vocês estivessem na mesma situação que ela. — murmurei, mesmo com um nó horrível na garganta.

Os segundos foram lentos, enquanto os dois me fitavam ainda raivosos, depois se entreolharam e com os corpos rijos, balançaram a cabeça e saíram andando. Um deles esbarrou seu ombro no meu e tenho certeza que se eu tivesse bêbado, teria caído no chão.

Esperei um momento antes de fazer qualquer

PERIGOSAS ACHERON

coisa, até mesmo me mexer, apenas observando o corpo rijo e gelado da garota que estava em meus braços, com a respiração ofegante e as pernas bambas.

Seus cabelos balançavam com o vento e seu nariz fazia um barulho baixo por conta da respiração alterada. Mentalmente agradei a Deus por ter chegado a tempo. Nem sei o que teria acontecido com Maria Clara nas mãos daqueles dois!

E, ao imaginar a cena, senti outro arrepio gelado na espinha.

Engoli a seco, percebendo minhas mãos geladas pousadas na cintura modelada dela e levantei mais o braço. O tato de minha mão gelada sentiu suas costas por cima do vestido, depois seus cabelos macios e gelados, quase que embaraçados. Em resposta, Maria Clara levantou a cabeça e fitou meus olhos. Minha respiração automaticamente prendeu-se assim que sustentei aquele olhar escuro e piedoso no ar.

Momentaneamente, senti vontade de socar a parede quando o meu celular cismou em tocar, fazendo o corpo de Maria Clara se desprender do

meu instantaneamente.

Fitando-a de costas pra mim, caminhando em direção contrária de onde viemos, saquei o aparelho celular no bolso e atendi a ligação de Ansel.

— Que foi?

— *Epa!* — ele logo murmurou surpreso e eu ouvi o som da música abafada do outro lado da linha. — *Onde você tá?*

— Em um lugar silencioso, ao contrário de você. — respondi.

— *Achou* ela?

— Achei. — respondi ao coçar a nuca, vendo a garota andar segurando a parede em direção à rua. — Vou levá-la pra casa.

— *Mas, já?* — sua voz soou apreensiva. — *Por quê tão cedo?*

— Porque sua doce amiguinha está levemente alterada e se ficar sozinha, não vai fazer boa coisa. — ouvi sua risada ridícula.

— *Eu amaria ver isso.* — comentou ele. — *O pior é que a Paige está aqui, cara. Ela quer que vocês fiquem mais um pouco juntos.*

Fiz uma careta e soltei um barulho de desgosto com a garganta. Ansel logo entendeu, já que finalizou:

— *Boa noite pra vocês dois! A gente se vê!*

— A gente se vê. — repeti e assim, saí andando atrás de Maria Clara que já estava na rua de trás da boate, sentando-se em um banco no ponto de táxi. — Você mora muito longe daqui?

Em vez de me responder, ela apoiou os cotovelos nas coxas e segurou o rosto enterrado nas mãos, como se estivesse cansada.

— Tá tudo bem? — perguntei ao me aproximar, tocando seu braço que logo foi balançado, desfazendo nosso contato.

— Cala a boca! Minha cabeça vai explodir! — ela berrou.

Ela é bipolar? Em um momento ela me abraçava, em outro gritava comigo. Fiquei em silêncio por alguns segundos, esperando que falasse alguma coisa, mesmo tendo a certeza de que ela não iria abrir a boca.

Tentei pensar em algo concreto para dizer, quando Clara levantou a cabeça, tombando-a para

PERIGOSAS ACHERON

trás e eu fitei seus olhos quase que perdidos e ainda assustados.

— Você tem cara de virgem.

— O quê? — berrou ela com os olhos arregalados por conta do meu comentário.

— É, virgem de porre. Parece que você nunca havia bebido tanto assim antes... Acertei?

Ela bufou.

— Que tal você cuidar da sua vida?

Dei de ombros e ela continuou:

— Ou melhor, volta lá pra aquela boate de quinta que você gosta de frequentar e fica mais um pouquinho junto da *Paige*.

Soltei um riso, colocando as mãos nos bolsos, tendo a certeza de que ela havia escutado Ansel me avisar isso pelo telefone, mesmo de longe.

Logo, Maria Clara se levantou do banco, dando apenas um passo e quase caindo de cara no asfalto, só não o fez porque a segurei em meus braços no mesmo instante.

Quando eu ia apertá-la contra meu corpo, inalando o cheiro gostoso de seu corpo, misturado

com a vodca que havia tomado, ela se reergueu, passando a mão nos cabelos bagunçados.

O vento soprou forte no mesmo instante em que ela murmurou:

— Anda, some daqui, vai embora.

Arqueei as sobrancelhas, vendo a marrenta se afastar, dando as costas pra mim, como se tivesse em total controle de si.

— Não vou te deixar sozinha.

— Não preciso da sua companhia. — disse sem parar de andar, ou melhor, de se arrastar pela rua.

— Ah, não? E você quer mesmo ser estuprada por aqueles idiotas que devem aparecer por aqui já, já? — ela parou de andar no mesmo instante, lembrando-se do susto que tomou.

Respirando fundo, continuou a andar de novo, confusa, sem se importar comigo, o que já estava me deixando irritado.

Puxei seu braço entre meus dedos.

— Brandon, me solta! — berrou ela.

— Onde você pensa que vai? — perguntei.

— Não te devo satisfações.

— Mas eu me importo com você! —
automaticamente apertei seu braço fino e gelado.

Ela me fitou com os olhos em brasa.

— Eu vou pra casa. — ela resolveu responder pausadamente. — Sozinha! — semicerrei meus olhos, observando aquele par de bolas que parecem de gude, escuras, lacrimejadas.

— Eu te levo.

Maria Clara soltou uma risada debochada, querendo se soltar de mim. Mas, como não conseguiu, ficou mais irritada ainda e murmurou explosiva:

— Não quero que ninguém se importe comigo e nem que me levem pra casa!

— Não te perguntei nada. — balancei a cabeça.

— Brandon, me solta! Você está me machucando! — berrava enquanto eu caminhava com ela na calçada, rumo ao meu carro que estava estacionado a duas pequenas quadras dali.

— Só te solto quando chegarmos ao carro.

— No batmóvel? — ironizou ela. — Ah, pelo amor de Deus, olha pra mim! Vê se eu tenho cara de ir para casa com um garoto como você! Ainda
PERIGOSAS ACHERON

mais naquele carro!

— Melhor ir embora com esse tipo de garoto nesse tipo de carro do que pagar de ciumenta e imatura. Fora que ainda está bêbada, no meio da rua e a essa hora da noite.

Caminhávamos ainda, bom, eu caminhando, Clara estava sendo arrastada por mim. Faltavam poucos passos para meu carro, quando ela retrucou mais uma vez:

— Ai, Brandon, me deixa! — sua voz saiu manhosa, irritante até. — Para de ser tão ridículo, pagando de herói toda hora, fazendo o bonzinho toda hora... Isso cansa! — ela escapou de minha mão, travando o maxilar ao meu olhar.

— Para você de se fazer de durona pra se proteger, afastar as pessoas de você. Pode ter certeza que não vai conseguir. — ela me olhava séria. — Isso não muda o quanto você se importa sim com tudo o que acontece em sua volta e que, — ressaltei levantando um dedo pra cima, enquanto com a outra mão eu pegava as chaves do carro no bolso — você é muito fraca pra bebidas.

As portas do carro se destravaram e eu abri a do

passageiro para ela.

— Entra.

Relaxando os ombros, mesmo com os olhos ainda sérios me olhando, Maria Clara sentou-se no banco do carro. Bati a porta e sorri por dentro enquanto dava a volta para sentar no banco do motorista.

Maria Clara

Afundada no banco do carro daquele garoto podre de rico, eu apenas abri a boca pra dizer a rua e o número da minha casa e ele seguiu caminho, em silêncio.

Tentei não pensar demais no belo corpo que ele tinha, nem nos beijos que tinha me dado, nem nos beijos que tinha dado em Paige, nem em ele estar ao meu lado naquele momento.

Minha cabeça ainda latejava de dor e eu queria dormir. Minhas pernas e braços estavam completamente gelados por conta do frio e eu sonhava com o meu edredom maravilhoso que ficava dobrado no pé da cama todos os dias.

Agradei mentalmente quando o carro foi estacionado na porta de casa.

Abri a porta do carro, saí e a bati logo em seguida, ouvindo a voz dele:

— Não beba mais desse jeito. E muito menos ande sozinha na rua com esse tipo de roupa de madrugada. Aliás, por nada, Maria Clara. — seu

tom na última frase foi irônico, claro, me fazendo morder o lábio e virar para o carro de novo.

— Sério que você quer que eu te agradeça pelo que aconteceu? — arqueei a sobrancelha, enquanto me abaixava um pouco para ver o garoto dando de ombros sentado no banco do motorista. Apontei para a porta de casa: — Entra.

Ele franziu a testa e eu passei a língua nos lábios quase que imperceptivelmente. Uma sombra de um sorriso apareceu no seu rosto, quando o carro foi desligado e ele saiu de dentro como um foguete, travando as portas com o alarme. Veio em minha direção, guardando as chaves no bolso.

Tive vontade de rir por ver sua pressa, mas apenas virei em direção a casa e continuei andando, em silêncio, sentindo uma de suas mãos pesadas e enormes segurando gentilmente minha cintura e seu corpo rijo caminhando ao meu lado.

O jeito empolgado de Brandon ao meu lado era engraçado e contagiante. Só não era mais do que os meus pensamentos sobre os próximos minutos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Não sou mais uma

*“Quem não quis quanto podia,
não vai poder quando quiser”.*

Autor Desconhecido

Maria Clara

Confesso que demorei mais de cinco minutos para achar a chave na pequena bolsa — a mesma estava praticamente vazia — abri a porta de casa, procurando o interruptor e acendi a luz.

Brandon entrou comigo e só esperou que eu encostasse a porta e passasse a chave no trinco uma única vez, para empurrar meu corpo contra a madeira gelada e chocar seu corpo com o meu.

Feliz pelo ato, fechei meus olhos, caçando seus lábios para um beijo tão desejado e esperado, enquanto minha bolsa caía de meu ombro.

As mãos fortes do garoto à minha frente tatearam meu quadril, minha cintura, até chegarem às minhas coxas, apertando-as. Em resposta, afundei meus dedos em seus cabelos claros, puxando seu lábio inferior entre meus dentes, ouvindo um barulho sair de dentro de sua garganta e preencher a sala.

Apertei meus olhos com força por sentir Brandon puxar meus joelhos para seu quadril me fazendo

abraçá-lo para não cair. Eu estava zozza. Ele me pegou ao colo.

Meus dedos firmes em seus cabelos, desceram devagar para sua nuca e em seguida para seus ombros, onde os apertei por sentir seus beijos em meu queixo e depois em meu pescoço.

Todo o meu corpo se arrepiou. Desde meus dedinhos dos pés, até o último fio do cabelo. Uma de suas mãos, subiu devagar pelo meu corpo, segurando meu rosto em seguida, bem erguido, para me beijar.

O calor invadiu toda a minha sala de estar, quando eu perdi o fôlego e o afastei com as duas mãos postas em seu peito.

— Brandon, não precisa me engolir, eu quero estar viva de manhã. — murmurei baixinho enquanto ele depositou os últimos selinhos estalados em meu pescoço e logo se afastou, com a respiração ofegante e fitando meus olhos.

Respirei fundo, olhando-o de volta, tentando raciocinar um pouco. Depois, passei a mão na cabeça.

— Minha cabeça ainda dói... — comentei

baixinho, fazendo-o morder o lábio, enquanto pensava.

— Vou procurar um remédio. — disse, convicto.

Depois, com rapidez, beijou-me com força, fazendo minha cabeça bater de leve na porta de madeira, mas eu senti como se meu crânio todo tivesse saído do lugar.

— Ai! — rugi, fazendo-o rir.

— Desculpa. — murmurou Brandon em meio às risadas.

— Você me paga! — bati uma de minhas mãos livres em seu ombro, enquanto a outra estava pousada atrás de minha cabeça, onde houve a pancada.

Devagar, ele me pôs no chão, escorregando meu corpo ainda imprensado com a porta e seu corpo. Recuperando o equilíbrio, me soltou e caminhou na sala, indo em direção à cozinha.

— Onde tem uma maleta de remédios? — questionou.

Eu me sentei devagar no sofá e comecei a tirar meu salto, fazendo os mesmos baterem com força no chão de mármore.

— No banheiro, eu acho. — avisei, levantando-me com os saltos em mãos. Caminhei até minha bolsa, pegando-a em seguida. — Em meu quarto. — murmurei ao subir as escadas devagar.

Senti os olhos do garoto pousados em mim.

— Você não está nada bem. — senti suas mãos em minha cintura mais uma vez, dando-me certa segurança, enquanto eu terminava subir a escadaria de casa.

Já no corredor, tropecei no vento, fazendo Brandon rir.

— Cuidado pra não se machucar, Maria Clara. — alertou ele.

— Cala a boca, Brad, eu ainda sei andar, viu?

— Brad? — ele repetiu o apelido enquanto eu abria a porta do meu quarto. — Brad?

— Eu disse Brandon. — corrigi, ligando a luz.

— Não, você disse Brad. E não lembro quando foi que eu te dei toda essa intimidade. — provocou ele em tom de brincadeira.

— Desde o primeiro dia em que você colocou a porcaria da sua língua na minha boca. — sentei-me na cama, com os ombros cansados.

Ele parou em minha frente, com as mãos nos bolsos da calça.

— Se você fosse mais legalzinha, eu juro que deixaria você me chamar de Brad, mas... — ele estalou a língua no céu da boca, balançando a cabeça.

Joguei meu salto em sua direção e ele desviou, soltando um riso.

— Para de rir, eu preciso fazer com que essa cabeça pare de doer. — reclamei manhosa.

— Ah, meu Deus! Essas virgens de hoje em dia... — sua cabeça balançou antes de seguir até meu banheiro e sumir lá dentro.

Joguei o corpo no colchão, fechando meus olhos por uns instantes.

— Eu achei esse... — Brandon apareceu no quarto segurando uma cartela de comprimidos.

Assenti.

— Vou buscar água pra você. Não acha melhor tomar banho?

Neguei com um meneio de cabeça.

— Ok. — ele foi até à porta e sumiu do quarto.

Fiquei uns instantes em silêncio, fitando o teto, sentindo cansaço e minha cabeça doendo.

Isso que dá beber demais.

De olhos fechados, não percebi quando Brandon entrou no quarto. Só senti sua respiração próxima e abri os olhos, vendo-o encurvado na lateral da cama, com a cartela na mão e o copo d'água já ao seu lado no criado mudo.

Delicadamente, com um comprimido entre seus dedos, ele ficou me fitando, foi então que eu me levantei, encostando minhas costas na cabeceira da cama, abrindo a boca.

Fitando meus olhos, Brandon colocou o remédio em minha língua e aquilo durou horas, séculos, que seja! Até ele pegar o copo e estender a mão em minha direção, ainda sem quebrar o contato visual, dizendo:

— Bebe. Você vai melhorar rápido...

Assenti, pegando o copo e bebendo-o até sentir o remédio descer por minha garganta. Pousei o copo d'água no criado mudo e esperei uns instantes para olhá-lo de novo:

— Obrigada.

Ele balançou a cabeça negativamente devagar.

— Descansa. Espero que fique bem de manhã.

O canto esquerdo de minha boca se curvou. Ele se despediu e logo deu as costas.

Com meus braços apoiados em meu colo, suspirei e não sei o que me fez falar aquilo e quando eu vi, já dizia:

— Brandon, fica.

Brandon

Respirei fundo, sem entender por que Maria Clara pediu que eu ficasse. Virei os calcanhares e sorri para a garota sentada na cama, com a maquiagem toda borrada e manifestando dor.

Ela sorriu sem mostrar os dentes, fazendo-me aproximar da cama e sentar-me em sua frente.

Olhando-a, passei meus dedos devagar por suas bochechas, limpando-as por conta do borrão preto que descia ali naquela região. Ela não parava de fitar meus olhos a todo instante.

Foi quando não consegui segurar mais meu desejo e segurei a lateral de seu rosto, jogando-me por cima dela e selando seus lábios. Ela abriu a boca sem hesitar, apertando meu lábio entre seus dentes.

Segurei seus cabelos, aproximando meu corpo mais do dela, deixando com que suas mãos tirassem minha jaqueta. Ela a jogou no chão como um leão feroz.

Com seus dedos gelados, agora tateando minha

barriga, procurava a barra da minha blusa para tirá-la e foi exatamente o que ela fez minutos depois, fazendo-me parar o beijo e tirar meus tênis com rapidez.

Apenas de calça, subi em cima de seu corpo, agora já deitado por completo na cama de casal alta e larga. Suas coxas eram tão atraentes e convidativas que eu não consegui deixar de apertá-las, enquanto beijava seu pescoço quente e cheiroso.

Ela correspondia os beijos, de olhos fechados e segurando meus braços com força, raspando suas unhas longas em minha pele vez ou outra.

Só quando rocei meus dedos no tecido quente e úmido de sua calcinha, é que ela se afastou como se tivesse levado um choque, sentando-se com as costas encostadas na cabeceira.

Franzi a testa sem entender.

Recuperando o fôlego, bagunçou os cabelos com a mão, dizendo:

— Não sou mais uma.

— Quê? — questionei, levantando seu rosto com meus dedos em seu queixo.

— Não sou mais uma das suas vadias, Brandon, você não vai ganhar o que quer.

Travei meu maxilar.

— Achei que você estivesse a fim também.

— Achou errado. — ela abriu um sorriso sapeca que fez a raiva subir pra cabeça.

— Você não pode estar falando sério! — reclamei entre dentes.

— Mas estou. — ela sorriu. — Pode dormir aqui comigo se quiser. — avisou enquanto pegava o edredom dobrado ao pé da cama.

— Você me convida pra sua casa, me beija, me traz pra tua cama, me deixa maluco e no final me deixa nesse estado? — apontei pra minha calça, fazendo—a acompanhar o ato com os olhos, divertidos e travessos.

— Bingo! Olha, você não é tão burro quanto eu imaginei, Brad.

Bufei irritado ao me levantar da cama e seguir em direção ao banheiro, batendo a porta e em seguida, ouvindo sua risada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Convite inesperado

*“A vida é aquilo que acontece
enquanto você faz planos”.*

John Lennon

Maria Clara

A porcaria da minha cabeça ainda estava dolorida naquela manhã, o que me fez levantar da cama e bocejar antes de seguir até o banheiro. Em pé, fitei a cama completamente bagunçada e Brandon dormindo preguiçosamente.

Sorrindo, peguei a cartela de comprimidos e segui até o banheiro, entrando no mesmo e me assustando com minha aparência no espelho. Eu estava completamente estragada, com olheiras, maquiagem borrada, olhos inchados e os cabelos uma bucha que dava nojo!

Não esperei mais nada, apenas tranquei a porta e tomei o remédio de novo, só que com um pouco da água da torneira, tirando minha roupa em seguida e indo para o box, ligando o registro d'água, pensando vagamente no que havia acontecido na noite anterior.

Sorri com os dedos nos lábios, sentindo a excitação percorrer todo o meu corpo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Um barulhinho agudo e distante despertou-me do meu sono sem sonhos, fazendo-me esfregar os olhos e fitar o quarto de Maria Clara. A cama onde havíamos passado a noite estava toda bagunçada.

Olhei para o meu celular em cima do criado mudo ao meu lado. Antes de me deitar tinha mandado uma mensagem para minha mãe avisando que estava bem e não dormiria em casa. Naquele momento, percebi que não era o meu aparelho que tocava.

Procurei por sua bolsa, seguindo o som do celular e achei-a jogada no chão ao pé da cama, peguei a mesma e saquei o celular de dentro, vendo o nome “mamãe” brilhar no visor.

Com uma voz de sono, atendi, ouvindo o barulho do chuveiro ligado no banheiro.

— Alô?

— *Clara?* — uma voz de mulher desconfiada, perguntou do outro lado da linha.

— Não, sou Brandon. — murmurei como se

fosse óbvio.

— *Brandon...?*

— Amigo dela.

— *Ah... onde minha filha está?*

— No banho. — respondi com uma voz de sono.

— *Hmm, então, você poderia avisar que eu liguei, Brandon?*

— Claro. — disse, bocejando com a mão em frente à boca. — Assim que ela sair, eu aviso que a...

— *Claudiana.* — ela finalizou minha frase.

— Isso. — confirmei. — Que a Claudiana ligou.

— Ótimo, então... é isso. Obrigada. — disse ela gentil, mesmo ainda desconfiada. — *Tenha um bom dia.*

— Bom dia, senhora. — e desliguei a ligação sem esperar respostas, deixando o celular em cima da cama e levantando-me em direção ao banheiro, foi então que a porta se abriu.

Eu nem tinha me tocado que o chuveiro já tinha sido desligado, mas assim que a porta se abriu eu olhei diretamente pra lá, tomei um leve susto,

vendo Maria Clara com os cabelos molhados,
descalça e de... toalha.

Maria Clara

Quase caí pra trás ao ver o olhar de sono, mas mesmo assim, transbordando luxúria que o garoto parado no meio do meu quarto me lançou.

Engoli a seco, dando um passo para fora do banheiro.

— Perdeu alguma coisa em mim?

Foi então que o vi desviar o olhar e, passando a mão nos cabelos, abrir a boca:

— Hã... não, eu só...

Soltei um riso debochado.

— Quem era no telefone?

— Sua mãe. — foi só aí que ele desviou o olhar definitivamente, procurando suas roupas no chão do quarto.

— E...?

— Pedi pra avisar você que havia ligado.

— Deixou algum recado? — passei por ele, indo ao closet que mais parecia outro cômodo da casa, de tão grande.

— Não, só isso. — ouvi Brandon dizer, enquanto se vestia.

Peguei um conjunto de lingerie branco, um shorts rasgado e uma blusa comprida vermelha sem nenhum detalhe, que deixava um de meus ombros à mostra.

Logo, saí do closet e fui rumo ao banheiro de novo, quando ouvi a voz de Brandon de novo:

— Aliás, bom dia, Maria Clara.

— Bom dia, Brandon. — disse com desdém, já dentro do banheiro.

Quando eu estava fechando a porta, sua voz invadiu meus ouvidos mais uma vez:

— Belas pernas.

Pela fresta da porta, mostrei meu dedo do meio pra ele, que soltou uma risada me deixando vermelha de vergonha. Bati a porta do banheiro com força, em seguida respirei fundo antes de me vestir.

Já descendo as escadas minutos depois do banho, eu já estava mais decente, mas leve e me sentindo

mil vezes melhor.

Foi quando tomei um leve susto.

Melanie e Katherine estava entrando em casa, cumprimentando Angelick. As três me olhavam sem entender. Observando Brandon descer ao meu lado, percebi qual o motivo dos seus olhares.

— Bom dia, querida. — disse Angelick. — Quer que eu prepare alguma coisa?

— Não, sem problemas. Eu me viro. — ela apenas assentiu, fechou a porta e se retirou da sala.

Mel abriu a boca:

— Brandon? Que... surpresa você por aqui.

— Surpresa mesmo. — Kath disse confusa. — Queríamos mesmo falar com vocês dois. Fico feliz por estarem juntos.

Bufei mentalmente, cumprimentando as duas com beijos no rosto e segui até à cozinha. Estava morta de fome.

No relógio enorme ao lado dos armários, marcavam exatos 12h09 da tarde daquele domingo e eu queria saber o que aquelas duas estavam fazendo ali, àquela hora. Bom, não era cedo, mas eu havia acabado de acordar.

Pegando o iogurte, cereais, talheres e pratos fundos, vi todos eles se sentando no balcão da cozinha, Mel não parava de me olhar um segundo se quer.

— O que querem aqui?

— Primeiro, saber por que você saiu da boate completamente de porre ontem. — começou Mel, fazendo-me olhá-la feio.

— Cala a boca! Angel está em casa e se meus pais descobrirem, eles me matam! Nunca que eu posso ir a boates como aquela. — olhei pelo canto do olho para Brandon, como se o repreendesse e ele revirou os olhos.

— Você fala como se tivesse sido obrigada a ir, mas foi porque quis. — ele desviou sua atenção para Melanie. — E fica tranquila, eu trouxe a bêbada de primeira viagem, sã e salva em casa.

Melanie relaxou os ombros, enquanto eu preparava meu cereal com iogurte. Sem dizer nada, Brandon preparou o dele, ali mesmo no balcão onde todos estavam sentados.

— Tá, tudo bem, já podem ir direto ao ponto. O que vocês querem contar?

Melanie e Kath se entreolharam, até a loira menor começar:

— Eu sei que é muito em cima da hora, mas eu quero fazer um convite a vocês.

— Faça. — dei de ombros.

— Vocês poderiam fazer um do casais do bolo vivo da minha festa, daqui a... duas semanas?

— Quê? — parei de comer na hora e fitei-a.

— É, Clara, isso que você ouviu. Eu já escolhi os outros casais. Tudo já está praticamente certo, sério, a festa já está pronta, só faltam vocês. — disse ela.

— Por mim, tudo bem. — Brandon disse se espreguiçando entre uma pausa e outra do cereal que comia.

Kath olhou pra ele com os olhos brilhantes.

— Ah, que ótimo, Campbell! — ela bateu as mãos uma na outra.

Mel soltou uma risada, depois olhou pra mim:

— E você, Clara? Topa?

— Mas... gente, tá tão em cima da hora.

— E daí? — Kath repreendeu-me. — Amanhã

mesmo, depois da aula vocês vão para experimentar os trajes pela primeira vez. Na sexta-feira de novo e na outra sexta, um dia antes da festa, experimentam pela última vez e pronto, tudo certo.

Ela fez uma pequena pausa.

— Ah, e claro que, até o fim dessa semana, vamos ao salão que meus pais alugaram, para ensaiar a entrada, a valsa, tudo. Se precisar, ensaiaremos na semana que vem também.

Elas ficaram em silêncio me olhando. Já impacientes por me verem apenas comendo e sem responder, Mel bufou, chamando minha atenção:

— Então, amiga! Você topa?

Soltei um suspiro, um pouco apreensiva.

— Quais serão os casais? — perguntei como se estivesse interessada e Kath começou.

— Bom, serão doze casais de amigos meus, tanto do meu balé, quanto do colégio. — ela explicava.
— Melanie com Ansel, Susan e Connor, Lauren e Dexter.

Ah, claro, Susan e Connor. Meu coração sorriu ao lembrar-me deles. Amigos não tão antigos, mas

PERIGOSAS ACHERON

também não tão novos. Estudaram boa parte do ensino fundamental II conosco. No último ano foram para o Brasil, a cidade natal deles e de sua família. Isso, sua família no singular porque os dois são primos de primeiro grau.

Têm o mesmo sangue, combinam tanto que, desde os 14 anos de idade, começaram a namorar e não se desgrudaram mais.

A família apoia, sem nenhum resmungo ou protesto.

— Quando eles chegam? — questionei, depois de engolir uma colherada de cereal.

— Essa semana, creio eu. — Mel responde e eu comi mais uma colherada, até perguntar curiosa:

— De onde você conhece o Dexter?

— Da vida. — disse Kath toda sorridente.

Mel bufou antes de me afirmar:

— Do mesmo jeito que ela conhece o Brandon, “de vista”. Chamou-o pelo mesmo motivo que está chamando você. — ela apontou para o garoto na mesa e o mesmo riu.

Soltei uma risada, sentindo vergonha alheia.

— Mas, então, temos uma vida pra viver, você pode me dizer se topa ou não?

— Acho bom você topar, antes que eu tenha que arranjar alguém pra dançar comigo. — resmungou Brandon, colocando seu prato na pia e se aproximando em seguida.

— Não! — minha voz saiu antes que terminasse de processar suas palavras. — Eu danço sim.

— Ótimo. — ele sorriu ao parar ao meu lado. — Você está melhor? — perguntou.

Apenas assenti, olhando-o. Seu rosto suave ainda de sono estava a centímetros do meu.

— Mesmo? — suas sobrancelhas se arquearam quando ele tombou a cabeça para o lado.

Assenti mais uma vez, sem conseguir abrir a boca pra falar se quer uma mísera palavra. Foi quando ele colocou dois dedos em meu queixo e segurando-o, colou seus lábios nos meus para um selinho apertado.

Não liguei para as garotas presentes. Apenas franzi os lábios, sentindo os lábios dele ainda nos meus. Quando se afastou, eu respirei fundo.

— Eu te levo até à porta. — pulei do banco alto e

PERIGOSAS ACHERON

puxei-o até à sala de estar, perto da porta. Tentei controlar meu corpo que estava tremendo de vergonha e excitação.

Abrindo a porta, voltei a fitá-lo, percebendo que eu nem se quer deixei ele se despedir das garotas.

— Vergonha de mim, é? — Brandon abriu um sorriso sapeca ao me fitar, apertando meus dedos em sua mão.

— Não... é só... — passei uma mecha de meu cabelo atrás da orelha.

Ele balançou a cabeça quando uma risada escapou por entre seus lábios.

— Eu vou nessa. — beijou-me de novo, segurando meu rosto com uma das mãos.

Um beijo rápido e molhado.

— A gente se vê amanhã? — perguntou ele, já do lado de fora da minha casa.

Meneei a cabeça pra baixo e pra cima, apoiando o corpo na porta. Ele sorriu, antes de entrar no carro e partir.

Mordendo o lábio, fechei a porta, sentindo todo o meu corpo tremer. Fechei os olhos, tentando guardar o gosto dos seus beijos.

— Será que a gente pode saber o que foi isso? — Melanie gritou ao chegar até à sala, Kath veio seguindo-a.

— Nada, ué. — dei de ombros ao sentar no sofá com as pernas dobradas.

— Como nada? Você nem vai com a cara dele! Agora ele te traz em casa, te beija, vocês dormem juntos... não vai me dizer que...

— Ai, cala a boca, Melanie! Não aconteceu nada de mais, tá? — resmunguei irritada.

— Uhhhh, ela tá irritadinha! — Kath brincou, arrancando risadas da irmã.

— Gente! Por favor! — pedi e elas sentaram ao meu lado. — Será que podemos mudar de assunto?

— Como quiser, sortuda que dormiu com Brandon Campbell... — murmurou Melanie soltando uma risada e fazendo Kath rir também.

Mesmo sem graça, precisei soltar um riso.

Talvez Brandon não fosse tão ruim assim.

Dama e o vagabundo

“As pessoas são assim mesmo; um dia te traz felicidade, no outro pode ser o motivo de tua tristeza”.

Autor Desconhecido

Brandon

Eu não lembro quando tinha chegado naquele lugar, nem por que ela também estava aqui. Mas eu não queria que aquilo terminasse tão cedo.

Era uma sala ampla, com sofás de couro e quadros enormes nas paredes, o ar era gelado por conta das janelas abertas, mas eu não sentia um pingo de frio se quer. Queria apenas tocar a mulher com um roupão de seda branco, parada na porta branca da sala.

Sorrindo, ela caminhou em minha direção, com seus olhos maquiados e a boca vermelha de batom, bem desenhada.

Parada em minha frente, puxei sua cintura com força, colando nossos corpos e sentindo o perfume doce e exagerado que exalava. Encostei nossas testas e, antes que pudesse beijá-la, suas mãos espalmaram meu peito e eu caí no sofá atrás de mim.

Com a cabeça zonga de desejo não consegui rebater, apenas mordi o lábio ao vê-la rir e desatar

o nó do roupão em sua cintura. Devagar, ela abriu-o, deixando-o cair lentamente sobre seus ombros.

Apenas de calcinha e sutiã de renda preta, Maria Clara tinha um corpo lindo, com curvas delicadas e pele brilhante. Meus dedos coçavam para sentir sua pele macia sob eles.

Ela mexeu os quadris devagar, como se estivesse dançando uma música lenta, do tipo Alicia Keys, com os olhos quentes fitando-me. Assim que ela viu-me coçar o meio de minhas pernas, riu com os dedos nos lábios, achando graça.

Com os dedos nas cordas finas de sua calcinha, ameaçou tirá-la, mas não o fez de verdade. Apenas virou de costas, mostrando-me como seus cabelos totalmente negros e brilhosos estavam bem presos num coque despojado. Suas costas estavam iluminadas com uma pequena medalha, o detalhe de seu sutiã, mostrando-me o quanto eu era sortudo por tê-la.

Seus olhos encontraram os meus por cima de seu ombro pequeno. Por fim, vi o quão pequena e delicada era sua cintura e eu sentia a necessidade

de apertá-la, de cravar minhas unhas, de acarinhá-la. Seu quadril de um tamanho perfeito para seu corpo, fez meus olhos correrem por sua bunda, redondinha e sem nenhuma imperfeição, deixando minha boca cheia d'água.

Eu precisava senti-la, precisava tê-la em meus braços, senti meu corpo cada vez mais quente, assim que a vi desabotoar o sutiã na parte da frente e tirá-lo, jogando-o aos meus pés.

Devagar, Maria Clara foi se virando de frente pra mim, mas antes que pudesse vê-la por completo, um barulho ensurdecedor invadiu meus ouvidos e eu saltei de onde estava deitado.

Meu quarto parecia o mesmo e meu celular tocava freneticamente em cima do criado mudo. Peguei-o automaticamente, vendo o nome de Ansel no visor.

— Alô? — minha voz saiu baixinha, por conta da respiração descompassada.

— *Brad? Correndo uma maratona logo cedo?* — a voz de Ansel era alegre do outro lado da linha.

— O que quer a essa hora da manhã?

— *Que você acorde e ande logo para o colégio.*

Carter e os caras querem treino hoje.

— Hoje? — senti meu coração ainda batendo como louco no peito por conta do sonho. — Mas o Ric deixou tudo por minha conta.

— *Pois é, mas ele me ligou, disse que já está vindo e exige treino hoje.*

— Quem exige alguma coisa aqui sou eu. — afirmei. — Daqui a pouco estou aí.

Não deixei que meu amigo terminasse de falar e desliguei a ligação, atirando o celular em cima da cama. Jogando as pernas pra fora do colchão, respirei fundo, com as duas mãos nos cabelos completamente molhados de suor.

Eu estava de pau duro por Maria Clara, de novo.

Fui em direção ao banheiro, desejando loucamente um bom banho gelado.

Eu precisava cessar esse desejo louco por essa garota.

Maria Clara

A segunda-feira passou mais rápido do que eu imaginei.

Se eu dissesse que Brandon passou o dia todo sem se quer olhar pra mim, seria fácil de acreditar? Pois é. Ele não disse se quer um “oi” ou “*como se sente?*”.

Mas eu não me importei. Não é só porque ele cuidou de mim sábado à noite, foi carinhoso, prestativo e que a gente quase transou que ele tem que mudar, não é?

Pelo menos eu consegui esconder meu desconforto.

Estávamos Melanie, Lauren e Kath junto das demais amigas da aniversariante do mês já na loja de vestidos de debutante, onde duas vendedoras estavam negociando os preços conosco. Em minutos, subimos até o andar de cima, onde mais parecia uma casa, com uma sala de atendimento, balcão, mesa com revistas de vestidos e sofás. Do lado, um corredor que dava para “quartos” onde

ficavam os vestidos/ternos que iríamos alugar e outros cômodos menores que usaríamos para provar.

Passando por um dos quartos, deparei-me com dez dos quinze garotos que iriam dançar conosco, junto com mais duas vendedoras que mostravam os ternos de cada um. Brandon era um deles, seus olhos se encontraram com os meus assim que eu o olhei.

Foi apenas esse contato que ocorreu entre nós dois, quando escutei a voz de Mel me gritar a duas portas dali, onde as garotas tinham entrado. Eu fui até lá.

— Olha que coisa mais linda. — Mel sorriu, com a amostra do vestido que todas iriam usar, ficando idênticas no dia da festa.

Era um vestido tomara-que-caia roxo escuro quase brilhante, com bojo no busto e a cintura apertada, já a saia, era alta, com vários forros por baixo e bem rodada. Nos pés um salto preto boneca, alto e uma fita preta da mesma cor, amarrada como um laço no lado do corpo, na cintura. Iríamos usar luvas pretas que vão até meio

do antebraço.

— É lindo. — abri um sorriso, fazendo Kath abrir os olhos de orgulho. Tinha sido ela quem escolheu.

— E então, quem serão as primeiras a experimentar? — perguntou a vendedora com seus longos cabelos loiros.

Algumas garotas levantaram a mão e eu questioneei:

— Onde fica o banheiro?

A vendedora olhou-me.

— Segue o corredor à direita. O banheiro unissex fica na terceira porta à direita.

Sorri sem mostrar os dentes.

— Obrigada.

Saí rapidamente, seguindo por aonde viemos, passando pela porta de onde os garotos estavam, ouvindo várias vozes misturadas. O barulho foi cessado assim que entrei na porta indicada pela vendedora, o banheiro.

Tinha duas pias e em cima delas, na parede, um espelho enorme. Do lado oposto à porta, duas divisórias. As portas mostravam que um era para as

mulheres e um para os homens.

Entrei no indicado e usei-o em poucos minutos, saindo de lá em seguida para lavar as mãos. Tomei um susto que fez meu corpo todo tremer ao ver Brandon encostado na porta fechada, com os braços cruzados.

— Caralho, Brandon! — murmurei com a mão no peito ao dar alguns passos até à pia. Olhei seu reflexo pelo espelho. — O que faz aqui?

— Vim te ver. — respondeu seco e com pressa.

— Você me viu o dia todo. — enxaguei minhas mãos e logo peguei papel toalha para secá-las.

— Vim ver como você está, então. — ele consertou.

— Estou ótima. — fui em direção à porta e coloquei a mão na maçaneta, mas sua mão cobriu a minha, impedindo-me de fazer qualquer força.

— Fugindo de mim?

— Eu que estou fugindo? Sério? — olhei-o.

Ele torceu o lábio ao dar de ombros.

— Licença, preciso provar meu vestido. — pedi, querendo abrir a porta e ele molhou os lábios com a

língua, fazendo-me observar o ato lentamente.

— Eu quero que me passe seu celular.

— Vai me roubar? — arqueei a sobrancelha, escondendo o tom de brincadeira de minha voz.

— O celular ou um beijo. Escolhe.

Suei frio, engolindo a seco.

Assim, sem saber o que dizer, estendi minha mão, fazendo-o colocar o seu aparelho nela.

Desviando meu olhar do seu, que estava impassível aliás, disquei meu número em seu celular, salvando-o como “Maria Clara”. Assim, por fim devolvi pra ele.

— Posso saber pra que quer meu celular?

— Não sei, pra te mandar um Fax, quem sabe?!
— ele sorriu irônico e em resposta, revirei os olhos.

Consegui abrir a porta, ele deixou, mas segurando minha cintura por trás com força, fazendo todo o meu corpo tremer.

— Aliás, oi, Maria Clara.

Minhas pernas ficavam bambas no mesmo instante, fazendo todo o meu corpo ficar mole, revelando ao canalha o que ele fazia comigo.

Se ele percebeu, não revelou, apenas me soltou em seguida, deixando que saísse pisando firme rumo ao quarto para encontrar minhas amigas, tentando entender por que meu coração queria sair pela garganta.

Com um sorriso estúpido no rosto, passei o tempo todo provando o vestido. Ficou lindo no meu corpo, só precisava de uns ajustes.

Por volta das 19h da noite, a maioria das garotas e dos garotos já tinham ido embora. Lauren e eu ficamos conversando sobre o colégio. Ela estudava conosco, era quase da minha altura e tinha os olhos esbugalhados como os meus. Seus cabelos eram castanhos escuros e iam até os ombros. Uma garota fantástica que sabia conversar bem, era inteligente e prestativa.

Ansel deveria estar me esperando no carro dele, no estacionamento atrás do prédio da loja. Mel deveria estar com ele. Despedi-me de Lauren, que sorriu pra mim.

— Te vejo amanhã, coisa linda! — murmurou brincalhona e eu apenas assenti, mandando um

PERIGOSAS ACHERON

beijo no ar.

Com a minha mochila nas costas, fui até os fundos da loja, sentindo meu celular vibrar em meu bolso. Assim que o peguei, vi o nome de Susan brilhar no visor do mesmo e abri um sorriso. Ainda a andar, ouvi barulhos baixos ao meu lado, me fazendo levantar a cabeça.

O sorriso no meu rosto murchou antes que eu tivesse tempo de pensar. Sentada no capô do carro de Brandon estava Kath, se atracando com ele.

Um nó horroroso se formou em minha garganta, parei de andar de súbito, semicerrei os olhos, sentindo meu corpo gelado. Não sei se era frio ou ódio

Qual o problema desse garoto?

Passa a noite na minha casa, quer me comer e passado menos de dois dias, já está beijando outra?

Katherine pode ter quinze anos de idade, mas tem mentalidade de doze! O que ele viu nela?

Ao perceber que eles estavam desacelerando os movimentos dos corpos, apressei o passo, passando por mais alguns carros e encontrando Ansel e Melanie se agarrando, encostados na porta do

PERIGOSAS ACHERON

motorista do carro dele.

O que terá dado em todos hoje? Quantos beijos!

Tossi forçado para eles me perceberem ali e pararem.

— Eu vou pegar um táxi para ir pra casa. — avisei com uma voz que nem eu reconhecia.

— Por quê? — Mel passou o dedo ao lado dos lábios.

— Não quero atrapalhar vocês.

— Ah, para, Clara, você não atrapalha. — Ansel murmurou como se os tivesse ofendido.

— É sério. Eu vejo vocês amanhã. — aproximei-me dos dois, depositando um beijo carinho no rosto de cada um deles e me afastei.

— Clara! — Mel gritou. — Espera!

— Relaxa! — mandei um beijo no ar pra ela e saí do estacionamento às pressas.

Olhando o celular em minha mão, vi que tinha uma chamada perdida. Claro, Susan.

Já voltando meu olhar pra rua, vi que no fim da mesma tinha um ponto de táxi e fui até lá, desejando que passasse um o quanto antes.

Já tinha passado das 0h e eu continuava acordada. Meu corpo estava jogado em cima da cama e eu não tinha feito praticamente nada desde que cheguei da loja de vestidos. Não jantei, muito menos fiz as tarefas de casa para a aula no dia seguinte.

Eu só queria ficar deitada, sozinha.

Ergui-me e segui até o banheiro, tirando minha roupa assim que entrei no mesmo e jogando no cesto de roupas sujas.

Mesmo de porta aberta, liguei o registro da água e tomei um banho rápido. Deixando a água molhar cada fio do meu cabelo, depois, cada centímetro de meus braços e pernas.

Peguei-me pensando em o que Susan queria tanto falar comigo. Ela havia ligado e eu não tinha se quer retornado. Eu era uma amiga péssima.

Bom, não mais que Katherine.

O meu couro cabeludo pinicou só de lembrar-se dela e... dele. Eu não conseguia entender ainda o porquê dos dois estarem juntos. Não tinha nexo, cara. Era como se Ian Somerhalder resolvesse

PERIGOSAS ACHERON

pegar a Paris Jackson.

Tipo, oi? Olha eu aqui, Brandon!

Respirei fundo ao passar sabonete em meu corpo. Tentando tirar qualquer surto de minha mente. Brandon estava pegando Kath... Mas o que eu tinha a ver com isso?

Fechei o registro da água e me sequei com a toalha rapidamente, logo envolvendo-a em meu corpo.

Olhei para meu reflexo no espelho. Meus cabelos estavam pingando água e eram tão pretos e sem vida. Meus olhos enormes olhavam pra mim de volta, parecendo duas bolas de gude. E, para completar, embaixo deles estavam olheiras pequenas, mas perceptíveis e irritantes. Minha boca, sem cor, murmurou sem que eu mesma pensasse:

— Ótimo, Maria Clara, você não tem cabelos loiros, muito menos olhos verdes e bochechas rosadas. Ah, sem contar o bocão que Kath roubou de Angelina Jolie.

Bufei, pegando minha escova vermelha com cerdas macias em cima da pia de mármore branca e

comecei a escovar meus cabelos, tirando os poucos nós que haviam se formado ali.

Assim que terminei de escová-lo, pousei a escova onde estava e abri um pequeno armário ao lado do espelho, vendo remédios, algumas maquiagens, meus produtos de depilação e pequenos vidros de produtos para o cabelo.

Peguei um pouco de reparador de pontas, sem parar de fitar a gilete brilhante rosa dentro do armário. Quando vi, estava secando as mãos na toalha e pegando a gilete, tirando a tampinha e passando o dedo de cima pra baixo nas lâminas afiadas. Ela estava firme em uma de minhas mãos enquanto eu passava o dedo nas três lâminas brilhantes.

Senti um nó na garganta e o engoli com esforço, sem saber por que meu pulso estava tão acelerado. Meu corpo ficou quente, como sempre ficava quando minhas veias recebiam mais sangue que o necessário.

O toque do meu celular tomou conta do meu quarto e em seguida do banheiro me dando um susto a ponto de minhas mãos soltarem a gilete,

fazendo-a cair em cima da pia e eu sair apressadamente do quarto.

Rezando que fosse Brandon, suspirei irritada vendo Susan ligar novamente. Com calma, atendi a ligação.

Na minha casa ou na sua?

*Às vezes o amor não é um
sentimento, mas uma escolha”.*

Justin Bieber

Maria Clara

— O que será que esses garotos têm? —
questionou Mel nos corredores.

— Que garotos? — respondi.

— Os garotos atuais. Eles gostam de apressar as
coisas, mais do que o necessário.

— Seja mais clara.

— Mais clara do que isso, amiga? — ela suspirou
e depois sussurrou: — O Ansel, ontem no carro... a
gente...

— Vocês o quê? — arregalei os olhos.

Ela me deu um tapa no braço, mesmo sem eu ter
gritado ou algo do tipo.

— Não... foi *quase*. — ela enfatizou a última
palavra.

Posso te dizer o mesmo, amiga!, Pensei
automaticamente, lembrando-me do meu último
sábado.

Um calor momentâneo me percorreu.

— E aí?

— E aí que... sei lá, eu quero, mas não em um carro.

Soltei uma risada.

— Ótimo, vão pra um motel. — sugeri e ela revirou os olhos, rindo.

— Ele disse que me quer, amiga do céu! — vibrou ela e eu senti sua paixão percorrer todo o corredor, quase que eu coloquei minhas duas mãos no nariz, vai que toda essa melosidade é contagiosa, não é?

— Que bonitinho. — disse feliz por ela, apesar de tudo.

Passamos ao lado dos armários do pessoal de outras turmas e eu desacelerei o passo ao ver Brandon e Kath mais uma vez, agora encostados no armário. Não como dois animais na noite anterior, mas ainda com línguas e mãos.

— Ah, você soube? — Mel me perguntou baixinho olhando o mesmo que eu.

Controlei a respiração, querendo me matar por ficar desconcertada toda vez que via aquele merda de garoto.

— Soube. — só consegui dizer isso, olhando a

PERIGOSAS ACHERON

cena.

Todos passavam no corredor sem se importar, mas eu tinha certeza que logo na primeira aula, ia virar fofoca de primeira linha. E Kath deveria estar soltando fogos. Também, do jeito que ela é...

— Vocês não têm mais nada, não é? — Melanie me olhou e eu não pisquei, querendo que ela não percebesse meu desconforto.

— Eu e Brandon? — perguntei incrédula. — É claro que não, nós não tivemos nada demais... — senti um desdém na minha voz. — Foi só um erro ridículo.

Ela ficou desconfiada, deu pra reparar, mas apenas assentiu, assim que ouviu o sinal avisando que a primeira aula iria se iniciar.

Finalizando o showzinho, Kath sorriu ao Brandon-canalha-Campbell e foi para o lado oposto do corredor, sem reparar em nós duas ali.

Já Brandon, assim que nos viu, arregalou os olhos, fitando-me.

— Maria Clara. — sorriu ao se aproximar de mim.

— Brandon. — disse no mesmo tom, antes de
PERIGOSAS ACHERON

virar as costas pra ele e ir para a sala, a primeira aula seria de Artes.

Sem dizer nada, ele e Melanie me acompanharam.

Brandon

A aula já estava quase no fim, o professor estava falando do poder de uma obra de arte, seja escrita, cantada, atuada ou pintada. Explicou sobre esse universo de obras que era tão fascinante.

Eu me alegrei só por ele dizer que teríamos que fazer uma obra. Teríamos que escolher um tipo e fazer o que bem entender com ela e por fim, apresentá-la na próxima semana.

— Espero que tenham gostado do trabalho magnífico que eu sugeri. — disse ele, fazendo a maioria dos alunos reclamarem ou bufarem sem um pinga de vontade pra nada. — Mas, vou deixar vocês um pouco mais contentes. — avisou o velho grisalho, com um sorriso no rosto. — Será em duplas, e claro, quem as escolhe sou eu. — ele pegou a lista de chamadas em cima da mesa, fazendo uma pequena pausa dramática.

Em seguida, começou formando duplas, que eu não fiz questão de ouvir, atento apenas ao meu nome, que foi dito dessa maneira:

— Brandon e... Maria Clara. — ele fez uma pausa, depois continuou falando outros nomes.

Procurei os olhos escuros e chamativos da minha dupla dentro da sala e assim que os fitei, estavam duros e sérios como pedras.

Ela deveria estar uma fera comigo, mas, não é pra menos. Eu havia ficado com ela em um dia e no outro, estava com Katherine, amiga dela.

Isso pra mim seria a coisa mais natural do mundo, a menos que eu não estivesse em Thompson High, fazendo isso com Maria Clara Miller, a garota que tinha doce no cu e que mais me deixou fissurado.

Ou eu pegava qualquer uma ou me matava por ter se quer a hipótese de estar me apaixonando por alguém.

Maria Clara

Queria me afogar dentro de uma privada ao saber que o professor me colocou com Brandon em dupla no seu trabalho.

Droga!

Tinha que ficar o mais longe possível dele, não perto e ainda por cima a fazer um trabalho daquele tipo.

Engoli a seco ao sentir meu celular vibrar no bolso da frente de minha calça e logo o peguei. Uma nova mensagem brilhava no visor, de um número desconhecido. Abri a mensagem.

“na minha casa ou na sua? :)”

Nunca foi verdade

*“Cavei até conseguir sair
sangue e fogo”.*

Fuckin Perfect

Maria Clara

Na quarta-feira, depois da aula, eu iria fazer algo que realmente fosse me distrair. Todos nós buscaríamos Susan e Connor no aeroporto de Los Angeles.

Fui com o senhor Parker, pai de Connor — tio de Sue —, e Melanie. Ansel foi em seu carro, já que na volta, não tinha como caber todos.

O aeroporto estava movimentado, pessoas chorando, rindo, comendo, dormindo em cima de malas. Pessoas ansiosas, felizes, tristes... Aquilo era tão cheio de sentimentos que eu me senti tranquila.

Fazia minutos que o voo tinha chegado. Estávamos todos há quase uma hora esperando-os. Quando a porta de desembarque se abriu, meus amigos se atiraram em nossos braços.

Apertei Sue com força contra meu corpo, sentindo seu cheirinho de flores e a maciez de seus cabelos ruivos. Seus olhos verdes brilharam pra mim, assim que nos olhamos. Ela estava linda, com shorts curto, blusa larga e longa, botas nos pés, o

sorriso lindo e safado no rosto desde sempre.

— Eu estava com saudades de você! — vibrou ela.

— Eu também, Sue! — sorrimos juntas.

Assim que Susan foi cumprimentar os demais, Connor se aproximou de mim e eu abri um sorriso enorme. Ele era o amigo mais engraçado e estúpido que alguém poderia ter.

Seus olhos verdes estavam cerrados quando me fitou por um breve momento, antes de me abraçar forte também, tirando-me do chão. A única coisa que ele tinha igual a Sue eram os olhos verdes. Ao contrário dela, seus lábios eram carnudos e os cabelos castanhos.

— Feliz por te ver. — murmurei para ele assim que coloquei meus pés no chão.

— Los Angeles, voltei! — ele berrou com os braços abertos no meio do aeroporto, fazendo todos rir.

Fiquei observando os abraços de meus amigos em minha frente com os braços cruzados. Era bom tê-los ali.

— Até que enfim, achei que não chegariam a

PERIGOSAS ACHERON

tempo para a minha festa. — exclamou uma voz atrás de mim e eu respirei fundo antes de virar, já sabendo quem era.

Kath, claro. Com o coisinha-destribuidor-de-beijos a tira colo.

— Pequenina! — vibrou Sue ao abraçá-la.

Fitei Brandon parado ali, meio deslocado. Bom, ele não sabia quem eram aquelas pessoas, não deveria estar aqui mesmo. Mas, aposto que Kath insistiu para que ele a trouxesse.

Ele cruzou seu olhar com o meu e abriu um sorriso simpático. Eu apenas sorri de volta, seca.

Desde quando ele me mandou a mensagem no começo da semana, apenas respondi que iríamos nos encontrar no sábado de manhã para resolver as coisas do trabalho e só. Nem um oi ou piscada. Só olhares e mais olhares. Eu tinha vontade de furar os olhos dele.

Kath, então, passava todo o tempo livre na entrada, intervalo e fim de aula com ele. A única vez que me dirigiu a palavra desde segunda-feira foi pra dizer: *“não se esquece da prova do vestido na sexta-feira, Clarinha”*.

Eu já estava quase pra desistir dessa festa.

— E você, quem é? — questionou Connor para Brandon depois de falar com Katherine.

— Amigo deles... — Brandon apontou para nós.

— Ah, então é você que está roubando o Ansel de mim? — Connor arqueou a sobrancelha e Brandon balançou a cabeça.

— Não serve triângulo amoroso? — brincou Brandon.

— Bom, com você eu dispenso o pobre Collins. — brincou Connor antes de cumprimentá-lo com um abraço.

Tive vontade de colocar as mãos na cabeça com raiva, querendo entender por que todos os meus amigos simpatizaram com esse... cretino.

— Oi, Brandon. Muito prazer, sou Susan Parker. — a própria o cumprimentou com dois beijos no rosto, encantada.

Pronto, mais uma.

— E minha namorada, por sinal! — Connor exclamou ao lado, fazendo Ansel rir.

Enquanto caminhávamos em direção à saída,

todos tagarelavam, o casal contava como foi a viagem, o que fizeram no Brasil enquanto Ansel brincava e Mel ria. Brandon-deslocado-Campbell estava de mãos dadas com Katherine, rebatendo alguma brincadeira de Connor.

— Bom, vamos indo. — Kath murmurou, enquanto cumprimentava todos com um beijo no rosto já no estacionamento do aeroporto. — Temos umas coisinhas pra fazer. — sua voz tinha certa malícia e tanto, Melanie quanto Susan bateram palmas de animação.

Assim, ela me cumprimentou como todos os outros e esperou que Brandon fizesse o mesmo. Encolhi os ombros, olhando vago pra qualquer lugar quando senti um beijo no rosto.

Brandon foi gentil, ao dizer:

— Eu te ligo mais tarde. — fazendo todo o meu corpo queimar como uma chama sendo acesa rapidamente.

Engoli a seco, tentando não demonstrar meu desconforto gostoso dessa vez. Gostoso ou... diferente? Que seja!

Não fiz absolutamente nada à noite quando cheguei em casa, só pensando na porcaria de um telefonema, seria loucura?

Ninguém fica andando de um lado pro outro, fica sem jantar ou até não liga a TV por saber que vai receber um telefonema.

Minha mão estava quente por conta do aparelho celular, que não tocava. Bom, não tinha por que ficar louca, tinha? Claro que não. Também não tinha que ficar preocupada ou ansiosa e eu não estava, juro. Bom, eu acho.

O meu notebook estava ligado em cima da cama com “*Funking Perfect*” de Pink tocando no modo repetir, eu a ouvia tentando me distrair.

Fui até o banheiro escovar os dentes, apoiei o celular na pia enquanto colocava pasta na escova de dente e vi no canto direito da pequena tela que já eram quase 23h da noite... Eu já estava com sono.

Enquanto esfregava os dentes, aproveitei para rolar a timeline do meu Instagram, coisa que faço com frequência, vendo fotos de Sue em casa com Connor, fotos de Lauren cozinhando e de... Kath?

Cuspi na pia, lavando a escova e colocando-a no

PERIGOSAS ACHERON

lugar, em seguida lavei a boca. Com a toalha nos lábios, cliquei na foto para esperá-la carregar. Já carregada instantes depois, dois pares de pés entrelaçados em uma cama de lençóis brancos e bem limpos. Unhas feitas em um par de pés, coloridas, outras, secas, de homem claro. A foto foi postada há cerca de meia hora atrás.

“Temos umas coisinhas pra fazer”, “temos umas coisinhas pra fazer”, “temos umas coisinhas pra fazer”... aquelas palavras surgiram em minha mente como um banho de água frio, um soco na boca do estômago.

Agora entendo por que ele está com ela. Katherine dá tudo o que ele quer... Katherine é mais uma das suas putas oficiais. E, foi exatamente por isso que ele não me ligou.

Apoiei o celular na pia, sentindo meus olhos molharem, sem entender por que estava assim.

Voltei a olhar para as lâminas na gilete rosa, no mesmo lugar que eu havia deixado no dia anterior. Fitando-a, eu pensei em todas as vezes que vi Brandon.

O beijo no banheiro, suas brincadeiras na grama,

seu beijo sob as estrelas, suas palavras tão certeiras e cheias de um sentimento diferente. Seus mil olhares em cima de mim todos os dias, sua voz nada autoritária, mas funcional quando precisei naquele beco perto da boate fajuta que ele frequenta. O seu abraço, que mesmo sem que ele pudesse dizer com os lábios, eu percebi que tudo ficaria bem e meu coração batendo forte pelo medo de poder ter sido abusada por nojentos se cessou com seus dedos fazendo carinho em minhas costas. E em seguida, suas implicâncias para me levar pra casa. Droga, ele me colocou na cama, me deu remédio. Cuidou de mim. Apesar de ter negado sexo a ele que estava morto de desejo pelos beijos que tivemos, ele ficou como eu pedi e dormiu comigo. Antes de ir embora de manhã, se despediu, ele foi atencioso, quis saber se eu estava bem e não ficou neurótico por ver nossas amigas observando nosso beijo. Ele abriu um sorriso diferente ao partir, um sorriso que deixou minhas pernas bambas. No dia seguinte, mesmo sem ter falado comigo na aula, ele saiu do quarto onde estava na loja só para ir atrás de mim. Com seus braços cruzados fez questão de saber como eu estava e

PERIGOSAS ACHERON

pediu o meu telefone. Não foi um pedido estranho, eu sei, mas foi diferente, só o fato dele ter pedido o meu telefone eu achei que fosse ter alguma esperança, por que ele não pede o número para as garotas que ele pega, ele não tem cara que faz isso. E, claro, eu vi o sorriso que me lançou ao saber que iríamos fazer trabalho juntos. Ainda hoje, sem que ninguém visse, seus olhos brilharam pra mim depois que sua voz sussurrou em meu ouvido que iria me ligar.

Mas naquele instante me dou conta de que tudo foi mentira. Que foi uma enorme estupidez. Que eu fui tonta de acreditar nisso. Mas, que merda! Estava na cara que tudo isso que aconteceu não tinha nenhuma segunda intenção, não tinha nenhum sentimento.

Brandon é o tipo de cara que não tem sentimentos. A não ser o desejo por sexo, claro.

Por que ele tinha que estar naquela porcaria de banheiro? Custava entrar na porta certa?

Gemi baixinho e pisquei, apertando minhas pálpebras com força e, só olhando para gotas de sangue escorrendo na pia, é que percebi o que

estava fazendo.

Mas que merda eu tenho na cabeça?

Você ainda vai ser minha

*“Fica tranquila que a missão
de fazer você feliz é minha”.*

Projota

Maria Clara

O toque fazia meu crânio estremecer, eu queria quebrar aquele celular no martelo, quebrar em pedaços!

Caçando-o no edredom, peguei-o em minha mão, sem ver quem era.

— *Maria Clara?* — ouvi Sue chamando-me.

— Oi. — pousei uma de minhas mãos na cabeça, com a voz embriagada de sono.

— *Você perdeu a aula. Está tudo bem?*

— Como sabe que eu perdi a aula?

— *Melanie me disse que você não apareceu no colégio hoje. O que houve?*

— Eu perdi a hora. — murmurei como se fosse óbvio, deitando meu corpo na cama.

— *Só isso? Tem certeza?*

— Sim. — menti.

Deus me livre aparecer em Thompson High às 9h da manhã sendo que fui dormir às 5h. Deus me livre olhar pra cara da Kath traíra e do bosta do Campbell.

— *Bom, vou ao shopping hoje, comprar o presente de Katherine. Você vem?*

Soltei um resmungo, esfregando os olhos.

— SÉRIO?

— *Sério.* — afirmou ela. — É semana que vem!
— lembrou-me.

— Tudo bem. — bocejei, esperando meu corpo se acostumar a estar acordada. — Te encontro no shopping do centro?

— *Isso. Às 17h30.*

— Ok. — confirmei antes de desligar, jogando o celular no meio do edredom.

Por fim, levantei, coçando a cabeça e precisando urgentemente de um banho. Logo arrumei os lençóis da cama e fui até o banheiro. Tirei meu pijama e coloquei-o pendurado atrás da porta. Por fim, fiz um coque alto no cabelo, pois não iria lavá-lo.

Já dentro do box, liguei o chuveiro e entrei no mesmo, molhando todo o meu corpo e rosto, soltando um gemido de dor, olhando instantaneamente para o meu braço.

— Droga!

Observei com calma os riscos de sangue seco em meu pulso, onde acumulavam-se diversos cortes.

Suspirei e desviei o olhar, ensaboando meu corpo e em seguida os braços, passando devagar sobre meu pulso, tentando ignorar a dor e o chão do banheiro vermelho claro por conta do sangue que escorreu já que meu braço ficou irritado.

Saindo do chuveiro, sequei-me e fui até o closet. A roupa do dia era um par de botas baixas cor preta, um vestido branco de alças médias e justo no corpo, nos joelhos, com flores pretas por ele todo. Peguei um conjunto de lingerie cor bege e me vesti.

Meus cabelos secos, estavam um estrago, mas eu os escovei e domei-os com um rabo de cavalo alto. Minhas olheiras incomodavam-me, então passei um corretivo nos olhos, um batom rosa nos lábios e rímel nos cílios.

Pronto, estava ótimo! Eu só iria para o shopping.

Arrumando minha bolsa preta, coloquei documentos, cartão de crédito, algumas notas para o táxi e o celular. Fui até à porta e ao abri-la, observei meu pulso, um estrago.

Virei os calcanhares, caminhando até à divisória

PERIGOSAS ACHERON

de acessórios do meu closet para procurar pulseiras. Aquilo não poderia ficar exposto daquele jeito. Ser estúpida sozinha era uma coisa, todos do mundo saberem disso é outra.

Com uma dúzia de pulseiras pretas, brancas e com cores neutras amarradas em meu pulso, passei a alça da bolsa nos ombros e descí as escadas, encontrando Angelick na sala.

Sentindo-me mais leve com o banho e a roupa confortável, sorri pra ela.

— Boa tarde, querida. Eu vi que você não desceu para ir pra aula, mas não quis acordá-la. Quer alguma coisa para comer?

— Não precisa. Eu vou ao shopping me encontrar com as meninas, como alguma coisa por lá. — depositei um beijo em sua bochecha e ouvi a campainha tocar. — Deixa que eu atendo, já estou de saída.

Ela assentiu e saiu da sala, então, fui até à porta e sem olhar no olho mágico, abri-a. Brandon levantou sua cabeça lentamente, fazendo-me prender a respiração por ter seus olhos em cima de mim.

— Oi, Maria Clara. — sua voz era baixa e doce, tão doce quanto seus olhos.

Endureci.

— O que quer aqui? — perguntei surpresa.

— Saber como você está. Aliás, eu te liguei a manhã toda, você não apareceu na aula... — ele trocou o peso do corpo de um pé calça do por tênis azul para o outro.

— E?

— Queria pedir desculpas por não ter ligado ontem. — Brandon apoiou o antebraço na parede ao lado da porta.

— Só isso? Já pediu, agora pode ir, estou de saída. — dei um passo em direção a ele, que como reflexo, deu um passo para trás e a porta bateu atrás de mim.

Antes que eu pudesse dar mais um passo, seus dedos longos seguraram meu braço, fazendo-me olhá-lo seca.

— Eu queria falar com você.

— Falar comigo?

— Pedir desculpas. — o gogó dele se moveu em

sua garganta em minha frente e seus olhos continuaram suaves em cima de mim.

— Já pediu, Brandon, agora...

— Não. Pela Kath. — sua voz cobriu a minha.

Engoli a seco.

— Pela Kath?

— É, droga. Eu estava com você, não com ela, e...

Soltei uma gargalhada. Juro, não me aguentei.

— Que tipo de canalha você é? Está me pedindo desculpas por ter me trocado? Mas essa não é a lei de vocês? Uma por dia?

Não consegui dizer mais nada. Mãos com dedos enormes seguraram meu rosto com força e lábios gelados tomaram os meus. Minhas pernas só faltavam falhar.

Senti como se aquele fosse o primeiro beijo que ele havia me dado. Não conseguia tomar fôlego, minhas mãos batiam em seu peito com força, mesmo com uma vontade enorme de puxá-lo para junto de mim.

Mesmo com os meus tapas porcarias, Brandon

não me soltou, pelo contrário, devorou meus lábios, deixando sua língua úmida entrar em minha boca sem ser convidado, dando-me um choque por isso, meu corpo arrepiado dos pés à cabeça.

Minhas mãos, agora espalmadas em seu peito, sentiram como era duro, sentindo o tanquinho definido dele, mesmo por cima da camisa polo. O meu couro cabeludo formigou por conta do rabo de cabelo estar em suas mãos, puxando-o lentamente.

Droga, Brandon! Por que você é assim?

As pulseiras em meu braço pinicaram minha pele rasgada e sensível e, automaticamente empurrei Brandon pra longe, fitando seus olhos confusos e sua boca rosada pelo beijo.

— Qual é o seu problema? — berrei irritada, não sei se com ele ou comigo por ter me entregado mais uma vez. — Você precisa parar de ficar me beijando!

Saí andando, atravessei o jardim da frente de casa e segui na calçada, respirando com dificuldade.

— Espera! — berrou Brandon atrás de mim. — Aonde vai? Eu levo você!

— Eu não quero sua carona, Brandon, eu não

PERIGOSAS ACHERON

quero nada seu. — gritei sem olhar pra trás, mas logo senti seu perfume mais próximo e sua mão em meu braço de novo.

— Maria Clara, me escuta! — pediu.

— Você está me machucando! Caralho, me solta! — menti em resposta. — Deixa eu te levar aonde você vai, a gente pode conversar enquanto isso. — sua voz saiu mais calma.

— Mas não temos nada pra conversar. — respondi com a voz mais baixa também. — Para de achar que a gente tem alguma coisa, você não me deve explicações.

— Não devo, mas quero que saiba que eu não parei de pensar em você todos esses dias. — sua mão tocou minha bochecha com carinho.

Como é que é?

Estremeci dos pés à cabeça com suas palavras, mas rebati para que ele não percebesse meu abalo:

— Você é um mentiroso! — bufei ao afastar meu rosto de sua mão e em seguida ele pegou meu queixo, fazendo-me fitá-lo.

— Não sou de falar essas coisas por aí, então quando você ouvir palavras como essas saírem de PERIGOSAS ACHERON

minha boca, acredita! — afirmou sério.

Meu coração já estava na garganta.

— Katherine sabe disso? — não sei por que diabos fiz essa pergunta.

— Ela não precisa saber, não tenho mais nada com ela.

Arqueei a sobrancelha, como se insistisse para que ele continuasse.

— A gente brigou de manhã, ela queria que eu fosse o príncipe dela e não dançasse com você. Katherine achou que eu fosse o namorado dela. — seus olhos riam da situação.

Senti vontade de rir ou sair pulando por saber que não existia mais Kath e Brandon, mas meu inconsciente me xingou de todos os nomes, mostrando— me que eu servia apenas como segunda opção.

Se ele não tivesse brigado com ela, não estaria aqui com você agora, sua tonta, minha mente pulsava.

Dei um tranco no braço, deixando-o cair ao lado do corpo e dessa vez Brandon não se manifestou.

— Eu não sirvo de segunda opção pra ninguém.

— minha voz saiu mais firme do que eu imaginei.

— Você nunca foi.

— Não quero estar com você sabendo que você só está aqui por que brigou com a Katherine.

— A Katherine não significa nada, eu juro.

— Ah, e eu significo? — soltei uma risada pelo nariz.

Ele mentia tão bem.

E eu não podia observar as curvas delicadas de seu rosto, muito menos me afogar no abismo que eram seus olhos, por que eu tinha certeza de que assim, eu acreditaria.

— Você não é mais uma delas, Maria Clara.

Meu ego foi no céu.

— Tarde demais. — dei as costas, mas antes que eu desse qualquer passo, sua mão, sem força alguma, pousou sobre minha barriga.

— Você ainda vai ser minha. — sua voz embriagou-me e eu precisei fechar os olhos pra recuperar o equilíbrio, guardando em mente seus dedos carinhosos passando com calma sobre a extremidade de meu braço direito, antes de sair

andando.

Eu precisava pegar um táxi e encontrar Susan no shopping.

Eu precisava de ar.

Conceda-me essa dança?

*“É como ser atingido por um
raio a chance de encontrar
alguém como você”.*

High School Musical 3

Maria Clara

A melhor coisa que aconteceu naquela sexta-feira até agora foi o frio. Um frio gostoso que fez com que me cobrisse inteira, de botas, calças escuras e um casaco de moletom que cobria meu pulso que mais parecia qualquer coisa, menos um pulso.

A droga da aula foi exatamente isso: uma droga. Nada que eu fizesse dava certo. Nada. Tudo por culpa da dor de cabeça que eu estava desde a noite anterior.

As compras duraram mais tempo do que eu imaginei. Mel foi conosco. Era conversa pra todo lado, eu estava irritada já, porque se pelo menos eu entrasse nas conversas... Mas, não, claro que não, minha mente estava apenas sendo engolida pelas palavras de Brandon-estúpido-Campbell.

Ai, como eu odeio aquele garoto! Odeio com toda a minha alma, por tudo o que ele fez e faz comigo. Porque ele conseguia me deixar... perdida, pensativa e irritada.

Senti um frio percorrer todo o meu corpo assim

que saí do carro de Ansel no acostamento e vi o veículo branco, me veio o rosto do dono na mente.

Merda! Ele já havia chegado.

Estávamos na porta do enorme salão alugado pelos Devis para a festa de Katherine. Saímos da aula, fomos até à prova dos vestidos e agora estávamos aqui. Não vi Brandon o dia todo, ele havia faltado à aula.

Foi um milagre.

E agora eu me sentia encurralada.

Não tinha como fugir dele. Somos um par, iríamos ensaiar a dança e a entrada juntos. Eu sentia vontade de entrar no salão, mas queria fugir de lá o mais rápido possível também.

Respirei fundo sem entender por que meus pés estavam com vida própria e caminharam em direção à entrada, passando pela porta e indo aos fundos, onde todos já estavam. Meus olhos correram todo o ambiente.

E, claro, endureceram em ver Katherine e Brandon que dançavam valsa juntos, aos risos no meio do salão, mesmo sem música.

— Você é um estúpido! — Kath bateu de leve em

PERIGOSAS ACHERON

seu ombro e Brandon apenas balançou a cabeça para ela.

Faço de suas palavras as minhas, Katherine!, meu inconsciente declarou irritado.

Seus cabelos estavam perfeitamente arrumados naquele topete claro e seus braços fortes dentro de uma jaqueta de couro. A atração percorreu todo o meu corpo de novo.

— Podemos começar? — Melanie caminhou até o aparelho de som que estava em cima de uma das mesas do salão bagunçado.

— Ora ora, quem apareceu. — Brandon cravou os olhos em mim.

Abri um sorriso seco, sem saber o que dizer.

— Vamos, todos com seus pares, para o fundo do salão, por favor. — Mel bateu palmas, apontando para depois das mesas, no enorme ambiente alto e elegante.

Dei as costas de cara, colocando minha mochila ao lado de uma mesa e no mesmo instante, um braço forte apertou minha cintura.

Olhei brava para os olhos que estavam maliciosos, olhando-me sem preocupação.

— Não te dei intimidade, me solta! — cotovelei sua barriga e Brandon riu.

— Quero que prestem atenção no que eu vou dizer. Vou falar as ordens das duplas e vão se colocando a partir daqui. — Katherine estava com um papel em mãos e bem onde começavam as mesas no salão.

Em instantes, começou a organizar todo aquele pessoal, dizendo que Melanie e Ansel eram os primeiros da fila e eu tive que ficar quase um século esperando até que pudesse ouvir o meu nome, que foi o último a ser dito, junto de Brandon, que parou atrás de Dexter e me deu o braço.

Olhei nervosa pra ele, querendo que tudo aquilo não fosse necessário, que não precisasse estar ali e ainda mais com ele.

Mas estava e, toda vez que o oxigênio entrava em meus pulmões e meu coração batia, eu me lembrava disso.

— Sabe dançar valsa? — sua voz invadiu meus ouvidos e eu o olhei, depois, olhei para frente, tendo os cabelos de Lauren quase a um palmo do meu rosto.

— Se eu não soubesse, não estaria aqui.

Brandon deu de ombros.

— Mais da metade desse pessoal não sabe. Aliás, não sabe dançar absolutamente nada. Ao contrário de você.

— De mim? — franzi a testa olhando-o.

— É. — ele deu de ombros. — Nunca dá para esquecer o jeito que você encanta as pessoas. “*Dancei More do épico Usher com Maria Clara Miller*” vai estar no meu currículo.

Bufei irritada ao lembrar-me do dia e logo comentei:

— Eu estava bêbada.

— Bêbada, não morta. Aliás, bem que poderia se repetir.

— Cala a boca! — provoquei, colocando meu braço no dele, entrelaçando-os do mesmo modo que todos estavam fazendo no momento.

— Bom, lá na frente, no dia, os casais vão ser chamados um a um. Vocês entram e enfim, um vai para um lado e o próximo para o lado oposto. Assim, sucessivamente, ok?

Assentimos.

— Façam isso agora. Mesmo sem todos os detalhes e sem ninguém chamar.

Os primeiros casais das filas assim o fizeram. Eu permaneci em silêncio, observando.

— Já dançou em uma festa dessas antes? — Brandon perguntou.

— Não. — respondi.

— Ansiosa para o grande dia?

— Não muito. Não é minha festa mesmo. — dei de ombros.

— Você não teve uma festa assim?

— Não foi uma das minhas prioridades.

— Hm... — murmurou ele e eu percebi que era nossa vez de ir até à pista de dança do salão, onde estavam todos juntos.

Lauren e Dexter estavam do lado esquerdo, então, Brandon e eu fomos para o lado direito, andando iguais, tranquilos. Assim que chegamos, Melanie foi até o aparelho de som.

— A música vai tocar, então vocês começam, tranquilos, sem pressa. E sejam elegantes! Câmeras

estarão espalhadas por todos os lados. — comentou Kath. — As garotas, coloquem uma de suas mãos na mão do garoto e a outra no ombro. O garoto por sua vez coloque sua mão na cintura da garota...

Assim, Brandon me virou de frente para ele, eu fiquei de costas para todos os outros e sua mão pousou-se gentil em meu quadril e eu esqueci toda a tensão de como era estar ao lado dele.

Levantando uma de suas mãos, ele pegou a minha e eu pousei meus dedos no ombro forte dele, que olhou o ato pelo canto do olho.

— Eu não mordo, Maria Clara, pode encostar-se a mim.

E com o fim da frase, Brandon colou nossos corpos, fazendo-me apertar seu ombro com a mão e sentir o braço dele encaixando-se perfeitamente em minha cintura.

Sorrindo, comentou baixinho:

— Bem melhor.

A música “*Can I Have This Dance*” de High School Musical 3 se iniciou. A voz de Vanessa Hudgens preencheu o ambiente e Brandon guiou-me para a valsa, em segundos pegamos o ritmo.

Senti vontade de sorrir. O olhar dele não se desgrudou do meu um segundo se quer. Aquela música era linda. Aquele olhar mel era lindo. Meu corpo estava mil vezes mais relaxado do que quando cheguei.

— E então?

Arqueei a sobrancelha para a sua pergunta.

— Suas prioridades, quais são? – lembrou-se ele.

— Por que tanto quer saber?

— Porque quero conhecer você.

Engoli a seco.

Antes que eu pudesse dar uma patada tosca para afastá-lo, pensei no que dizer, ainda dançando, até murmurar:

— Pretendo ir bem no ano letivo, estudar bastante. Minha família é uma prioridade e tanto, quero ficar perto dela. E quem sabe uma viagem para fora do país daqui a alguns meses, eu não sei...

— Nunca saiu do país?

Meneei a cabeça de um lado para o outro.

— Você já?

— Eu nasci em outro país.

Uau! Brandon não era estadunidense.

— Sua família é grande? — questionou ele.

— Não. Bom, moramos meus pais e eu em casa.

— E por ventura eles não estavam lá quando eu fui? — lembrou-se ele.

— Não. — balancei a cabeça. — Eles viajaram a trabalho.

Ele ficou em silêncio.

— Sem irmãos... — Brandon torceu a boca, parecendo pensar. — Deu pra perceber que você roubou a beleza da sua família toda pra você.

Não pisquei, processando as palavras dele. Meu corpo se moveu automaticamente, mas na hora errada, já que eu acabei pisando em seu pé. Ele riu de imediato.

— Perdão. — murmurei parando de dançar.

Antes que Brandon pudesse responder, a voz de Kath invadiu o ambiente. A música, que estava no finzinho, foi abaixada.

— Que bonitinhos. — ela comentou, olhando-nos. — Precisam de mais algum ensaio? Ou está tudo bom assim?

— Tudo ótimo! — Connor respondeu simples.

— Vamos ensaiar de novo. — a voz de Brandon fez com que eu olhasse de Connor para ele. — Minha parceira pisou no meu pé, ela precisa de mais algumas aulas.

Risadas foram dadas. Revirei os olhos.

— Ótimo. — Kath respondeu seca, colocando a música no início e antes de aumentar o volume, finalizou: — Ensaie mais uma vez para finalizarmos.

E assim, todos começaram a dançar e rodopiar pelo salão, sem se esbarrar. Brandon voltou a me apertar em seus braços.

— Como você consegue? — questionei.

— O quê?

— Ser tão... insuportável. — metralhei-o com os olhos.

Ele olhava pra nossos pés, logo levantou a cabeça, segurando corretamente minha mão antes de responder com um sorriso em seus lábios:

— Me responde você.

Revirei os olhos.

— Além de chata é mal educada? — sua sobrancelha se arqueou, seu rosto estava com uma expressão divertida.

— Cale a boca, Campbell! — soltei sua mão rapidamente para bater em seu braço, o que fez com que ele a pegasse com força e colocasse em sua nuca, deixando nossos rostos a apenas um centímetro de distância.

Tive dificuldades de respirar. Só consegui ouvir a voz de Zac Efron entrar em meus ouvidos cantando aquela melodia tão linda e envolvente.

Eu odeio o poder que a música exerce sobre nós.

Ainda dançando, Brandon fitava de um olho meu para outro.

— Pelo visto você que calou a boca, Miller.

E ele abriu um sorriso feliz, contagiante. Apenas balancei a cabeça, passando meus dedos pelo seu antebraço arqueado e em seguida em seu peito, pousando-a ali, afastando nossos rostos.

Passamos os minutos finais só dançando e olhando um para o outro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Olhei para o relógio do celular diversas vezes. Os dedos coçando ao rolar todos os contatos de minha agenda e sempre parando em um específico.

Era tarde. Mas aquela ligação precisava ser feita, era por conta do trabalho que iríamos fazer no dia seguinte. Nada estava realmente marcado e organizado.

Quando vi, já estava com o telefone no ouvido, ouvindo-o chamar uma, duas, três... Enfim, sua voz de sono me atendeu.

Sentei na cama de súbito.

— *Alô?*

— Com quem eu falo?

— *Com a dona do telefone.* — ela deu um bocejo em seguida e eu ri.

— Te acordei, Miller?

— *Espero que seja por um bom motivo.*

— Talvez seja. — brinquei.

— *Ande logo, estou com sono.*

Soltei uma risada.

— Você vai passar o sábado todo comigo, Miller, tem algo melhor que isso?

Achei que ela fosse me xingar ou algo assim, esperei segundos, até ouvi-la bufar baixinho, sem emoção. Até estranhei.

— Passo aí às 10h. Pense em algo que possamos fazer, daí resolvemos amanhã.

— *Você me ligou às 1h33 da manhã só pra isso?*

— Não. — antes que eu pudesse pensar no que dizer, as palavras voaram de minha boca. — Eu queria ouvir a sua voz. E está mais bonita do que o comum, aliás, você estava dormindo.

— *Isso é piada? Se sim, saiba que eu queria estar ao seu lado te dando um belo tapa para você aprender a não zombar dos outros.*

— Eu também gostaria muito de estar ao seu lado agora, Miller. — relaxei meu corpo na cama, tentando me lembrar nitidamente do seu rosto. — Nunca dormi tão bem quanto sábado passado.

— *Na... minha cama?* — perguntou baixinho, até surpresa.

— Sim . — quando vi, já estava com um sorriso

no rosto, sem saber o porquê. — Na sua cama.

— *Durma, Campbell. Suas cantadas a essa hora da noite não funcionam nadinha.*

— Será mesmo?

Ela não respondeu.

Bingo!

Abri um sorriso, antes de finalizar:

— Boa noite, Miller. Nos vemos às 10h.

Ela suspirou e eu pude imaginar ela sorrindo.

— *Boa noite, Campbell. Nós... nos vemos às 10h.*

Assim, desliguei, jogando o aparelho celular no meio dos edredons, respirando fundo e longamente. Até fechar os olhos.

Eu não sabia o que era aquilo que eu estava sentindo, que ficava rodando e rodando ao redor de Maria Clara. Mas era novo, diferente. Dava medo, mas com certeza uma curiosidade absurda.

Isso vai acabar?

*“Ilumine meu coração como
um palito de fósforo.”*

Ready Or Not

Brandon

Tomei café da manhã com minha mãe naquele sábado, antes dela resolver passar o dia fora em seguida. Avisei que iria fazer um trabalho escolar e me arrumei para ir buscar Maria Clara na casa dela.

O vento batia forte em meu rosto, o Sol estava alto no céu e eu voava nas ruas de Los Angeles, até estacionar o carro na porta da casa dela e descer.

Arrumando a jaqueta de moletom que eu vestia, agradei pelo dia estar ameno. Um dia bom para fazer trabalho. Ainda mais com ela.

Toquei à campainha, esperando-a aparecer. No relógio de pulso, visualizei 10h03. Em instantes, a porta se abriu e ela apareceu, vestia quase como na noite anterior: tênis, jeans e moletom. Seus cabelos estavam amarrados em um rabo de cavalo e ela tinha uma bolsa marrom de franjas pendurada no ombro.

— Demorei? — perguntei, vendo-a sair e fechar a porta.

— Demorou. — brincou ela, me olhando a

centímetros do meu rosto e em seguida, caminhou em direção ao meu carro.

Fui atrás, abrindo a porta do passageiro antes dela, para que entrasse. Olhando—me com carinho oculto no fundo dos olhos negros, ela entrou, fechando a porta.

Passei em frente ao carro, abrindo a porta do motorista e entrando em seguida. Assim, quando a porta se fechou, olhei-a.

— Pensou no que podemos fazer?

— Pensei... Não sei se você vai querer, mas eu achei sensacional.

Fiquei em silêncio, esperando que ela continuasse.

— Podemos tirar uma fotografia de algum lugar público e bonito, em seguida, compramos uma tela média, tintas e passamos a fotografia pra lá. Bom, pensei na praia...

— Sensacional. — comentei e ela riu.

— Eu trouxe a minha câmera. — ela deu um tapinha de leve na bolsa de franjas que estava em seu colo.

— Tudo bem, vamos à praia! — liguei o carro,
PERIGOSAS ACHERON

mas antes de dar a partida, olhei-a de lado.

Maria Clara franziu a testa com as bochechas vermelhas e desviou o seu olhar do meu.

Sua boca vermelhinha por conta do frio, estava fechada e chamando minha atenção. Passei meus dedos no lóbulo da sua orelha e ela virou o rosto de novo.

Aproximei meu corpo do dela e deposei um beijo em seus lábios macios, um beijo rápido e sem línguas, só para saciar minha vontade. Ela não recuou, apenas fechou os olhos e quando me afastei, os abriu e piscou pra mim.

Ainda com minhas mãos em seu rosto, disse:

— Agora sim! Bom dia, Miller.

— Bom dia, Campbell.

O caminho para a praia foi tranquilo, rápido até, menos de dez minutos. Não conversamos mais e eu não me importei com isso. Era bonito vê-la mergulhada em seus próprios pensamentos olhando para a janela. Assim que parei o carro no acostamento, saímos e eu ativei o alarme do automóvel.

Caminhando lado a lado, fomos até à areia, vendo

PERIGOSAS ACHERON

a praia quase vazia. As pessoas que lá estavam, faziam exercícios, caminhadas, tomavam suco...

— O que acha daqui? — ela apontou para o mar, contrastando com ele estava o céu quase cinzento cobrindo boa parte do Sol, a areia ralinha embaixo de nossos pés.

— Eu acho ótimo. — as palavras saíam calmas de minha boca.

As praias são realmente lindas e agradáveis.

Minha atenção foi puxada por Maria Clara que agora tinha uma câmera semi—profissional em mãos. Ela ligava e ajustava a lente. O objeto em suas mãos parecia mais um filho ou uma pedra preciosa, o olhava com tanto cuidado.

Em segundos, ela tirou a primeira foto. Deu um passo para trás e tirou outra. Assim, virou o visor da câmera em minha direção.

— Assim? — questionou, olhando-me.

Fitei o visor com cuidado, observando cada detalhe. Sim, a foto estava ótima, pegando todos os detalhes da paisagem e a pouca luz do Sol, fez a fotografia ficar muito bem iluminada.

— Ótimo. — sorri pra ela, que sorriu orgulhosa

PERIGOSAS ACHERON

do que fez. — Agora precisamos ir ao... mercado?

— Talvez lá a gente encontre os materiais. — avisou ela enquanto guardava a câmera na bolsa mais uma vez, sua franja caiu sobre seus olhos enquanto ela mantinha a cabeça abaixada.

Observei-a devagar, guardando em mente os detalhes de seu rosto, de seus cabelos, de seus braços cobertos pelo moletom, suas calças justas realçando suas curvas... Maria Clara era interessante, isso eu não tinha dúvida.

— Brandon? — sua voz me tirou do mundo da lua. — Podemos ir?

Assenti, pegando em sua mão e levando-a para o carro. Sua mão estavagelada e seus olhos me olharam de um jeito diferente por conta do meu ato. Não de um jeito diferente-ruim, e sim de um diferente-bom, ela havia ficado surpresa, mas não disse nada.

No carro, a caminho do supermercado mais próximo, questionei:

— Seus pais já voltaram de viagem?

— Não, eles estão em Washington, voltam em alguns dias. — ela respondeu sem olhar pra mim.

— E eles trabalham no quê?

— São empresários. Têm uma rede de automóveis. — ela fez uma pequena pausa. — E os seus?

— Minha mãe é professora de informática. — comentei, olhando a estrada. — E meu pai, bom, já foi lutador profissional e tem diploma de direito.

Ela sorriu.

— Sua família é muito inteligente. Ao contrário de você.

Sua voz soou divertida e ela riu, junto comigo.

— Pretendo cursar jornalismo. — informei.

— Sério? — ela se interessou. — Acho muito interessante.

— Quem? — olhei-a, já que o farol estava fechado. — Eu ou a faculdade? Suas bochechas ficavam vermelhas e ela apenas balançou a cabeça, virando o rosto para a janela. Com dois dedos meus, puxei-o de novo pelo queixo, fazendo-a me olhar.

— Você ainda não me respondeu. — fitei seus olhos.

— A faculdade, Brandon, a faculdade! — sua voz saiu áspera e debochada, foi quando vi o farol verde e continuei o percurso. — A propósito, pretendo fazer fotografia. — ela comentou sorrindo.

— Pelo visto você gosta mesmo desse negócio.

— Eu amo! — o doce de sua voz invadiu meus ouvidos, fazendo-me perceber que ela tinha certo apego com aquilo.

— E o que mais você ama?

Ela não respondeu de imediato e então olhei-a pelo canto do olho. Seu rosto estava corado e seus olhos um pouco arregalados, misteriosos, as sobrancelhas arqueadas.

Enfim ela piscou diversas vezes e respondeu:

— Livros. Eu gosto bastante de livros.

Estacionei o carro no estacionamento do mercado, destravei as portas e Maria Clara saiu sem dizer mais nada. Saí também, ligando o alarme e indo atrás dela, entrelaçando nossos dedos.

Maria Clara

Eu sentia meu corpo todo tomar um choque de 220 volts toda vez que ele tocava em mim. Seja selando nossos lábios de um jeito imprevisível ou entrelaçando seus dedos nos meus.

Sim, ele estava com seus dedos entrelaçados aos meus!

Nem para pegar o carrinho de compras ele me soltou. Caminhamos em direção à papelaria do mercado.

— É romance que você gosta? — olhei para ele, que me perguntava.

Logo lembrei-me de que ele estava falando do meu gosto para livros.

— Sim. Nicholas Sparks, principalmente.

— E o seu romance, já teve? Engoli a seco, ficando sem graça.

— Não, eu... eu nunca namorei.

Virei de costas para ele, pegando alguns pequenos potes de tinta, mas o suficiente para pintarmos o quadro. Azul, cinza, amarelo.

— Nunca?

— Não.

— Eu não fui o único garoto a te beijar, não é?

— É claro que não. — soltei uma risada, relaxando. — Também não é pra tanto.

— Eu adoro.

— O quê? — olhei-o confusa.

— Quando você ri assim.

— Assim como? — ri sem querer, com vergonha.

— Assim! — ele repetiu, chegando mais próximo a mim.

Seus olhos mel pescaram os meus e eu engoli a seco, sem conseguir parar de olhar. Os clientes passavam ao nosso lado, coisa que não me importei nem um pouco. Eu estava feliz de estar ali ao lado de Brandon, tendo-o pra mim.

— Já disse o quanto seus olhos são bonitos?

— Meus olhos?

— Sim. Eles têm mistério, eu fico tão curioso pra saber o que você pensa.

Droga!

Por que ele tem que ser assim?

Engoli a seco, afastando-me dele e passeando no corredor das tintas.

— Podemos levar essas, o que acha? — coloquei as tintas no carrinho, juntando a tinta beje que estava à minha frente.

Brandon pegou a preta e colocou dentro do carrinho ao lado das outras.

— Pincéis. — murmurei caminhando até onde eles estavam.

Brandon empurrou o carrinho, acompanhando-me. Aos poucos, a tensão e o clima foi se afastando com o vento. Eu odiava o jeito que ele tinha comigo. Tão sincero, intenso e carinhoso.

Ele tinha que parar com isso!

— Você tem irmãos?

— Meios-irmãos. — informou ele, escolhendo comigo alguns modelos de pincéis.

— Seus pais são... separados?

— São. — ele respondeu rápido, sem olhar pra mim.

— Ah, perdão...

— Tudo bem. — ele cortou-me. — Faz muito

tempo.

Assim, nossos olhares se cruzaram e juntos, sorrimos sem mostrar os dentes um para o outro.

— Então... — comecei a puxar assunto de novo, para acabar com o silêncio insuportável entre nós.
— Me fala deles.

— Meus irmãos? — perguntou-me, enfim, me olhando de novo. Assenti meneando a cabeça para baixo e para cima. — São menores que eu, um casal de gêmeos de cinco anos de idade. Moram com o meu pai e sua mulher.

— Aqui em Los Angeles?

— Sim, aqui em Los Angeles. Ele veio pra cá na mesma época em que eu vim com a minha mãe.

— De onde mesmo? — perguntei curiosa.

Ele me olhou com um sorriso no rosto e os olhos semicerrados antes de responder:

— Canadá.

Brandon era canadense.

Eu estava apaixonada por um canadense.

— Deve ser muito bom morar lá. Por que decidiu vir para Los Angeles? — Minha mãe foi transferida

da empresa onde trabalha, ela vindo para os Estados Unidos iria ganhar bem mais, então aqui estou.

Sorri por dentro.

— E você, me conta mais de você. — pediu ele enquanto colocava uns cinco pincéis de pintura de tela no carrinho.

Caminhamos mais um pouco.

— Não tenho nada o que contar. Nasci em Los Angeles, fui criada aqui... Filha única como já sabe, pais bons de dinheiro... Gosto de fotografia, livros e só.

— E só? — ele soltou uma risada quando paramos ao lado das telas. Um atendente estava lá: — Você tem muito a seu respeito para revelar, Maria Clara, só não sabe. — ele dizia com convicção. — Mas não me diga, eu tenho todo o tempo do mundo para descobrir cada detalhe.

Uma corrente de felicidade vibrou dentro de mim.

Não soube o que dizer, então apenas observei ele conversar com o atendente, pedindo a melhor tela, de um tamanho não tão grande e assim, colocando-

a dentro do carrinho, agradeceu e saímos.

Quando passarmos ao lado de uns livros, Brandon parou e pegou um box na mão.

— Hm... “*Cinquenta Tons de Cinza*”. — ele leu o título da trilogia. — Já leu?

— Ainda não. Bom, resenhas na internet sim, mas os livros não. — Por quê? Não gosta de sadomasoquismo? Para, Maria Clara, de inocente você só tem o rosto.

Gargalhei com seu comentário e seu rosto engraçado.

— Faltou oportunidade de ler, Brandon Campbell, só isso!

— Agora não faltará. — ele colocou o box dentro do carrinho.

— O que está fazendo? — franzi a testa.

— Te dando livros de presente. — um sorriso gentil apareceu em seu rosto.

— Você não precisa me dar presentes, Campbell, que ideia! — comentei enquanto íamos ao caixa.

— Mas eu quero, não posso? — paramos na fila, onde tinham duas pessoas em nossa frente.

— Pode. Mas pelo menos fique ciente de que você não me compra com livros.

— Será mesmo? — perguntou sapeca ao segurar meu queixo e selar nossos lábios mais uma vez, sem língua, sem mãos, só o contato dos seus lábios macios nos meus.

Meu coração se derreteu inteiro. *Cretino!*

Era por volta das 11h20 quando chegamos à casa de Brandon. Apenas a governanta estava lá. Fomos direto para o jardim do outro lado da casa, nos fundos.

Mesmo sem reparar muito por dentro da casa onde passei rapidamente, deu para perceber que a mãe de Brandon era muito delicada. Vasos de flores coloridas e quadros bem feitos estavam espalhados pela sala de estar e pelo hall. O lado de fora, onde eu estava naquele instante, percebi que era quase três vezes maior do que o jardim da minha casa.

Continha a parte coberta assim que pisamos o pé fora, com churrasqueira e algumas mesas, logo em frente uma piscina, depois dois cubículos de vidro

PERIGOSAS ACHERON

fumê, um em cada canto, como se fossem outros dois cômodos e em volta de tudo aquilo, no muro da casa, plantas bem cuidadas.

— O que são?

— Esse é da piscina coberta. — Brandon apontou para o lado direito, o cômodo de vidro fumê. — E esse uma pequena academia. — ele apontou em seguida para o outro do lado esquerdo, quase igual.

Apenas assenti, vendo-o colocar a tela em cima de uma mesa lisa. Depois tirou as tintas e pincéis da sacola, colocando-as em cima de outra mesa. Por fim, olhou-me.

— Eu estava pensando em fazermos o contorno de lápis, bom, um contorno o mais fiel possível da fotografia e depois pintarmos. — comentava ele com uma voz explicativa, inteligente. — Era isso o que você também pensou? — olhou-me ele.

— Uhun. — murmurei baixinho. — Isso mesmo.

— Tudo bem. Você sabe desenhar?

— Não. — soltei um riso. — Achei que você soubesse.

Ele riu.

— Eu tento. — avisou ele, depois deu alguns

PERIGOSAS ACHERON

passos em direção à porta para entrar na casa: — Vou buscar uns lápis lá no quarto... Acha melhor imprimir a foto?

— Melhor. — tirei a minha bolsa do ombro, colocando-a em cima da mesa e tirando a câmera de dentro, logo tirando o cartão de memória e entregando a Brandon.

— Se importa se esperar aqui uns instantes? Eu volto logo. — ele avisou. — A menos que você queira subir comigo... — seu tom de voz transbordava malícia.

Soltei um riso que soou sapeca.

— Melhor esperar aqui. — mordi o lábio automaticamente.

Ele apenas caminhou em minha direção, colocando suas mãos em meu rosto e me beijou rapidamente.

Senti vontade de soltar pulinhos de felicidade.

Mais tarde, assim que ele finalizou o esboço da fotografia, eu abri um sorriso largo. Eu estava ao seu lado observando a tela ainda branca, mas com a

fotografia ampliada ali.

— Ficou lindo. — comentei gentil.

Eu estava realmente sendo sincera.

— Ótimo. Agora você pinta. — ele pousou o lápis que usou em cima da mesa.

— Não vou pintar tudo isso sozinha! — protestei rapidamente e ele riu.

— Tudo bem, tudo bem, preguiçosa. — brincou. — Mão na massa.

Ele ergueu um pouco as mangas do moletom e começou a abrir os potes das tintas. Eu o ajudei. Assim, ele pegou um pincel e começou a molhá—lô na tinta amarela, em seguida, começou a passar no pequeno círculo entre as nuvens onde seria o Sol.

Eu molhei meu pincel na tinta bege e comecei a pintar a areia, foi quando ouvi a sua voz ao meu lado.

— É melhor puxar um pouco seu moletom ou tirá-lo. Ele é branco e pode sujar inteiro.

Coloquei a mão em cima da manga, pronta para puxar, quando senti minha pele arder e uma luz brilhou em minha mente me fazendo lembrar...

— Não, não tem problema se sujar... é... eu compro outro depois.

E continuei a pintar o quadro com cuidado, assim como ele.

Ficamos em silêncio quase a tarde toda, já se passavam das 15h, o quadro já estava pintado e colorido. Brandon agora pintava o céu cinzento e eu a água do mar, bem azul e brilhante.

— Feliz por estudar em Thompson High? — puxei assunto, querendo ouvir a sua voz.

— Muito. — ele disse. — É um ótimo colégio.

— Sim, é. Sempre estudei lá.

— Eu percebi sua popularidade. — ele disse debochado e logo riu.

Ficamos em silêncio, eu continuei pintando com cuidado a tela, até ouvir sua voz de novo:

— Linda do jeito que você é não tem como ser menos do que popular.

Minhas bochechas ficaram quentes e eu suei frio com suas palavras, diminuindo até o ritmo do pincel, mas não olhei pra ele.

— E gosto de quando fica assim.

— Assim, como?

— Com vergonha. — olhei-o por fim, ele estava com uma expressão linda no rosto, seus cabelos dando um contraste lindo com seus olhos.

Arqueei as sobrancelhas, olhando-o intrigada.

— Não me olha assim. — ele deu um passo em minha direção.

— Assim, como? — repeti a mesma pergunta, firmando mais meu olhar.

— Idiota! — murmurou irritado antes de me beijar com força.

Seus lábios estavam gelados, sua língua invadiu minha boca desesperadamente e eu correspondi, rindo entre o beijo, com medo de que ele percebesse. Mas foi então que percebi que ele também sorria.

Coloquei minha mão livre em sua nuca, segurando-a levemente, os olhos fechados, guardando na mente cada segundo de seu beijo, o gosto, o jeito, tudo.

Percebi que nossos corpos estavam colados, nossos moletons roçando-se, a temperatura do meu corpo subindo, foi quando senti falta de ar e me

PERIGOSAS ACHERON

afastei, abrindo os olhos e fitando os dele.

Sua boca estava entreaberta, o seu peito subindo e descendo devagar.

— Belos lábios. — murmurou aos soltar meu queixo, passando os dedos pelo meu pescoço e eu abaixei a cabeça, mordendo o lábio. — Aprende a receber elogios, Miller, pelo amor de Deus! — seu tom de voz era doce e divertido, o que me fez rir.

Desci minha mão para seu peito e depois descansei o braço ao lado do corpo, até ele depositar um beijo em minha testa e voltarmos ao trabalho.

— Então, no dia em que for para entregar, eu levo, é isso? — perguntou ele.

— Certo. — confirmei.

Estávamos na porta da minha casa, dentro do seu carro, já havia anoitecido.

— Obrigada pela ideia, eu não tinha nenhuma pra esse trabalho, sério.

— Você fez um desenho lindo, pagou tudo que usamos... Fez a maior parte, eu é que agradeço.

— Não. — advertiu ele. — Fizemos juntos.

— Fizemos juntos. — suspirei.

Até que o silêncio reinou dentro do carro.

— Então, tchau. Nos vemos segunda.

Ele franziu a testa e me olhou com os olhos pequeninos e pidões, a cabeça arqueada, como se eu estivesse me esquecendo de algo para dizer. Ou fazer.

Droga!

Parecia um cachorrinho abandonado!

Ele veio devagar com sua mão enorme e gelada, segurando meu cabelo e seu olhar fisgava meus olhos, depois minha boca, até colar a dele com a minha de novo.

Fechei os olhos, correspondendo. Minhas mãos foram parar em seus braços. Seu tronco estava quase todo em cima de mim, imprensando—me no banco de couro.

Sua mão me apertou com força na cintura, entrando por baixo da minha blusa. Pensei em Paige, em Katherine. Pensei nos cortes.

Parei o beijo na hora, fazendo-o me olhar

confuso.

— Isso vai acabar aqui?

Ele processou as palavras, ainda segurando meu rosto, respirando a centímetros de minha boca.

— A menos que você queira que acabe. — Suas palavras foram firmes, mas aveludadas. — Por mim não acabava nunca.

E ele me atacou de novo, me deixando de pernas bambas, seu beijo queimou todas as minhas células.

Sua mão passeava devagar por minha barriga, me causando arrepios. Eu precisa parar. Parar ali, antes que algo pior ou mais intenso acontecesse naquele carro.

— Preciso entrar. — afastei nossas bocas, o que o fez suspirar. Respirei fundo, pegando uma sacola pequena vermelha com o meu box de livros novos em mãos. — Obrigada pelos livros. Vou lê-los assim que possível.

Ele sorriu, a boca inchada pelo beijo.

— Espero que goste... — comentou ele. — Nos vemos segunda.

Sorri, assentindo. Com a sacola na mão e a minha bolsa no ombro, voei em cima dele, dando selinhos

PERIGOSAS ACHERON

rápidos e estalados em seus lábios, até me afastar e sorrindo, repeti:

— Nos vemos segunda.

Saí do carro, com o peito cheio, uma vontade enorme de gritar que estava apaixonada.

Onde há ciúmes, há amor

“Se não quiser parecer um idiota, não merece se apaixonar.”

De Repente é Amor

Brandon

Segunda-feira. Mais uma semana, mais um dia no colégio.

Katherine me abordou assim que saí do carro e foi comigo até minha sala, abraçada como se eu fosse seu irmão mais velho. E eu acho que ela me via exatamente assim, depois que paramos o que tínhamos de mais íntimo.

Sua empolgação era óbvia, ela faria seus desejados 16 anos no sábado.

Fitei Maria Clara sentada em sua carteira. Fiz questão de sentar ao seu lado e assim que deixei minha bolsa ali, abaixei-me para depositar um selinho em seus lábios.

Ela não moveu um músculo.

— Tudo bem com você? — franzi a testa.

Ela estava passando os olhos no livro que eu havia lhe dado no sábado.

— Maria Clara eu falei com você! — exclamei, já que ela não respondeu.

Por fim, ela me olhou com a cara fechada.

— Tudo bem? — perguntei mais carinhoso, ela sorriu sem mostrar os dentes.

— Tudo ótimo. — sua voz estava seca.

— Deixem para namorar depois. Vamos à aula! — o professor de História surgiu, colocando seus materiais na mesa enquanto todos se sentavam.

Sentei em meu lugar, vendo Maria Clara continuar a ler, sem se importar com a aula e muito menos comigo.

O intervalo se iniciou e eu dispensei qualquer convite para almoçar ou conversar. Então, saí da sala às pressas e esperei por Maria Clara, que foi a última a sair. Assim que a vi, abracei seu corpo por trás.

— Caralho, Brandon, que susto! — reclamou ela, olhando-me por cima do ombro.

Soltei seu corpo devagar.

— Por que está tão assustada?

— Nada demais. — ela relaxou os ombros, começou a andar até o gramado do lado de fora e eu acompanhei-a.

Entrelacei nossos dedos com carinho. Ela estava esquisita desde cedo.

Andando até uma árvore, ela parou de súbito e se virou de frente pra mim. Sem se importar com as pessoas que estivessem nos observando, ela suspirou:

— Olha, me desculpa pelo que aconteceu de manhã, eu só achei... Ah, não achei nada, só não estou em um dia bom.

— Tem certeza?

Ela apenas meneou a cabeça para baixo e pra cima, sorrindo sem mostrar os dentes. Foi quando depusitei um selinho em seus lábios.

Sentados embaixo da árvore, perguntei enquanto ela comia uma barra decereal:

— Como foi o seu domingo?

Maria Clara mastigou e engoliu antes de responder:

— Adiantei umas atividades de algumas matérias e comecei a ler os livros que você me deu.

— Hmmm, então eu tenho sorte.

— Por quê? — sua testa estava franzida quando

ela me olhou.

— Por ter uma garota tão inteligente e estudiosa.

Ela soltou uma risada e suas bochechas ficaram vermelhas. Envolvi meu braço em seus ombros, fazendo-a me olhar.

— Você me tem? — perguntou ela debochada.

— Me responde você.

— Eu? — ela riu.

— Eu te tenho, Maria Clara?

— Não sei, se eu te tiver também... — os olhos dela brilharam esperançosos, foi quando senti um desconforto no estômago.

Sem dizer nada, selei nossos lábios, dando-lhe um beijo de verdade. E pela primeira vez vi que aquele era o primeiro que dávamos assim, em público, com tanta gente olhando e se remoendo por Brandon Campbell estar ficando com Maria Clara Miller.

Maria Clara

Senti a casa vazia demais quando cheguei, já fazia tantos dias que meus pais estavam viajando... Já estava me batendo uma saudade tremenda.

Com o lábio entre os dentes, o livro no colo e o celular na mão, resolvi discar o número de Brandon, querendo que ele viesse a minha casa, me ver.

Era terça-feira, continuávamos os mesmos. Só muda o fato do quanto estávamos sendo falados no colégio. Mas, não é pra menos! A gente passava os intervalos juntos, de mãos dadas e tudo o mais.

Comecei a ligar pra ele, eram quase 22h da noite, cruzei os dedos, rezando para que atendesse. Tocou uma, duas, três vezes e nada. Resolvi ligar de novo, mas, sem sucesso!

— Droga! — murmurei baixinho, jogando o celular na cama.

Soltei um suspiro, frustrada. Mas não deu dois segundos, eu peguei o aparelho de novo e mandei uma mensagem:

“queria que você estivesse aqui.”

Esperei angustiada por uma resposta, sei lá quanto tempo com o celular na mão, mas... nada de novo!

Resolvi voltar a ler o livro de onde parei. Estava quase no fim, mesmo o livro sendo enorme, quase quinhentas páginas.

Anastasia Steele estava no planador de Christian Grey, sendo a mulher mais feliz do mundo ao lado do homem mais encantador e rico. Quem não ficaria?

Mergulhei de cabeça na leitura.

Stop, where am I? Shock, I can't cry. Pop, I need some space....

(Espere, onde estou? Choque, não posso chorar. Estouro, preciso de algum espaço...)

O meu celular começou a tocar, a voz de Jessie J invadiu o quarto, foi quando peguei o aparelho na mão, atendendo a ligação de Melanie.

— Oi, amiga.

— *Clara, qual cor você prefere, preto ou roxo?*

— Pra quê?

— *Esmalte. Preciso pintar as unhas pra festa.*

— Jura que você me ligou pra isso?

— *Não, não só pra isso. Mas me responde, anda!*

— Acho que preto, ué. Roxo já vai estar no vestido.

— *Sabia!* — ela confirmou feliz. — Ótimo. Preciso pintar minhas e as suas unhas o quanto antes.

Bufei, depois soltei um riso.

— *Ah, Sue e Connor fizeram a matrícula, amanhã mesmo voltam a estudar!* — comentou ela.

— Até que enfim, pelo menos deixam de ser vagabundos.

— *Por falar em vagabundos...* — ela não parava de falar um minuto. — *Adivinha o que eu fiz hoje.*

— O que você fez hoje? — pensei um pouco e disse sem convicção: — Sexo?

— *Isso!* — confirmou alegre. Arregalei um pouco os olhos.

— Você está falando sério? — sentei reta na cama, tirando o livro de cima das pernas.

— *Sim, estou.* — ela confirmou de novo, quase

histórica. — *Ele ainda está aqui, não faz nem uma hora que rolou.*

— E como foi? — perguntei curiosa.

— *Foi lindo, nossa, ele é lindo!* — ela murmurava baixinho. Ri como uma boba, feliz por ela.

— E agora? Como ele está com você?

— *O mesmo, eu acho. Tá mais carinhoso, mas tá o mesmo. Ele prometeu me ligar amanhã de manhã pelo menos.* — brincou ela.

Ri de novo.

— Quero todos os detalhes o quanto antes! — confirmei.

Ela riu, murmurando um “*ok!*”, o que me fez suspirar.

Melanie não era mais virgem. Um ponto pra ela! Sorri por dentro, feliz por saber que foi com o garoto que ela gosta.

Suspirei de novo, antes de a ouvir berrar do outro lado da linha:

— *Caralho, vocês falam, hein!* — reclamava ela.
— *Eu estou no celular!*

— Quem está aí? — franzi a testa ao perguntar.

— *Ansel, Kath e Brad jogando vídeo game, acredita?!*

Engoli a seco.

Brandon estava com Kath.

— *Clara?* — ouvi sua voz me chamar, eu não sabia o que responder.

— O-oi, Mel, estou aqui. — afirmei.

— *Então, não conta pra ninguém, por favor. Nem pra Susan, quero contar pessoalmente pra ela...*

— Fica tranquila, eu não vou falar nada. — fiz uma pausa, mas não me aguentei, eu precisava perguntar: — Quanto tempo o Brad está aí?

— *Faz bastante.* — respondeu ela. — *Quando fui com Ansel para a sala ele já estava aqui.*

Mordi o lábio.

Ele preferiu ir ver Katherine. Ótimo, maravilha.

— Ah, ok, eu... eu preciso desligar.

— *Está com ciúmes?* — ela perguntou assim, do nada. Bufeí, debochada.

— É claro que não, por que estaria?

— *Porque vocês voltaram e ele está aqui, com*

Katherine e não te avisou nada.

— Ele não precisa me avisar nada, a gente nem tem nada sério.

— *Por enquanto...*

— Para, Melanie! Preciso desligar, ok? Estou morta de cansaço, a gente pode se falar de manhã?

— *Pode sim. E fica tranquila!* — ela me reconfortou. — *Eu não vi nada entre os dois, ele não faria isso com você, seria uma mancada e tanto!*

Não seria a primeira vez que ele me troca por sua irmã, Mel... tive uma vontade enorme de dizer, mas engoli as palavras.

— Ok... boa noite! — desejei. — E parabéns por hoje, estou feliz por você e por Ansel.

Ela riu, tão feliz, tão inocente.

— *Obrigada, amiga!*

E finalizamos a ligação, restando apenas um coração angustiado e mais cortes em meus pulsos salvadores de um coração apaixonado e confuso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Saltei do carro logo cedo para a aula, bem aquecido do frio que fazia em Los Angeles. Meu moletom cinza estava quente e combinando com meus tênis vermelhos.

Avistei ao longe meus amigos todos reunidos na porta e eu fui até eles. Maria Clara estava de costas, então eu abracei-a, enroscando nossos corpos. Todos sorriram quando eu me aproximei.

— Oi. — sussurrei em seu ouvido gelado, depois depositei um beijo ali.

Ela se encolheu arrepiada, passando suas mãos com dedos delicados em cima dos meus braços e sorriu surpresa.

— Oi, Brad. — ela murmurou, envergonhada. Todos olhavam para nós.

— Desculpa não retornar ontem, eu estava morto de cansaço, desculpa mesmo. — avisei, sentindo o corpo dela relaxar em meus braços.

Depositei mais um beijo em sua orelha, fazendo-a apenas assentir e sorrir sem mostrar os dentes.

— Então é sério? — Sue sorriu.

— O quê? — minha garota questionou.

— Vocês dois.

Molhei os lábios com a língua, sem dizer nada.

— Eu... eu não sei. — respondeu ela, sem jeito.

Connor soltou uma risada.

— Achei alguém mais pegador do que o Collins. Parabéns, Campbell, parabéns! — Connor falou.

Soltei uma risada rápida, foi quando olhei Maria Clara pelo canto do olho revirar os olhos.

Melanie e Ansel apenas riram sem falar nada. O sinal tocou e todos os alunos começaram a entrar.

— Bem-vindos de volta. — falei para Connor e Susan, que sorriam com suas mochilas nos ombros.

Observei os dois por uns instantes. Faz poucos dias que eles apareceram e percebi o quão diferentes, mas ao mesmo tão parecidos com Mel e Ansel eles eram. Nos demos bem de cara, era louco, eu sei, mas quem liga? Eu só agradeci por isso. Eles sim eu chamaria de amigos no futuro.

Mais do que o normal, nossa terceira semana de
PERIGOSAS ACHERON

aula terminou num pulo. Era fim de tarde, sexta-feira. Maria Clara e eu entregamos nossa “obra de arte” ao professor, por fim todos foram pegar as roupas para usar na festa de Katherine no dia seguinte e os preparativos iniciaram-se.

Ouvi o suspiro de Maria Clara ao meu lado e eu virei para olhá-la. O Sol mal apareceu naquele dia, o frio permanecia conosco. Os cabelos dela estavam lisos e jogados por cima de seus ombros, escuros e brilhantes.

Seu moletom era rosa bebê, no seu tamanho certo com detalhes em branco, sua mochila estava em cima de seu colo.

— Tá tudo bem? — perguntei enquanto ela esfregava os pulsos por cima da blusa.

— Tudo.

— Mesmo? — arqueei a sobrancelha.

Foi quando ela me olhou com os olhos curiosos e intrigados.

— O que você foi fazer com Katherine na terça?

— Na terça? — franzi a testa. — Nada demais, por quê?

Ela deixou os lábios em linha reta, ainda me

PERIGOSAS ACHERON

olhando.

— Katherine me chamou pra conversar, ver um filme, nada demais mesmo. — afirmei, até que ela relaxou os ombros.

— Tá, tudo bem, eu não devia... — e virou o rosto.

Logo o puxei de volta em minha direção pelo queixo, fazendo-a me olhar.

— É claro que devia. A gente tá ficando sério e você deve sim me perguntar ou me contar algo que te incomoda, não tem problema. Só não quero que se sinta insegura, isso fica chato pra mim.

— Desculpa.

— Não precisa pedir desculpas. — toquei seu rosto com os dedos, puxando-o pra mim.

Fitei seus olhos escuros e brilhantes, mais tranquilos e alegres, fazia dias em que eu não via seus olhos assim, tão interessantes e intrigantes. Não aguentei e beijei-a, estalando nossos lábios, deixando apenas os barulhos do beijo preencherem o carro.

O gosto bom da boca dela se fixou em minha memória nos minutos que se seguiram e foi apenas

PERIGOSAS ACHERON

por falta de ar que nos afastamos, ela segurava meus cabelos atrás da nuca com carinho.

— Preciso entrar.

— Me deixa entrar com você... — pedi manhoso.

Sua risada inocente invadiu meus ouvidos.

— Hoje não... Quando era pra você entrar, você estava com Kath, então hoje você não entra.

Fiz careta, em seguida entortei o lábio inferior como se estivesse triste, então ela mordeu-o lentamente e com força e, quase que instantaneamente soltei um gemido do fundo da garganta.

— Quando a gente se vê de novo?

— Amanhã, no salão.

Sorri.

— Fique linda pra mim. — murmurei entre beijos, ela assentiu.

Em seguida tirou sua mão de minha nuca e abriu a porta. Assim que a fechou, abaixou-se para me olhar pela última vez.

— Obrigada pela carona.

— Não há de quê, Srta. Miller. — murmurei

apertando o volante, com os lábios doloridos.

Só saí do lugar quando ela já havia entrado em casa. Soltei um suspiro longo, esfregando meus cabelos e olhos com as mãos rapidamente assim que parei no primeiro farol.

16 anos de Katherine

*“Quando sua sombra cruza a
minha é o que basta para
que eu ganhe vida.”*

Rihanna

Maria Clara

Meus olhos estavam fitando uma garota no espelho que eu não conhecia. O brilho que tinha em meus olhos era mais bonito, sem dúvida, mais bonito do que minha maquiagem escura e forte, até mesmo do vestido e do salto que eu usava.

Duas batidas na porta chamaram minha atenção, fazendo-me virar as costas para ver minha mãe entrando no quarto.

— Meu Deus! — exclamou ela. — Como está linda, meu anjo!

Abri um sorriso sincero, abraçando-a.

— Obrigada, mãe. — agradecei.

Ela estava de cabelos cortados nos ombros, blusa social e calça jeans, havia chegado de Washington pela manhã junto de Logan. Era a primeira vez que estava vendo o vestido, havia ficado feliz por eu ter aceitado o convite de Kath quando lhe contei pelo telefone um dia desses.

— Tem certeza de que não vai à festa?

— Não, meu anjo. — respondeu-me. — Estou tão

cansada, vou ficar em casa com seu pai, mas mande um beijo pros pais dela, eles vão entender.

— Tudo bem. — suspirei, depois sorri. — Me ajuda? — pedi, entregando-lhe um colar, ela o pegou e colocou em meu pescoço, depois me olhou através do espelho.

— Está linda! — exclamou mais uma vez. — E é melhor descer, Ansel já está chegando.

— Certo. — comentei, depois ajeitei as luvas que eu usava, que cobria por completo meus dedos, minha mão e meu pulso, ela ia até o meio do antebraço e naquele instante era meu acessório favorito na roupa que eu usava, já que cobria os cortes.

Desci as escadas, encontrando Ansel conversando com meu pai. Ele usava smoking, sua gravata era roxa da mesma cor que nosso vestido, seus cabelos estavam bem arrumados, cheios de gel, seu perfume preenchia toda a minha sala de estar. Assim que eu olhei-o, ri.

— Nossa, como você está... parecendo gente grande.

Ele riu, assentindo. Aproximei-me e deposei um

PERIGOSAS ACHERON

beijo em sua bochecha, ele apertou com carinho meu braço.

— Estou parecendo o tio Logan quando tinha 17 anos.

Meu pai riu, minha mãe e eu rimos também. Sim, ele parecia mesmo!

— Eu era bem mais bonito que você. — meu pai resmungou brincalhão, depois se levantou e me deu um abraço forte, em seguida, sorriu. — Boa festa pra vocês, tenham juízo!

— Pode deixar! — Ansel respondeu.

Abracei minha mãe mais uma vez, aliviada por ela e meu pai já estarem em casa. Senti uma alegria em saber que quando eu voltasse da festa, eles estariam me esperando.

Brandon

A Lua do lado de fora já havia caído, o frio voltou devagar, mansinho, pra deixar aquela noite mais gostosa de viver. Já se passavam das 20h da noite, alguns familiares da aniversariante já tinham chegado, os casais do bolo vivo também.

Eu estava na porta do salão esperando por Maria Clara que estava vindo com Ansel de carro. Senti um frio na barriga, ansioso para querer vê-la. O modelo do vestido eu já havia visto, Mel estava junto comigo, mas mesmo assim, eu precisava ver como ficava em Maria Clara.

Eu estava estranho! Nunca fui assim, nunca quis ser assim, mas era ruim sentir algo e não deixar aflorar, não demonstrar, não viver. Então eu não iria perder tempo, eu iria mergulhar de cabeça.

Se eu não ganhasse um amor, ganharia uma lição de vida.

Não percebi que o carro havia chegado e estacionado em frente ao salão atrás do meu, só sorri quando vi Maria Clara saindo dele e olhando

pra mim.

Senti a necessidade de olhar cada centímetro dela. Seus pés delicados e brancos chamavam atenção dentro daquele salto preto, um absurdo de tão alto. O vestido ficava mesmo diferente nela, sua cintura era minúscula, já a saia estava alta rodada e brilhante. O busto cheio, tão... nossa. Ela era linda, um absurdo de linda.

E o seu sorriso, seu sorriso era delicado, seus lábios estavam vermelho sangue e seus olhos bem escuros, cheios de maquiagem bem colocada. Ela estava elegante, parecia muito mulher, estava diferente de quando a conheci.

Assim que ela se aproximou de mim, a beijei, meu corpo todo ficou quente, eu não sentia mais frio, não sentia mais ansiedade, muito menos medo de mergulhar, de deixar esse “outro Brandon” sair...

Ela ficou um pouco assustada, mas correspondeu o beijo rápido com a mesma urgência que eu. Até se afastar um pouco, segurando meus braços com suas mãos cobertas pelas luvas.

— Vocês estão terríveis! — Ansel passou do nosso lado, fez uma cara de nojo e logo riu,

fazendo Maria Clara sorrir e entrou no salão.

Soltei um suspiro, encontrando os olhos dela na mesma altura que os meus.

— Oi meu anjo. — murmurei.

— Oi, Brad. — ela murmurou de volta com a voz um tanto assustada, mas feliz.

— Você está... linda. — afastei nossos corpos, olhando-a mais uma vez.

— Obrigada... — ela riu. — Tá tudo bem?

— Tudo, tudo ótimo. — suspirei, me sentido muito, muito bem.

Ela sorriu e eu passei meus dedos em volta de sua boca devagar, tirando o leve borrado que o beijo deixou.

— Vamos entrar? As meninas devem estar nos esperando.

Assenti, entrelaçando nossos dedos e entrando no salão da festa de 16 anos de Katherine.

Maria Clara

Desde quando cheguei à festa, a hora estava passando às pressas. Já se passava das 22h da noite, todos se preparavam para a valsa memorável. Enquanto eu ia para o meu lugar junto de Brandon, observei o salão enorme, completamente decorado, com luzes por todos os lados. As mesas eram enormes, todos se serviam com comidas da melhor qualidade. A pista de dança estava decorada, bem iluminada. Os tios Devis's estavam bem vestidos, todos sorridentes e orgulhosos pelo aniversário da filha.

E por falar em Katherine...

Aquele foi o único dia em minha vida que eu a vi tão bonita e tão mulher. Mesmo com os olhos e sorriso delicados, sua maquiagem e suas vestes estavam chamativas, claro, ela era o centro da noite! Parecia tão feliz e encantada com tudo, até que senti uma pontinha de felicidade por ela. Mas só uma pontinha. Já que me irritava o fato de que ela não tirava os olhos de Brad um minuto se quer.

Apresentou-o a todos as amigas dela do balé, aos familiares, aos conhecidos, a todos! Ela não se tocava que ele não queria mais ter nada com ela, que não precisava mais tratá-lo assim, mas... Parece que ela nunca ficou com alguém!

Os casais começaram a ir de encontro os pais de Katherine, sendo anunciados no microfone um a um, representando um ano de vida da aniversariante. Brandon e eu fomos os últimos, os 16 desejados anos dela. As luzes vieram direto para nós, enquanto caminhávamos para o nosso lugar. Todas as atenções eram voltadas a nós, eu sorria até as bochechas doerem, sentindo um friozinho na barriga. Sem perceber, eu apertava o braço de Brandon, que segurava minha mão com carinho.

Percebi aí que eu não precisava ter medo ou vergonha, ele estava ali pra mim e por mim.

Em minutos, a música se iniciou e ele me virou de frente para si, como fez no ensaio. Com uma mão em minha cintura, apertou seu corpo contra o meu e eu segurei em sua mão. Começando a dançar no salão.

Minhas pernas tremiam, eu estava nervosa. E não

era pra menos! Estava dançando valsa em público, em uma festa importante e com Brandon.

— Está nervosa? — perguntou ele baixinho.

Assenti, meneando a cabeça e logo a abaixei. Ele tirou sua mão de minha cintura por alguns segundos e levantou meu rosto pelo queixo.

— Olha pra mim. — pediu carinhoso. — Pra mim. É só uma dança.

Soltei um riso nervoso. *Não, Brad, não é só uma dança, olhe para nós, parecendo um casal da Walt Disney...* pensei em dizer.

Continuei concentrada na dança, mexendo os pés no ritmo, mas dessa vez olhando pra ele, que sorria.

— O que foi? — perguntou.

Foi aí que eu percebi que sorria também.

— Nada... É que você está... bonito. — minha voz falhou por uns instantes. — Você está incrivelmente bonito, Brandon. — admiti pela primeira vez.

Ele se aproximou gentil, sem sair do ritmo e depositou um beijo em minha testa, como em agradecimento.

Mas, sim, ele estava bonito. Bonito não, lindo, maravilhoso, incrível! Argh! Ele deveria ser preso por ser tão lindo assim! Eu me sentia até uma idiota, toda encantada. Mas, não era pra menos. Aquele smoking caia muito bem nele, seus cabelos estavam mais jeitosos do que no dia a dia e seu cheiro, nossa, nem se fala!

Vanessa Hudgens soltava seus agudos absurdos por todo o salão enquanto todo mundo nos olhava. Meu corpo todo sorria, estava em êxtase, eu estava ali, dançando com ele.

Assim que a musica terminou, ele me abraçou com força enquanto uma salva enorme de palmas preencheu o salão e eu observei meus amigos e conhecidos sorrindo ao nosso lado, felizes por terem feito parte do sonho de Kath, assim como eu.

— Sério, me conta, você está gostando dele? — Sue me enchia o saco enquanto comíamos sentados em nossa mesa.

Naquele instante só estávamos: Mel, Lauren, eu e Susan.

Não respondi à sua pergunta, apenas continuei

PERIGOSAS ACHERON

comendo minha salada de alface, tomate e manga. Estava incrível, matando as minhas intermináveis horas de fome.

— Elas gostam de te encher assim sempre ou é só hoje? — perguntou Lauren ao levantar de onde estava e rir, indo buscar algo com Kath.

Kath estava um pouco mais distante, junto de uns amigos do balé e Brandon, que foi assim que ela chamou.

— Anda, amiga, você nunca escondeu nada da gente! — Melanie resmungou.

— Gente, eu nunca gostei de ninguém, não sei o que estou sentindo! — disse.

— Mas ele te faz bem?

Engoli a seco.

— Sim, na maior parte do tempo, sim.

— Acho vocês lindos juntos. — Sue comentou.
— Mil vezes vocês dois do que ele e Kath, juro. Ela é muito menina, ele é muito homem.

Brandon muito homem... Soltei uma risada.

— Eu ainda acho que você tá gostando dele.

— Olha, Melanie, não é porque você é uma

apaixonada há anos, que só porque estou ficando com um garoto, eu também esteja apaixonada por ele.

— Não precisa ser grossa, Maria Clara! — Susan resmungou defendendo a loirinha. — Eu vejo o jeito que você olha pra ele assim como ele te olha diferente.

— Ele está apaixonado por ela. — Melanie afirmou.

Senti minhas bochechas quentes.

— É claro que não. — rebati.

— Está sim! — Sue ficou do lado de Mel. — O jeito que ele fica com você, não é o mesmo que ele ficava com Kath.

— Engano de vocês! — fiz uma pausa, depois disse com quase cem por cento de certeza: — Garotos como o Brandon não se apaixonam.

— Ah, corta essa, Clara! — a loira esbraveceu, já irritada. — Qualquer um se apaixona!

Dei de ombros. Elas ficaram em silêncio por poucos segundos, até Mel voltar a abrir a boca:

— Sem contar que vocês deveriam assumir pro mundo todo. Qualquer garota do colégio daria o cu

na hora em que Brandon pedisse! Você deveria se orgulhar de ser você a ficante oficial dele.

— Eu também acho! — Sue disse animada.

Mordi o lábio, feliz, sentindo borboletas darem cambalhotas em meu estômago ouvindo todas aquelas palavras.

Até virar o rosto, observando Kath se atirando em cima de Brad e ele fazendo-a rir. Lógico que ela não perdeu tempo e eu desconfiei dos meus próprios olhos quando colocou os braços dele em volta de seu corpo e tomou- lhe os lábios.

Pisquei os olhos com dificuldade, incrédula. Isso é sério? Ah, não, não, por favor! Isso não pode estar acontecendo, não pode! Meu peito encheu-se de algo pesado, algo amargo, eu tive dificuldade até de engolir saliva.

Nem liguei para as tentativas falhas de Brandon para sair das garras de Kath, eu só levantei da cadeira e procurei o banheiro mais próximo. Ouvi Susan me gritar, mas não tive a capacidade de responder às suas súplicas para que eu esperasse.

O barulho e as luzes coloridas podiam ter me confundido, não podiam? Mas, não, infelizmente

não foi apenas confusão da minha cabeça ciumenta e possessiva. Eu vi!

Abri a porta do banheiro com rapidez, sem me importar com quem estivesse lá dentro. Só quando me escondi em uma das divisórias, sentando-me na tampa do vaso sanitário, é que deixei que as lágrimas caíssem. Eram poucas, mas doloridas, amargas.

— Maria Clara! Abre a porta, amiga! — pedia Sue.

Eu respirei fundo.

— Tá tudo bem, Susan, tá tudo bem. Me deixe sozinha, ok?!

Afundi a testa nas mãos, ainda cobertas pela luva quente. Ah, como meus pulsos pinicavam, como eu queria que aquela ardência sumisse pra nunca mais voltar!

Brandon

Meus olhos estavam arregalados, minha boca aberta e seca enquanto eu fitava a garota mais maluca que eu conheci desde então.

— Você não fez isso! — exclamei afastando-a de minha frente.

Katherine me olhava com olhos tão inocentes que chegavam a assustar.

Virei meu rosto por segundos, vendo Maria Clara se afastar da mesa e as suas amigas chamarem-na sem sucesso. Fui atrás, sem me importar com quem tivesse visto Kath me beijar, eu só precisava ver Maria Clara, precisava muito.

— Acho melhor não. — Melanie surgiu em minha frente antes que eu pudesse entrar no banheiro feminino atrás da garota.

Sim, eu iria entrar. Entrei uma vez, por que não entraria de novo?

— Mel, eu...

— Brad, não! Ela ficou chateada, ela não gostou do que viu...

Engoli a seco, o coração apertado, uma agonia horrorosa.

Isso é sério? Eu estava assim por que uma garota me viu beijando outra? Tudo bem, era *a* garota!

Ansel chegou junto de Melanie e me olhou com um copo vermelho em mãos.

— O que está acontecendo aqui?

— Nada, só seu amiguinho que fez merda. — respondeu-lhe ela.

— Eu? — respondi incrédulo. — Foi sua irmã! Melanie, ela é maluca! Eu já conversei com ela sobre isso... A Maria Clara tá querendo me matar! — passei a mão nos cabelos.

— Está mesmo, meu querido! — disse ele, depois bebeu um gole da bebida. Mel segurou em sua mão livre, próxima de nós. — Até comigo ela ficou uma fera, imagina com você! — ele fez uma pausa, depois voltou a explicar: — Uma vez eu fiquei com uma garota, a Gabby... ou seria Hayley? Não lembro. Enfim, daí ela viu, e foi numa festa que eu a levei como acompanhante. Ela ficou extremamente brava, juro!

Franzi a testa.

— Você já... ficou com ela?

— É claro que já, cara. — ele riu, alterado. — Acha que só você conseguiu ficar com essa deusa de mulher? Vai devagar, campeão!

Revirei os olhos. Ótimo, bem legal saber disso, obrigado, Ansel... Soltei um suspiro e disse:

— Eu vou falar com ela.

— Espero que consiga. — ele riu de novo. — Boa sorte! — assenti.

— Eu vou conversar com a Kath depois, prometo, Brad.

Sorri sem mostrar os dentes olhando Mel, que antes de sair, entortou os lábios com os olhos cheios de compaixão e os dois saíram de perto de mim.

Foram longos minutos para que Maria Clara saísse de dentro do banheiro, mas assim que ela passou por mim com passos firmes, eu fui atrás e segurei em seu braço. Ela não havia me visto, mas assim que se virou e deu de cara comigo, seus olhos queimaram sobre mim.

Ela se afastou de súbito.

— Maria Clara, aquilo não...

— Eu não quero ouvir! — ela berrou por cima da música e voltou a andar.

Eu não parei, fui atrás, até os fundos da pista de dança onde ela estava indo para junto das amigas. A música eletrônica fazia todos dançarem, mas estava tão alta, só atrapalhava minhas condições.

— Espera, eu tenho que falar com você! Eu queria te explicar, que...

— Você não deve satisfações da sua vida pra mim, garoto! — ela virou de novo em minha direção ao dizer. — Quantas vezes vou ter que te falar isso?

— Me ouve! — pedi gesticulando as mãos na frente do corpo. — Foi totalmente sem querer, eu juro!

— Ah, foi? — ela soltou uma risada debochada, que soou nervosa, ela ficava até fofa nervosa. — Como todos os nossos também foram, um total erro!

— Não, é claro que não! Os nossos foram reais.

— Campbell, faça-me o favor! — resmungou ela,
PERIGOSAS ACHERON

indignada: — De onde você tira tudo isso, hein? De onde tira tanto cinismo? Eu estou cansada de ser seu passatempo!

— Você não é meu passatempo, Maria Clara! — falei sincero. — Não é! Isso foi tão desnecessário, não significou nada, ela que veio pra cima de mim, eu não tive escapatória!

— Ah, não teve? Então como vai ser? Qualquer garota que se jogar em cima de você, simplesmente você vai deixar? Brandon, assim não dá! — ela gesticulava as mãos ao lado do corpo, fazendo seu vestido balançar.

Fazendo-me lembrar do quão linda ela estava com aquele vestido, agora com os cabelos soltos e com alguns cachos caindo nas pontas, os olhos mais limpos, mais claros e chateados. Eu queria tanto que ela não pensasse nenhuma maldade, que eu não a perdesse.

Balancei a cabeça de um lado pro outro.

— O que foi? — perguntou seca.

— Não me olha como se eu fosse a pior pessoa do mundo.

— Ah, olha... — ela perdeu as palavras. —

Esquece, tá? — e tentou se afastar, mas a segurei antes disso, imprensando seu corpo na parede que havia atrás dela.

— Estamos brigando como um casal. — as palavras saíram sem a minha permissão, mas não liguei.

Nós estávamos mesmo.

— Me deixa sair... — ela tentou sair de meus braços. — Não é só por que você tá me enchendo o saco que eu vou te perdoar e ficar aqui com você como se nada tivesse acontecido, todos estão me achando a maior trouxa! — resmungou ela.

— Foda-se os outros! — segurei sua nuca e beijei seu pescoço devagar, o mesmo estava quente e cheiroso.

— Sabe quem deveria ir se foder? Você! Você deveria! E Katherine também! — reclamou ela, mais relaxada, quase rindo da situação.

Continuei beijando-a, sentindo seus tapinhas que não doíam absolutamente nada.

— Me desculpa, amorzinho, me desculpa... — pedi manhoso, sentindo seu corpo fraquejar em frente ao meu devido aos meus beijos.

Toquei seus lábios, dando beijos com a boca semiaberta neles, que estavam quentes, com gosto de energético. A música da vez era “*We Found Love*” da Rihanna com Calvin Harris. Maria Clara resolveu dizer entre as batidas da música:

— Você é um idiota!

— Repete. — pedi entre beijos.

— Vo... você é um... — e eu não permiti que ela dissesse mais nada, tomei seus lábios por completo, deixando nossos corpos serem eletrizados pela batida ensurdecadora da música e a energia louca que a gente tava sentindo naquele momento.

Maria Clara

Deveria ser quase 2h da manhã, ou 3h, talvez 5h, mas eu não me importava, de fato não me importava. Eu poderia ficar naquele carro ali por horas, meses, anos!

Melanie e Susan estavam no andar de cima já, mas eu continuava dentro do carro, mesmo depois de ter chegado à porta de casa. E eu não queria sair de lá, já que Brandon teria que ir embora depois disso.

— Sério que eu não posso entrar? — perguntava ele entre os beijos.

Neguei com um meneio de cabeça.

— Hoje não. — respondi. — Meus pais estão em casa, as garotas também. — Argh, merda! — ele respondeu irritado, o que fez meu ego crescer por dentro.

Havíamos saído da festa uma hora depois do pequeno incidente. Mel e Sue vieram dormir em casa, Brandon veio nos trazer. Elas entraram, eu não. E no silêncio da rua, eu me atracava com o

dono do carro luxuoso.

Com cuidado ele me colocou em seu colo, uma perna de cada lado de seu corpo, de frente pra ele. Suas mãos estavam em minhas coxas nuas e meus pés — agora descalços — faziam carinho em sua cintura, sem se importarem com os saltos jogados embaixo do banco do lado.

— Eu quero te ver amanhã. — avisou enquanto beijava meu pescoço, apenas murmurei um “*uhun!*” em resposta.

Meus olhos estavam fechados, apreciando a sensação, tão intensa, tão quente...

Apertei seus cabelos entre meus dedos com força. Eles estavam completamente bagunçados, totalmente! Procurei por sua boca e a beijei, tão molhada, tão... excitante! Eu me sentia a pior das putas! Mas, quem nunca deu uns amassos no carro, que atire a primeira pedra!

Brandon tinha dedos fortes, precisos, mas ao mesmo tempo tão carinhosos. E no momento estavam gelados acarinhando minhas coxas. Já eu, passei com cuidado meus dedos na gola de sua camisa, tirando sua gravata com rapidez.

Uma das mãos de Brandon subiu para minha cintura e em seguida meu busto, fazendo-me tomar um pequeno susto com o aperto que ele me deu no seio por cima do vestido apertado. Involuntariamente um gemido escapou-se de minha boca.

— Droga! — ele exclamou me olhando.

Brandon nunca havia me olhado daquele jeito antes.

— O que você está fazendo comigo?

Sorri feliz, em êxtase.

Droga digo eu!, pensei. Há poucas horas eu estava quase pra matar ele, agora eu só mataria se fosse de amor, de beijos, de carinho... Ele era definitivamente um idiota, e eu era mil vezes pior!

Senti um arrepio diferente percorrer todo o meu corpo e apreciei em silêncio Brandon tirar minha calcinha, abaixando-a devagar, sem quebrar o contato visual. Aproximei minha boca da dele, levantando o corpo por alguns segundos e foi quando minhas costas acionaram a buzina do carro.

O susto nos fez rir, mas eu tremi na base quando ele subiu as mãos mais uma vez pelas minhas

PERIGOSAS ACHERON

pernas... Eu estava nua por baixo! Foi quando, sem pensar, saí de cima de seu colo, sentando no banco do passageiro.

Quando olhei rapidamente para seu rosto, lá estava uma expressão nervosa, misturada com surpresa, eu não sei dizer... Só quando ele abriu a boca, eu tive a certeza:

— Você vai embora?

— Eu preciso entrar, está tarde.

Seu maxilar travou na hora.

— Você não vai me deixar assim, vai? — perguntou, incrédulo.

Envergonhada, mas com o coração na garganta, observei sua calça enorme. Brandon estava absurdamente excitado.

Mordi o lábio automaticamente, mas passei uma mecha do cabelo atrás da orelha e desviei o olhar.

— É a terceira vez que você faz isso. — ele comentou com um tom de vingança que me deu um frio na espinha.

— Desculpa, meu anjo. — brinquei.

— Desculpa? — ele semicerrou os olhos ao

repetir, sem acreditar que eu tivesse falado aquilo.

Ele ficava lindo bravo e... excitado por mim. Nossa, quero sair gritando isso pro mundo!

— Sim, desculpa! — murmurei pela ultima vez com os saltos nas mãos, logo abri a porta do carro.

— Sem desculpas, vai se foder! — ele virou o rosto com o braço apoiado na porta do carro de um modo impaciente.

Segurei sua nuca, rindo. Ele olhou de volta. Peguei minha calcinha que estava em seu colo e joguei-a em seu rosto, por fim ri mais um pouco.

— Não ria! — pediu sério. Ri mais.

— Me liga de manhã, vou estar pronta te esperando às 14h. — dei um selinho em seus lábios inchados e vermelhos e depois saí.

Só Deus sabia como eu me sentia naquele momento. Era uma das melhores sensações do mundo, sem dúvidas. E, com o ego lá no céu, entrei em casa bem cansada, precisando de um banho e bons sonhos.

Recuperando o tempo perdido

*“Tudo o que eu quero pe
ser alguém para você.”*

Somebody To You

Maria Clara

Meu sono sem sonhos foi interrompido por vozes distantes, mas que começaram a me irritar drasticamente:

— Oi, bom dia Sr. pegador. — a voz de Sue preenchia o quarto. — Como vai? Hmmm. Olha só Mel, Campbell disse que está maravilhosamente bem.

— Uau! Pergunte o que houve!

Nesse instante eu já estava completamente acordada, ouvindo a conversa das duas intrometidas que dormiram comigo na minha cama de casal. Eu não fazia ideia de que horas eram, mas acordei por ouvir o nome dele. Mas, mantive os olhos fechados, esperando que elas dissessem mais alguma coisa.

— Caramba, não acredito! Brad, que canalha! — Sue exclamou e Melanie gargalhou.

Fiz absoluto silêncio, mal respirei para ouvir tudo.

— Logo a Katherine? Mas... Ela saciou suas vontades? — perguntou minha amiga ruiva e

afobada. — Maria Clara vai te matar! — exclamou ela.

Senti uma pontada no peito... Katherine? Saciar vontades? Do que elas estavam falando?

Abri meus olhos e me sentei na cama no meio delas, no mesmo instante.

— Com quem estão falando? — minha voz soou quase que desesperada.

As duas ainda riam, mas agora olhavam pra mim.

— Um minuto, Clara, Brad está me contando como foi a noite dele... — Susan comentou e voltou a prestar atenção na ligação.

Fiz uma cara irritada por ver que era com o meu celular que elas conversavam com ele. Mas que droga!

— Vocês passaram a noite toda com ele, não tem o que contar...

— Ah, pode ter certeza que tem, viu? — Melanie olhou-me. — Só Deus e Susan sabem o que Brandon fez ao sair daqui ontem.

Engoli a seco. Em seguida joguei um olhar apreensivo pra cima de Susan e esperei que ela falasse mais alguma coisa.

— Hm, sei sim! — dizia ela, superinteressada. — Mas... Tem certeza de que foi algo sem importância? Por que... Você sabe, Maria Clara está de quatro por você! — ela fez uma pausa. — Sim, claro, Katherine pelo menos confia em você, sim... Eu sei...

Meu peito já estava doendo com aquelas palavras. Mas o que diabos estava acontecendo?

— Susan? — chamei-a. Ela não fez nem conta.

— Susan?! Me deixe falar com ele... — pedi, com um nó horrível na garganta, tentando não pensar no que ele poderia ter feito assim que deixou minha casa.

Olhei apreensiva para as duas, que por fim se olharam e quando percebi, já estavam jorrando risadas por todos os lados, irritando-me logo de cara. Sue tirou o celular do ouvido, colocando em minha frente e eu percebi que não havia ligação nenhuma, muito menos confirmações de Brandon.

Naquele instante, o meu corpo sentiu um momento de alívio, mas também de raiva, foi quando joguei um travesseiro nas duas, que não paravam de rir.

— Fiquem quietas, não foi engraçado! — comentei, sentindo-me a menor das formigas.

— É claro que foi, amiga! Você tinha que ver a sua cara, estava tão nervosa e possessiva... — Mel murmurou entre risos.

— Já chega! — me levantei da cama, colocando o celular na cabeceira ouvindo a voz delas novamente:

— Foi uma brincadeira! — elas disseram juntas, em uníssono.

— Isso foi ridículo! — bufei.

— Nós precisávamos apenas da confirmação... — Mel falou.

— Confirmação? — franzi a testa ao olhá-las em cima de minha cama ainda.

— É, do quanto você está apaixonada por Brad Drew Campbell.

Revirei os olhos, sentindo meu peito quente.

— Parem! Vocês me deixam tão...

— Envergonhada? — Sue perguntou.

Dei de ombros.

— Eu diria trouxa. — murmurei. — Depois de

tudo o que aconteceu... — pensei um pouco.

— Ah, para, Maria Clara! Você pensa demais! Olha o que está acontecendo em sua vida! — Sue protestou. — Você acabou de entrar pro primeiro ano do ensino médio, tem amigos maravilhosos e um cara que está de quatro por você! Um cara gato, gostoso, tão inteligente... Por que não aproveita e para de ser rabugenta?

Suspirei, e antes que pudesse dizer algo, meu celular fez um pequeno barulho. Corri até ele, pegando—o e lendo a mensagem:

“bom dia, coração. espero que tenha dormindo bem, eu passo aí em uma hora. xx Brad.”

Mordi o lábio, mas não consegui esconder um sorriso.

— Hmmmm. — as duas murmuraram em uníssono de novo com muita malícia. — Olha lá como ela fica! E ainda quer esconder! Vai ser feliz, Clara!

— Mel protestou.

Soltei uma risada, colocando a mão no rosto e por fim, deixei as duas risonhas na cama e fui tomar um banho.

Eu precisava estar arrumada quando Brandon passasse para me pegar. Iríamos passar o dia... juntos.

Brandon

— Vai sair? — ouvi sua voz e fitei-a parada no parapeito na porta, de braços cruzados me olhando.

Assenti, terminando de arrumar meus cabelos horríveis naquela manhã.

— Não tecnicamente. — respondi.

Ela ficou em silêncio para que eu continuasse.

— Vou buscar uma garota, ela vai passar a tarde aqui. Tem algum problema?

— Quem seria a garota? Maria... Clara? — ela perguntou ainda me olhando pelo reflexo do espelho.

— Essa mesma. — me surpreendi por ela lembrar. — Incrível como você lembra o nome dela.

— Por que não lembraria? — ela me olhou sorrindo, se aproximando da cama, pegou meu boné e logo me entregou. — Foi ela quem você beijou no primeiro dia de aula, foi quem veio fazer um trabalho com você aqui quando eu não estava, é com ela que você conversa pelo telefone quando

deveria estar prestando atenção no que eu estou te falando... — soltei uma risada, colocando o boné. — Foi ela quem dançou com você no evento de ontem... Bom, acho que eu deveria lembrar, não é? Você nunca fala de uma garota pra mim mais de uma vez, Brandon.

Fiquei em silêncio, mas não deixei de sorrir.

— Devo me importar?

— Deve! — falei, dando um beijo em sua testa antes de pegar as chaves do carro e o celular em cima do criado mudo. — Eu já volto trazendo-a para que você a conheça, tudo bem?

— Devo me apresentar como sogra ou apenas Elizabeth? — ela gritou para que a ouvisse antes de sair de casa.

Maria Clara

Fitei—me mais uma vez na frente do espelho antes de descer, já com os dentes escovados pós-almoço, apenas com celular e dinheiro no bolso.

— Mãe, eu tenho que sair. — ela estava conversando com as garotas no sofá, já arrumadas.

— Com o garoto que você está afim? — perguntou ela simples, fazendo—me arregalar os olhos.

— Diabos, Melanie! — reclamei olhando na sua direção.

Ela riu erguendo os braços.

— Foi a Susan Parker, não eu! — dizia ela. Sue ria feliz.

— Ué, ela é sua mãe, precisava saber! Aliás, o mundo tem que saber. Sério, tia, ele é mega gostoso! — dizia ela olhando minha mãe, que estava superinteressada. — Juro, se eu não amasse o Connor, até eu beijava ele!

— Cale a boca! — pedi séria com as bochechas quentes.

— Filha, me apresenta ele! — Clau pediu com um sorriso enorme nos lábios.

Suspirei.

— Mãe, não é nada sério, eu não me sinto bem em te apresentar ele... Não agora.

— Fica tranquila, tia, ele é um cara legal. — Mel sorriu pra minha mãe, que sorriu mais ainda.

Foi nesse instante que senti meu celular vibrar no bolso, peguei e li a mensagem:

“estou aqui fora. devo entrar ou...?”

“estou saindo!”

Respondi às pressas e guardei o aparelho, dando um beijo na bochecha de minha mãe e das meninas.

— Prometo chegar cedo. — avisei, depois olhei Melanie. — Cuidado com o vestido, entrega junto com o seu! — avisei, já que ela estava levando pra casa dela o meu vestido alugado, que no caso ela devolveria para a loja naquela mesma semana.

— Ok. — respondeu ela, sorrindo. — E juízo!

— Não derrubem minha casa! — afirmei.

— Relaxa, Connor está vindo buscar a gente. — ela avisou e eu assenti.

Olhei Sue que, tapando a boca dos lados, moveu os lábios para que os lesse:

— *Transe muito!*

Gargalhei ao balançar a cabeça e saí de casa, avistando o luxuoso carro branco estacionado em frente ao meu jardim e o dono do mesmo, encostado no cabo. Tive que morder o lábio para não deixar o queixo cair.

Ele estava de boné.

Meu coração veio na boca e eu não controlei minhas pernas, elas foram ao seu encontro um tanto rápidas demais. E, assim que me aproximei, ele segurou minha nuca e tomou meus lábios por alguns instantes. Foi um beijo pequeno, mas doce e refrescante enquanto ele passava uma bala de menta de sua boca pra minha.

— Oi. — ele murmurou com uma voz rouca.

— Oi. — respondi com um sorriso, sentindo suas mãos abraçarem minha cintura. — Dormiu bem?

— Tirando minha impaciência para que eu pudesse acordar logo e te ver, sim, dormi e você?

Um arrepio percorreu meu corpo e eu sorri abaixando a cabeça.

— Dormi sim. — respondi baixinho e em seguida mastiguei a bala que ele havia me dado.

— O que foi? — Brad levantou meu queixo com os dedos.

— Nada, é que... Nós dois assim, juntos dessa forma, depois de tudo... — desabafei de uma vez. — É novo pra mim.

— Pra mim também. — ele sorriu, os olhos claros brilhantes com a luz do Sol. — Eu nunca me expliquei pra nenhuma garota antes, nunca fiquei tão empolgado em ir para as aulas e nem apresentei ninguém para Elizabeth.

— Elizabeth? — franzi a testa.

— Minha mãe.

Abri o maior sorriso que consegui.

— Eu vou conhecer sua mãe?

— Agora! — ele disse afastando o corpo do carro e abrindo a porta do passageiro pra mim. — Ela está te esperando. — e deu passagem para que eu entrasse no carro.

Sorrindo, deposei um selinho em seus lábios bem nervosa e ansiosa, antes de entrar. Partimos rumo a sua casa e eu só sabia rir.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Assim que entramos em casa, minha mãe estava assistindo TV, mas se levantou do sofá e veio até o hall nos ver. Sorrindo, observou cada centímetro de Clara, que estava com um par de sapatilhas nos pés cor preta, um shorts curto jeans e uma blusa fina de mangas de cor clara. Seus cabelos estavam úmidos e seu rosto levemente maquiado. Ela estava simples, mas linda. Senti orgulho de apresentar ela a minha mãe.

— Então, você é a famosa Maria Clara?

— Famosa? — Maria Clara sorriu, cumprimentando—a com um beijo no rosto.

— Brad fala muito de você. — minha mãe me entregou assim, de bandeja.

— Ah, fala? — a garota me olhou sorrindo. — Bem ou mal?

— Bem, claro. — minha mãe respondeu ainda olhando pra ela. — Pra falar a verdade, você é a única garota de quem Brad fala pra mim. — sua voz soou com sinceridade e eu sorri abraçando ela

por trás, que não soube o que falar. Após alguns segundos, Elizabeth voltou a dizer: — Você quer comer alguma coisa, querida?

— Oh, não, obrigada. — Maria Clara ainda estava meio anestesiada com o meu abraço. — Eu acabei de almoçar, estou sem fome.

— Ótimo, estão apresentadas, não é? Agora precisamos subir. — saí puxando a garota escada acima.

— Brandon, espere! Pra quê a pressa? — Elizabeth perguntou olhando- nos subir as escadas.

— Vamos só recuperar o tempo perdido, mãe! — ela sorriu e assentiu.

Entrei em meu quarto trazendo Maria Clara comigo, feliz por ela estar ali.

Assim que entramos, tranquei a porta e tirei os tênis. Maria Clara começou a observar cada canto do lugar. Minha cama, o criado mudo, a mesa do notebook, o closet, a porta do banheiro, a pequena estante de livros com televisão...

— Você tem XBOX? — ela perguntou surpresa, sentando-se comportada na cama.

— Que garoto do mundo não tem um XBOX? —
PERIGOSAS ACHERON

questionei tirando o boné e colocando-o no criado mudo.

— Ah, vai saber... — ela deu de ombros, olhando pra mim.

— Fica à vontade, não precisa ter receio, você está na minha parte favorita da casa.

Ela riu e tirou as sapatilhas, sentando com perninhas de índio na cama, como se fosse dela. Sim, ela levou a sério a ideia do “ficar à vontade”. Fui em sua direção e deposei um selinho em seus lábios.

— O que quer fazer? — olhei seus olhos.

— Não sei. Você quem me convidou, achei que tivesse algo em mente.

Não consegui esconder um sorriso malicioso com meus pensamentos, era impossível.

— É, talvez eu tenha... — fiz carinho em seus cabelos.

Ela gargalhou e colocou a mão em meu peito, por cima da camisa preta que eu vestia.

— Não começa, não é bem assim! — ela dizia.
— Anda, pega os controles, vamos jogar. Vamos ver se você é bom mesmo.

Revirei os olhos.

Eu precisando de sexo e Maria Clara querendo jogar vídeo game. Era isso mesmo?

Suspirei e fiz o que ela pediu, quando tudo já estava pronto, quase para começarmos a jogar, falei:

— Eu sou bom em tudo o que faço e vou te provar, queridinha.

Ela riu com meu jeito de falar.

Acho que passamos mais ou menos uma hora jogando “*Mortal Combat*”, eu ganhando de Maria Clara todo round, claro. Ela, sem se contentar com a derrota, me chamava de um nome diferente toda vez que a lutadora dela caía no chão.

— Ops, ganhei de novo. — brinquei.

Ela, irritada, deixou o controle em cima da cama em sua frente e cruzou os braços, com a cara fechada.

— O que foi?

— Você só sabe apelar, Brad, eu não quero mais jogar! — resmungou ela.

— Você que não sabe perder. — respondi ao desligar o XBOX e guardar os controles no lugar, depois voltei a sentar ao lado dela.

— Eu sei perder, você que não sabe deixar de ser idiota, só sabe roubar. — ela parecia uma criança de 10 anos de idade falando e eu gargalhei de sua expressão, recebendo um tapa em seguida. — Não ria!

— Desculpa. — suspirei. — É que você parece uma criancinha falando! — comentei. — É só um jogo, querida...

— Foda—se, ué. — ela resmungou de novo. — Eu nunca entro em qualquer jogo para perder.

Fitei seus olhos que olhavam os meus também, até abrir um sorriso, sentindo um duplo sentindo em suas palavras. Sem aguentar, pulei em cima de seu corpo e puxei seus lábios pra mim, beijando-a com carinho.

Ela riu, deixando a tensão e a teimosia de lado e segurou minha cintura por cima da minha bermuda bege, depois mordeu meu lábio, fazendo—me soltar um gemido do fundo da garganta.

Senti seu cheiro convidativo, descii meus beijos

por seu pescoço, cheirando-a, beijando-a. Mantive meus olhos fechados para que eu pudesse gravar melhor cada segundo daquele momento, daquele corpo, daquela garota. Ela não parava de sorrir.

Peguei em seus braços que estavam em minha cintura e os abaixei, tirando-os de meu corpo, fazendo com que eu ficasse mais encaixado em cima dela. Foi quando ouvi um gemido longo e dolorido sair de sua boca.

Não foi um gemido gostoso, um gemido de prazer ou carnal. Foi dolorido, foi amargo, eu me assustei ao ouvir. E, automaticamente, voltei a segurar um de seus braços e puxei a manga da blusa para que eu pudesse olhar melhor o que tinha ali em sua pele. Então me surpreendi.

— O que diabos é isso, Maria Clara? — as palavras saíram atropeladas e altas de minha boca.

Ela me fitou com os olhos mais tristes e assustados que eu já vi na vida.

Foram todos por você

*“Pra mim, sim, você é
perfeita pra caralho!”*

Fucking Perfect

Maria Clara

Por um segundo, senti como se tivesse perdido o chão ao ser descoberta e observar os olhos magoados de Brandon me olhando.

Meus dedos nunca foram tão interessantes, eu não parava de olhar pra eles a um só segundo se quer.

— Droga! Estou falando com você! — ele berrou.

Era a primeira vez que Brandon Campbell berrava comigo, que estava com raiva de mim.

Eu não sabia onde enfiar a cara, o peito já desesperado e amargurado. Droga! Não era pra ele ter visto, não era!

— O que é isso? — perguntou ele mais uma vez e eu levantei a cabeça, ele estava em pé em frente à cama.

— Brandon, eu...

— Você sofre de depressão? — perguntou rapidamente.

— Não, não é isso...

— O que são... Tudo isso?

Eu já senti meus olhos marejados, lembrando de todos os motivos que me fizeram fazer isso e todas as vezes que eu fiz cada um desses cortes. Eu não sabia o que falar, não conseguia formular se quer uma palavra.

— Isso foi por mim? — ele questionou sentando-se em minha frente.

— Brad... — engoli a seco.

— Por favor, me diga... Isso tudo...?

— Foram todos por você. — só consegui dizer isso e o olhei, sentindo uma lágrima quente escorrer sobre minha bochecha.

— Merda, merda, merda! — ele puxava os cabelos enraivecido, quase querendo arrancá-los. — Eu sou um imbecil, um imbecil completo! — dizia ele pra si mesmo.

Meu Deus, ele se importa!

— Brandon, tá tudo bem.

— Não, Maria Clara, não está nada bem! — berrava ele.

— Fale baixo, sua mãe pode escutar. — pedi,

sentindo meu desespero aumentar.

— Desde quando isso acontece? — perguntou ele sentando-se em minha frente de novo, pegando com cuidado em meu braço.

— Desde sempre. — falei. — Eu só queria que parasse de doer...

Ele mordeu o lábio, os olhos confusos e cheios de compaixão olhando-me. Fiquei em silêncio, depois toquei em seu rosto. Ele beijou a palma da minha mão.

— Eu não mereço isso, Maria Clara, não mereço nada disso. Você não merece! — esbraveceu ele. — Por favor...

Mordi o lábio. Eu nunca o vi tão comovido, tão sincero e tão bonito.

— Eu só não entendi... Você me dizia tanta coisa, parecia ser tão real, depois fazia tudo ao contrário, eu... Eu só não queria sentir mais.

— Isso não adiantou de nada! — ele disse sério. — Adiantou apenas pra te deixar mais machucada e me angustiar! — avisou ele.

— Desculpa. — pedi automaticamente.

— Eu é que tenho que pedir... — ele fez uma
PERIGOSAS ACHERON

pausa, levantando as duas mangas de meus braços, olhando meus pulsos completamente ferrados. — Olha pra isso... — ele dizia, sua voz soava tão triste, tão surpresa, tão cheia de culpa.

Eu não queria que ele sentisse assim. Nunca!

De súbito, pegando-me de surpresa, segurou meus pulsos com as mãos e depositou um beijo em cada um deles em cima dos machucados. Achei aquele ato um dos mais verdadeiros que eu já vi. Depois segurou meu rosto e tomou—me os lábios.

— Achei que Kath fosse louca, mas você a superou. — dizia ele entre meus lábios. — Você é maluca, garota, maluca! — o desespero encheu o quarto.

O beijo que me dava me deu certo conforto, ele ter visto era como se tirassem um peso enorme das minhas costas, eu me sentia melhor apesar de tudo.

— Você precisa me prometer... — ele começou dizendo, enquanto se afastava um pouco de mim. — Tem que me prometer que vai parar, Maria Clara.

— Mas...

— Não, sem essa de mas! — ele me olhou sério,
PERIGOSAS ACHERON

os olhos brilhando. — Me prometa que vai parar. Por favor... — suplicou.

Uma lágrima escorreu sobre minha bochecha, meus olhos estavam marejados e eu só consegui suspirar e dizer:

— Tudo bem. — ele sorriu sem mostrar os dentes. — Só não quero que sinta... Dó de mim.

— É claro que não... — dizia ele ao me beijar. — Não faça mais isso. Você, pra mim, é perfeita pra caralho, Maria Clara, não precisa disso... — falou, fazendo meu coração aquecer com suas palavras.

Sorri entre o beijo, segurando seus cabelos, sentindo seu gosto, seu cheiro... Argh! Era embriagador e revigorante estar com ele.

Suas mãos percorreram meu corpo todo, sua boca desceu um pouco, enterrando em meu pescoço quente e eu fechei os olhos com força acarinhando sua nuca lisinha. Ele sorria ao me beijar. Ele era maravilhoso!

Sua mão se encontrou com sua boca em cima do meu seio e ele o apertou com carinho, como se tivesse massageando-o. Os meus olhos observaram o ato. Sua boca continuava em cima do seio onde o

decote permitia. Era divino, tão bom...

Foi quando ouvimos três batidas na porta e alguém girando a maçaneta. Brad parou na hora e me olhou.

— Filho? Tá tudo bem? — a voz de Elizabeth chamou-nos.

Ele saiu de cima de mim e foi até à porta, abrindo-a. Eu me ajeitei na cama, cruzando as pernas e cobrindo os braços. Logo Elizabeth apareceu, com seus olhos claros e cabelos bem penteados, na fresta da porta.

— Atrapalho?

— Jamais, mãe! — Brad disse irônico.

Soltei uma risada rápida e baixa enquanto colocava uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha.

— Querem que eu prepare alguma coisa pra vocês? — perguntou gentil.

— Obrigada, Eliza, mas Brandon e eu vamos sair pra comer. — avisei.

— Vamos? — ele me olhou com a testa franzida ainda na porta, segurando a maçaneta.

— Vamos. — afirmei.

— Ah, então tudo bem! — ela sorriu. — Bom, fique à vontade, viu, Maria Clara? E quando quiser, apareça.

— Claro... Obrigada de novo.

Ela riu e saiu do quarto, nos deixando a sós de novo, fazendo-me fitar Brandon fechar a porta e depois balançar a cabeça. Soltei uma risada.

— Sua mãe é tão legal... — comentei enquanto ele entrava no banheiro.

— É claro que é, ela é minha mãe. — gabou-se, voltando de onde estava, com uma caixinha de primeiros socorros.

— O que é isso? — perguntei, vendo-o se sentar em minha frente e puxar as mangas da minha blusa de novo.

— Estou cuidando de você.

Sorri com suas palavras.

— Cuidando de mim? — observei ele molhar uma gaze com água oxigenada. — Mas isso dói, Brandon... — fiz uma careta.

— Ah, dói? — sua voz soou irônica. — Na hora

de fazer você não pensou nisso.

Engoli a seco.

— Isso precisa ser limpo, se não você pode ficar doente. — avisou ele segurando um dos braços com firmeza, enquanto o limpava.

Fiz uma careta. Aquilo ardia pra caramba! Ele tirava todo o sangue seco e os cortes borbulhavam.

— Com o quê você fazia isso?

— Com coisas cortantes? — respondi como se fosse óbvio e o olhar que ele me jogou não foi dos melhores. — Com gilete, tesoura, unha... Sei lá, Brandon. — olhei-o indiferente.

— Eu não quero ver mais isso aqui daqui a uns dias, ouviu? — perguntou e eu fiquei observando o que ele fazia, sem dizer nada. — Ouviu? — perguntou ele de novo.

Suspirei.

— Sim, Sr. — brinquei e ele riu.

Deu-me um selinho colado antes de passar para o outro braço. Ficamos em silêncio mais alguns segundos, enquanto ele limpava os cortes que continuavam a arder. Até que ele parou e fitou meu rosto.

— Isso é sério?

— O quê? — perguntei, sem entender.

— BDC... São as minhas iniciais? — perguntou.

Engoli a seco, depois assenti sem jeito. Brandon apenas fechou os olhos com força. Ao abri-los, estavam irritados, impassíveis e ele respirou fundo, desconcertado.

Não falei nada, apenas esperei que se acalmasse e terminasse o que estava fazendo. Quando finalizou o curativo e guardou as coisas na caixinha, toquei seu braço, inclinando meu corpo para um beijo, sem me importar com a ardência absurda dos meus pulsos.

— Ei, esquece isso a partir de hoje, ok? — pedi, tocando seus lábios.

— Por quê? Você vai esquecer?

Olhei seus olhos chateados e melancólicos.

— Brad, por favor... Vamos fazer um acordo ... Vamos esquecer. — pedi fazendo biquinho ao beijá-lo.

Ele assentiu e colocou mechas do meu cabelo atrás de minhas orelhas, até que eu interrompi o

beijo:

— Vamos comer? Eu estou morta de fome! — pedi sentindo minha barriga roncar. Ele assentiu, ainda me beijando. — O que gostaria de comer?

— Você. — a palavra saiu tão simples de sua boca que me assustei, ficando rubra.

Engoli a seco, encostando nossas testas e rindo nervosa.

— Você é um cafajeste! — desabafei, fazendo-o rir alto.

— Vem, vamos comer o que você quiser. — falou ele, depositando um beijo em minha testa e levantando da cama.

Brandon

Fazia alguns minutos que estávamos no carro a caminho do Subway mais próximo e em silêncio, tudo porque Maria Clara não soltou o celular assim que descemos do meu quarto.

— Com quem tanto fala nesse celular?

— Com o Ansel. Ele está desabafando por umas coisas que aconteceram com ele e Mel esses dias...

Travei o maxilar na hora. Assim que ouvi o nome dele, me lembrei do que havia me dito na noite passada.

— E você vai consolar ele? Com beijinhos e troca de carinho?

Ela me olhou com os olhos arregalados.

— É, ué, ele está mal, vocês são melhores amigos... — dei de ombros.

Foi quando ela quis rir e segurou, perguntando:

— Como sabe que a gente fica?

— Fica? — soltei uma risada. — Ficavam, eu presumo. — prestei atenção no trânsito. — Se Melanie ouvir você falando assim...

Ouvi— a bufar, depois rir.

— Que ciumento, Campbell, nossa!

— Ciúmes? — ri nervoso. — Só cuido do que é meu.

Ela riu muito alto.

— Do que é seu? — ela não parava de rir.

Eu me segurei para não rir também.

— É melhor eu falar com a Mel, ter uma conversa séria pra ela saber que a sua melhor amiga

quer pegar o amor da vida dela de novo. Deixa só...

— Cale a boca! Você não tem nada a ver com isso. — comentou Maria Clara.

— Só pra te deixar tranquila, faz assim: deixa que eu saio com Ansel, ele precisa conhecer novos ares, novas pessoas, novas mulheres.

— Tá falando sério?

— Sim. Nada melhor do que um puteiro cheio pra curar dores do coração.

Ela parou de rir do nada, deixando o silêncio reinar no carro.

— Você vai a puteiros?

— Quem nunca... — olhei de relance pra ela, que me olhava.

— Ainda vai?

— Por que eu não iria?

Ela abriu a boca pra dizer alguma coisa, depois fechou-a, sem palavras. Segurei a risada, prestando atenção no trânsito. Vi quando ela deu de ombros e aumentou o som do carro, onde tocava “*Somebody To You*” do The Vamps e Demi Lovato.

Maria Clara começou a balançar a cabeça,

olhando pra janela. Antes que pudesse abrir a boca, pigarreei e comecei a dizer:

— I used to wanna be living like there's only me, but now I spend my time thinking 'bout a way to get you off my mind...

(Costumava querer viver como se fosse só eu, mas agora gasto meu tempo pensando em uma maneira de tirar você da minha mente)

Sem dizer nada, Maria Clara me olhava com os olhos brilhando, ouvindo—me cantar a canção e rindo.

Eu continuei a dirigir pelas ruas que brilhavam pelo pôr do Sol naquele fim de tarde, até que ouvi sua voz cantar junto comigo e a música fez o carro se encher de energia:

— Look at me now, I'm falling. I can't even talk, still stuttering. This ground of mine keeps shaking... oh, oh, oh, now

(Olhe para mim agora, estou caindo. Não posso nem falar, estou gaguejando. Meu chão continua tremendo... oh, oh, oh, agora!)

Sua risada preencheu o ar de novo, antes de começar a se mexer no banco ao ritmo da música.

Nós dois cantamos juntos o refrão da música:

— *All I wanna be, yeah, all I ever wanna be, yeah, yeah is somebody to you. All I wanna be, yeah, all I ever wanna be, yeah, yeah is somebody to you...*

(Tudo o que eu quero, sim, tudo o que eu quero ser, sim, sim é alguém para você. Tudo o que eu quero, sim, tudo o que eu quero ser, sim, sim é alguém para você)

Parei de cantar e fiquei olhando pra ela, já que o farol estava vermelho. Ouvi-a cantar mais um pouco, toda animada e desafinada.

Voltei a dirigir com o carro, Maria Clara não parou de cantar e cobrindo a voz de Demi Lovato, ela não parava de rir e dizer:

— *I used to run around, I didn't wanna settle down. But now I wake each day, looking for a way that I can see your face...*

(Eu costumava correr por aí, não queria sossegar. Mas agora eu acordo todos os dias, procurando um jeito de poder ver seu rosto)

Percebi que havia um sorriso no meu rosto ao olhá-la. Ela estava com as bochechas vermelhas e

PERIGOSAS ACHERON

os olhos felizes.

Quando a ouvi cantar:

— *I've got your photograph, but, baby I need more than that. I need to know your lips, nothing ever mattered to me more than this...*

(Eu tenho sua foto, mas, baby, eu preciso de mais que isso. Preciso conhecer seus lábios, nada me importa mais do que isso)

Soltei uma risada e voei em seu pescoço, segurando-o com os dedos e tocando seus lábios com rapidez, fazendo-a rir.

Eu já tinha desligado o carro e ela já havia baixado o som, deixando-nos no silêncio, no estacionamento do Subway. Ela correspondeu ao beijo, sorrindo.

— Não se afasta de mim, nunca mais... — pedi, quase como uma súplica.

— Contanto que você pare de ir a puteiros... — ela se lembrou e eu ri, assentindo.

Marcação de território

*“Você me chama e eu
caio aos seus pés.”*

Nickelback

Brandon

— Caralho, eu não me lembrava o quão gostosas as garotas de Los Angeles eram. — comentou Connor enquanto andávamos pela quadra, observando as garotas jogando vôlei ou se exercitando.

— Cheirou cocaína ou só cola, mesmo? — perguntou Ansel ao nosso lado.

— Deixa Susan ouvir isso. — brinquei.

— Sue sabe que não sou nenhum santo. — comentou ele. — Aliás, estou namorando, não sou cego.

Gargalhei junto de Ansel, até ver Katherine e Paige se aproximando de nós com seus trajes esportivos. Era novidade saber que Paige estudava em Thompson High.

— A que devemos a honra, meninas? — brincou Connor.

Ele era impossível.

— Nada, viemos dar um oi. — Kath sorriu ao nos olhar, ou melhor, ao me olhar.

Mantive-me em silêncio.

— Oi, Brad. — Paige disse ao estender a mão. — Muito prazer, sou Paige.

Ansel soltou uma gargalhada.

Eu estendi a mão e ela apertou-a, depois veio devagar me dar um beijo no rosto. Quis rir de seu cinismo, mas me contive.

— Satisfações, moça. Prazer é só na cama. — rebati.

Ela abriu o sorriso mais largo que eu já vi.

— E no banheiro, no chão, na cozinha... onde você quiser. — balbuciou ela.

Cocei a nuca, olhando-a. Ela não parava de sorrir um só minuto. Não só pra mim, mas para nós três.

— Fecha os dentes, garota, ele não é dentista.

Aquela voz soou em meus ouvidos e foi ali que percebi que Maria Clara estava junto de Susan parada ao nosso lado, olhando-nos. Soltei uma risada, foi mais forte do que eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Era sexta-feira. O calor tomava conta de qualquer lugar onde íamos.

Eu havia passado uma semana sem cortes novos, sem choro ou preocupações com o coração, anteriormente quebrado. Brandon parecia um príncipe comigo. Depois do dia em que passamos juntos e saímos pra comer, ele virou outra pessoa.

Mudou pra melhor. Coisa que eu achei que fosse impossível.

Íamos juntos para o colégio, quase todos os dias. Nas aulas, sentávamos um ao lado do outro e em Thompson High não se falava de outra coisa, era só do quão sortudo Brandon Campbell era por estar saindo com Maria Clara Miller.

Suspirei antes de sair junto de Susan do vestiário feminino com nossos trajes esportivos para a última aula do dia: Educação Física. Já se passavam das 14h da tarde.

Meu cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo alto, livrando meu pescoço do calor. Meus

pulsos estavam cobertos por algumas pulseiras. Sue estava sorridente ao meu lado enquanto íamos pra quadra.

— Estou feliz pelos garotos terem enturmado Brandon com eles. — dizia ela. — Senti falta de vocês e, ao voltar, ficar sabendo que você está se dando bem com um cara legal e que ele gosta da gente, é muito bom.

Sorri pra ela.

— Essa é a nossa melhor fase, Sue, vamos aproveitar antes que seja tarde. — confirmei.

Ela sorriu e me abraçou de lado, feliz assim como eu.

— Ah, não! — ela exclamou assim que viu o mesmo que eu. — Cuidado com o que é seu, amiga, aquela ali está pior do que... — ela parou de falar. — Bom, não vou dizer nada, não quero me comprometer.

Travei o maxilar enquanto íamos de encontro aos garotos que estavam de conversinha mole ao lado de Katherine e Paige. Bufei ao me lembrar que a loira maior estudava ali, agora.

Só me faltava essa...

— Agora entendi por que Katherine está tão diferente. — comentei e minha amiga me olhou.

— Por conta daquela... garota? — Susan questionou e eu assenti com a cabeça, ela não sabia quem era.

— Paige Evans, segundo ano. — informei. — A pior puta de Los Angeles. Em toda festa que fomos nos últimos meses ela estava lá, beijando um diferente a cada cinco minutos. — fiz uma pausa. — Brandon ficou com ela logo na primeira boate que fomos, no início do ano.

Susan bufou.

— Já não gostei dela... — comentou vingativa e eu soltei uma risada antes de me aproximar.

— Fecha os dentes, garota, ele não é dentista. — falei assim que nos aproximamos.

Assim, todos voltaram suas atenções a Sue e a mim. Cruzei os braços.

— Ah, oi, Maria Clara. — ela sorriu cínica. — Alguém aqui falou com você?

— Está incomodada? — franzi a testa, ela ficou me olhando por longos segundos.

Suas bochechas enormes estavam vermelhas e

seus olhos esbugalhados, quase me engolindo. O cabelo loiro dela refletia toda a luz do Sol.

Vi Susan chegar perto de Connor e abraçá-lo de lado. Ele estava todo desconcertado e eu senti vontade de rir. Eu o conhecia tão bem... Connor era o maior machão, perto de todos e com Susan ao lado, era o namorado mais fiel de todos os séculos.

Aproximei-me de Brandon, segurando seu rosto rosado pelo Sol e fitei seus olhos claros, mas impassíveis. Depositei um selinho estalado em seus lábios, que corresponderam numa lentidão absurda.

Senti vontade de rir.

— Clarinha, posso te fazer uma pergunta? — ouvi a voz de Katherine e olhei— a por cima do ombro.

Era a primeira vez em que estávamos nos falando, desde sua festa de aniversário.

— Você é virgem? — perguntou ela.

Engoli a seco assim que processei as palavras. Não respondi de imediato. Bom, eu nem precisava! Que diabos de pergunta era aquela?

— Isso não é da sua conta. — franzi a testa, encostando meu corpo no de Brad, que segurou

PERIGOSAS ACHERON

minha cintura como se fosse obrigação.

— Sabe... é que... você tem muita cara de virgem.
— intrometeu-se Paige.

O que era aquilo? Elite de putas invejosas?

— Você tem cara de prostituta nojenta e eu nunca perguntei quanto custa seu programa, doce Evans.
— sorri irônica e seus olhos me metralharam.

— Maria Clara! — Brad me olhou surpreso.

— Você é tão... — ela começou falando enquanto dava alguns passos, mas Ansel se intrometeu, segurando o braço dela.

— Tão o quê? — berrei, irritada. — Fala! — senti os braços de Brandon segurando os meus. — Fala, Paige! Tão sortuda? Tão gostosa?

— Vagabunda! — ela berrou e eu dei um tapa em sua cara sem pensar.

Senti a palma de minha mão arder e ela me olhou com os olhos queimando.

— Já chega! — Sue disse irritada entre nós duas.

Katherine nos olhava sem reação.

— Vem, vamos embora! — pediu Brad, a voz grossa e rouca, ele estava sério e me puxando pelo

braço.

Respirei fundo, tentando controlar meu nervosismo. Aquela garota era tão cínica, tão... vadia! O nosso santo não batia, não mesmo!

Brandon

Fui atrás de Maria Clara que estava tão nervosa e mandona que eu até me assustei. Ela não era assim.

— Você pode me explicar o que é isso? — perguntei enquanto passávamos em frente aos vestiários.

Não tive resposta, até segurar seu braço de novo e ela virar de súbito e me olhar, ainda irritada.

— Marcação de território. — disse autoritária.

— E precisava tratar a garota daquele jeito? Que coisa feia, Maria Clara! — admiti.

— Feia? Feio é ela ficar dando em cima de você na frente de todo mundo, Brandon! Ela é tão... argh! — ela fez uma careta. — Paige é mais rodada do que prato de micro-ondas, mais... arrombada do que buraco de fóssil achado. — ela cruzou os braços.

Soltei um riso por suas expressões. Ela estava mesmo com ciúmes.

— Fica tranquila! Ei... — segurei seu rosto, olhando em seus olhos. — Eu sou lindo, foi

inevitável não me olhar. — gabei-me e ela revirou os olhos. — Olhar não tira pedaços, Maria Clara.

— É, não tira mesmo, por que se tirasse ela nem existia mais. Você jogou um olhar quase raio laser nela! — ela esbraveceu.

— Ué... você vai morrer por isso? — falei. — Maria Clara, eu sou homem... Eu tenho necessidades.

Ela gargalhou nervosa.

— Necessidades? Hmm, meus parabéns! — ela deu alguns passos pra trás, se afastando de minhas mãos. — Está esperando o quê para que ela possa suprir todas as suas necessidades? Que ela cavalgue em cima de você, dizendo o quanto você é bom?

Senti um arrepio percorrer todo o meu corpo ao imaginar Maria Clara fazendo isso. Observei-a com os braços cruzados e as sobrancelhas arqueadas fitando-me.

— Quanto ciúmes, Maria Clara.

Ela bufou gesticulando a mão, esgotada.

— Ah, Brandon Campbell, tenha-me o favor! — resmungou ela antes que eu pudesse abraçar seu corpo.

Assim que colei nossos corpos, percebi sua respiração ser cortada. Tirei alguns fios de seus cabelos de frente de seu rosto, dizendo:

— Sabe o que eu estou mesmo esperando? — semicerrei os olhos. — Que minha mulher faça isso, tudo isso.

— S-sua... mulher? — ela gaguejou fitando meus lábios.

— Isso... — esbarrei a ponta do meu nariz no dela, vendo-a fechar os olhos e implorar por um beijo com os lábios entreabertos.

Depositei um beijo rápido em sua boca, onde ela segurou meus ombros, ficando na ponta dos pés. Apertei sua cintura para que não caísse e sorri por tê-la nos meus braços.

— Seus pais estão em casa? — perguntei assim que finalizei o beijo com um selinho.

— Estão... por quê?

— Posso jantar lá hoje?

Os olhos dela brilharam de curiosidade ao se afastar.

— Pode... por quê?

— Surpresa! — apertei seu nariz com os nós dos dedos e ela mordeu o lábio.

— Eu posso... chamar Susan e Connor para irem também?

— Deve! — assenti e ela riu dando—me um último selinho.

— Eu preciso ir. As meninas... estão me esperando para jogar... vôlei. — ela disse devagar.

Assenti e me afastei, dando as costas. Até ouvir sua voz de novo:

— Brad? — virei para olhá-la. Ela estava com olhos sérios, mas maliciosos e um sorriso lindo no rosto: — Eu te capto da próxima vez que te ver de putaria com aquela garota!

Pisquei de um olho só pra ela, antes de rir e sair andando.

Aquela mulher iria acabar comigo!

Agora é oficial

*“Nosso amor é como o vento.
Eu não posso ver, mas
posso sentir.”*

Um Amor para Recordar

Maria Clara

— Mãe? Pai? — eu os chamava com ansiedade assim que cheguei. Angelick apareceu na sala, enquanto colocava minha mochila em cima do sofá e disse:

— Eles estão no quarto, querida. Aconteceu alguma coisa?

— Nada, Angel! — eu estava quase pulando de alegria, depositei um beijo em sua testa e subi as escadas rapidamente, ouvindo-a rir de mim.

Cheguei ao quarto dos dois e dei duas batidas, em seguida girei a maçaneta e entrei no maior quarto da minha casa, vendo os dois assistindo a um filme sentados na cama.

— Oi, pombinhos. — joguei-me no meio deles.

— Oi, querida. Já chegou?

— Cheguei. — sorri. — E com boas notícias...

Minha mãe sorriu, me fazendo sorrir também.

— O Brandon vai vir jantar aqui hoje... tudo bem pra vocês?

Meu pai me olhou com a testa franzida.

— Quem é Brandon?

— É o namorado dela, né, Logan! — Clau o respondeu com uma voz que soou a afirmação meio óbvia.

Meu estômago embrulhou de uma forma gostosa. Brandon, meu *namorado*...

Sorri sem me aguentar de ansiedade.

— Ele pode? — pedi mordendo o lábio.

O gogó do meu pai se mexeu em sua garganta e ele me olhou de um jeito diferente. Ele estava intrigado.

— Mas... você tem namorado?

— Não, pai, não tenho. — falei. — Ele quer conversar, conhecê-los... E então, tudo bem pra vocês?

— Ah, por mim, tudo ótimo! Às 20:30. — minha mãe sorriu feliz. — Até que enfim vou conhecê-lo, meu Deus! — dizia ela, como se Brandon fosse um artista famoso.

— Ótimo! Amo vocês. — depus um beijo na bochecha de cada um deles e saí do quarto, deixando meu pai totalmente pensativo.

Enfim, respirei fundo e corri pro meu quarto, tentando pensar no que vestir. Brandon estaria em um jantar em minha casa dentro de mais ou menos três horas. Queria conhecer os meus pais... Meu estômago só faltava sair do lugar de tão ansioso.

Brandon

Eu não lembro quantas vezes já havia feito aquilo nas últimas duas horas, mas estava escovando os dentes antes de me olhar no espelho e passar mais perfume.

Tudo tinha que estar em seu devido lugar. Tudo tinha que ser perfeito. Faltavam apenas dez minutos para o horário que marquei com Maria Clara e eu estava nervoso.

Minha roupa era a mais elegante que eu consegui no closet. Uma calça jeans, uma camisa e um blazer por cima. Nos pés, um par de tênis preto. Rezei para que ela gostasse.

Meus cabelos estavam em pé em um topete bem feito.

Com o celular no bolso, junto com as chaves do carro e a caixinha mais cara que eu comprei na vida, descí as escadas junto de Connor que havia chegado fazia poucos minutos.

— Você tem certeza de que é isso o que deseja?
— perguntou minha mãe.

Sorri pra ela.

— Tenho, mãe. Eu nunca tive tanta certeza. Eu nunca senti isso. — admiti.

Connor riu ao meu lado.

— Eu percebi. Você parece...

— Nervoso. — confirmei pra ela. — Sim, estou. Absurdamente nervoso. — suspirei.

Ela riu e me deu um beijo na testa, em seguida tirou uma flor de um vaso que decorava o hall de entrada da minha casa e me entregou.

— Entregue a ela. — ela disse. — E boa sorte.

Abracei Elizabeth, tentando controlar o nervosismo, sabendo que ela me passava uma paz de certa forma. Agradei antes de sair com Connor, indo pedir aos meus futuros sogros, a mão de Maria Clara em namoro.

Maria Clara

— Você acha que o tio Logan vai permitir o namoro de vocês? — perguntou Sue ao meu lado roubando meus perfumes.

— Eu espero que sim. — admiti, com uma energia que não se desligava dentro de meu corpo por nada.

— Ah, caramba! — ela sorria feliz. — Eu sabia que vocês iriam namorar, eu sabia desde o início!

Soltei uma risada depois que passei rímel.

— Como estou? — perguntei por fim, fazendo-a me olhar.

Eu vestia uma saia cintura alta rosa bebê, com uma regata branca e nos pés um pequeno salto branco fechado. Meus cabelos limpos e lisos estavam soltos e meu rosto maquiado, bem maquiado!

— Ótima, Clara, está ótima! — dizia ela, até ouvirmos o barulho de um carro estacionando em frente a minha casa. — Ah, são eles! — ela avisou.

Sorri, nervosa. Ela me puxou escada a baixo,

fazendo-me descer às pressas para abrir a porta. Antes que ele tocasse à campainha eu abri.

— Tia, ele chegou! — Susan berrou pra minha mãe, da copa.

Abri o maior sorriso que consegui.

— Você veio. — senti seus olhos brilhando em cima de mim.

Observei cada detalhe de seu corpo. Ele estava quase que formal, um absurdo de lindo.

— Eu não deixaria de vir por nada. — ele disse rindo de cabeça baixa e, assim que chegou ao parapeito da porta, estendeu-me uma rosa. — Uma flor para uma flor.

Semicerrei os olhos por alguns segundos, então sorri e peguei o caule. Ele depositou um selinho demorado em meus lábios pintados de batom.

— Vem, meus pais estão te esperando. — peguei em sua mão, fazendo-o entrar em casa e Connor veio atrás, cumprimentando-me gentilmente.

Fechei a porta assim que eles passaram. Olhei com cautela para Brandon que ainda segurava minha mão.

— Você está nervoso?

Ele soltou uma risada pelo nariz e meus pais apareceram, o fazendo suspirar.

Brandon Campbell estava nervoso!

— Oi... você deve ser o Brandon, o... — meu pai falou, fazendo Brandon olhá-lo.

— Namorado dela, sim. — Brandon disse, fazendo meu pai apenas assentir. — Muito prazer, Logan. — ele apertou a mão do meu pai, sorrindo.

— Ah, meu Deus, Clara! — minha mãe sorria com um vestido florido e os cabelos escorridos, olhando para o garoto em sua frente. — Ele é mais bonito do que você me contou!

Brandon ficou corado.

Soltei uma risada, segurando seu braço e fazendo carinho com os dedos em sua mão. Ele não me soltava por nada.

— Obrigada, sogra. — falou ele. — A senhorita é muito... bonita.

Minha mãe o abraçou, fazendo-o rir mais ainda.

— Bom, o jantar está pronto, posso mandar servir?

— Ah, até que enfim uma coisa boa de ouvir! —

Connor comentou, erguendo as mãos para o céu, fazendo-nos rir. — Tia, por favor, pode mandar servir sim!

— Connor! — Susan o repreendeu envergonhada.

Mais risadas foram soltas enquanto íamos para a copa jantar e deixar que meus pais e Brandon pudessem se conhecer.

— Você está no primeiro ano? — meu pai perguntou.

— Estou. — Brad respondeu. — Apesar de já ter dezessete anos.

— Você tem dezessete anos?

— Tenho. Eu comecei a estudar um ano atrasado, então...

Meu pai sorriu.

— Você nasceu aqui em Los Angeles?

— Não. Sou canadense.

O sorriso do meu pai se alargou.

— Presumo que goste de hóquei. — comentou meu pai.

— Sim, sem dúvida! Joguei muito antes de vir

morar aqui.

— SÉrio? — meu pai perguntou curioso.

E pronto, depois disso foram só risadas e comentários sobre jogos de homens, carros e sobre o quanto a comida da Angelick era boa. Risadas que aqueceram meu coração. Era bom ver meus pais gostando de Brandon assim como eu gosto.

Terminamos o jantar e já estávamos na sobremesa, foi quando Brandon falou:

— Então... Logan, eu queria pedir a mão da sua filha em namoro. — ele tirou as mãos do colo e colocou-as em cima da mesa, junto com uma caixinha vermelha onde havia um anel com uma pedrinha vermelha.

Meu pai fez um longo silêncio sentado na ponta da mesa. Ao seu lado estava minha mãe e na frente dela, Brandon, no lugar em que eu costumava sentar. Eu sentei ao seu lado e segurei sua mão por debaixo da mesa, depois fitei o anel em nossa frente, olhei para meus amigos que estavam sentados ao lado de minha mãe, depois olhei Logan, que permanecia quieto e pensativo.

Até que abriu a boca:

— Ela é meu bem mais precioso, Brandon.

— O meu também, Logan.

— Eu já fui um garoto como você e já fiz muito disso...

— Eu sei, mas... — ele me olhou. — nunca estive tão certo. Eu queria que fosse com sua permissão e...

Brandon perdeu as palavras.

Eu respirei fundo, com dificuldade até, com medo do que meu pai fosse falar.

— Eu gostei de você. — Logan sorriu.

— Anda, Logan, diz logo! — pediu minha mãe, entusiasmada e feliz. — Dá pra ouvir daqui, os dois corações apaixonados batendo fortes!

Meu pai soltou uma risada e pegou o anel de dentro da caixinha, o entregando na mão de Brandon para que este o colocasse em meu dedo, dizendo:

— Cuida dela. Eu quero confiar em você.

Mordi o lábio estendendo a mão para que Brandon colocasse o anel e foi isso o que ele fez, sorrindo. Assim que finalizou, eu apertei os dedos,

sentindo a grossura do anel em minha pele, no tamanho certo. Sorri, querendo voar em seu pescoço e beijá-lo, mas me contive.

— Felicidade e tudo o mais. — meu pai brincou. — Mas, agora preciso me deitar, amanhã acordo cedo, tenho que resolver umas coisas na empresa, bom... Foi um prazer conhecê-lo.

Brad se levantou para cumprimentá-lo.

— Igualmente, Logan. Boa noite.

Sorrindo, meu pai deixou a copa. Minha mãe chamou Angel e ela começou a tirar a mesa.

— Bom, vamos aproveitar a deixa para ir embora. — Sue falou. — Já fizemos o papel dos amigos que soltam risadas e amenizam o clima quando o mocinho vai conhecer os pais da mocinha e tudo o mais, então... Boa noite pra vocês.

— Felicidade e o caralho todo. — Connor falou e eu soltei uma risada.

— Obrigada, vocês fizeram um bom trabalho! — falei ao abraçar os dois, Brandon fez o mesmo.

Levei o casal até à porta com calma e me despedi deles. Suspirei antes de voltar para a sala, onde Brad e minha mãe conversavam. Aproximei-me

PERIGOSAS ACHERON

dos dois batendo os saltos no chão e abracei meu namorado de lado.

— Eu estou feliz, muito feliz mesmo. — minha mãe falava pra ele. — Confio em vocês dois, espero que dê certo. Contem comigo pro que precisarem, eu e o Logan estamos aqui pra ajudar vocês e não atrapalhar, ok?!

— É ótimo ouvir isso, sério. — Brandon sorria agradecido.

— Agora vou deixar vocês à vontade e subir, estou exausta e amanhã tenho que ir à empresa com o Logan. Boa noite, meus queridos... — falou ela ao beijar nossas bochechas.

— Boa noite, mamãe. Obrigada por tudo.

Ela sorriu e subiu as escadas nos deixando sozinhos.

Foi aí que eu voei em seu pescoço e devorei seus lábios.

— Eu disse que eles iriam gostar de você! — falei feliz.

— Eu sou louco por você. — dizia ele beijando meu pescoço e abraçando meu corpo, como se eu fosse fugir.

— Vem cá. — pedi, puxando-o pela mão e levando-o até os fundos de casa.

Ele se sentou primeiro no banco perto da piscina e eu sentei quase em seu colo, apoiando minha cabeça entre seu peito e seu braço. Ficamos olhando as estrelas, só ouvi a respiração pesada e cansada dele.

— Brandon. — chamei-o.

Ele olhou pra baixo, os olhos escuros, brilhantes, lindos. Suspirei, enchendo o peito para falar o que eu queria tanto dizer fazia bons e longos dias. Mordi o lábio antes de dizer:

— Eu estou apaixonada por você.

Brandon abriu o seu melhor sorriso, o mais lindo e verdadeiro e me beijou com vontade, com mãos bobas por todo o meu corpo, me fazendo rir à toa e fazendo com que nossos corpos escorregassem para o gramado.

Subi em seu corpo com cuidado, beijando seu pescoço, abrindo alguns botões de sua camisa para que pudesse sentir seu cheiro, para que ouvisse seu coração bater.

— Vamos subir? — pedi entre seus lábios,
PERIGOSAS ACHERON

dobrando os joelhos para me levantar. Prendi a respiração ao sentir suas mãos em minhas coxas por debaixo da saia. — Brad? Vamos subir! — repeti, fazendo-o abrir um sorriso malicioso e bagunçar os cabelos antes de ficar de pé.

Subimos em silêncio as escadas, o que fez com que ele dissesse, assim que bati a porta do meu quarto e a tranquei:

— Você quer que eu durma aqui?

Apenas sorri, segurando seu pescoço gelado e beijando-o mais ainda.

Brandon

— Eu estou destruída, o dia foi cheio. Preciso me trocar. — falou Maria Clara assim que se afastou de meus lábios e sumiu dentro do closet. — Fica à vontade!

Assenti, dando de ombros e tirando o blazer, depois a camisa e por fim as calças, deixando meus tênis ao pé da poltrona onde deixei minhas roupas. Maria Clara voltou segundos depois do closet e me olhou com os olhos arregalados.

— O que foi? Você pediu para que eu ficasse à vontade...

Ela riu encolhendo os ombros e balançando a cabeça. Depois, seguiu para a porta do banheiro. Acompanhei seus passos e impedi que ela entrasse.

— Ei, o que está fazendo?

— Eu vou me trocar... — ela falou como se fosse óbvio, com as sobrancelhas arqueadas.

— Ué, você está no seu quarto. Qual o problema de se trocar aqui? — perguntei. — Sou seu namorado, Maria Clara, não um maníaco

estuprador.

Ela apenas assentiu e foi até à mesa do computador que era do lado oposto da cama. Eu fui até à cama e me sentei, apoiando o corpo nos cotovelos de barriga pra cima.

Observei seus gestos. Ela tirou as pulseiras que escondiam os cortes e colocou sobre a mesa, depois os brincos e os sapatos, deixando-os no chão. Em seguida, tirou a regata e pegou a blusa de alcinha do pijama para usar. Tudo isso de costas pra mim.

Quando vi, já estava me levantando e indo em sua direção, abraçando seu corpo por trás e colando minha boca em seu ombro. Ela tomou um pequeno susto, deixando a blusa que estava em suas mãos cair no chão.

— Brandon, deixe eu me trocar. — pediu ela soltando um risinho.

— Depois. — afirmei antes de virá-la pra mim e beijá-la nos lábios.

Seus olhos se fecharam e ela correspondeu, encostando seus seios cobertos apenas pelo sutiã em meu peito nu. Apertei-a em meus braços, levantando seu corpo, passando suas pernas em

volta de minha cintura e levando-a até à cama.

Ela envolveu seus braços em meu pescoço e se deitou na cama, deixando-me por cima dela, dando beijos em seu pescoço e em seu colo. Ouvi sua risada nervosa.

— Você não acha que estamos indo rápido demais? — perguntou ela. —

A gente acabou de oficializar as coisas.

— Pra quê perder tempo? — sussurrei em seu ouvido, sentindo meu corpo enrijecer por inteiro. — Eu te quero, Maria Clara, eu sempre te quis. — minha voz saiu embriagada, só revelando cada vez mais o quanto eu precisava daquilo.

Era quase um mês sem sexo, um mês! Nem parece séria essa informação vinda de mim.

— Eu sei, mas... — ela parou para rir, suspirando demoradamente assim que eu dei um beijo em seu peito na parte descoberta pelo sutiã. Passei minhas mãos por detrás de suas costas abrindo com facilidade o fecho e ela tomou um leve susto, segurando o tecido em frente ao corpo, empurrou-me para que saísse de cima dela e se sentou. — Brad, eu acho melhor não.

Olhei intrigado pra ela. Depois cocei a cabeça.

— Você não vai fazer isso comigo de novo, não é? — inclinei a cabeça para o lado.

— É que... — ela passou uma mecha do cabelo atrás da orelha, em seguida molhou os lábios com a língua.

— O quê? Não inventa mais desculpas, Clara.

— Não, é que...

— Eu não quero que você fique me evitando desse jeito, amor, por favor...

— Você não entendeu. — ela disse desconcertada, sentada ao meu lado. — É que eu não quero.

— Ah, não? Por quê? Só o Ansel pode?

Ela franziu a testa.

— O Ansel? — ela sussurrou. — O que o Ansel tem a ver com isso? — ela fez uma pausa, depois soltou uma risada nervosa. — Você está achando que eu e o Ansel, a gente...? — ela riu de novo. — Claro que não! Isso nunca rolou.

Foi então que eu parei para analisar sua expressão e todas as vezes que ela me negou sexo. Esperei

uns segundos, molhando os lábios com a língua ao dizer:

— Isso nunca rolou entre vocês ou... na sua vida?

— Os dois. — ela abaixou a cabeça.

— Você é virgem? — perguntei surpreso.

— Sou. — admitiu ela tão baixinho que eu achei até que não tinha escutado direito.

Abri um sorriso enorme, segurando seu pescoço e depositando um selinho molhado e demorado em seus lábios rosados e cheios.

— Droga! Eu não fazia ideia...

— Agora você me ofendeu. — falou ela de olhos fechados. Soltei uma risada pelo nariz.

— Não, é que... você e o Ansel, eu achei...

Ela me beijou, fazendo-me calar. Depois, suspirou:

— Nada a ver.

— Eu serei o primeiro? — perguntei esperançoso.

Maria Clara riu como se eu tivesse contado a melhor das piadas.

— E o único.

Foi a minha vez de rir. Ela colocou dois dedos sobre meus lábios.

— Não tem graça, droga!

— Desculpa... — beijei seus lábios de novo, com vontade e rapidez. — Desculpa. Que seja no seu tempo, quando e onde você quiser, tudo bem?

Ela assentiu.

— Agora será que eu posso me trocar? — perguntou inocente e eu soltei um riso.

— Pode, pode sim. — falei, levantando-me da cama e deixando-a ter privacidade. — Eu vou... — apontei para o banheiro, vendo-a assentir e entrei, ouvindo sua risada.

Maria Clara

Assim que Brandon entrou no banheiro eu pulei da cama, tirando o sutiã e colocando minha blusa do pijama, depois tirei a saia e coloquei a calça rapidamente. Só assim respirei fundo, aliviada por ele não forçar nada.

Sim, eu queria, queria muito, mas não agora, não tão rápido assim. Eu queria ter mais confiança nele... Eu queria ter certeza do amor dele por mim.

Peguei o celular e me enterrei embaixo do edredom gelado para esperá-lo. Em longos minutos ele saiu de lá, apagou a luz e ligou o abajur, em seguida veio para baixo do edredom comigo. Deitei confortável em seu peito, ligando a câmera do celular.

— Sorria. — pedi a ele, que ajeitou os cabelos e fez uma careta para a foto.

Postei em minhas redes sociais, Brandon ficou observando e não falou nada. Guardei o celular no criado mudo depois de alguns minutos e fechei os olhos apoiada no peito liso e cheiroso dele, que

suspirou, fazendo carinho com os dedos em meu ombro.

— Tá tudo bem? — perguntei, procurando seus lábios para um selinho.

— Tudo. — disse ele, então, fechei os olhos.

Os segundos passaram devagar, só nossas respirações eram ouvidas no quarto. Eu achei que ele tivesse dormindo, até ouvir sua voz:

— Eu não estou me reconhecendo, Maria Clara. — sua voz soou como um desabafo guardado há dias. — Você está virando meu mundo todo.

Eu agradei mil vezes por tê-lo ali, dormindo comigo, abraçado a mim.

— Merda! Eu amo você.

Só Deus tem a leve noção de como eu estava me sentindo naquele instante. Meu corpo todo estava arrepiado. Eu só o apertei mais forte, bem forte.

— Eu também te amo, Brandon. — admiti, sentindo seu beijo em minha cabeça.

O beijo mais sincero e carinhoso que ele havia me dado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nada mais que amigos

*“A amizade é uma espécie de
amor que nunca morrer.”*

Mário Quintana

Maria Clara

— Amor, ei, acorde. — ouvi uma voz distante. —
Ei, Maria Clara! — era Brandon, claro.

Esfreguei os olhos, vendo ele já vestido me
olhando sentado na cama.

— Bom dia pra você também. — murmurei, a
voz rouca e falhada pelo sono.

— Bom dia. — ele tirou alguns fios do meu
cabelo que estavam em frente do meu rosto. — O
que quer fazer hoje?

— Que dia é hoje? — perguntei, desnorteada.

— Sábado.

— Que horas são?

— Hora de acordar. — falou ele e eu bati com a
minha mão em sua coxa, então ele falou: — São
10h da manhã. Mais alguma coisa?

Soltei uma risada.

— A gente pode sair pra... andar de skate.

— Você sabe andar de skate? — ele perguntou.

Abri meus olhos de novo para certificar-me se era

mesmo meu namorado que estava ali.

— Sim, Brandon — falei. — E odeio bicicleta, não sei dirigir carro, mas moto eu tento. Mais alguma coisa?

Ele riu.

— A gente começou a namorar ontem, deixa de ser tão rabugenta. Aliás, tem tanta coisa minha que você ainda não sabe... — ele fez uma cara de debochado, então ri baixinho.

— Ótimo. Pode ser depois do almoço?

— Pode. — falou ele tocando meu rosto. — Você parece um panda filhote quando acorda.

— Vai se foder! — exclamei com sono, virando pro outro lado.

— Já vou. — ele depositou um beijo no meu ombro e se levantou, ajeitando o blazer.

— Não vai nem tomar café?

— Não. A gente se vê às... 14h?

Suspirei.

— Isso por que eu nem te dei ontem. Imagina se tivesse dado, você não ia fazer nem o favor de me acordar pra se despedir.

Ele riu alto, antes de abrir a porta.

— Chama o Ansel e a Melanie pra irem com a gente. — pedi, rezando para que ele tivesse ouvido.

Então ele saiu, fazendo o quarto continuar silencioso e com que eu pudesse dormir mais um pouco.

Agradei pelo Sol naquele dia, só por que eu iria andar de skate e matar as saudades. Fazia bons e longos meses que não andava, estava ficando quase enferrujada.

Depois do almoço, com um short rasgado, tênis e uma camisa que mostrava um de meus ombros, fui para a pista de skate que tinha a duasquadras do colégio.

Já estavam lá os três: Mel, Ansel e Brad.

— Parabéns pelo namoro, xuxuzinha! — exclamou Melanie me abraçando assim que me aproximei deles.

— Obrigada. — murmurei com os olhos semicerrados por conta do Sol.

Depois, Brandon veio me dar um selinho e em

seguida Ansel me abraçou.

— Bom te ver. — falei, olhando sua cara que estava mais do que esquisita. — Tá tudo bem, Ansel?

Ele me olhou de um jeito estranho.

— Vem, me conta o que houve! — falei, indo me sentar com ele no topo da pista.

— Amor? Você não vem? — perguntou Brad.

— Já vou! — avisei. — Deixa só eu conversar com o Ansel.

Ele assentiu com um olhar curioso.

— Me passa seu skate, Clara! — pediu Melanie ao lado de Brad. — Me deixa ver se consigo aprender dessa vez.

Assenti e empurrei o skate para ela, que pediu ajuda a Brandon.

Suspirei e olhei Ansel, que olhava para o horizonte, sentando, balançando as pernas.

— Pronto, pode começar.

— Começar o quê? — ele falou com desdém. — Não tenho nada pra falar.

— Ah, tem sim! — insisti, fazendo-o me olhar.

— Eu conheço você, você não parece bem.

Ele suspirou fundo até admitir:

— Você está namorando.

— Estou... mas... O que isso tem a ver?

— Tudo muda a partir de agora.

Só quando ele disse, é que eu entendi. Sim, tudo iria mudar. Ansel e eu não poderemos mais ficar, muito menos ter uma amizade colorida, coisa que era tão normal pra nós dois.

— Sim, mas... Eu vou morrer sendo sua amiga, Ansel. — falei. — Você e a Melanie estão tão bem...

— Não é a mesma coisa.

— Ela não te faz bem?

— Ela faz. Muito. Eu estou louco por ela... mas...

— Você não acha que isso é ciúmes de amigo? Não acha que só está preocupado com o meu coração?

Rezei mentalmente para ser exatamente isso, se não tudo iria por água abaixo, a vida ia dar um giro de 190 graus. Ansel gostando de mim? Não, mil vezes não! Isso ia encadear mil sofrimentos, um

atrás do outro...

Ouvi seu suspiro e sua voz me tranquilizando:

— Vamos rezar para que seja mesmo. — ele falou e sorriu. — Eu fiquei louco quando Brandon me ligou ontem assim que saímos da aula, perguntando se deveria te pedir em namoro. Nossa, eu juro, ia dizer não. Mas lembrei da sua felicidade e disse: *“vai lá, cara, leva uma joia ou algo assim, ela vai aceitar com certeza”*.

Abracei-o com força.

— Você é maravilhoso. — depositei vários beijos em sua bochecha e ele riu. — Eu estou mega feliz sim, e espero que você também fique!

Ele assentiu, sem graça.

— Quando vai ser a sua vez? — perguntei olhando Mel rindo ao segurar as mãos de Brandon que a ensinava a se equilibrar em cima do brinquedinho de rodas.

— Ih, não sei... — ele coçou a cabeça. — Em breve, em breve. — comentou.

Soltei uma risada e me levantei.

— Olha só que lindo meu anel. — me gabei colocando minha mão em frente ao seu rosto.

Ansel riu baixinho.

— Se Melanie acha que vai ganhar um desses, está redondamente enganada. Aliás, ela merece um mais bonito.

Fiz uma careta antes de dar um murro em seu ombro de leve. Depois levantamos e fomos andar de skate e falar bobeira, como bons e velhos amigos.

Tyler Carter

*“Os olhos sempre
dizem a verdade.”*

Nicholas Sparks

Maio de 2008

Maria Clara

Se existe uma coisa de que sou fã, é da vida. Que, de um dia para o outro, faz nosso mundo mudar tanto, mas tanto, que quase não nos reconhecemos mais.

Era fim de Maio. Eu tinha um namorado há três meses. Foram os meses mais rápidos e divertidos da minha vida. Aconteceu de tudo, desde provas ferradas no colégio, até brigas com amigos e depois acertos. De passeios com os próprios, até sair só com o namorado, rindo de qualquer coisa que visse, só por estar com ele.

Passei de uma garota controlada e independente, para uma tristonha que se automutilada, e foi só deixar as coisas se desenrolarem que voltou ao normal, sem precisar de cortes novos ou uma lágrima se quer cair dos olhos.

Toda vez eu respirava fundo, feliz ao acordar, agradecendo mentalmente por ter todos os meus amigos por perto, por ter pais tão atenciosos e por ter um namorado pelo qual eu estava

completamente apaixonada.

Caminhando com Brandon pelo shopping depois de assistir a um filme, senti meu celular vibrar no bolso. O peguei depressa.

— Mãe? — perguntei com o aparelho no ouvido.

— *Meu amor, chegamos!* — avisou ela feliz.

— Já? — sorri. — Até que não demorou muito.

— *Sim. Espero que passe logo os dias para eu voltar. Estou com saudades.*

Soltei uma risada.

— Aproveita bastante. Chicago deve ser o máximo! — exclamei.

— *O máximo para quem vem passear, não fechar negócios.* — ela soltou um riso baixo. — *Seu pai pediu pra você se cuidar, disse que te liga quando puder.*

— Sim, senhora! Mande um beijo enorme pra ele. — murmurei enquanto observava uma vitrine.

— *Eu mando, meu anjo. Boa noite.*

— Boa noite, mãe.

Finalizei guardando o celular no bolso novamente, então senti a mão de Brandon

segurando a minha e o olhei.

— Então, eles foram para Chicago? — perguntou.

— Sim, foram hoje. Voltam só daqui a um mês. — falei.

O brilho nos olhos de Brandon me deixaram aflita.

— Ah, um mês? — sua voz chegou em meus ouvidos com uma malícia melosa, mas ao mesmo tempo ansiosa.

— Sim, um mês. — falei ao parar de andar um pouco.

Ele fez com que eu ficasse em sua frente e, segurando meu rosto com os dedos longos, depositou um beijo sem língua em minha boca. Segurei forte seu antebraço.

— Bom saber. — sua voz cortou o beijo. — Pelo menos assim você dorme lá em casa.

Processei suas palavras e automaticamente senti um arrepio percorrer toda a minha espinha. A vontade dele sempre foi essa: deixar que meus pais viajassem de novo para que eu dormisse lá. Durante o namoro eu não havia dormido na casa de Brad,

PERIGOSAS ACHERON

meus pais não permitiriam.

Mas isso não o impediu de dormir duas noites na minha casa, contando com a do dia em que ele jantou lá. Nunca aconteceu nada.

Eu sentia vontade, só não tinha coragem. Ele não tinha forçado nada desde que começamos a namorar, mas aquele beijo me revelou que não seria mais assim. Eu estava ferrada!

Que Brandon me perdoe por eu ter o deixado mais de três meses sem sexo. Para um pegador nato, deveria estar sendo um absurdo de ruim.

— Olha lá, que mundo pequeno... — ouvi alguém dizer ao nosso lado e eu abri os olhos afastando-me de Brad, que sorriu para a pessoa que falou.

— Hm, Carter! — respondeu meu namorado, pegando na mão de um garoto alto, musculoso e moreno, bem vestido, um garoto muito... lindo. — Como está?

— Ótimo e você? — falou o garoto.

Observei seu rosto. Ele não me parecia estranho, não mesmo.

— Bem, vou muito bem. — Brad sorriu sem mostrar os dentes.

— Não vai me apresentar sua garota? — foi então que ele me olhou.

— Oh, claro. — Brandon olhou pra mim. — Amor, esse é Tyler Carter. E, bom, essa é Maria Clara minha namorada.

Ele abriu o sorriso mais branco e cínico que eu já vi em toda a minha vida. Seus olhos só faltaram me engolir, não por me observarem dos pés à cabeça ou algo assim, até por que ele olhou apenas para o meu rosto. Mas, eu senti meu peito arder com aquele olhar.

— Muito prazer, Miller.

Como ele sabia meu sobrenome?

Olhei sua mão estendida pra mim, então a toquei. Ele apertou meus dedos com força, dando um passo a frente e tocando sua boca em minha bochecha para um beijo colado, então se afastou, me olhando ainda.

— Oi. — foi a única coisa que eu consegui dizer ao soltar sua mão, sentindo todo o meu corpo se arrepiar.

Segurei a mão de Brad, apertando seu braço com a outra mão e me mantive em silêncio, ouvindo

PERIGOSAS ACHERON

Tyler falar:

— Você vai aparecer amanhã, não vai?

— É claro que vou! — falou Brandon sorrindo.

Estranho... ele vai pra onde? E sem me dizer nada...

— É às... 22h?

— Isso! Eu espero que você vá! Eu chamei o Connor e a garota dele.

— Estarei lá, sem problemas! — avisou Brad, sorrindo empolgado.

— Eu também te espero lá... Maria Clara.

Engoli a seco.

Suas palavras eram... egocêntricas, secas, mas ao mesmo tempo tão cheias de mistério, malícia... Eu não conseguia decifrar bem.

Consegui apenas assentir com a cabeça, vendo-o se despedir de nós e se afastar, passando para o lado oposto. Brad continuou andando para a direção que estávamos anteriormente e eu sabia que Tyler já havia ido embora, mas, como a curiosidade matou o gato, eu olhei para ele por cima do ombro e senti seus olhos queimarem em cima dos meus.

Respirei fundo, voltando a prestar atenção no caminho que Brad e eu estávamos fazendo.

— Tudo bem? — perguntou ele me olhando de lado.

Pensei em suas palavras, pensei no que havia acontecido e... Que energia negativa ele tinha!

— De onde você o conhece?

— Ué, Maria Clara, do colégio? — Brandon respondeu como se fosse óbvio.

— Do colégio? — torci o lábio — Ele estuda lá há muito tempo?

— Acho que sim... — ele me olhou. — Você não o conhece?

— Não.

— Orra. — exclamou surpreso. — Ele é o capitão do time do ano dele.

— Do ano dele?

— Sim, meu amor. — ele dizia como se eu tivesse cinco anos de idade. — Tyler está no último ano do colégio, ele deve ter uns 19 ou 20 anos.

Surpreendi-me.

— Hm. — comentei. — E aonde você vai

amanhã?

— Na festinha que ele vai fazer em sua casa.

— Festinha? — soltei uma risada. — Você não me falou nada sobre essa festinha, Brandon.

— Estou falando agora, amor. — ele sorriu seco.
— A gente vai. Connor e Sue também vão... tá, isso você já ouviu.

Revirei os olhos.

— A gente tem mesmo que ir?

— Sim, temos. — confirmou ansioso.

—

Brandon

Meu corpo estava quase em êxtase, eu estava realmente muito ansioso. Fazia semanas que eu não ia em uma festa decente.

Buzinei o carro na frente da casa de Maria Clara pela milésima vez, esperando a donzela sair.

— Caralho, Maria Clara, anda logo! Vai para um casamento? — berrei, sabendo que ela não ouviria.

Connor riu alto no banco de trás.

— Eu estou louco, eu quero sair de lá carregado.
— comentou ele.

— Você não é o único.

Ajeitei os cabelos no topete, antes de buzinar de novo, dizendo:

— Mas se depender dessas duas, vamos chegar lá pra ajudar a limpar a casa dele. — e berrei de novo:
— Vai logo, Maria Clara!

— Ah, mas que merda! — ela gritou saindo pela porta junto de Susan, as duas devidamente arrumadas. — Vai vender a buzina, Campbell? Por quanto? — zombou.

Enfim, entrou no carro sentando ao meu lado. Esperei que Sue entrasse atrás, junto de Connor.

— Como eu estou? — perguntou Maria Clara se olhando no retrovisor.

Observei sua roupa.

Ela vestia uma calça jeans preta, saltos vermelhos e uma blusa curta também vermelha e colada, de mangas longas.

— Brad? — ela me chamou. — Estou bem com essa roupa?

— Não. — respondi seco.

Maria Clara me olhou incrédula.

— Você sem ela é melhor.

Ela riu debochada. Suspirei e pisei fundo no acelerador. Eu queria chegar nessa festa o quanto antes.

Maria Clara

As batidas de “*Blah Blah Blah*” da Kesha entravam pelos meus ouvidos e tomavam conta de todo o meu corpo. Eu não conseguia ficar parada. Já era a milésima música que eu dançava e não conseguia me cansar. Com certeza eu estava precisando de uma festa dessas mesmo!

Sue me entregou a garrafa dela de vodca dando risada das minhas caretas enquanto dançava e eu virei um gole na boca.

— Você viu os garotos? — puxei Sue pelo braço, sussurrando em seu ouvido por conta da música alta e senti seu cheiro de perfume forte.

— Não. — ela disse sem se importar. — Preciso ir no banheiro. Vem comigo? — pediu.

Antes que pudesse concordar, ela me puxou no meio da pista para que passássemos por todos com rapidez. A pista estava lotada, assim como a casa toda, tanto no jardim de fora como a piscina nos fundos.

Tyler cruzou conosco algumas vezes e eu queria

dizer o quanto sua casa era foda, o quanto sua festa estava foda e o quanto eu estava me divertindo, seja bebericando a bebida de Susan, dançando com ela ou beijando Brandon, mas não disse. E por falar no dono da festa...

— Se divertindo, queridas? — ele se esbarrrou conosco assim que subimos as escadas para os quartos.

— Muito, Carter! — Susan respondeu. — A propósito, onde fica o banheiro?

— Na última porta, no meu quarto. Podem ir. — ele me olhou sorridente, respondendo minha amiga sem se preocupar.

Ela sorriu e saiu me puxando. Eu virei para ele e perguntei depressa:

— Onde está Campbell?

— Nos fundos. — Tyler se virou para me responder, depois arqueou a sobrancelha.

Antes que eu pudesse dizer algo, Susan me puxou, dizendo:

— Anda logo, garota! — e riu. — Se não, vou fazer xixi nas calças!

E fui, sem olhar pra trás, agradecendo por ter

ficado longe dele. Bom, pelo menos o paradeiro de onde Brandon estava eu já tinha.

Entramos em um quarto grande e escuro. Tinha móveis antigos, mas bem bonitos. Uma janela ampla, uma cama enorme e uma porta, que Susan deduziu ser o banheiro, indo em direção a ela.

— Me espera aqui! — pediu ela, me deixando no quarto de Tyler e entrando no banheiro.

Eu assenti e caminhei até à janela, vendo lá embaixo Brandon rir com vários garotos que eu não conhecia. Connor também estava lá. Bufei e andei alguns passos, observando uma cômoda alta com alguns porta—retratos em cima.

Peguei um, continha uma foto de um garotinho pequeno, os olhos duros, mas um sorriso bonito na foto, sentando em um sofá escuro segurando um bicho de pelúcia. Observei cada detalhe, ouvindo ao fundo a voz de Ciara cantando “*Like a Boy*” no andar de baixo.

— Descobri mais uma característica sua. — aquela voz me fez pular e colocar o porta retrato no lugar como reflexo.

Em seguida me virei para olhar quem era e senti

PERIGOSAS ACHERON

meu peito subindo e descendo com rapidez por conta do susto.

Era Tyler, claro. Ele colocou um copo em cima do criado mudo e colocou as mãos no bolso, me olhando. Droga! Eu nem ouvi quando ele entrou...

— Te assustei? — ele arqueou uma sobrancelha.

— Não.

Ele suspirou.

— Aí na foto sou eu, se quer saber. Percebi que além de linda você é curiosa.

Pisquei algumas vezes, fitando-o. Ainda não tinha me recuperado do susto.

— Desculpa, eu não devia...

— Mexer nas coisas dos outros? — ele finalizou, depois sorriu e balançou a cabeça como se não tivesse importância o que eu estava fazendo.

Continuei observando-o, imóvel. Tyler vestia sapatos escuros, jeans vagabundo e uma camisa que revelava seus músculos enormes. Percebi que não os vi no dia anterior por ele estar de jaqueta, mas ali dava para ver bem. Ele era realmente forte. Fitei seu rosto cínico.

Ele era atraente, mas também dava medo, pelo menos em mim.

— Então, você é a namorada do Campbell? Qual número?

— Sou a sua única namorada.

— Mesmo? — ele me intimidou. — É que ele chegou em Thompson High querendo ser dono de tudo... capitão do time titular, todas as mulheres, centro das atenções, querendo ter Maria Clara Miller pra ele... não parece que ele se contenta só com você.

Bufei irritada.

Que merdas eram aquelas que ele estava dizendo?

— Você não o conhece.

— Que bom que não. — ele caminhou devagar e despreocupado em minha direção. — Aliás, ele é do tipo de cara que não merece você.

— Não me merece? — repeti suas palavras.

— Você é mulher demais pra... ele. — Tyler se referia a Brandon como se fosse lixo.

Que tipo de amigo era aquele?

Parei de respirar, assim que senti sua respiração

chicoteando a minha. Ele estava bem perto de mim.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Não sei o que estou dizendo? — ele soltou um riso me menosprezando. — Olha pra você, garota.

E então passou os dedos em uma mecha do meu cabelo. Eu sentia o medo tomar conta de todo o meu corpo, a sensação era horrível. Tyler chegou mais perto e, com a boca no meu ouvido, murmurou:

— Você nasceu pra ser minha mulher.

Tremi na base. Tentei dar um passo e ele apertou meu braço, me olhando cheio de malícia e vontade.

— Tyler, me solta! Eu vou gritar.

— Vai gritar? — ele riu com gosto, me dando nos nervos. — Ninguém vai te ouvir. Nem ao menos o seu herói, que te deixou pra ficar chapado lá embaixo com os amigos dele.

Engoli a seco, olhando-o.

— Me solta! — repeti, irritada.

Foi quando ele deu um passo em minha direção que a porta do banheiro se abriu e Susan saiu arrumando o vestido. Depois sorriu pra mim. Quase

que imperceptível, Tyler soltou meu braço.

— Tyler, oi. — minha amiga sorriu pra ele.

Ele sorriu de volta.

— Er... vamos, Susan? Precisamos encontrar os garotos para irmos embora. — caminhei em direção à porta.

— Mas, já?

— Anda, Susan! — berrei saindo do quarto e ela me acompanhou.

Eu não entendi como eu conseguia andar. Minhas pernas estavam a ponto de fraquejar, o coração completamente descontrolado. E isso tudo culpa de Tyler-maníaco-Carter.

Brandon

Senti meus lábios secos, quentes. Então, apoiei o cigarro novamente entre eles, sugando a essência pra dentro devagar e depois a soltei, suspirando.

— Brandon? — ouvi a voz de Maria Clara e olhei em direção de onde vinha o som.

Ela estava parada ao lado de Susan e Connor, quase com o queixo no chão me olhando com seus olhos enormes e brilhantes.

— Oi amor. — sorri sem mostrar os dentes, a voz saiu seca, amarga.

— Você... fuma? — minha namorada andou em minha direção.

Franzi a testa olhando para o baseado.

— É o que parece... né? — soltei uma risada.

— Isso é sério?

— Parece engraçado? — abracei sua cintura e ela mantinha o corpo longe, me olhando como quem olha um rato morto.

— Desde quando?

— Desde... hoje. — sorri.

— Por quê?

— Por quê? — repeti e ri alto. — Não sei, ué.

— Brandon! — ela me repreendeu. — Solta isso, por favor. — pediu manhosa.

Traguei de novo, soltando a fumaça para o alto, ouvindo a música alta dominando o lugar. Deveria ser mais de meia noite e todos estavam ali como se fosse cinco horas da tarde. Eu nunca me senti tão anestesiado.

Senti dedos finos em cima dos meus, tirando o cigarro de minha mão e jogando no chão.

— Maria Clara! — reclamei exaltado. — Se for pra encher o saco, volta lá pra dentro com a Susan. Aqui fora estava muito melhor sem você.

Os olhos dela se arregalaram. Todos os amiguinhos maconhados de Tyler estavam olhando para nós.

Vi Maria Clara balançar a cabeça indignada, depois me empurrar para longe e murmurar:

— Você é um babaca! — e saiu, sem dizer mais nada.

Foram alguns segundos para eu entender o que estava acontecendo.

— Brandon! — Sue me repreendeu. — Vai atrás dela!

E eu fui, passando por todos, entrando na casa e demorando quase anos para sair de lá, pedindo mil licenças para todos que dançavam e enfim cheguei ao jardim da frente, onde ela estava andando com passos firmes.

— Clara? Calma aí. — pedi, mas ela não ligou e continuou a andar, só parou quando segurei firme seu braço rijo. — Espera!

— Pra quê? Pra eu abrir a boca e você ficar bravinho e me engolir só por que estava na frente dos amiguinhos novos?

— Claro que não. Eu só não quero que você fique me tratando assim.

— Eu estou te tratando do jeito de sempre, chocada e preocupada com você, querendo ser o novo Zé Droguinha.

Bupei por suas palavras.

— Era só maconha.

— Pois é, é pela maconha que começa. — ela me olhava dura, irritada.

— Tá tudo bem por aqui? — Sue surgiu ao nosso lado, segurando a mão de Connor que estava chapado, completamente bêbado e lesado.

— Está sim, a gente só... — comecei falando, mas Maria Clara me interrompeu.

— Não, não está. Eu quero ir embora.

— Embora? — franzi a testa olhando-a. — Você não vai estragar a noite por causa de maconha... ou vai, Maria Clara?

Ela bufou impaciente.

— Foi você quem estragou a porra toda, Brandon, eu só quero ir embora. Será que a gente pode ir ou eu tenho que ir sozinha? Minha casa não é longe, posso ir a pé. — dizia ela, a voz quase pingando de impaciência.

Suspirei, sentindo minhas têmporas latejarem.

— Tá, tudo bem. — me aproximei devagar, depositando um beijo em sua testa e colocando uma de minhas mãos em sua cintura. — Sue, você pode levar o carro?

— Claro. — ela respondeu baixinho enquanto pegava as chaves que eu estava estendendo em sua frente e todos fomos para o outro lado da rua, rumo PERIGOSAS ACHERON

ao meu carro.

Eu estava zonzó já, quase chapado, bêbado. Mas a noite não poderia acabar ali.

Parabéns, você
ganhou
o que queria!

*“Você é a melhor que
eu já tive.”*

Justin Bieber

Maria Clara

Suspirei devagar ao ver Susan ir embora com Connor no carro de Brad, dizendo que no outro dia iria trazê-lo de volta. Ela havia nos deixado na casa de Brandon, eu iria dormir lá.

Entramos em seu quarto incrivelmente arrumado como de costume e observei Brandon começar a se despir. Não sei o que iríamos fazer. Se brigaríamos mais, nos beijaríamos, iríamos dormir bravos um com o outro... Mas, nada aconteceu em minutos, enquanto ele descalçava os sapatos, depois tirava a blusa e bagunçava os cabelos.

— O que foi? — ele me olhou sério.

Eu estava parada no meio do quarto dele com cara de tacho.

— Como, o que foi?

— Ah, para, vai! Isso já passou, mas que droga!

Revirei os olhos e virei de costas, não me importando se Brandon iria continuar falando ou não. Eu realmente não havia gostado do modo como ele falou comigo.

Ouvi seus passos atrás de mim. Então suas mãos em minha cintura e seu cheiro tomando conta do meu nariz. Um cheiro de Brandon, misturado com vodca e maconha.

Fechei os olhos sentindo seus beijos em meu pescoço. Depois sua respiração chicoteando minha pele, fazendo meu corpo se arrepiar facilmente.

Suas ações foram rápidas. Brad virou-me de frente pra ele e tomou meus lábios, misturando o gosto das bebidas alcoólicas em nossas bocas, fazendo o desejo aflorar por cada célula.

Os beijos duraram anos, ali, em pé no quarto. Ele apertava meu corpo com força, o dominava por completo, me dando desejo, arrepios e sensações novas. Suas mãos entravam por baixo de minha blusa, dando-me a certeza do que ele estava querendo.

— Brad, não perca o controle...

— O que foi dessa vez? — seus olhos confusos e enraivecidos me observavam a centímetros de distância.

— Nada, eu só...

— Não continua, não diz nada, só relaxa... —

pediu ao beijar meu pescoço, cheirando-me com carinho, as mãos me apalpando por completo.

O medo tomou meu corpo e o coração começou a palpitar com rapidez, mostrando-me o quão nervosa eu estava por aquilo acontecer. Brandon estava chapado, droga! Não foi assim que eu sempre imaginei.

— Não tem como relaxar, Brad. — me desvencilhei de seus braços, observando seus olhos bravos em cima de mim. — Olha pra gente! Bêbados, cansados, não tem como...

— Não tem como? — ele riu pelo nariz. — Para de enrolar, Maria Clara! Não é pela bebida que estamos aqui. É por amor ou você não me ama o bastante pra isso?

Engoli a seco.

Como ele pode perguntar isso?

— Me prova o quanto confia em mim, o quanto me ama, o quanto me deseja, como eu desejo você... — murmurava ele ansioso, confiante, mas... totalmente estúpido.

— Eu não vou te provar nada! — exclamei enraivecida, empurrando-o para longe de mim.

Bati os pés ao sair do quarto, descendo as escadas às pressas, quase caindo nos últimos degraus.

— Droga, Clara, espera! — pedia Brandon, alcançando-me como um foguete.

Brandon

— Eu não quero ficar aqui. — disse ela, cansada e estranha.

— É claro que quer! — exclamei desesperado. — Você só está chateada pela maconha, sem necessidade, mas está. Me perdoa, meu amor.

— Olha, Brad... — ela abaixou a cabeça, suspirando.

— Eu confio em você, só falei aquilo da boca pra fora.

— É claro. — ela riu pelo nariz, completamente debochada. — Confia tanto que acha que só por que eu não fui pra cama com você, significa que não te amo de verdade.

— Maria Clara, eu estou chapado! — admiti. — Não ligue pro que eu falo.

— É, você está chapado. — ela me olhou com os olhos tristes. — Nãoqueria que acontecesse assim, só por acontecer. Quero que seja especial. — Maria Clara mordeu o lábio inferior.

Segurei seu queixo e olhei pra ela com carinho.

Por que eu tive que me apaixonar por essa romântica incurável?

Dei um passo à frente, colando nossas testas.

— Fique aqui essa noite. — fiz carinho em seu rosto com os dedos. — Desculpe por tudo, eu só... — estremei antes de falar. Não tava mais dando. — Eu só não aguento mais, Maria. Quase três meses... eu preciso. — fechei os olhos, ouvindo sua respiração baixa. — Nós precisamos. Eu quero tanto, mas tanto...

Ela soltou um riso baixo, mais aliviado, tímido. E então tomou minha cintura, beijou meus lábios docemente e com carinho, devagar. Correspondi sem pressa, imaginando mil e uma coisas com ela, meu corpo todo tremeu.

Suspirei entre seus lábios, descendo minhas mãos por seus braços finos e segurei as mãos dela, entrelaçando nossos dedos, ali mesmo no meio da sala de estar parcialmente escura e silenciosa, no meio da madrugada.

— Vem... — chamei, finalizando o beijo e chamando-a para os fundos da casa.

Ela me observou com um olhar curioso, mas

PERIGOSAS ACHERON

assentiu, seguindo-me. Passamos pela casa e chegamos à porta que dava para a piscina e jardim. O céu estava nublado, a chuva já caía, fina, mas caía. Estava frio, bem frio. Ainda mais pra mim que estava só de calça.

Puxei-a pelo gramado às pressas, entrando no cubículo pequeno e aconchegante, fechando a porta logo atrás de nós. Ela precisava desse tempo pra me perdoar. Nós precisávamos desse tempo sem brigar.

Fitei seu rosto que estava iluminado pela pouca luz e ela sorriu, fitando a piscina quente da minha casa, perto de um frigobar, o teto de vidro dando para ver o céu sem estrelas.

— Fique à vontade, Srta. Miller. — depusitei um beijo em sua testa e ela riu, assentindo.

Soltei sua mão e fui até o frigobar, subindo uma escada de três degraus bem larga que ia de uma parede a outra, abri o mesmo e procurei por algo bom pra beber.

Havia uma garrafa de champanhe ali, gelada e de boa qualidade. Peguei-a e tirei do suporte delicado que minha mãe havia colocado na parede, duas taças de cristal. Colocando tudo em cima da pia de

mármore pequena ali presente, então, fui até à estante.

Pilhas de livros, jogos de cartas e até CDs estavam presentes na estante de madeira alta. Fitei o aparelho de som antes de ligá-lo e sintonizar a primeira rádio que quis. Músicas lentas tocavam enquanto eu arrumava o volume, deixando em um tom ambiente, que enchia o lugar.

Enquanto enchia as duas taças de champanhe caro, ouvia a voz de Dan Torres cantando “*I Can’t Live Without Your Love*”. Foi quando ouvi Maria Clara perguntar:

— O que é tudo isso? — sua voz soava divertida e surpresa. Virei devagar para olhar pra ela.

— Você disse que queria que fosse especial. — dei de ombros, fazendo— a rir e balançar a cabeça.

Tombei minha cabeça para o lado, observando Maria Clara nadar de calcinha e sutiã vermelhos dentro da água cristalina. Suas roupas estavam em cima de uma cadeira de madeira branca perto da porta por onde entramos.

Caminhei até à beirada larga da piscina com as taças e a garrafa e deixei- as ali. Em seguida, tirei

minha calça e deixei junto das roupas de minha namorada.

Só de cueca branca, sentei-me na beira da piscina, deixando meus pés gelados na água quente e aconchegante. Peguei uma das taças e bebi um gole, vendo Maria Clara subir à superfície em minha frente.

Seus olhos escuros e maquiados estavam molhados, mas não borrados totalmente. Estavam atraentes e ela se encaixou no meio das minhas pernas, segurando minhas coxas por alguns segundos.

Observei seus cabelos enormes, molhados e completamente lisos para trás, colados em suas costas macias. Entreguei a taça dela em sua mão. Ela sorriu antes de beber tudo rapidamente. Em seguida, deixou a taça ao lado da minha, se afastando alguns passos.

— Você sabe nadar, não sabe?

Assenti com a cabeça.

Maria Clara observou cada detalhe do meu corpo antes de me chamar com o dedo. Sorri pra ela antes de levantar e depois pular de cabeça, tomando um

choque ao entrar em contato com a água. Um choque bom, revigorante.

Nadei até ela que me esperava do outro lado. Quando subi para a superfície, sorri ao perceber que estávamos a centímetros de distância. Respirei fundo anestesiado com o mergulho.

Então, toquei sua cintura, puxando-a junto a mim e foi quando ela começou a espirrar água para todos os lados, rindo e se afastando de mim.

— Ah, engraçadinha! — exclamei me defendendo com os olhos semicerrados.

Ela continuou rindo e me jogando água. Eu joguei de volta, com mais força, claro, deixando a música entrar em meus ouvidos misturada com a risada inocente dela. Até que começou a tossir.

— Brad, para! — pediu, enquanto eu me aproximava jogando água. — Vou morrer afogada!

— Você mente mal pra caramba, Srta. Miller. — parei de balançar as mãos e a água cessou embaixo de nós. Sorri pra ela com os dentes quase saindo da boca ao segurar sua cintura com mais força ainda.

Ela envolveu meu pescoço com os braços e beijou-me sem que eu pudesse dizer algo. Estalou

PERIGOSAS ACHERON

nossos lábios e em seguida sua língua traiçoeira estava dentro de minha boca e eu apertei sua bunda por debaixo d'água, ouvindo um barulho sair baixo de sua boca.

Segurei-me para não fazer algo errado e afastei-me centímetros do seu corpo, sentindo meu pênis queimar dentro da cueca, de tão duro. Maria Clara sentiu antes que eu pudesse me afastar. Ela apenas finalizou o beijo e saiu caminhando dentro d'água para onde estavam nossas taças, dando poucos passos e me levando junto.

Enchi as mesmas e voltamos a tomá-las em silêncio. Ela encostada na parede e eu em sua frente, no silêncio da noite, apenas com o rádio ligado, trocando suas canções.

Só quando percebi que música começara a tocar que entendi o sorriso de Maria Clara pra mim e o porquê sua mão estava tão forte ao fazer carinho em minhas costas.

O som do piano de Alicia Keys começou a tocar “*Brand New Me*” dando um ar diferente, principalmente para as sensações de Maria Clara, que beijou-me de novo assim que soltou a taça.

Segurei suas coxas por baixo d'água e envolvi-a em meu quadril, roçando nossos sexos por minutos cruciais.

Eu só sabia beijar seus lábios gelados e gostosos e sentir meu coração bater com força quase para quebrar todas as minhas costelas. O sorriso que ela soltou entre os beijos fez com que me derretesse todo.

Droga! Eu a amava tanto.

Envolvi seu corpo em meus braços e com cuidado achei o fecho do seu sutiã em suas costas e o soltei, passando meus dedos com cuidado pelas alças em seus ombros, sentindo cada centímetro do corpo dela de arrepiar.

Assim que ela ficou sem aquele tecido, joguei-o para fora da piscina, sem me importar onde iria cair. Apenas fitei seus olhos, escuros, brilhantes e doces. E fui fitando cada centímetro de seu rosto, seu pescoço, seus seios.

Precisei engolir a seco antes de respirar fundo. Eu estava completamente fissurado. Ela era linda. Pisquei meus olhos uma centena de vezes.

Abri a boca para falar alguma coisa, mas depois a

fechei, sem dizer nada. Observei suas bochechas rosadas de vergonha, mas fiz carinho em seu queixo com os dedos antes de voltar a beijá-la.

Sem pensar duas vezes, segurei em suas coxas com firmeza para que não caísse e saí da piscina segurando-a, com seu corpo colado ao meu. Com cuidado, subi os degraus sob a água e quando chegamos à beirada da piscina, a deitei no chão de um jeito que ela ficasse confortável.

Deitei em cima de seu corpo seminu e voltei a beijá-la de olhos fechados, guardando todos os momentos ao lado dela. Ela fez carinho em minhas costas com os dedos, esfregando seus pés nos meus e pediu sem dizer, apenas com gestos, que eu ficasse nu.

Maria Clara estava completamente dura, nervosa, ansiosa ou com medo. Não soube ao certo identificar.

Desci meu corpo para observar o dela, beijando cada centímetro de sua pele branca e macia. Seus pés, depusitei um beijo em cada um deles, depois em suas canelas, seus joelhos pequenos, suas coxas, ah, suas coxas! Eram enormes, tentadoras, tão

excitantes!

Fitei seus olhos escuros e ansiosos antes de tocar sua calcinha vermelha minúscula que estava molhada, tão sensual. Estava cheirosa, apesar de tudo. Foi só um rasgo para que ela virasse um trapo. E assim, nos livramos dela também.

Senti meu coração palpitar como pipoca no peito. Cacete! Maria Clara era tão... linda. Ela tinha um jeito tão próprio de ser, tão encantador!

Abri suas pernas com cuidado e toquei sua intimidade com os dedos, brincando com dois deles em sua entrada e ela arqueou as costas de súbito, fechando os olhos. Sorri sem mostrar os dentes.

Penetrei meus dois dedos com cuidado dentro dela, rodando e rodando. Foi aí que ouvi o primeiro gemido de prazer de Maria Clara, o que me deixou em êxtase. Era a primeira vez que ficava nervoso com uma transa. Só ela me deixava assim.

Sem perder mais tempo, voltei a beijá-la, passando por sua barriga, cada um de seus seios, pescoço, ombros... Até chegar a seus lábios de novo, onde os devorei enquanto encaixava meu corpo em cima do dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Achei que fosse ficar com falta de ar de tanto que meu coração batia, com tanta força e nervosismo. Ele estava quase pra sair pela garganta. Fiquei com meus olhos fechados a maior parte do tempo. O corpo de Brandon estava em cima do meu já, senti seu pênis excitado e enorme em minha coxa e tentei respirar.

O corpo de meu namorado era enorme, me cobria inteira naquele chão gelado e molhado. Ele estava duro, firme, tão másculo, tão lindo. Mesmo assim, não conseguia ficar tranquila.

— Você está tensa. — Brad comentou enquanto mordida um dos meus ombros. — Fica calma...

Assenti com a cabeça, segurando suas costas com força e envolvendo minhas pernas em sua cintura, o que ajudou-o a colocar a cabeça de seu sexo em minha entrada pequena. Senti as lágrimas atrapalhar minha visão.

Suas mãos entrelaçaram-se nas minhas ao lado de minha cabeça e seus lábios macios cobriram o meu.

Só então, ele entrou em mim, fazendo-me arquear as costas.

Aquilo doía que era um absurdo. Eu nem acreditava que aquilo estava mesmo acontecendo.

Os gritos agudos e harmônicos de Alicia Keys preenchiam o ambiente, deixando tudo mais diferente e eletrizante. Eu nunca havia sentido nenhuma daquelas sensações antes.

— Brad, Brad, espera... — pedi às pressas quando ele tentou se enterrar mais dentro de meu corpo.

Ele me fitou com carinho. Uma lágrima escorreu sobre minha bochecha.

— Você quer que...

— Não, só espera. — recuperei o fôlego, enquanto ele secava a lágrima com os lábios, e então continuou a me penetrar.

Um gemido rouco saiu do fundo de minha garganta, enquanto apertei meus olhos com força e senti várias sensações ao mesmo tempo.

— Você é... linda, Maria Clara. — sua voz era doce, excitante, maliciosa.

Brandon permanecia em cima de mim, entrando e

PERIGOSAS ACHERON

saindo devagar, dando—me beijos por todo o ombro, pescoço, rosto... Ele estava sendo o mais atencioso que conseguia, eu sabia disso. Sabia que Brandon não era assim com nenhuma outra garota.

Lágrimas de dor marejavam meus olhos, mas eu procurava ar, correspondia aos seus beijos e me arrepiava a cada movimento dele.

— Amor, eu... — Brandon tentou dizer alguma coisa, mas o desejo que havia dentro dele o impediu, ele não soube mais o que dizer, mas, então, de olhos fechados, soltou um gemido rouco e quase que vitorioso, fazendo meu corpo tremer.

Então, soltou minhas mãos devagar e também o peso do corpo em cima de mim, quase me esmagando no chão. Eu o abracei, sentindo-me de certa forma protegida com o seu corpo quente e cheiroso.

Em seguida, ele saiu de cima de mim, recuperando o fôlego e jogando o corpo ao lado, no chão duro. Fechei minhas pernas, apertando minhas coxas e deitando com a cabeça em seu peito, me acomodando.

O único som que se ouvia, era de uma música

lenta e dançante que tocava no rádio que eu desconhecia. Pisquei algumas vezes, sentindo frio por estar nua ali no chão, sentindo-me vulnerável.

Senti um beijo casto de Brandon em minha testa e por fim um suspiro aliviado.

— Parabéns, Brad, você ganhou o que queria. — admiti com a voz baixa.

Achei que ele não fosse ouvir, mas ouviu. Com um movimento rápido, se levantou, ficando de pé. Sentei-me, olhando Brandon procurar por sua cueca e logo a vestir. Não parecia nada com o garoto que esteve transando comigo há meio minuto.

— O que foi?

Foi aí que ele soltou um riso sem acreditar em minhas palavras, pegou a garrafa de champanhe e virou o gargalo na boca.

— Brandon! O que houve? — cobri os seios com os braços. Ele me olhou duro.

— Isso... Rolou contra a sua vontade? — perguntou.

Abri a boca para falar, mas depois, sem sucesso, fechei-a, mordendo o canto do lábio superior.

— Responda! — pediu firme.

— N-não, é lógico que não. Eu queria, tanto que deixei... — disse baixinho.

Ele revirou os olhos, balançou a cabeça e em seguida saiu andando todo desajeitado, batendo a porta de vidro atrás de si, assim que passou. Tomei um leve susto pelo barulho, Brandon quase a quebrou.

Levantei-me às pressas, caminhei até às escadas, subindo os degraus rapidamente atrás de uma toalha, com os dentes tremendo. Assim que a achei em um pequeno armário, enrolei-me na mesma e desliguei o rádio, recolhi as taças e as coloquei no lugar. Antes de sair, recolhi minhas roupas e apaguei a luz.

A chuva estava forte do lado de fora e eu saí às pressas, correndo no gramado até chegar à porta dos fundos. Sequei meus pés o quanto pude no carpete antes de entrar na casa e procurar por Brandon, que estava na cozinha.

— Tá tudo bem, Brad? — passei uma mecha do meu cabelo molhado atrás da orelha, parada na porta, molhando toda a casa.

Com o corpo rijo e molhado, ele preparava um

PERIGOSAS ACHERON

sanduíche no balcão. Sem se importar se havia alguém falando com ele ou não. Eu queria esganá-lo por estar me tratando assim!

— Brad?

— Sobe, Maria Clara, se aqueça. Você pode se resfriar. — resmungou seco.

— Você não vai subir? — minha pergunta soou dengosa.

— Sobe, Maria Clara! — berrou ele entre dentes.

— Soca a ignorância no cu, Brandon!

Revirei os olhos antes de subir às pressas, antes que eu o mandasse para o inferno.

Já em seu quarto, deixei minhas roupas no chão do banheiro e fui tomar um banho rápido.

Liguei a ducha e observei-a aquecer, então, entrei de cabeça na água com os olhos fechados. Senti aquela água gostosa molhar cada centímetro do meu corpo, antes que eu pudesse lavar meus cabelos e meu corpo rapidamente. Com cuidado, massageei minha intimidade, agora mais limpa e dolorida, lembrando-me do que havia me acontecido minutos atrás.

Deixei escapar sem querer um sorriso tímido no

PERIGOSAS ACHERON

canto dos meus lábios.

Saí do banho e me sequei com uma toalha limpa que encontrei no armário do banheiro. Olhei-me no espelho. Semicerrei meus olhos ao observar a garota branca de olhos grandes me fitando de volta. Abri outro sorriso. Deixei de ser uma garota para ser uma... Mulher.

Escovei meus cabelos e os sequei com a toalha, sem me importar com uma das minhas unhas quebradas. Então, ouvi um barulho no quarto e me enrolei na toalha antes de sair.

Brandon estava caminhando da porta fechada até à cama quando eu disse:

— Você não vai me falar o que eu fiz de errado pra você ficar assim? Não sou tudo o que você esperava, é isso?

— Cala a boca, não diga tanta besteira! — ele cuspiu as palavras.

— E é porquê então? — caminhei até ele, que deu um passo pra trás.

— Como quer que eu fique, ao ouvir a droga do que você disse? — ele alterou o tom de voz. — Caramba, Maria Clara! Você dizendo daquele jeito, PERIGOSAS ACHERON

deu muito bem a entender de que fez por... Obrigação. — Brandon fez uma careta indignada me olhando. — *“Você ganhou o que queria...”* — sua voz era indignada, em seguida ele soltou um riso debochado. — Eu poderia ouvir qualquer coisa depois de uma transa, menos isso. Especialmente de você.

— Brandon... para, vai. — caminhei até ele e toquei em seu rosto, dessa vez ele não se mexeu. — Eu não disse por mal. Eu gostei. — admiti.

Só não foi do jeito que eu achei que fosse...

— Já é a terceira vez que brigamos hoje. — mordi seu lábio, sentindo com as mãos que ele estava gelado, rijo. — Vamos usar a boca pra outra coisa... — murmurei beijando sua boca rosada e gelada.

Ele tentou se afastar e eu deixei a toalha cair, só pra provocar. Brandon piscou algumas vezes antes de me olhar fixamente.

— Você vai mesmo ficar assim, rabugento, enquanto eu estou aqui, querendo tentar de novo? — abri um sorriso sapeca.

Brandon agarrou minha cintura e me puxou para

PERIGOSAS ACHERON

junto de seu corpo. Soltei uma risada antes dele voltar a me beijar e esquecer completamente o que eu havia dito.

Eu poderia estar cansada, dolorida e sem nenhuma vontade, mas faria de novo. Só para que ele se sentisse feliz.

Dessa vez foi mais rápido do que antes, estávamos na cama em segundos, ele já ficou sem cueca também e eu fiquei por cima dessa vez. Mil vezes em uma cama do que em um chão duro e molhado, sem dúvida!

Brandon estava na cama, deitado e com os olhos doces ao me olhar, enquanto eu me posicionava em cima dele, sentando de pernas abertas em seu pênis excitado e duro feito pedra.

Meu corpo todo tremia, meu sangue corria rápido nas veias e eu mordia tanto meu lábio que achei que fosse sangrar. Respirei fundo e deixei com que se enterrasse de uma vez em meu corpo, soltando um barulho rouco com a garganta.

Apertei minhas mãos em seus braços e ele apertou minha cintura, fazendo círculos com o quadril. Esperei pela dor horrível como foi da

primeira vez, mas ela não veio. Não com a mesma intensidade. Veio mais suportável, mas prazerosa.

Suas mãos me ergueram em instantes como se eu fosse uma folha de papel qualquer e se curvou ao gozar na cama, com a boca entreaberta, os olhos apertados e a testa franzida.

Era uma das visões mais lindas.

Eu permaneci ajoelhada na cama, olhando pra ele enquanto respirava aliviada, havia chegado ao fim, meu corpo começara a gelar em uma velocidade absurda.

— Você me deixa maluco, Clara, maluco! — murmurou ele segurando meu rosto e depositando um beijo em minha boca.

Senti fogos de artifício explodindo dentro de mim.

Brandon se levantou antes que eu pudesse falar algo e entrou no closet.

Ele voltou de cueca limpa, e segurando uma camisa e outra cueca seca em mãos.

— Se veste.

Sorri pra ele, pegando as peças e me vestindo em cima da cama mesmo, rapidamente. Estava bem

PERIGOSAS ACHERON

frio.

Depois, deitei-me ao seu lado quando pediu, assim que apagou a luz e deitou. Brandon pegou o edredom ao pé da cama e nos cobriu. Enterrei-me no meio de seu peito, fechando os olhos e suspirando.

Achei que ele não fosse falar nada, mas me surpreendi com suas palavras, minutos depois:

— Eu nunca havia transado com uma virgem antes. É loucura, mas é muito diferente... Me desculpa se não foi do jeito que você queria.

Soltei um risinho feliz, apertando as pernas uma na outra, certa de perdoar tudo o que ele havia feito de errado naquela noite. Apertei mais os olhos, dando um beijo em seu peito, morta de cansaço.

— Eu te amo, viu? Não se esqueça que eu te amo.
— falou ele, apertando meu corpo junto ao dele e eu não o larguei nenhum minuto.

Apreendi ali, que primeiras vezes de tudo, não precisam ser perfeitas como sonhamos, precisamos apenas aceitar as que vivemos, já que aprendemos com cada segundo e somos mais felizes do que achamos que merecemos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Você só tem o direito
de
permanecer calada”

*Às vezes é preciso mentir.
Mas para si mesmo diga
sempre a verdade.”*

Louise Fitzhug

Maria Clara

Era estranha a sensação, mas eu continuava ali, no quarto dele, sendo quase queimada por seus olhos escuros. Ele era tão intimidador.

— Você nasceu pra ser minha mulher. — Tyler não parava de repetir.

Meu corpo todo tremia com cada letra que saía de sua boca. O que será que ele quer de mim?

Sentia o vento forte me envolver e um barulhinho no fundo de minha mente me desviar daquela cena desconfortável. Como eu o odeio!

Pisquei algumas vezes enquanto ouvia o barulhinho ficar mais alto e se tornar nítido. Era o celular de Brandon que tocava.

Bolei na cama enquanto esfregava os olhos. Abri-os no instante seguinte, me observando na cama de Brandon que dormia preguiçosamente, bem ao meu lado. Cacei seu celular com os olhos. O vi em cima da mesa do computador e levantei às pressas para atender.

— Alô? — atendi.

— *Acorda, caralho!* — gritou Ansel do outro lado da linha e eu suspirei.

— Bom dia, Collins.

— *Maria Clara, querida.* — sua voz soou divertida. — *Estão juntos?*

— Estávamos dormindo, mas você ligou pra atrapalhar. — caminhei até à cama e me sentei nela.

— Ótimo, isso não é hora de estar dormindo. — bufei com suas palavras. — *A galera tá indo pra praça, vocês vão?*

— Isso é sério? — bocejei sentada de qualquer jeito na cama, Brandon se mexeu ao meu lado.

— *Sim, sério. Vejo vocês lá em meia hora.*

— Ansel... — murmurei, mas ele já tinha desligado a ligação.

Suspirei de novo ao colocar o celular no criado mudo e relaxar o corpo na cama olhando para o teto, a preguiça tomando conta de todo o meu corpo.

Abri um meio sorriso ao sentir Brandon me abraçar de lado, ainda inquieto na cama e, em seguida, murmurar:

— Quem era?

— Era Ansel. Ele disse para nos encontrarmos com eles na praça em meia hora. — passei a informação.

Brandon suspirou com preguiça, enterrando o rosto no meu pescoço.

— Que horas são?

— Eu não faço ideia. — respondi e dei de ombros.

O silêncio tomou conta do quarto. Tentei imaginar se minha sogra iria sair hoje ou passar o dia em casa. Talvez fosse à piscina coberta e acharia rastros do filho dela com a namorada, provas que os dois transaram, sem se preocupar com o amanhã. Imaginei se ficaria irritada.

— Você estava linda ontem... — sua mão deslizou pela lateral do meu corpo, seus dedos entrando pelo cóis da cueca dele que eu usava, foi quando uma luz brilhou na minha cabeça e eu me levantei às pressas.

— Droga! Não acredito! — exclamei sentindo o desespero vir na garganta.

— O que foi? — Brandon arregalou os olhos me olhando.

— A camisinha Brad, esquecemos a camisinha ontem!

Ele revirou os olhos, seu rosto suavizando a expressão e por fim, suspirou.

— Só isso?

— Como, “*só isso*”? — caminhei de um lado para o outro no quarto. — Isso pode desencadear vários problemas!

— Por que você não lembrou? — ele coçou a cabeça, enquanto puxava o lençol.

— Eu não estava transando sozinha, babaca! — respondi irritada, a preocupação percorrendo todo o meu corpo.

Aquilo não poderia ser sério...

— Relaxa, Maria Clara. Eu nem gozei dentro de você... caso.

— Você estava chapado, Brandon! Nem se lembra de nada! — fiz pouco

Ele revirou os olhos, depois levantou da cama.

— Fica tranquila, ninguém engravida na primeira noite.

— Tem casos e casos.

— Maria Clara, você é neurótica. — Brandon estava em pé me olhando.

— Tá, tudo bem, vamos dizer que eu não engravide. O problema não é só esse, também tem aquelas doenças sexualmente transmissíveis.

— Você era virgem, não era?

— Sim. — respondi, ainda irritada. — Mas você não.

— Eu não sou doente, Maria Clara, sei me cuidar. Você foi a única com que transei sem camisinha.

— Ai, merda! — fiquei mais nervosa.

— Ei, tá tudo bem! — Brandon caminhou até ficar a centímetros de meu corpo, segurou meu rosto com as duas mãos e deu um beijo em minha testa. — Vamos tomar um banho agora, passar na sua casa pra você pegar uma roupa e, antes de irmos encontrar os outros, passamos em uma farmácia. Você compra alguma coisa pra tomar, pode ser?

Pensei no assunto e pisquei devagar, por fim assenti, tentando controlar o nervosismo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

O banho foi quente e silencioso, revigorante digamos assim. Maria Clara me ensaboava, quando perguntou:

— Como foi sua primeira vez? — olhei com os olhos semicerrados pra ela.

— Desnecessário te falar disso, não acha?

— Não, não acho. — ela depositou um beijo em minha testa. — Quantos anos você tinha?

Soltei um suspiro longo antes de responder:

— Eu tinha 14 anos.

— Catorze? — seus olhos se arregalaram.

— Uhum. — soltei um resmungo com a garganta.
— Ela era nova no colégio. Fiz uma aposta com os colegas e ganhei. — abri um sorriso ao me lembrar. Maria Clara ouvia atentamente: — Foi estranho, mas ela disse que gostou.

— Ela era bonita?

— Era linda. Loira, alta... Deveria ter uns 16 anos na época. Até se apaixonou por mim depois disso.

Maria Clara soltou uma gargalhada.

— Que convencido! — ela molhou os cabelos para enxaguar o xampu que eu havia passado em sua cabeça, depois soltou uma gargalhada. Não sei se foi pelo meu modo de expressar ou por eu, Brandon Campbell, ter confiado nela a ponto de ter contado sobre minha primeira vez.

Maria Clara

Era horrível sentir preocupação, extremamente horrível.

O calor estava deixando o ar cada vez mais abafado lá fora, mas mesmo assim eu sentia um friozinho bizarro na barriga.

Olhei a entrada da farmácia vazia. A rua estava pouco movimentada naquele início de tarde de domingo.

— Você não vai entrar comigo? — perguntei olhando Brandon sentado no banco do motorista de seu carro que Susan deixou em sua casa novamente pela manhã.

— E é necessário?

— Droga, Brandon, é lógico que é! — resmunguei. Às vezes ele me tirava do sério. — Eu posso estar grávida nesse exato momento e você está pouco se fodendo, mas que coisa!

— Mas é remédio de mulher, você mesma pode ir sozinha.

Bufei.

— Se não fosse por sua burrice, não estaríamos aqui.

— Para seu governo, eu não estava transando sozinho. — em seu rosto tinha um sorriso cínico.
— Você poderia muito bem ter se lembrado do preservativo.

— Mas eu não lembrei, Brandon. E o que resta agora é buscar alguma coisa que reverta a situação.
— eu explicava sob seus olhos maliciosos, em cima de mim. — Por favor, eu estou em pânico! — admiti. — Você pode entrar comigo ou não?

Ele soltou um riso rouco e depois de depositar um beijo em minha testa como forma de me tranquilizar, saiu do carro. Eu saí às pressas e o segui.

A farmácia era simples, bem arrumada e iluminada. Para qualquer lugar que eu olhasse, tinha uma caixinha de remédio. Segurei na mão de Brandon e caminhei até o balcão, onde um senhor de idade examinava alguns papéis.

— Oi, licença. — minha voz saiu mais insegura do que eu desejei. O senhor levantou a cabeça e nos olhou educado. — Vocês têm pílula do dia

seguinte? — perguntei.

O farmacêutico olhou pra mim, em seguida para Brandon e fez isso umas três vezes, até endireitar o corpo e questionar:

— Vocês transaram sem camisinha, acertei?

Olhei Brandon sem saber responder. A única coisa que ele soube fazer foi molhar os lábios com a língua e coçar a nuca, sem corresponder um minuto se quer os meus olhares.

Apenas suspirei enquanto o farmacêutico foi buscar uma caixinha, voltou e colocou-a em minha frente no balcão. Na mesma hora, Brad deu alguns passos para longe de mim e pegou uma gravata de camisinha do cacho que estava pendurado perto de uma prateleira.

Eu senti todo o meu rosto queimar de vergonha. O olhei perplexa.

Brad apenas sorriu enquanto colocava em cima do balcão, murmurando para que só eu pudesse ouvir:

— Só pra prevenir seus chiliques.

Bufei revirando os olhos. O farmacêutico nos olhava sério.

Caminhei até um pequeno freezer de refrigerantes que estava ao lado da porta e peguei uma garrafa d'água. Assim que coloquei em cima do balcão com nossas demais compras, o farmacêutico somou e nos informou o total.

Sem questionar, Brandon pagou e eu esperei paciente o senhor colocar tudo em uma sacola plástica branca e me entregar dizendo:

— Tomem cuidado da próxima vez. Vocês são jovens demais, um filho agora só iria destruir a vida de vocês.

Engoli a seco ao processar suas palavras e sorri sem mostrar os dentes, assentindo com um meneio de cabeça. Cacei a mão de Brandon e entrelacei nossos dedos antes de sairmos do estabelecimento.

Já dentro do carro, tomei um dos dois comprimidos com um gole enorme d'água, rezando para que desse certo. Assim, joguei tudo dentro da sacola novamente e a deixei debaixo do banco.

Brandon que observava tudo em silêncio, tocou meu queixo e eu o olhei sorrindo.

— Tá tudo bem?

Suspirei, pensando em sua pergunta.

— Eu espero que esteja. Vamos rezar para que sim.

Meu namorado depositou um beijo em minha testa, um beijo colado e prestativo. Senti ali que ele também estava preocupado. Sorrindo pra mim, ligou o carro e partimos para encontrar nossos amigos.

— Ah, meu Deus, até que enfim! — exclamou Susan quando me viu caminhar em sua direção.

— Achamos que não fossem mais aparecer. — comentou Mel.

Abri um sorriso antes de cumprimentá—las.

— Desculpem o atraso. — falei. — Mas, aqui estamos! — relaxei os ombros.

— Pelo visto a noite foi boa. — Connor comentou, ali em pé ao lado das garotas, enquanto jogava a bola de futebol americano para Ansel que sorriu ao nos ver.

— Boa, não existe no nosso vocabulário. — comentou Brad. — A noite foi no mínimo ótima, maravilhosa, gozada, incrivelmente sentida. —

Ansel soltou uma gargalhada. — No mínimo. — repetiu.

No mesmo instante me sentei em cima da toalha vermelha junto das garotas que tomavam café. Olhando para os pães, doces, sucos que eles haviam comprado, senti meu estômago roncar.

Observei Brandon se afastar junto dos garotos para jogar bola. Foi então que senti os olhares quentes de minhas amigas em cima de mim.

— Já pode começar a contar. — Sue me olhava sorrindo.

— Contar o quê? — mordi um pedaço de bolo de cenoura que eu havia acabado de cortar.

— Anda! Droga, Maria Clara! Vocês transaram?

Sorri sob os olhos ansiosos e travessos das garotas.

— Uhum. — mordi o lábio inferior antes de continuar a mastigar.

— Ah, meu Deus! — Sue gargalhou. — Até que enfim! — ela repetiu as mesmas coisas de quando cheguei. — E foi... Bom?

— Você gostou? — Mel perguntou.

Refleti sobre a pergunta, fiquei em silêncio por alguns segundos, e então disse:

— Não foi como eu imaginei. Não mesmo. — disse. Elas ficaram em silêncio para ouvir. — Ele estava chapado e foi depois de no mínimo três brigas na mesma noite, mas ele foi carinhoso enquanto pôde. — dei de ombros. — Ah, e também foi no mínimo doloroso.

Sue me olhava agora com um olhar prestativo.

— Mas... Foi bom mesmo assim? Ou no momento você está querendo se matar?

Soltei um riso.

— Não é pra tanto. Eu gostei. — minha voz vacilou, não soou nada convincente.

Mas eu sorri.

— Acho que Brandon gostou mais do que você. — Melanie comentou. Assenti com a cabeça tentando esconder um sorriso. Só de saber disso eu já me sentia melhor. — E... Vocês se preveniram, não é? — a pergunta soou quase que retoricamente.

Peguei um pão recheado com queijo e mordi, mastigando devagar para ganhar tempo. Assim que engoli, me servi de suco e bebi também. As duas me

PERIGOSAS ACHERON

olhavam como se a minha resposta fosse salvar a humanidade de uma guerra.

— Não exatamente. — foi o que consegui dizer.

— Como assim? — Sue fez uma careta. — Vocês não usaram camisinha?

— Não, mas ele não... Não gozou dentro de mim. Não em todas as vezes. — minha boca estava cheia de pão, mas ainda não era o suficiente e eu continuei comendo.

— Isso só pode ser brincadeira! — Melanie balançava a cabeça de um lado para o outro olhando Sue que tinha um olhar de decepção no rosto.

— Fiquem tranquilas... — pedi baixinho.

— Você só tem o direito de permanecer calada, Miller. Cala a boca. — Sue resmungou e eu continuei mastigando.

Melanie respirou fundo, me olhou séria e disse:

— Maria Clara, você tem ideia no que isso pode dar?

— Eu... Tenho. Tenho sim. — engoli, depois terminei meu copo de suco e continuei: — Não pensamos nisso um só segundo na noite passada.

Estávamos bêbados e nervosos. Aconteceu tão rápido... E hoje de manhã eu acordei em pânico.

— Quem não ficaria, não é?! — protestou Sue irritada.

Elas tinham todo o direito. Amigas são amigas.

— Se fosse pra deixar de ser virgem nessa imaturidade sua, melhor ter morrido do jeito que tava. — Mel exclamou. — Se seus pais descobrirem isso, olha, eu não quero nem sonhar...

— Chega! — berrei. — Pelo amor de Deus, meninas! Assim eu só fico mais nervosa. — senti o choro na garganta. — Eu já nem queria tanto, rolou tudo e agora isso... Como vocês querem que me sinta? Já tomei um remédio numa farmácia antes de vir. Não vai acontecer nada. Será que dá só pra me abraçar e dizer que vai ficar tudo bem?

Sue e Melanie suavizaram o olhar em cima de mim. Depois Mel suspirou e disse:

— Bom, já aconteceu, agora é só esperar. Toma cuidado da próxima vez.

— Nos avise se acontecer alguma coisa, você promete? — pediu Sue.

— Tudo bem. — falei.

Inesperadamente, as duas me abraçaram forte, se aproximando de mim e me apertando. Sorri com os olhos fechados, feliz por tê-las ali me ajudando.

Brandon

O Sol já estava subindo por entre as nuvens quando me toquei no quanto tinha passado rápida aquela tarde. Os motivos eram óbvios: estar com pessoas que nos fazem bem, faz o tempo voar.

Estava um calor absurdo em Los Angeles naquele domingo, era início de Junho. Meus amigos naquela tarde comeram desde pães a sorvetes, jogaram futebol e cartas. Agora tentavam decidir quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha. Como se aquilo fosse mudar alguma lei dos Estados Unidos ou algo importante na vida de cada um.

Talvez mudasse. A saúde do coração. Eles riam tanto, devido a essas teorias bobas.

A única que não se incluía no momento tosco da tarde era Maria Clara, que estava sentada distante de todos na grama baixa, olhando as demais famílias se divertindo naquela enorme praça.

Fui até ela e com cuidado, sentei-me, com uma perna de cada lado de seu corpo. Ela se assustou assim que me aproximei, mas sorriu ao se encaixar

confortavelmente no meio de minhas pernas. Abracei seu corpo e ouvi o seu suspiro.

Senti seu corpo tenso, cansado. Como se tivesse incomodada com alguma coisa. Ela não era de se isolar assim por nada. Depois de depositar um beijo em seu pescoço suado por conta do calor, perguntei:

— Está tudo bem, meu amor?

— Está. — falou ela seca, sem olhar pra mim.

— Mesmo? — insisti. — Se tiver alguma coisa te incomodando, me fala, eu posso tentar ajudar você.

Estava com certo medo de que seu comportamento fosse consequência de algo negativo que rolou entre nós na noite anterior. Eu sentia que Maria Clara não estava cem por cento satisfeita. Foi tudo muito rápido e novo pra ela.

— Está assim por termos esquecido a camisinha?

— Não, não é nada disso... — confirmou ela, então assenti.

Observei alguns fios de seus cabelos soltos do rabo de cavalo se esvoaçando por conta do vento. Eu me mantive ansioso por certo momento, mas em seguida me surpreendi quando ela disse:

— Sabe o Carter?

Franzi a testa, virando um pouco a cabeça para olhar pra ela, que não me olhou de volta.

— O que tem ele?

— Bom. — começou ela. — Ontem, na festa, ele tentou me beijar. — engoli em seco. Não falei nada e esperei que ela continuasse: — Ele me intimidou, começou a falar um monte de asneiras, dizendo o quanto eu era linda demais pra você, que ele me queria e... Essas coisas. Eu simplesmente fugi com medo de que pudesse tentar alguma coisa. — ela parou de falar, virou um pouco o corpo pra me olhar pela primeira vez desde que eu cheguei ali. — Eu tenho... Medo dele, Brandon. — ela fez uma pausa. — Brad, olha, sei que não posso e também não gosto de rotular suas amizades, mas, por favor, você poderia tomar cuidado com ele? Tyler Carter não parece ser um amigo bom pra você. Ele não é nem um bom rapaz. — pediu por fim olhando nos meus olhos com piedade, como uma mãe aconselhando um filho de algo errado que estava cercando-o.

Soltando um suspiro, eu apenas a apertei forte

nos braços, beijando sua cabeça na parte de trás, segurando-a forte nos meus braços e tentando digerir tudo o que ela havia me dito.

— Se ele fizer mais alguma coisa, você me conta? Qualquer coisa. — falei, tentando passar algum tipo de conforto pra ela.

— Está bem.

— Gente! Será que dá pra vir aqui? — ouvimos a voz de Melanie nos chamar, no mesmo instante viramos para trás.

Ela estava nos chamando com a mão.

— Vamos lá. — Maria Clara se levantou às pressas limpando a roupa das gramas que nela estavam grudadas e me deu a mão para que eu também ficasse de pé.

Entrelaçando seus dedos nos meus, ela seguiu até onde estavam os amigos, me levando junto. Quando estávamos perto o suficiente, Mel disse:

— Jantar em minha casa na sexta, tudo bem? — Mel sorriu.

— Pra quê especificamente? — perguntou Connor.

— Como “*pra quê*”? — Mel franziu a testa. — Só quero meus amigos em minha casa, algum

problema?

— Nenhum. — minha namorada sorriu antes de beijar a testa de Melanie e, em seguida começou a se despedir de todos. — Já vou indo. Preciso repor as energias, amanhã tem aula de novo.

Todos resmungaram em coro ao lembrar.

— A gente se vê amanhã. — Sue disse ao abraçar Clara e eu comecei a cumprimentar todos, então sorri quando minha namorada se enfiou embaixo do meu braço para que eu pudesse abraçá-la.

Com uma voz cansada, ela suspirou e respondeu, mais para si do que para os outros:

— É, nos vemos amanhã.

Estamos fazendo nossa história

*“Eu pedi para que não se
apaixonasse por mim.”*

Um Amor Para Recordar

Maria Clara

— *Filha, você está falando sério?*

— Sim, mãe, estou! — suspirei. — Estou sobrevivendo sem vocês aqui. Como sempre sobrevivi.

— *Eu te amo, boa aula! Te ligo assim que puder, tudo bem?*

— Tudo. Bom dia, srta. — ouvi sua risada do outro lado da linha e desliguei a ligação.

Guardando o celular no bolso, fui em direção ao corredor dos armários e caminhei até o meu. Todos se preparavam para a primeira aula naquela quarta —feira calorosa e barulhenta. Abri meu armário assim que coloquei a senha, dando de encontro com uma foto minha e de Brandon na porta.

Abri um sorriso olhando-a. Foi tirada na festa de Katherine logo após nossa valsa. Involuntariamente, levantei dois dedos e passei sobre a imagem, escondendo um sorriso em meus lábios.

— Você pode me explicar o que diabos o Ansel

tem na cabeça? — Melanie surgiu ao meu lado com sua bolsa cheia de livros.

— Bom dia, Mel.

— Bom dia. — ela suspirou. — Seu melhor amigo enlouqueceu!

— Por quê? — franzi a testa enquanto pegava alguns livros das aulas do dia.

— Ele não quer aparecer no jantar na sexta, mas que droga!

— Por quê? — repeti, socando os livros na bolsa.

— Eu sei lá, ele só não quer ir. Mas, como ele não quer ir? Ele tem que ir! — enfatizou ela.

— Ansel só deve estar com algum problema ou compromisso.

— Não! — resmungou ela. — Que compromisso ele tem, mais importante que eu?

Abri um sorriso.

— Quer que eu fale com ele depois?

— Por favor! — exclamou ela irritada.

— Fique tranquila, irei falar.

— Ah, ótimo! — Melanie articulou as mãos antes de abaixá-las ao lado do próprio corpo. — Vou pra

aula.

— Você não acha que está muito desesperada hoje?

— TPM, Clara, TPM. — resmungou de novo antes de se despedir de mim e sair batendo os pés pelo corredor.

Soltei uma risada e, no mesmo instante o sinal tocou. Em fração de segundos, todos aqueles adolescentes foram para suas salas. Uns felizes e outros nem tanto. Soltei um suspiro ao perceber como o corredor ficou silencioso tão rápido.

Fechei meu armário e observei o interior de minha mochila, verificando que não tinha esquecido nada, fechei o zíper da mesma, sentindo minha visão ficar escura e abri um sorriso ao processar a ação.

Mãos gordas com dedos longos cobriam meus olhos com carinho e uma respiração chicoteou meu pescoço em segundos. Abri um sorriso ao supor que fosse Brandon. Lógico que era ele.

Cobri suas mãos com as minhas e percebi o quão ásperas elas eram. Mesmo assim eu disse:

— Bom dia, meu amor.

Silêncio.

Sua respiração ainda chicoteava meu pescoço e eu dei um passo para trás, sentindo um corpo alto e musculoso colar ao meu de um jeito surpreendente.

— Bom dia, Miller.

Como se eu tivesse tomado um choque de 220 volts, me desvencilhei de seus braços e mãos, virando-me de frente pra ele. Piscando rápido, tentei controlar a descarga de adrenalina que meu corpo sentiu por ouvir aquelas palavras.

— Mas, que droga! Você é sempre assim, é?

— Assim, como? — um sorriso abriu-se em seu rosto de um modo gentil e misterioso. — Arrebatador?

— Inconveniente, eu diria.

Carter gargalhou ao cruzar os braços.

— Você que se assusta muito fácil, meu amor.

Estremeci, apertando a bolsa contra o corpo.

— Você não deveria estar em aula?

— Você não deveria estar em aula? — repetiu ele.

Revirei os olhos, dando mais um passo pra trás.

— Me deixa em paz, será que você pode fazer isso?

Tyler levantou os braços, como se rendendo e deixou transbordar ironia e mistério em seu sorriso quase diabólico.

— Eu não fiz nada, Miller. Por quê? Eu te afeto tanto assim?

— Babaca. — revirei os olhos de novo antes de caminhar em direção à minha sala.

— A gente se vê, meu amor.

Caminhei às pressas em direção à aula de Artes, a primeira que eu iria ter. Até sentar em minha carteira e ver um sorriso de conforto de Brandon ao meu lado, meu coração não parou de bater desesperado.

— E por fim, trabalho pra semana que vem. Primeira Guerra Mundial, claro. Todas as questões, página vinte e seis. — avisou Ric no fim da aula antes do intervalo.

Brandon resmungou.

— É em duplas, escolham, eu não me importo.

O sinal tocou assim que ele fechou a boca. Todos começaram a se levantar. Brandon também se levantou do lugar e parou em minha frente.

— Na sua casa, depois da aula. — disse ele assim que me levantei e coloquei a mochila no ombro.

Assenti com a cabeça, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Foi então que percebi que Brandon não tinha saído do lugar.

— Você está estranha... — ele semicerrou os olhos me fitando.

— É só cólica, amor. — abri um sorriso rápido pra ele.

E era verdade. Eu só não contei todos os motivos por estar tão quieta.

— Certeza?

— Sim. — segurei seu rosto e dei um beijo rápido nele, doce e gelado. — Vamos, preciso falar com Ansel.

No intervalo, antes que eu pudesse sair da fila onde pegava meu almoço e procurar Ansel, ele apareceu logo atrás de mim, todo sorridente.

— Clarinha. — sua voz cantarolou meu nome assim que pegou sua bandeja.

— Estava precisando mesmo falar com você.

Um sorriso se abriu em seu rosto.

— Eu sei. Melanie está chateada por que acha que eu não vou para o jantar na sexta-feira.

— Isso. — suspirei. — O que você vai fazer?

— Uma surpresa. — avisou ele me surpreendendo. Abri um sorriso. — Espero que ela goste.

Refleti sobre o que poderia ser, enquanto a fila andava e então abri um sorriso para ele. Um sorriso confiante e animado.

— Ela vai amar! — disse feliz.

— Só preciso que você a enrole por mim, por favor. Quanto mais chateada ela ficar, melhor.

Assenti e com um dos braços, passei sobre seu pescoço enquanto dava um beijo em sua bochecha. Ele terminou de se servir e eu o observei por alguns segundos. Suas curvas delicadas e repuxadas, seus olhos brilhando.

— Quem diria: Ansel Collins apaixonado e

querendo se amarrar. As coisas estão amadurecendo por aqui.

Ouvi sua gargalhada alta e contagiante atrás de mim enquanto íamos procurar uma mesa.

Brandon

— Acha difícil? — Maria Clara voltou para a sala com uma travessa de morangos com chocolate em mãos e colocou em cima da mesa de centro onde livros, canetas e cadernos estavam espalhados.

— Não. — dei de ombros, antes de tirar os tênis. Depois disse: — Acho que conseguiremos terminar em uma hora.

Ela apenas assentiu antes de se sentar ao meu lado e começar a comer. Com os dedos delicados, segurou com força um garfo cheio de morangos minúsculos melados e doces. O levou até mim, abriu a boca e comecei a mastigar.

— Mel tá uma fera, tadinha dela.

Soltei um riso.

— Ansel falou comigo. Espero que dê certo, eu dou total apoio.

Maria Clara me olhou sorrindo, depois seus olhos ficaram curiosos. Peguei meu garfo que estava na mesa e comecei a comer.

— Está feliz assim pela felicidade dos nossos

amigos ou por que acha que Ansel não vai mais tentar alguma coisa comigo, por ter uma namorada oficial?

— Os dois. Não pode?

Ela revirou os olhos. Soltei uma risada antes que continuássemos a comer os morangos em silêncio. Assim que acabou tínhamos de adiantar o nosso trabalho.

A tarde passou voando. Não sei se era por eu gostar muito de História e que a Primeira Guerra Mundial fosse um assunto tão rico e interessante, mas conseguimos terminar o trabalho naquele mesmo dia.

— Posso te fazer uma pergunta? — Maria Clara quebrou o silêncio ao perguntar, enquanto colocava um DVD para assistirmos a um filme.

— Pode. — eu murmurei jogado no sofá da sala quase escura.

— Eu estou gorda? — seu corpo estava ereto em minha frente, ela me olhando séria. — É pra ser o mais sincero que você puder.

Observei seu corpo coberto por meias, um short jeans rasgado, uma regata rosa e seus cabelos sobre os ombros. Esperei uns segundos demorados para responder:

— Não, lógico que não. Por quê?

— É sério? — ela tombou a cabeça para o lado, segurando o controle remoto em uma das mãos. — Eu estou me sentindo mais inchada do que o normal. Aposto que foi aquela pílula que tomei domingo.

Revirei os olhos, depois cocei a cabeça.

— Vai começar com esse papo chato agora? Você está ótima. — admiti o que era verdade, enquanto arqueei o corpo para frente e a puxei pelo pulso, fazendo—a se sentar em meu colo. — Tão ótima que eu tenho que admitir o quanto te desejo hoje.

— Brandon... — minha doce namorada suspirou enquanto eu passava uma mecha de seus cabelos atrás da orelha. — Você só pensa nisso?

Molhei meus próprios lábios olhando seu rosto totalmente limpo, sem nenhuma maquiagem, o que eu achava a coisa mais adorável e atraente do

mundo.

— Com você, sem dúvida. — respondi antes de fazê-la me abraçar pelo pescoço e iniciarmos um beijo molhado, os estalinhos da língua preenchiam toda a sala semi escura, abri um sorriso sentindo as unhas de Maria Clara em meus ombros.

Seu corpo foi para baixo do meu, mais rápido do que pensei. Só conseguia sentir saudade desses momentos, dos seus beijos e gemidos, dos seus tremores... Até agora rolou só por uma noite, mas foi memorável, ficou com um gostinho de quero mais...

Beijando seu pescoço, segurei em seus dois pulsos, levantando-os até o alto de sua cabeça enquanto ouvi—a rir baixinho e colar suas pernas nas minhas. Desci meus beijos por seus seios que apareciam levemente pelo decote da regata, foi quando ela começou dizendo:

— Angelick está pela casa, Brad.

— Ela nunca vai vir aqui sem você chamar. — voltei a beijar seu rosto, seus lábios, mordiscando-os devagar.

— Amor, para, vai ser pior pra você depois. Eu...

— ela soltou um riso ofegante embaixo de mim. —
Eu estou naqueles dias.

Pisquei diversas vezes fitando seus olhos tímidos.

— Merda! Você está brincando comigo?

— Felizmente, eu não estou. — ela me deu um selinho estalado, abriu um sorriso enorme e por fim se desvencilhou de meus braços, ficando sentada no sofá.

— E quando acaba, pra gente foder? — perguntei irritado enquanto me sentava ao seu lado. Maria Clara riu de minha expressão antes de dizer:

— Bom, começou ontem. — ela começou a explicar. — Dura uns quatro dias no mínimo...

— Quatro dias?! — berrei fazendo-a rir mais ainda. — No mínimo?

— Quatro dias. — confirmou ela enquanto selecionava algo no menu principal do DVD. — Fica tranquilo, Brandon. Eu nunca estive tão feliz por estar menstruada.

— Pra se livrar de sexo? Achei que não tivesse sido tão ruim assim pra você.

— Claro que não! — ela se aproximou de meu braço, puxando um edredom fino no canto do sofá

PERIGOSAS ACHERON

que havia pegado do quarto, faz poucos minutos. — Eu não estou grávida, amor, eu não estou! — foi então que eu entendi sua felicidade. — Isso não é ótimo?

— É, claro que é. — suspirei entendendo seu lado.

— Ah, qual é, Campbell?! — ela se irritou me olhando duro. — Você já esperou por três meses. Três meses! — repetiu. — O que custa esperar quatro dias sem reclamar?

Antes de suspirar, apenas olhei pra ela e com minha boca em sua orelha, murmurei:

— Espero que esteja ansiosa para daqui a quatro dias. Cuidado por onde anda.

Seu corpo se arrepiou e o filme se iniciou, deixando a sala em silêncio pelas duas horas seguintes.

Maria Clara

Pior do que assistir filmes românticos e dramáticos com o namorado, é assistir filmes românticos e dramáticos com o namorado e ainda na TPM.

Era tarde já, acho que se passavam das 19h da noite quando o filme estava a acabar, meus olhos já estavam doloridos por conta das lágrimas. Poderiam se passar vinte anos, mil anos... Todas as vezes que fosse assistir “*Um Amor para Recordar*”, eu choraria em todas elas.

Maldito seja esse roteiro!

Naquele momento como muitos outros no decorrer do filme, Brandon ria da minha cara por chorar. Nas outras ele ria por eu dizer todas as falas de uma vez, por cantar as belas canções de Mandy Moore ou por soltar um suspiro, encantada com alguma cena.

Mas o que me fazia mais feliz era estar ali com ele. Era reconfortante. Sua risada enchia meu coração de alegria. Eu percebia o quão ele se sentia

em casa do meu lado, no meu sofá, vendo um de meus filmes favoritos e não se importando nem um pouco com minhas lágrimas sentidas.

Enquanto os créditos rolaram, acomodei minha cabeça em suas coxas e ele fazia carinho em meus cabelos. Era uma delícia.

— Nossa vida tinha que ser como esse filme. — afirmei, olhando-o.

— Por quê?

— Porque é lindo e perfeito à sua maneira.

— Mas também somos lindos à nossa própria maneira. — comentou ele. — Não temos amigos falsos, não somos tão diferentes e também nos amamos. Estamos fazendo nossa história. — ele fez uma pequena pausa. — Sou mil vezes mais bonito que Shane West. — gargalhei com seu comentário. — E olha uma vantagem, você não vai morrer no fim da história, vai? — parei de rir no mesmo instante, fitando seus olhos sérios antes que ele se abaixasse, todo desconfortável para beijar com carinho minha testa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Três em um

*“Lembre-se sempre: Ações
falam mais do que palavras.”*

Demi Lovato

Maria Clara

— Ansel está chegando? — perguntou Brad.

— Ele disse que sim. — respondi tirando a unha da boca e me distraíndo com meu anel de namoro, enquanto olhava para o celular onde conversava com meu melhor amigo por mensagem.

— Vocês não vão jantar? — perguntou a moradora do apartamento com seu vestido verde com flores brancas, enquanto trançava os cabelos sentada em um dos sofás de couro presente na sala onde estávamos.

— Claro que sim. Espera, eles acabaram de chegar. — Sue reclamou junto de Connor enquanto tomava refrigerante, sentada no sofá oposto ao de Mel.

— Melanie, tem certeza de que seus pais não irão chegar agora? — perguntou Connor com uma das mãos na jaqueta.

— Tenho. Meus pais chegam de madrugada. Eu pedi privacidade pra gente.

— Ótimo. — Connor sorriu antes de tirar um

saquinho de plástico transparente do bolso, junto de um isqueiro.

— Ah, não acredito! — Brandon abriu o maior sorriso do mundo ao caminhar em direção ao Connor e quase sentar no colo dele para pegar um baseado.

— Não acredito, digo eu! — Melanie olhava chocada para os dois. — Mas o que diabos isso está fazendo dentro da minha casa? Que droga, gente! — ela resmungou como se estivesse chateada. — O cheiro disso vai ficar por todo canto!

— Não vai, não. Fique tranquila. — Brandon se levantou do sofá e foi para a varanda. Connor o acompanhou rapidamente.

— Por que não me avisaram? — Mel cruzou os braços, esgotada de irritação.

— Por que sabíamos que você não iria deixar. Então avisei ao Ansel e ele disse que estava tudo bem. — Connor deu de ombros, rindo como uma criança.

— Ansel disse que estava tudo bem? E o que o Ansel tem a ver com isso? — Melanie arregalou os olhos. — Que se foda! Eu não quero isso aqui. Eu.

Não. Quero! — repetia ela, tão irritada que achei que fosse chorar.

Ansel não ter aparecido deixava-a extremamente chateada e os garotos trazendo maconha para dentro de sua própria casa sem avisá-la, só piorava a situação.

Mandei uma mensagem a Ansel contando o ocorrido, a única coisa que recebi de volta, em menos de um minuto foi uma jorrada de risadas.

A campainha tocou no segundo em que Brandon deu sua primeira tragada no baseado.

Melanie foi batendo os pés de irritação até lá e xingando quem estivesse na porta. Foi então que ela arregalou os olhos agarrando-se à porta.

Abri um sorriso involuntário, vendo Ansel caminhar em sua direção com um sorriso nos lábios, uma rosa em mãos e uma caixinha azul de brilhantes em outra. Com as mãos tremendo eu o ouvi dizer:

— Oi. — Melanie o olhava sem piscar. — Eu sei o quão irritada você deve estar comigo. Sei que não deveria ter mentido pra você e nem ter deixado de te avisar que permiti que os garotos trouxessem a

maconha pra cá, mas tudo fez parte de um plano idiota que inventei de qualquer jeito essa semana. Só pra aparecer aqui, agora, dizer que eu não consigo te ver mais de outra maneira do que a garota que toma conta da minha vida, como nenhuma outra conseguiu. Vou confessar que quando te beijei a primeira vez foi porque a Maria Clara pediu. Sei que ela vai me matar por ter te contado isso, mas é a verdade. E mais verdade ainda, é que eu lutei comigo mesmo pra não te amar desde então e não consegui. Eu fracassei, mas fracassei bonito. Acho que mereci ter perdido essa batalha só pra ganhar você.

Naquele momento, Ansel parecia uma estrela cadente, esperada por anos. Todos estavam em silêncio em seus lugares olhando-o em frente a Melanie, fazendo uma declaração de amor. Aquilo era realmente novo, inacreditável, mas lindo.

— Mais do que você, só a Maria Clara pra me conhecer tão bem. Vocês sabem que sou péssimo com datas, mas eu sei que fazem uns três meses que a gente... Está junto, sabe? E eu queria namorar você. Namorar de verdade, com anel e essas coisas.

— então ele entregou a caixinha aberta em direção a ela que não se moveu. — Você aceita ser minha, Melanie Devis?

Mais silêncio.

Até que inesperavelmente, o choro de Melanie explodiu em soluços e suspiros profundos e ela se encontrava com as mãos no rosto, de cabeça baixa, chorando compulsivamente.

Meu coração se encheu de uma alegria alheia e eu senti meus olhos marejados. Aquilo era uma cena linda de ver. Para uma romântica incurável como eu, era divina. Ninguém presenciou noites chorosas e frias ao lado de uma Melanie acabada, reclamando porque Ansel comia todo o colégio e não conseguia beijá-la ou como ele olhava pra ela como se fosse irmã, a fazendo sentir culpada por não olhá-lo da mesma forma. Era de enlouquecer.

— Não chora, Mel. — Ansel abraçou-a pelo pescoço e me olhou vermelho de vergonha. Ele não esperava aquela reação. Nem nós. — Fala alguma coisa, por favor.

Esperamos uns segundos até ela dizer:

— Eu esperei tanto tempo por isso, tanto tempo...

Mordi o lábio olhando-os. Ansel levantou o rosto dela secando suas lágrimas antes de entregar a rosa em sua mão. Ela a segurou com tanto carinho, me fez pensar como alguém poderia fazê-la sofrer.

Um pouco nervoso e completamente sem jeito, Ansel colocou a aliança nela e ela pegou a dele e colocou em seu dedo com tremedeira e nervosismo, mas com todo o amor que ela conseguia.

— Eu te odeio por me fazer chorar na frente deles. — Melanie deu um tapa no peito de Ansel com uma mão enquanto secava as lágrimas com a outra.

E a sala explodiu numa risada que durou a noite inteira.

Brandon

Eu queria me matar todas as vezes em que eu usava aquilo, mas era extremamente bom, uma sensação tão diferente e nova. Eu me sentia em outro patamar, totalmente relaxado.

As horas não demoraram nem um pouco para passar enquanto jantávamos todos juntos na copa do apartamento. Conversamos sobre todos os assuntos possíveis e depois resolvemos ir para a sala ver um filme.

O apartamento estava todo escuro, a luz que vinha da varanda iluminava o chão entre os sofás e a TV, onde passava “*Invocação do Mal*” no volume máximo. Meu corpo estava jogado em um dos sofás e Maria Clara estava sentada ao meu lado com a cabeça no meu peito.

— Connor. — eu o chamei, assim que me olhou já entendeu o que eu queria.

O último baseado veio parar aceso entre meus dedos. Dei uma tragada longa fitando a TV.

Já se passava da meia-noite e ninguém se

importou. Os pais de Mel não estavam em casa, muito menos Katherine. Ouvi um berro de Melanie assim que um estrondo veio da TV. Soltei uma gargalhava involuntária.

— Vocês são uns babacas, eu odeio filme assim.

— Você odeia e tem uma coleção em sua casa. — respondeu Sue vidrada no filme.

— Não são meus, são da Kath. — Melanie revirou os olhos deitada no colo de Ansel no sofá ao lado.

— Tanto que Kath é melhor que você. — comentei sem pensar.

O olhar de Melanie não foi pior do que o de Maria Clara, que levantou sua cabeça e bateu com as costas da mão com força em meu peito.

— Você só fala bosta, Brandon.

— Eu estou brincando, meu docinho. — fiz biquinho pra ela, que revirou os olhos afastando seu corpo do meu. — Vem aqui, para, Clara. — puxei-a e beijei seus lábios com carinho, meu braço envolvendo todo o seu pescoço.

O beijo dela tinha gosto de sorvete que havíamos tomado não havia meia hora. Ela cedeu a todas as

PERIGOSAS ACHERON

minhas vontades, deixando com que eu fizesse carinho em suas coxas por baixo da saia curta e colada.

— Menos, Brandon, bem menos. — ela afastou sua boca da minha e eu beijei seu pescoço.

Seu corpo estava todo arrepiado enquanto ela, tremendo, tentava tirar minha mão de sua perna.

— Clara? — chamou Sue segundos depois. — Vai mostrar a casa pra ele. — o olhar de cúmplice que Susan mandou para nós me matou.

— Vem, eu vou adorar. — levantei-me segurando sua mão e entregando a maconha para Connor.

Ela se levantou e me acompanhou.

— Tudo bem. — foi o que ela disse assim que saímos da sala. — O que quer ver primeiro?

— O que você quiser me mostrar.

Seus olhos se arregalaram levemente, mas então ela assentiu com a cabeça e disse:

— Você já viu a sala, a cozinha e a copa. Bom, aqui tem o quarto de Melanie... — falou ela assim que abriu uma porta do corredor onde estávamos.

Como se eu estivesse interessado, coloquei a

cabeça e observei um quarto delicado e colorido.

— E agora?

— Aqui é o da Katherine, que eu acho que não te interessa... — sua voz soou possessiva e irritada. Soltei uma risada enquanto ela caminhava. — Aqui tem a lavandaria. — ela abriu mais uma porta e eu fiz a mesma coisa. — E aqui é o quarto dos tios, acho melhor não abrir a porta, seria falta de educação.

Dei de ombros como se concordasse.

— Tudo bem. O que mais?

— Tem a sacada dos fundos, venha ver.

Ela caminhou na frente toda faceira com sua saia preta e blusa de seda branca, os cabelos voando e os pequenos saltos fazendo barulho ao andar. Chegamos a uma sacada como a que tem na sala, espaçosa, limpa e com uma vista linda.

O vento soprou com força, assim que colocamos as mãos nas grades de proteção.

Maria Clara olhou na minha direção, dizendo:

— É lindo aqui, não é?

— Um belo apartamento. Os pais de Melanie têm

muito dinheiro.

Ela soltou um riso.

— Eles são donos da maior rede de supermercados desse país. — comentou ela. — Devem ter mesmo.

Assenti, aproximando meu corpo do dela.

— O que mais tem pra mostrar?

— Eu acho que... — ela se virou, perdendo a fala por estar a centímetros do meu corpo. — Nada... Por quê?

Mordi o lábio. Seus olhos foram parar neles no mesmo instante e ela os tomou sem que eu pudesse pensar em alguma coisa.

Segurando firme a gola da camisa que eu usava, tomou posse dos meus lábios com força, soltando um gemido assim que segurei sua cintura.

— Onde foi que você e Katherine... — ela afastou sua boca da minha, dando passagem para que eu pudesse beijar seu pescoço macio e cheiroso. — Onde vocês transaram?

Não respondi. Apenas a olhei curioso. Que tipo de pergunta é essa? Ela arqueou as sobrancelhas, os olhos sérios, brilhantes.

— Me leve lá.

— Agora?

— Agora, Brandon! — sua voz soou tão autoritária que eu não sei como consegui chegar.

Em segundos, estávamos os dois nos atracando no banheiro. Maria Clara sentada em cima da mesa de mármore e meu corpo posicionado entre suas pernas.

— Você só pode estar brincando. — ela soltou uma risadinha enquanto eu beijava seu pescoço às pressas, meus dedos se enrolando ao desabotoar sua camisa de seda. — Vocês transaram aqui?

— Uhum. — foi a única coisa que consegui murmurar, perdido com a boca em seus seios, desejando que aquele pedaço de pano que ela vestia saísse dali o mais rápido possível.

— Que horror. — ela riu.

Víbora! Minha namorada era uma víbora quando queria!

— Cale a boca. — tomei seus lábios doces e enormes, beijei cada centímetro deles, procurei seu clitóris por cima da calcinha e o estimulei.

Ela soltou um gemido.

Rodei meus dedos ali por segundos, sentindo-a ficar totalmente molhada, vendo-a se entregar a mim assim, tão doce, tão inocente, tão carnal.

— Ah, não! Eu não acredito! — berrou Melanie do outro lado da porta, indignada e surpresa. Sua voz estava divertida e maliciosa. — Vocês estão transando no meu banheiro! Meu Deus!

Assim que Maria Clara ouviu a voz dela, pulou instantaneamente da pia de mármore, se ajoelhando na minha frente e abrindo a barriguinha de minha calça.

— Acha que consegue? Cinco minutos?

Arregalei os olhos.

— Cinco minutos? Maria Clara! O que você está fazendo? — perguntei sem pensar.

Ela me olhou sob os cílios e, colocando meu sexo duro pra fora da cueca, o abocanhou sem que eu pudesse pensar. Encostei minha cabeça na parede, arqueei as costas saboreando os lábios gelados e carnudos daquela garota, sua língua rodando na extremidade.

Segurei seus cabelos em meu punho, auxiliando-a

PERIGOSAS ACHERON

devagar. Com calma, ela pegou um ritmo só e fechou os lábios ao meu redor, subindo e descendo, fazendo todo o meu corpo tremer.

— Eu... ah, droga! — foi o que consegui sussurrar.

Eu queria gritar. Gritar pra todo mundo ouvir o quão eu pertencia a ela, o quão eu era louco por ela. Apertei meus olhos com força, sentindo meu orgasmo tomar conta de todo o meu corpo.

Afastei sua cabeça de mim, dizendo:

— Amor, eu vou...

— Eu sei. — foi tudo o que ela sussurrou de volta antes de colocar a boca na cabeça e sugá-la enquanto eu explodia em um orgasmo.

Tudo ficou branco, minhas pernas tremiam tanto que eu achei que fosse cair. Procurei por ar, respirando devagar. Assim que voltei à consciência, Maria Clara já havia fechado minha calça e estava ajeitando a blusa na frente do espelho.

Passei as mãos nos cabelos, completamente bagunçados e suados. Dei um passo vendo-a pelo espelho. Apertei seu corpo por trás contra a pia.

— A gente precisa voltar. Eles vão matar a gente.

PERIGOSAS ACHERON

— comentou ela enquanto fechava o último botão. Passou dois dedos ao lado dos lábios.

— Você... — perdi a voz. — Você engoliu?

— O que você queria que eu fizesse? — ela debochou enquanto passava as mãos nos cabelos, fazendo um coque.

Mal deixei que ela terminasse e virei seu corpo de frente para o meu, tomando seus lábios, mostrando a ela o quão louco me deixava.

Maria Clara era impossível.

— Vem, Brad, vem! — ela pegou em minha mão e saiu do banheiro.

Eu a acompanhei, bambo, anestesiado, feliz.

— Do tempo em que vocês saíram daqui até agora... — Susan olhou o relógio, depois voltou seu olhar pra mim. — Gastaram apenas oito minutos e dez segundos.

— Sejam mais demorados da próxima vez, seus precoces! — reclamou Ansel.

Eu só consegui rir.

Surpresa!

“As dificuldades e o caos fazem parte da vida. Mas você precisa aceitá-los com graça e serenidade por que eles também proporcionam dádivas.”

Demi Lovato

Maria Clara

Aquele calor estava simplesmente insuportável. Eu estava com a roupa mais confortável que consegui achar pela manhã, mesmo assim, ainda não era o suficiente.

Sem contar os alunos, que ficavam mais barulhentos e chatos para qualquer lado que olhássemos. Ainda mais ali, na hora do intervalo. O refeitório estava lotado e claro, barulhento.

Eu estava sentada ao lado dos meus eternos amigos, o silêncio tomava conta de todos por um simples motivo: fome. Deixávamos o tempo passar enquanto comíamos, sem jogar conversa fora.

Foi quando Brandon resolveu dizer:

— Qual é a deles?

Segui seu olhar e dei de cara com Katherine às gargalhadas na mesa de Tyler e seus coleguinhas. Foi na mesma hora em que ela olhou para a nossa mesa, mais exclusivamente para mim e riu. Sim, riu com aqueles enormes olhos semicerrados.

Desviei o olhar.

— Para ser sincera, nem eu sei. — comentou Melanie.

— Às vezes a Kath não se manca, cara. — se irritou Susan. — Tentar falar com ela não adianta droga nenhuma.

Dei de ombros.

— A vida é dela. As consequências também. — comentei.

— Pois é. — Connor finalizou sem se importar.

Fitei Brandon que estava com um olhar curioso ou enciumado, não identifiquei direito. Antes que eu pudesse perguntar alguma coisa, o sinal tocou e ele se levantou de súbito.

— Você vem? — perguntou ele a Ansel.

— Lógico que sim! — meu melhor amigo se levantou e antes que eles saíssem, Brandon segurou meu queixo e depositou um beijo casto em meus lábios.

— A gente se vê mais tarde?

Assenti sem jeito. E então ele se foi com os garotos para o treino de futebol. Suspirei antes de levantar também e ir estudar Álgebra na biblioteca.

No relógio, já se passavam das 14h da tarde, iria bater o sinal para irmos embora e foi quando meu celular vibrou. Era uma mensagem de Brandon.

“estou no vestuário masculino. te espero aqui em cinco minutos”.

Mordi o lábio ao fitar a mensagem.

O que ele queria?

— Garotas, vou ao banheiro. — menti enquanto levantava da mesa e saía da biblioteca.

O colégio estava silencioso, todos estudando em suas devidas salas. Caminhei pelos corredores com minhas sapatilhas vermelhas e arrumei minha regata branca antes de parar em frente ao vestuário masculino, já nos fundos do colégio. Olhei para os dois lados, ninguém estava por perto. Então entrei.

— Brad? — perguntei já lá dentro, que estava silencioso. — Brandon? — questionei de novo.

Nada.

Nem o barulho de uma mosca era possível ouvir. Caminhei por um corredor, depois por outro observando os diversos armários dos garotos.

Como ele não apareceu, voltei pelo mesmo caminho e assim que virei um corredor, fitei Tyler de braços cruzados encostado em um armário que impedia minha passagem.

— Clarinha, o que faz aqui? — perguntou sorridente.

— Você viu o Brandon?

— Brandon? — ele curvou os lábios ao balançar a cabeça. — Não.

— Ele me mandou uma mensagem dizendo que queria que eu viesse aqui.

— Mandou? — Tyler perguntou como se tivesse todo interessado. — Ele deve ter mandado para a namorada errada, não acha?

Bufei no mesmo instante em que revirei os olhos.

— Chega, Tyler. Nem começa com suas...

— Ué, vai me dizer que você não reparou o quanto ele ficou irritado ou com... Ciúmes por que Katherine estava em minha mesa? Vai me dizer que você nunca imaginou no quanto Katherine mexe com ele? Talvez ele tenha mandado errado, talvez quisesse mandar mensagem para ela para tirar alguma satisfação.

— Cale a boca! — caminhei às pressas para a saída, com o coração palpitando. — Não vou ficar aqui ouvindo suas asneiras, Carter.

— Asneiras, Maria Clara, asneiras? — Tyler agiu tão rápido que eu me assustei. Quando dei conta, já estava encostada na porta, as costas imprensadas na mesma enquanto tinha o corpo enorme dele em minha frente. — No fundo você sabe que é verdade. Pensa bem! Brandon não é santo, o colégio todo sabe disso!

Engoli a seco sentindo as pontas dos pés doendo no chão e o coração batendo forte de medo. Aquele garoto é tão... Intimidador!

— Para sua informação, o colégio todo também sabe o quanto você é... A fim de mim.

Soltei um riso nervoso no mesmo instante fitando seu rosto largo e bronzeado, seus lábios carnudos e secos em minha frente, seus olhos tão escuros e... e... Droga!

O que estou pensando?

— Eu não sou a fim de você! — as palavras saíram automaticamente.

— Ah, não? — sua voz tomou conta dos meus

PERIGOSAS ACHERON

ouvidos e do meu corpo.

Uma de suas mãos ásperas fez carinho em minha bochecha e em seguida passou uma mecha de meu cabelo pra trás de minha orelha. Observei com os olhos todos os segundos e então eles fecharam para que eu pudesse sentir seus dedos entrelaçando-se nos meus e sua respiração chicoteando meu pescoço, seu perfume tomando conta dos meus pulmões e meus pêlos se ouriçarem ao sentir um único e sofrido beijo no pé de minha orelha.

Abri os lábios, sem saber se era para respirar melhor ou esperar incansavelmente por um... Por um...

— Então me explica toda essa entrega, Miller. Por que não pede de uma vez?

Risadas foram dadas e eu pisquei diversas vezes até entender a cagada feita. Ele sabe, ele me fez ficar tão alucinada e entregue. Agora ele ri da minha cara, com o ego no céu, o sorriso no rosto, convencido e realizado.

— Você é um babaca! — bati firme com os punhos em seu peito, afastando-me da porta para abri-la em seguida e saí batendo os pés, com

lágrimas nos olhos.

O que diabos estava acontecendo?!

Brandon

Sabe aqueles dias em que se acorda com uma sensação ruim e não faz ideia do que seja? Lembrome de sonhar alguma coisa, alguma coisa ruim e amarga, mas não me lembro ao certo o que era.

Suspirei sentado em minha cama fitando o quarto semi escuro e peguei o celular. Coçando os olhos observei o horário. Eram exatas 5h47 da manhã. Bufe. Quem acorda nesse horário?

Levantei e fui até o banheiro jogar água no rosto. Pela janela do quarto dava para ver a chuva horrorosa que tomava conta de Los Angeles em pleno verão. Ó, que ótimo para começar o dia!

Pensei em meus irmãos e em meu pai. Paris. Eles ainda estavam em Paris, mesmo depois de meses. E ao me lembrar disso, não hesitei em ligar. Liguei mesmo naquele horário. Chamou muito até cair na caixa postal.

Suspirei antes que pudesse dizer:

— Oi, pai. Sou eu, o Brandon. Desculpa ligar esse horário. Aqui ainda é cedo, aí eu não sei, por

conta do fuso horário... Mas acordei com uma sensação ruim e só queria dizer que te amo, amo as crianças e estou com saudades. Espero que tenha um bom dia e que estejam se divertindo bastante por aí. Não vejo a hora de voltarem para que conheçam a Maria Clara, aquela garota que eu te falei. Está dando certo, muito certo, pai. Espero que você goste dela. Mande um beijo a Erin, sinto saudades dela também. E acho que é só isso... Tchau pai, eu te amo.

Apertei o celular firme em minhas mãos antes de me levantar e buscar um moletom para vestir e descer para a academia. Eu precisava fazer meu dia começar bem ou pelo menos tentar. Até por que, sonhos ruins muitas vezes não significam nada.

Maria Clara

— Oh, querida, não sabia que estava acordada tão cedo. — ouvi a voz de Angel e me virei para olhá-la.

— Eu perdi o sono, Angel. Vim tomar alguma coisa. — levantei o copo de suco de manga que eu tomava. — Para onde vai? — perguntei olhando ela carregando duas bolsas.

— Para minhas folgas, querida. Eu tenho um fim de semana livre por mês... Se esqueceu? — sua voz era doce ao me explicar e eu sorri.

Ela estava toda agasalhada.

— Ah, claro, é verdade. — fui até ela e a abracei.
— Boas folgas!

— Obrigada. Vai ficar bem, não vai?

— Com certeza. — falei.

— Tudo o que precisa está na cozinha e bom...

— Eu sei. — soltei um riso cortando-a.

Angelick assentiu sorrindo enquanto eu a levava até à porta.

— Eu volto segunda-feira. Bom fim de semana.
PERIGOSAS ACHERON

— ela me deu um beijo na bochecha e saiu.

Sorri vendo-a embaixo de um guarda-chuva segundos depois.

Encostei a porta e fui até o sofá, sentando-me nele segundos depois. Peguei meu celular no bolso. Ainda eram 7h30 da manhã. E eu não estava com sono, nem com vontade de ir ao colégio hoje.

Mandeí uma mensagem para Brandon assim que me deitei no sofá, ouvindo o silêncio daquela sexta-feira chuvosa que tomava conta de minha casa.

“não vou ao colégio hoje. eu te amo, boa aula.”

Em minutos ele respondeu:

“por quê?”

“preguiça.”

“preguiça? Maria Clara! é sério?”

“sério. eu te vejo mais tarde, passe aqui.”

“eu te amo”

Sorri com suas palavras antes de guardar o celular no bolso da blusa de frio que eu vestia, ligar a TV para zapear os canais e encontrar “Toy Story”. Acomodei-me no meio das almofadas para assistir.

Uma música de fundo, baixinha e agitada me fez despertar rapidamente e então cocei os olhos, abrindo-os em seguida. Observei minha sala, continuava a mesma e a TV ainda ligada, mas já passava outro filme infantil. Peguei meu celular no bolso da blusa e desbloqueei a tela. Espantei-me ao ver que horas eram. Exatas 11h38 da manhã.

Sentei-me no sofá, peguei preguiçosamente o controle e desliguei a TV. Então, me levantei sentindo meu estômago roncar e caminhei até à cozinha com minhas pantufas para preparar alguma coisa.

Pegando chocolate em creme e algumas torradas, comecei a preparar meu café da manhã. Em seguida, peguei uma xícara e esquentei a água no micro-ondas para fazer um chá. Tudo com cuidado.

Então lembrei-me de Tyler. Suas insinuações ridículas no dia anterior. Como ele consegue ser assim? Engoli a seco, agradecendo mentalmente por não ter ido hoje, assim eu não o veria e não morreria de medo como todas as outras vezes.

Com meu prato cheio de torradas e meu chá já

PERIGOSAS ACHERON

pronto, me virei com os dois em mãos para colocá-los em cima do balcão.

— *Bom dia, meu amor.*

Meus braços tremeram de susto, assim como meu corpo todo, me fazendo deixar cair a xícara. Pisquei diversas vezes olhando para a porta da cozinha, onde estava Tyler Carter imóvel me olhando.

— Eu te assustei de novo? Mil perdões! — ele entornou os lábios ao ver louça quebrada no chão, junto de torradas sujas e chá espalhado por todos os lados.

— O que você está fazendo aqui? — foi a única coisa que consegui dizer, com as mãos apoiadas no balcão, ainda tremendo.

— O que estou fazendo aqui? Ué, eu vim te ver, meu amor. — e então ele sorriu, os olhos brilhando, as roupas impecáveis.

— Como você entrou? — meu coração começou a se descontrolar, meus olhos sem acreditar no que estava vendo.

— Entrei com as pernas. — Tyler fez uma pausa, então deu de ombros e apontou. — Ah, claro, entrei pela porta. Ela estava aberta. Acho que tem que

PERIGOSAS ACHERON

tomar mais cuidado com isso... — avisou ele com uma voz tão cínica.

— O que você quer?

O silêncio reinou. Ele deu alguns passos em minha direção. Endireitei o corpo olhando-o sem piscar.

— Como... O que eu quero? Quero o mesmo que você. — ele continuou andando, então parou em minha frente, entre a pia e o balcão.

— Tyler, vai embora.

— Embora? — ele franziu a testa. — Claro que não, eu acabei de chegar! — sua voz ficou tão doce e animada.

Droga! O que está acontecendo?!

— Tyler, é sério. O Brandon vai chegar a qualquer momento, ele não vai gostar de te ver aqui.

— Ele não vai superar? Digo, não vai entender que você não o quer mais? Que é de mim que você gosta? Eu acho que ele entenderia, sim.

Molhei os lábios com a língua, controlando minha respiração. Ele é louco, completamente louco.

— Você está delirando. Vai embora da minha casa, estou sendo educada. Os meus pais estão lá em cima, e...

Suas risadas cortaram minhas palavras ao vento. Então ele coçou a nuca e disse:

— Seus pais estão viajando, garota, para bem longe. Sua criada foi tirar merecidas folgas e seus amiguinhos, junto daquele merda do seu namorado estão no colégio. Acha que eu não sei?

Franzi a testa. Ele estava me espionando?

— Para! Eu quero que você vá embora! — reclamei nervosa ao caminhar às pressas para a porta, abrindo-a e parando ao lado da mesma. — Anda, Tyler! Não te quero em minha casa.

Ele veio caminhando da cozinha até o hall preguiçosamente até parar em minha frente, de novo com as mãos nos bolsos, a calma em pessoa, deixando o silêncio tomar conta da casa, antes que perdesse a paciência e batesse a porta com força e me empurrasse contra a mesma.

— Eu não vou sair! Sabe por quê? Por que eu esperei muito por esse dia e não vou destruí-lo só por conta dos seus chiliques! — berrou ele a PERIGOSAS ACHERON

centímetros de meu rosto.

Meus olhos se arregalaram e agora eu não conseguia mais controlar a respiração.

— O que você quer? Hein? Me diga o que quer.

Suas mãos me abraçaram pela cintura e seus quadris me imprensaram na porta com força, seus braços rijos, os olhos brilhando ao me observar.

— Você. Maria Clara, eu quero você! — Tyler murmurou doce, tão doce que se eu não soubesse como ele realmente era, acharia que estava apaixonado, perdido ou encantado.

— Não, Tyler. — engoli a seco. — Não podemos ter nada.

— Nada? — seus olhos se semicerraram enquanto sua voz mudava de tom. — Claro que podemos! Podemos ter tudo e vamos ter! — ele me empurrou com mais força, machucando minhas costas na madeira. — Você é tão inteligente para estar com Campbell. Ele é um babaca! Não merece ter você, eu mereço! Por que não enxerga isso?! — Tyler berrava enquanto empurrava seu corpo contra o meu.

Dei um tapa forte em seu rosto assim que ele

PERIGOSAS ACHERON

fechou a boca. Só fui me dar conta do ato quando senti minha mão latejar e seu pescoço virar de frente para mim mais uma vez.

— Você é doente! — gritei.

Foi um pingo para que ele perdesse a última gota de paciência que estava tendo comigo e puxar meus cabelos com força.

— Olha aqui, garota, eu estou cansado de tentar te alertar do quanto aquele seu namorado é um merda. Estou cansado de ser paciente e atencioso. — ele fez uma pausa. Lágrimas já se acumulavam ao redor dos meus olhos. — Não me interessa se você não está a fim. Eu estou! — ele enterrou seu rosto no meu pescoço e começou a depositar beijos por todo meu ombro.

— Tyler... Você está me machucando. — disse baixinho, sentindo suas mãos apertarem com força meus braços. — Não me machuca, não faz isso...Por favor. — sentia todo o meu corpo tremendo de medo e de raiva.

— Cale a boca! — berrou ele de volta, apertando-me com mais força. — Estou de saco cheio de suas lamentações, garota!

— Para, Carter, por favor, para... — pedi sentindo lágrimas quentes escorrerem sobre minhas bochechas enquanto ele lambia meu pescoço de um jeito tão... Tão...

— Um beijo, Miller, só um beijo. — seus olhos ficaram fitando os meus enquanto sua boca estava a centímetros da minha prestes a me beijar, quando consegui rapidamente chutar o seu saco.

Seu corpo se curvou em minha frente enquanto ele reclamava de dor. Saí correndo escada acima, quase caindo. Mas consegui chegar ao meu quarto e, completamente desajeitada, fechei a porta. Só então me toquei de que ele havia me seguido, agora seus dedos estavam entre a fresta, sendo esmagados.

O empurrei com toda a minha força, rezando para que ele fosse embora, para que alguém chegasse, qualquer coisa. Eu só queria que nada de ruim acontecesse. Empurrei a porta ouvindo seus gritos de dor por conta dos dedos e me surpreendi quando ele chutou a porta com o pé e ela se abriu de uma vez, fazendo meu corpo cair no chão duro do quarto.

Com os olhos molhados, observei-o parado na porta com as respiração rápida e verificando os dedos amassados, então caminhou com os passos pesados e firmes em minha direção, pegando-me pelos cabelos e me jogando na cama com força.

— Eu tentei ser o mais carinhoso possível com você. Mas, se não vai ser por bem, vai ser por mal! — foi a única coisa que ele disse enquanto subia em cima de mim, apertando minhas pernas e tirando minha blusa.

Eu comecei a gritar, com a voz engasgada pelo choro, os cabelos todos bagunçados em cima da cama, sentindo seu peso em cima do meu corpo.

Tentei me debater várias e várias vezes e, a cada cinco segundos ele me dava um tapa por não ficar quieta. Não disse mais nada desde então. Era difícil acreditar, enquanto ele conseguia rasgar minha blusa de alcinha e meu shorts do pijama, sorrindo tão excitado e feliz por me ver semi nua em sua frente.

Tyler era habilidoso e forte, fazia tudo rápido e com firmeza, me machucando inteira. Minha garganta estava fechada, eu chorava tanto, tanto...

— Por favor, Tyler, para com isso, por favor! — implorava, mesmo sem ele me dar ouvidos.

Ele tirou sua jaqueta, depois a regata e começou a puxar o cinto. Eu sentia falta de ar, não conseguia sair debaixo de seu corpo por nada! Tyler continuava a se despir. Chutou os tênis junto com as meias para longe e então me beijou.

Sua boca cobria a minha, molhada e nojenta. Ah, que ódio! Tentei bater em seu rosto, mas ele segurava tão forte meus pulsos contra seu corpo, eu não tinha escapatória. Sua língua invadia minha boca me dando náuseas, eu queria sair dali, estava com medo, muito medo.

Seus beijos desceram pelo meu pescoço, onde ele o chupou várias vezes. Eu sentia minha pele arder. Ele estava marcando todo o meu corpo. Tentei chutá-lo e Tyler se irritava ainda mais, me dando um tapa forte na barriga.

Funguei enquanto ele chupava meus seios como se eu fosse uma vaca ou uma puta. Ele tomava posse de mim sem que eu deixasse. Não tinha pudoralgum. E estava tão contente. Eu sentia nojo toda vez que me olhava com um sorriso no rosto.

Aquilo estava tão dolorido e nojento. Meu Deus?! Quando vai acabar? E o pior ainda está por vir... Eu não conseguiria aguentar. Não com ele, não assim, muito menos em minha própria cama!

Com força e rapidez, Tyler abaixou as calças e tirou seu pênis enorme para fora, sorrindo pra mim como se me mostrasse um troféu.

Tentei respirar, tentei lutar contra sua força e só recebi mais tapas e apertos nos braços e nas pernas, me dando total certeza de que ficaria totalmente roxa e dolorida depois.

Oh, droga! Eu só queria sair daqui, eu só queria me enterrar no colo de Brandon... Onde ele estava?

Tirando um preservativo do bolso da calça, Tyler o vestiu e então, segurando meus pulsos, desceu seus beijos por minha barriga, lambendo-a e chupando-a a cada segundo, sem se importar com meus soluços de choro, muito menos com meus gritos.

Tyler afastou minha calcinha e se posicionou no ponto certo, por mais que eu fechasse minhas pernas com força, ele conseguiu abri-las e, sem carinho nenhum, me penetrou com uma força

absurda e inimaginável.

Mordi meus lábios com toda a força por puro reflexo e mais lágrimas rolaram, meu corpo todo tremendo de dor, de desespero. Tyler entrava e saía de mim com força, com rapidez, fazendo caras e bocas de prazer.

E então ele gemeu de desejo, enquanto eu gritava de dor. Aquilo estava me destruindo de todas as formas possíveis.

— Não faz isso... Não, por favor... — pedia com uma voz baixa e engasgada, sem sucesso algum.

Tyler me penetrava e eu sentia como se estivesse me rasgando por dentro. Ele me dava beijos molhados por todo o meu corpo, por cima dos machucados que ele mesmo fez. Seu clímax parecia que nunca iria chegar. Aquilo parecia durar horas, anos, décadas. Meu Deus... Só me tira daqui!

— Você é tão... Gostosa. Nossa, Maria Clara, tão maravilhosa... — ele me elogiava como um cafetão enquanto se enterrava mais e mais fundo em mim, todo suado e vitorioso. — Olha como você me deixa, tão entregue, tão realizado...

Funguei de novo e de novo. Até ouvir seus

PERIGOSAS ACHERON

gemidos nojentos enquanto ele gozava forte e demoradamente. Agradecia mil vezes a Deus naquele instante por ele estar de camisinha. Só assim eu tenho um pouco menos de nojo de mim.

Enquanto ele saía devagar, mais tapas ganhei por minha inquietude. Mais choros e desespero. Então, tirou o preservativo e socou-o dentro da própria embalagem que estava jogada no colchão.

Engoli a seco, controlando a todo custo minha respiração. Ele então voltou sua atenção a mim. Sorriu ao bagunçar os cabelos escuros e respirando devagar para se recuperar do orgasmo que teve.

Ai, que ódio! Que ódio!

Quando achei que tivesse acabado, voltou a me beijar enquanto eu tentava estapeá-lo, agora já sem forças.

Os beijos desceram até minha calcinha, que já estava no lugar. Ele logo beijou-a devagar e então simplesmente a rasgou, colocando-a no bolso da calça antes de colocar o pênis para dentro da cueca e fechar o zíper do jeans.

— Eu acho que agora sim, eu vou embora... — dizia ele baixinho beijando cada centímetro da

minha pele. Quando chegou na minha orelha, beijou a pontinha dela. — A não ser que você queira que eu fique mais um pouco...

Engoli a seco, tremendo, as pálpebras querendo fechar.

— Va-vai embora... Por favor, Tyler...

Ele sorriu perto de meu rosto, então me deu mais um beijo rápido soltando seus braços dos meus e eu juntei todas as forças que me restavam para dar mais um tapa em seu rosto, fazendo seu pescoço virar, sem pensar nas consequências.

Tyler apenas respirou fundo por alguns segundos, antes de virar e agarrar meus cabelos com força, fazendo-me ficar a centímetros de seu rosto de novo.

— Olha, Clarinha, você foi maravilhosa, meu amor. Incrivelmente maravilhosa, juro. Só não grite e seja tão agressiva da próxima vez, está bem?

Próxima vez?

Minha barriga gelou.

Antes de se levantar, Tyler me deu um beijo no pescoço e me soltou. Se sentou em minha cama confortavelmente para calçar os tênis tão tranquilo.

Como se nada de ruim tivesse acontecido comigo.

Sentei-me na cama e me assustei ao ver pequenos caminhos de sangue no colchão... Minha nossa, era minha... Minha... Engoli a seco. Mesmo com os olhos marejados, dei murros nas costas de Tyler que vestia a regata.

— Olha o que você fez comigo! Olha pra mim! Tyler, odeio você! Eu odeio! — berrei até minha garganta arder.

Preguiçosamente ele se levantou, pegando a jaqueta no chão e quando se virou para me olhar, piscou os olhos diversas vezes, quase que perplexo. Ficou uns segundos sem dizer nada e achei que, vendo o estado em que me deixou, se arrependesse do que fez. Por um segundo ele ficou sentido, mas só por um segundo.

Depois seus sentimentos se misturaram e ele bateu a mão com força em um vaso de vidro com pequenas flores que estava em cima da minha cabeceira, se espatifando no chão. Lembrei-me de Connor. Foi ele quem me deu esse vaso, não fazia nem uma semana. Lembrei-me dos meus amigos, lembrei-me de Brandon. Como eu queria que

estivessem aqui...

— Você é uma cretina! Seu estado é culpa sua, Maria Clara! — gritou ele, com raiva, remorso ou culpa, não soube ao certo identificar. — Eu pedi para que se entregasse de uma vez, você fica relutando, relutando... Seu estado é culpa sua! — repetiu.

Eu não parava de chorar. Meus ombros doloridos desciam e subiam por conta dos meus soluços e então eu levantava os braços até os olhos para enxugar as lágrimas.

— Olha, quer saber? Foda-se! — ele deu de ombros, mudando novamente de humor. — Manda um beijo para seu namoradinho.

E então saiu do quarto a passos largos e firmes. Ouvi-o descer as escadas e lá embaixo, bater a porta do hall. Suspirei sem acreditar. O que restou foi apenas eu, minhas dores e cacos de vidro para ajudar.

Brandon

Observei a chuva que veio exclusivamente para atrapalhar aquela sexta- feira.

As sensações ruins não me largaram o dia todo. Fiz exercício, comi bem, conversei com meus amigos, estudei bastante, mas continuava intrigado.

Todos jogavam seus respectivos esportes nas quadras cobertas enquanto eu me camuflava com meu moletom nas arquibancadas, olhando o celular, vendo se Maria Clara fazia o favor de me responder alguma mensagem.

Ela não veio à aula por preguiça. Ok, não perdeu nada, o dia está um inferno. Mas, eu me sentia sozinho sem ela, desprotegido ou mais intrigado do que quando acordei. Mandeí algumas mensagens no intervalo e nada dela responder. Talvez estivesse dormindo, ou até mesmo longe do celular. Mas, não custava nada responder.

Enquanto eu discava o número dela, as garotas apareceram ao meu lado com suas roupas do time de vôlei.

— Ei, Brad, está tudo bem? — perguntou Mel sorrindo.

O telefone chamou e nada.

— Droga! — irritei-me.

Então, liguei outra vez.

Na segunda chamada ela atendeu, sem dizer nada. Falei:

— Alô? Meu amor? E aí, como você está? — me tranquilizei por ela atender.

O silêncio tomou conta. Não havia barulho nenhum do outro lado da linha.

— Maria Clara? — chamei de novo.

— *Brad, eu... Eu preciso de você.* — foi a única coisa que consegui ouvir, seguido de um choro baixo e dolorido.

Meu coração bateu forte.

— Eu estou indo. Estou a caminho! — falei antes de desligar e me levantar, saindo das arquibancadas rapidamente.

— Brandon, espera! — Susan correu atrás de mim. — Para onde vai?

— Encontrar Maria Clara. — respondi sem

perder o ritmo, as duas continuavam a me seguir.
— Tem alguma coisa de errado acontecendo, ela precisa de mim.

Susan travou a respiração e com um olhar, fez com que Melanie me dissesse um “*espera*” rápido antes de correr para os garotos. Susan continuou a me acompanhar, amarrando os cabelos do melhor jeito possível.

— O que está fazendo? — perguntei sem pensar.

— Nós vamos com você. Maria Clara precisa de nós.

Hospital

*“Com esperança você pode
superar qualquer coisa.”*

Demi Lovato

Brandon

Nunca fui tão rápido em minha vida e nunca fiquei rezando tanto fazendo aquele pequeno percurso de carro do colégio até casa de Maria Clara, rezando para que não tenha sido nada de mais, que não tenha acontecido nada de tão ruim.

Por favor, meu Deus, por favor...

Estacionei mal o carro, o de Ansel ficou logo atrás do meu. Passei às pressas pela entrada e, assim que cheguei à porta, a abri devagar. Estava destrancada. Engoli a seco.

Subi as escadas de dois em dois degraus e parei na porta do quarto dela. A porta estava arreganhada, vidros no chão e a cama toda bagunçada, as roupas dela estavam jogadas pelos cantos e um soluço me fez olhar aquela pessoa, quase que irreconhecível.

— Oh, meu Deus! — Sue e Melanie falaram quase no mesmo instante.

Totalmente sem reação, só consegui dizer:

— Melanie, segura os garotos na escada. Susan,

pega uma roupa no closet pra ela. — em segundos elas fizeram o que eu pedi.

Caminhei em passos largos no quarto e me sentei na cama ao lado dela, a garganta fechada, o coração na boca.

— Ei, não faz isso, não precisa... Está tudo bem agora, eu... Estou aqui. — falei o mais alto que consegui com os dedos tremendo enquanto tirava de seus dedos o caco de vidro que ela usava para se mutilar.

— Oi... Brandon... — sua voz estava embargada, seu rosto todo molhado.

Seus cabelos bagunçados, tufo jogado pelo lençol e no chão, seus braços machucados, seu pescoço, seus seios. Maria Clara estava nua e sangrando em cima da cama. Seu pulso também sangrava devido aos cortes e tudo parecia escuro ali dentro, tudo tão negativo, tão dolorido.

— Oi, meu amor. Estou aqui, estou aqui. — pisquei os olhos secos e arregalados.

— Aqui, Brad. — Sue me entregou uma calcinha larga de algodão e um vestido vermelho de tecido leve.

— Consegue se vestir? — perguntei. Ela assentiu.
— Tudo bem, vou ajudar você. Vem, fique de pé.
— Maria Clara assentiu mais uma vez.

E, chorando, ela passou com cuidado o lençol branco entre as pernas e ele ficou vermelho. Estremeci ao ver aquilo. Mas, me mantive ao lado dela, que pegou a calcinha de minhas mãos, a vestiu e se sentou de novo. Tremendo. Talvez frio ou fraqueza.

— Sue, pegue papel higiênico ou alguma coisa que segure o sangue dobrado dela, por favor.

— Oh, claro... — concordou ela nervosa, perdida, assim como eu e foi.

— Me deixa ajudar você. — pedi ajudando minha namorada a passar o vestido pelos braços e pela cabeça, então ela se sentou mais confortável e escondeu o rosto nas mãos.

Com calma, Melanie entrou no quarto seguida por Ansel e Connor.

— Ah, não! Meu Deus, o que aconteceu aqui? — Ansel berrou olhando a cena.

Fiz carinho nos cabelos bagunçados de minha namorada e tirei meu moletom, cobrindo-a. Ela o

usou quase como um cobertor. Eu olhava para os lados sem saber o que fazer e o que dizer.

Connor, que se manteve em silêncio pelo choque, abriu a boca para apenas dizer:

— Vou buscar uma água com açúcar para ela.

Sue voltou com uma quantidade boa de papel e eu me sentei ao lado de Clara, limpei com cuidado seu pulso que estava... Nossa, estava horrível. Depois, enrolei a parte limpa do papel em seu braço e ela o apertou junto ao corpo.

Ficamos longos instantes em silêncio, olhando um para a cara do outro até Connor voltar e entregar o copo d'água para Clara, que aceitou e tomou tudo em apenas um gole.

Ansel, que estava impaciente andando de um lado para o outro, resolveu abrir a boca de novo:

— Maria Clara, o que houve aqui? Você pode nos dizer? — ele olhava para os lados.

Ela continuava chorando, o rosto continuava escondido. Até que eu fiz carinho em sua cabeça e ela resolveu dizer:

— Eu acordei muito cedo e desci para me despedir de Angelick que saiu de folga, volta só na
PERIGOSAS ACHERON

segunda-feira. Então fui assistir a um filme qualquer na TV e acabei dormindo. Acordei era quase meio-dia. — explicava ela detalhadamente, ficamos em absoluto silêncio para ouvi-la. — Senti fome, fui buscar algo para comer na cozinha e quando vi, ele estava aqui, tinha entrado por que esqueci totalmente de fechar a porta quando Angelick saiu. — ela voltou a chorar ao se lembrar.

Ele? De quem ela estava falando?

— Nós discutimos, discutimos bastante na cozinha e na sala. — Maria Clara levantou um pouco o rosto e olhava para o nada com um olhar vazio e dolorido enquanto continuava a nos contar a história. — Até que eu... Eu falhei de novo e em vez de sair de casa eu subi pra cá, corri o máximo que consegui, mas ele veio atrás e conseguiu entrar também. — engoli a seco com medo de ouvir o que ela estava falando.

Todos continuavam em silêncio, os olhos semicerrados, as testas franzidas, imóveis.

— E então? O que aconteceu depois? — Connor perguntou com cautela.

— Ele dizia... Dizia coisas horríveis. — Maria

Clara soluçava. — E enquanto eu tentava fugir, ele me bateu, me bateu sem nenhuma compaixão, arrancou toda a minha roupa e... e...

Tudo ficou em silêncio. Observei as garotas. Susan tinha suas bochechas molhadas por conta de algumas gotas de lágrimas que escorriam. Connor abraçou-a pela cintura como um conforto enquanto prestava atenção em minha namorada.

— Amor, você pode me dizer quem é ele?

— Brandon, não... — Melanie me repreendeu baixinho depois abraçou—se mordendo o lábio inferior.

— Não, Melanie, ela tem que contar. — Ansel caminhou até Clara e se ajoelhou em sua frente. Já eu, me sentei ao lado dela e tirei minha mão de seus cabelos. — Clara, quem fez isso com você?

Ela não respondeu. Meu nervosismo só aumentou.

— Amor, nós estamos querendo ajudar. Você precisa nos dizer quem fez isso...

— Por favor, Clara. — pediu Connor.

Só então, ela levantou o rosto e limpando os olhos com as costas da mão, murmurou baixinho:

— Tyler Carter.

Franzi a testa e perguntei mais uma vez para ter certeza se era aquilo que eu havia escutado:

— Tyler Carter. — ela repetiu um pouco mais alto.

— Filho da puta! — berrei com a boca cheia ao me levantar da cama em um pulo.

— O Carter? — Ansel repetiu sem acreditar. — Por que ele faria isso, meu Deus?

— Por que ele é um filho da puta, um vagabundo, desgraçado! — gritei.

A raiva consumiu todo o meu corpo assim que a ficha caiu. Eu não estava acreditando. Puta que pariu! Bati na primeira coisa que vi na frente com a mão fechada. O espelho de Clara caiu em pedaços no chão.

— Brandon, fica calmo! — Connor pediu ao se aproximar de mim.

— Ficar calmo? — gritei. — Cacete! Eu vou acabar com ele!

— Você está assustando ela! Brandon, por favor. — Melanie avisou ao abraçar Maria Clara que voltou a chorar, tremendo de nervoso.

— Você precisa denunciar ele. — Susan abriu a boca.

— Sim! — concordou Connor. — O que fez foi crime! Ele não pode ficar por aí...

— Não! Pelo amor de Deus, vocês não irão falar nada pra ninguém. Para ninguém, ouviram bem? Por favor, não quero viver isso de novo... — implorou ela.

— Amor! A gente tem que denunciar! — respondi.

— Eu disse NÃO, Brandon! — gritou ela e eu arregalei os olhos.

— Então vamos para o hospital. — falou Melanie. — Você precisa fazer uns exames, ver se está bem de saúde, tomar remédios para dor, descansar...

— A Melanie tem razão. — comentou Ansel se levantando. — A gente precisa cuidar da sua saúde.

— Não quero ir. — choramingou minha namorada.

— Ah, pelo amor de Deus, assim não dá! — puxei meus cabelos com raiva, andando de um lado para o outro sem saber o que fazer.

— Amiga, temos que ir. — Sue falou. — Você pode estar com uma DST.

— Susan! — Connor a repreendeu.

Ao ouvir aquilo, meu coração parou de bater por alguns segundos. Fiquei até tonto. Maria Clara por sua vez voltou a soluçar.

— Vem, vamos. Temos que ir. — fui até minha namorada e a ajudei a se levantar.

Melanie pegou um par de chinelos que estava na porta do banheiro e trouxe para ela. Assim que os calçou com cuidado, começou a caminhar junto a mim.

Foi então que o copo de vidro que ela carregava caiu e se espatifou no chão. Maria Clara ficou mole no meu colo e eu precisei apertá—la em meus braços para que o corpo dela não caísse desmaiado no chão.

Precisei respirar o mais fundo que consegui com o pescoço levantado para não chorar.

Sentia vontade de sumir toda vez que olhava para todos os cantos daquela sala de espera e não via

nada de novo. Todos os detalhes eu já havia achado e decorado, todos eles. De tanto tempo que estive aqui! As horas não pareciam passar.

A noite já estava para chegar e nenhuma notícia se quer de Maria Clara. Lembro que fizemos tudo tão rápido quando ela desmaiou. As garotas correram para pegar seus documentos e Connor levou meu carro enquanto eu a levava no colo, no banco de trás.

Assim que chegamos, foi levada para a emergência e não obtive mais nenhuma notícia. Quase cinco horas haviam se passado e nada ainda. Susan e Melanie foram até casa de Clara para arrumar o seu quarto. Então, depois de trocadas vieram de volta para o hospital com uma mala com seus pertences pessoais.

Minha mãe já foi informada. Ainda estava no trabalho, mas me deu total apoio e disse que viria assim que possível.

Todos naquele hospital entravam e saiam, uns choravam e outros sorriam. Uns em pé, impacientes como eu, outros sentados, conformados e tristes. Meus amigos estavam todos ali.

Eu continuava no mesmo lugar. Não saí daquele hospital um minuto sequer.

— Beba, você não comeu nada o dia todo. — Susan se aproximou com um copo de café quente.

— Eu estou bem. — murmurei olhando a janela.

— Brandon, por favor, beba. Vai te fazer bem.

Fitei seus olhos tristes, mas que me passavam certo conforto. Então peguei o copo e tomei um gole grande do café que me aqueceu por dentro. Depois voltei a olhar a janela. A chuva ficava ora forte, ora fraca, mas nunca deixava de cair.

Que ótimo. Era isso. Era toda essa confusão que estava enchendo meu coração de angústia o dia todo.

— Ela vai ficar bem, para de chorar, Melanie, por favor. — Ansel pedia desconcertado.

Os dois estavam sentados no sofá ao meu lado. Mel chorava, triste pela amiga, desesperada como eu.

— E se ela ficar doente? — perguntou baixinho para ele, como se eu não estivesse ouvindo. — Você viu... Ela estava sangrando. E os cortes? Por Deus, Ansel! Eu sou a melhor amiga dela e nunca

PERIGOSAS ACHERON

percebi que se mutilava? Precisou toda essa tragédia pra eu descobrir? — e voltou a chorar.

Soltei um suspiro. Era dolorido. Todos ali estavam tão chateados e melancólicos. Maria Clara era muito querida e amada, sem dúvida alguma.

— Connor, por favor, não vem com ideia. Você só vai piorar a situação dos dois. — Sue reclamou baixinho para o namorado, do meu lado também. — Ela vai ficar bem como sempre foi.

— Mas Susan, você mesma disse...

— Eu disse por que queria que ela viesse aqui fazer alguns exames. Não quero que ela esteja doente.

— Nenhum de nós quer, Sue! — respondeu Connor.

— Só estou dizendo a hipótese de que... Sabe, foi o Tyler Carter. Ele come todo aquele colégio. Você sabe como são todos de lá.

Sue segurou as mãos de Connor e as apertou, apenas por me ver olhando para os dois e prestando atenção na conversa:

— Vai ficar tudo bem, chega, ok?! Chega. — pediu ela.

Ele assentiu sem dizer mais nada.

Encostei minha cabeça no vidro olhando o teto, sentindo meu coração doendo, os nervos à flor da pele. Tyler não tinha ideia de onde estava se metendo, não tinha! Ele ia ter o que merecia. Tudo e mais um pouco.

Caminhei para a saída da sala de espera quando ouvi Ansel perguntar:

— Onde está indo?

— Acertar umas contas.

— Brandon! — ele reclamou no mesmo instante em que esbarrei em uma enfermeira.

Ela nos olhou e disse:

— Aqui tem algum parente de Maria Clara Miller?

— Sim, eu. Sou namorado dela. — respondi soltando um suspiro.

— Namorado não é parente. — ela fez esse pequeno comentário antes de nos olhar com a testa franzida.

— Os pais dela estão de viagem, não sabem nem que ela está aqui. Eu e eles — aponte para os

outros – a trouxe até aqui. São todos amigos. Como ela está?

— Não tem nenhum parente próximo que possa vir aqui?

— Não, minha senhora, não que eu saiba. — respondi de volta.

Susan me jogou um olhar sério.

A enfermeira então suspirou antes de dizer:

— Ela está no quarto. Já pode receber visitas. Só vou permitir a entrada de vocês, pois só vocês estão aqui.

Suspiros foram dados ao meu redor. Todos se levantaram e vieram para o meu lado.

— Obrigado, de verdade! — juntei as mãos em frente ao peito, unindo-as. — Ela está bem?

— Sim, agora está. — ela disse. — Pelo que eu soube, ela desmaiou por que estava desidratada e não comia há mais de doze horas, fez muito esforço físico. — eu ficava atento a todas as informações. — Muitas vezes a mulher sangra no ato por ter alguma doença ou inflamações na região. Mas no caso da srta. Miller, não foi esse. Sua vagina ficou bem machucada, digamos assim, o ato foi

PERIGOSAS ACHERON

realmente bruto e as paredes ficaram levemente feridas, por isso o sangramento, nada tão grave, mas precisam tomar cuidado nos próximos meses. — a enfermeira baixinha fez uma pequena pausa. — O agressor foi denunciado?

Depois de trocar olhares com todos, Melanie respondeu:

— Não.

A enfermeira ficou em silêncio por alguns segundos.

— Vocês sabem quem foi?

— Sim. — foi a vez de Ansel responder. Ela assentiu antes de continuar:

— Exames de sangue foram feitos e nenhum revelou alguma doença sexualmente transmissível. Fomos informados por ela que ele usou preservativos, então não correu risco de ejaculação. Já as dores... Ela foi medicada. Passou em uma consulta com nosso psicólogo e antes de eu sair do quarto ela estava no banho.

— Podemos vê-la? — pedi.

— Sim. Mas apenas de dois em dois, tudo bem?

Abri um sorriso.

— Tudo. Obrigado por todas as informações.

— Por nada. — ela sorriu com doçura para nós.

Meus amigos me deixaram ir antes, iriam depois. Então, com o coração na mão eu segui a enfermeira para o quarto onde ela estava.

Maria Clara

Eu não fazia ideia de quanto tempo eu estava naquele banho, mas poderia ficar a minha vida toda. A água caía quente, por cada centímetro do meu corpo me aquecendo e me lavando, só ali, por um segundo eu me sentia mais limpa, sem o cheiro nem o suor de Tyler em cima de mim.

Poderia chorar também.

Meus olhos estavam doloridos do choro, mas eu não conseguia parar. De qualquer maneira, chorar era o único conforto que eu tinha. O conforto pra alma.

Assim que fechei o registro da água, me sequei com cuidado, já não doía tanto quanto de manhã por conta dos remédios. Procurei um pijama em uma bolsa que a enfermeira deixou dizendo que minhas amigas haviam trazido.

Sorri ao me lembrar delas. Tão prestativas. Meu pijama largo, comprido e confortável estava ali. O vesti com cuidado. Depois sequei meus cabelos com a toalha e os escovei me olhando no espelho.

Um cabelo molhado e sem brilho, olhos inchados e vermelhos, fundos. E meu pescoço, marcado, roxo, tão fino... Droga. Aquilo não era real, não poderia ser! Ouvi a porta do quarto se abrir e suspeitei que fosse a enfermeira trazendo comida.

O psicólogo disse que tudo iria ficar bem. Espero que isso realmente se concretize.

Recolhi minhas coisas do banheiro e coloquei-as dentro da bolsa, então saí do quarto encontrando-me com Brandon que estava sentado na poltrona em frente à cama. Coloquei a bolsa em cima da mesma sem olhar pra ele, que se levantou assim que me viu.

— Oi, meu amor. — sua voz era aliviada, feliz por me ver.

— Oi. — respondi olhando para ele por fim.

— Como você está? Os garotos estão lá fora, doidos pra te ver. — falou ele ao parar em minha frente.

— Estou viva. — passei uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu fiquei preocupado, estava te esperando lá fora. — seus dedos pararam em meu queixo e então

ele levantou meu rosto, fazendo-me olhá-lo.

— Está com alguma dor? Como foi com o psicólogo?

— Vai com calma, Brandon.

— Desculpe. — ele fez carinho em minhas bochechas com os dedos, o corpo coladinho ao meu no meio do quarto.

— Eu estava no soro até agora. As dores diminuíram bastante. — respondi à primeira pergunta primeiro, depois disse: — O psicólogo foi legal.

— Fico feliz. — ele ironizou beijando minha testa e depois abriu um sorriso pequeno.

Fiquei em silêncio um pouco, só ouvindo a chuva lá fora e deixando com que passasse tanta, mas tanta coisa em minha cabeça, quando vi, uma gota de lágrima caiu de meu olho.

— Posso te perguntar uma coisa? — olhei em seu rosto.

— Claro que sim. — Brandon estava tão dedicado, eu o amava tanto.

— Você vai me deixar?

Ele franziu a testa e pensou uns segundos antes de dizer:

— Te deixar? Lógico que não, Clara. De onde tirou isso? — ele arqueou a cabeça mais uma vez, para que eu olhasse em seus olhos.

— É que eu posso ser... Doente.

— Ei, você não é doente! Olha pra mim. — pediu ele mais uma vez e assim eu fiz. — Você não é! Seus exames estão ótimos! Você é perfeita! Em poucos dias vai estar recuperada, meu amor. Eu não vou te deixar. Eu amo você, Clara, eu não faria isso.

Funguei, tentando controlar as lágrimas.

— Senti tanto medo, tanto medo. Ele se transformou, eu estava sendo uma puta pra ele na minha própria cama. — admiti e então ele me abraçou forte, o mais forte que conseguiu e eu chorei de alívio por estar em seus braços, tão fortes e quentes, tão cheios de amor e carinho.

— Me desculpa, Clara, me desculpa. Eu te protegi uma vez e dessa vez não consegui... Não consegui. Me desculpa. — levantei o rosto para observar seus olhos molhados e suas bochechas

úmidas.

Brandon Campbell estava chorando.

— Quando te vi fiquei tão perdido, eu não conseguia pensar em nada, só pedia para que tudo isso fosse mentira. Fui um babaca, queria estar lá para impedir isso. Eu queria muito. Meu Deus, me perdoa.

— Você não tem que pedir perdão! — falei, secando suas lágrimas e abraçando seu pescoço com força. — Você não teve culpa alguma. Ele só fez isso para te ferir. Você sabe disso, não sabe? Tyler quer tudo que é seu, mas ele não vai ter. — avisei.

Brandon então me olhou, segurando meu rosto com todo o amor do mundo e me beijou, me fazendo derreter inteira. Meu Deus, como eu o amo, como eu agradeço por ele estar ali. Sua língua fez carinho em cima da minha, seus lábios doces fizeram carinho em cima dos meus e eu sorri, antes de finalizar e o abraçar mais uma vez.

— Não quero que sinta nojo de mim. — falei baixinho e ele ouviu, então me abraçou mais ainda, como um urso, tão quente.

Fechei meus olhos deixando as lágrimas saírem de uma vez por todas e só ali, senti meu coração parar de bater descompassado como ele batia a todo segundo, desde que Tyler pisou os pés em minha casa.

Ouvi duas batidinhas com os dedos na porta e então a cabeça de Sue apareceu pela fresta, dizendo:

— Com licença casal, podemos entrar?

— Claro. — falou Brad enquanto eu secava minhas lágrimas.

Meus quatro melhores amigos entraram em silêncio e, quando me viram, começaram a rir, enquanto Ansel dizia:

— Ninguém pode saber que estamos aqui, se não seremos expulsos!

E então eu ri de todos, que estavam ali juntos para me alegrar, sem se importar com as regras do hospital.

— Como você está, meu amor? Eu fiquei tão preocupada! — Melanie perguntou me dando um beijo na bochecha.

— Sente-se aqui, me deixa arrumar o seu cabelo!

PERIGOSAS ACHERON

— falou Susan na mesma hora me colocando sentada na cama.

— Você viu o que trouxemos para você ler? — Connor abriu minha bolsa sem pudor algum e do canto dela, tirou um livro que eu nem sabia que estava ali e o segurou ao lado do rosto sorrindo. Sorri junto ao olhar, era um exemplar de “*Uma Longa Jornada*” de Nicholas Sparks. — Pelo que sei, você só vai embora amanhã de manhã, então aqui está seu divertimento até lá. Só não chore quando formos embora.

— Ah, e claro! Você tem que comer. — Ansel começou a destampar uma sopa que a enfermeira deixou enquanto eu tomava banho. — E por favor, não vem dizer que comida de hospital é ruim, todos nós sabemos, mas você precisa comer. Coma, por nós, está bem?

Brandon soltou uma risada ao olhar meus amigos quase que falando todos ao mesmo tempo. Eu também ri, não consegui segurar. Sei o quanto eles estavam preocupados, só queriam me fazer rir e esquecer o pesadelo que vivera. Eles queriam me salvar e iriam conseguir, eram meus anjos da

PERIGOSAS NACIONAIS

guarda.

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

— Tá, agora me fala, que dia você prefere casar?
— perguntou ela.

— Casar? — soltei um riso.

— Por que está rindo? Eu quero me casar! — ela riu da minha risada e eu amava vê-la assim, fazíamos mil promessas só para que ela pudesse rir e sonhar, se sentir melhor.

— Tudo bem. Pode ser daqui a alguns anos?

— Sim, pode. — ela sorriu, então bateu palmas em frente ao rosto, contente de me convencer.

Deixei com que o silêncio tomasse conta do quarto. Eu não sei quanto tempo havia passado. Nossos amigos vieram todos de uma vez, fizeram Maria Clara rir e até comer toda a sopa do jantar, então se foram sem nenhum médico ou enfermeiro saber que estiveram ali juntos. Minha mãe veio, deu todo o carinho que pôde a minha namorada também e se foi. Ela chorou por se lembrar dos pais, que estavam distantes e ainda não tinham ligado. Nos fez prometer que não contaríamos nada

para ninguém, muito menos para os seus pais. Minha mãe também prometeu.

O médico apareceu também, não viu problema em me ver aqui e disse que Maria Clara teria alta logo pela manhã, assim que concluísse mais um exame. Deu instruções básicas e me deixou ficar apenas por mais alguns minutos.

E aqui estou, entretendo-a para que não sinta tanto a minha falta quando eu tivesse que ir embora e só a viesse buscar no outro dia.

— Quantos filhos você quer ter? — perguntou ela, sem nenhum sorriso no rosto, apenas me olhando com carinho.

— Filhos? — repeti, então abri um sorriso sem me importar com a profundidade da pergunta ou até mesmo de suas palavras. — Eu quero ter vários filhos.

— Vários? — ela sorriu.

— Vários. — dei ênfase.

Ela riu do modo como falei.

— Não. Só dois. Tudo bem dois?

— Sim, dois. — abri um sorriso. — Contanto que sejam seus também.

Ela ficou vermelha, seus olhos brilharam pela primeira vez no dia.

— Tudo bem. E os nomes?

— Não me importo.

— Então me diz uma letra.

— Por quê uma letra?

— Para que os nomes comecem com as mesmas letras.

— Tudo bem... — pensei um pouco. — J. Pode ser J?

— Pode. Escolhe um nome agora.

— Sim. — ela sorriu. — Já escolhi o meu.

— Então me conta. — fiz carinho em sua mão onde ela voltou a tomar soro.

Maria Clara estava deitada na cama inclinada, com soro em uma das mãos e em seu outro braço, um curativo novo por cima dos cortes. Eu estava sentado na beirada da cama ao seu lado.

— Jessica. — ela mordeu o lábio olhando pra janela.

— Jessica? Você quer que nossa filha se chame Jessica?

— Isso. — falou e me olhou.

— Por quê?

— Por que significa uma mulher sedutora, vaidosa, que segue sempre em frente. Ela sempre vai ser rica por dentro, sabe?

— Como a mãe? — perguntei, observando cada detalhe dela.

Maria Clara soltou uma risada doce pelo meu comentário, então mordeu o lábio e ficou imóvel para que eu pudesse admirá-la. Seus cabelos agora estavam trançados, seu pijama bem confortável em seu corpo, sua pele tão lisa e macia... Mesmo com seu pescoço todo marcado, ela estava linda, os olhos agora cheios de esperança.

Inclinei-me para frente e toquei sua bochecha, fitei sua boca rosada e carnuda antes de beijá-la com carinho, tocar cada centímetro daqueles lábios, tão doces e amorosos. Meu Deus, como alguém pode fazer mal a essa garota?

Um de seus braços envolveu meu pescoço enquanto ela correspondia aos beijos, então seus dedos desceram por minha blusa, meus braços, até chegar em minha cintura e pousar a mão ali. Fui

mais para frente com o corpo e subi um pouco mais em cima dela, então desci meus beijos pelo seu queixo e pescoço, me derretendo todo por ela. Foi quando sua mão deslizou para minha coxa e ela percebeu como meu corpo iria ficar se continuasse assim.

Então, ela me empurrou para longe e eu suspirei fundo com os olhos fechados, tocando novamente seu rosto com a mão.

— Desculpa. Eu vou me controlar.

Ela riu pelo meu jeito e se acomodou, dizendo:

— Escolheu o nome?

— O quê?

— Do nosso filho. Qual o nome?

Pensei um pouco enquanto me sentava no mesmo lugar de antes.

— Tudo bem... Hm... Jack. Pode ser Jack?

— Claro que pode. Mas, o que significa?

— Não sei... — franzi a testa e ela abriu um sorriso ao balançar a cabeça. — Eu acho um nome muito bonito.

— Tudo bem. — suspirou. — Jessica e Jack.

Escolhidos.

Sorri, antes de ver no relógio da parede que já estava na hora de ir. Então me levantei e ela fez biquinho.

— Eu venho pela manhã buscar você.

— Vem mesmo?

— Eu venho. — sorri e peguei o celular dela em meu bolso. Fiz questão de entregar para ela. Susan o encontrou ao arrumar o seu quarto durante a tarde. — Fique com ele. Só tome cuidado para não ser pega.

— Tudo bem. — avisou ela, lhe dei um selinho e, enfim, me afastei.

Ficou me olhando da cama enquanto eu ia embora, rezando para que ela ficasse bem. Ela precisava ficar e viver a vida do jeito maravilhoso que sempre foi, sem se importar com Tyler Carter. Esse eu iria tomar conta.

Eu cheguei detonado em casa, cansado, pensativo e triste. Minha mãe estava assistindo TV na sala, assim que coloquei as chaves do carro em cima da

mesa de centro, meu celular vibrou no bolso, o peguei enquanto tirava a jaqueta. Jogando-a em cima do sofá vazio, li a mensagem que havia acabado de chegar. Era de Maria Clara.

“Jack: de origem hebraica significa ‘aquele que vence’, Jack é o vencedor. ótima escolha, meu amor. eu confio em você, eu te amo. boa noite.”

Mordi o lábio tentando não deixar as lágrimas caírem, mas elas caíram como nunca. As lágrimas que eu lutei o dia todo para que não caíssem em abundância caíam, tirando todo o medo e a agonia que estava sentindo.

Minha mãe me chamou com a mão e sem dizer nada eu fui até ela, deitando-me em seu colo e chorando até cair no sono.

Olá, Carter

*“Para toda ação existe
uma reação.”*

Newton

Maria Clara

Voltar para casa foi mais difícil do que pensei. Quando saí do hospital no sábado de manhã, passei o dia todo com os meus amigos na casa de Ansel, depois dormi com Brandon, na casa dele. No domingo a mesma coisa. Segunda-feira antes de irmos para a aula, passei em minha casa e entrei. Angelick trabalhava tranquila na cozinha quando cheguei e disse que havia ficado com saudades minhas.

O meu quarto estava como sempre foi. Panos limpos, espelho novo, chão varrido, cortinas abertas e um cheiro gostoso do meu perfume. As garotas fizeram mesmo um bom trabalho. Depois que me arrumei, fui para a aula.

Eram 8h47 no relógio quando chegamos. Brandon saiu do carro e eu o segui, nós dois de mochilas, bem vestidos. Ele sorrindo como sempre, eu com cara de paisagem. Aliás, com que cara eu deveria estar? Tyler poderia aparecer a qualquer momento, só para me tirar do sério de novo.

Eu não queria vê-lo. De jeito nenhum. Chorar sozinha é uma coisa, em público é totalmente diferente.

Brandon me abraçou pela cintura enquanto caminhávamos até o prédio do colégio. Entramos, no corredor, alguns nos olhavam diferente... Será que sabiam o que tinha acontecido comigo?

Engoli a seco passando a mão em cima da gola alta da minha blusa e então me encontrei com Melanie no corredor. Junto dela vinha Katherine. Olhei-as sem piscar.

— Amiga, ela quer... Falar com você. — Mel falou, parando em minha frente.

Com um olhar piedoso e um rosto amigável, ela mordeu o lábio antes de começar a dizer:

— Oi Clara.

— Oi. — foi a única coisa que eu consegui dizer.

— Eu soube do que aconteceu com você. — assim que ela fechou a boca eu fitei Melanie, que levantou as mãos na defensiva. — Não, ela não me contou nada. Fica tranquila, a situação está bem pior.

Franzi a testa.

— Ele que me... Contou. Ele contou pra todo mundo que foi pra cama com você, que Brandon agora é o novo corno de Thompson High. Está todo contente e convencendo bastante gente. Mas eu sei que não é verdade, você não faria isso e eu conheço o Tyler... Bom, acho que conheço. Eu espero que você fique bem. — Katherine desembestou a falar enquanto gesticulava as mãos em frente ao corpo e depois fungou, seus olhos estavam cheios d'água. — Me desculpa por tudo o que eu fiz e falei de você ou para você, eu não sei o que tinha na cabeça... Espero também que vocês sejam felizes, de verdade. Eu acho vocês lindos juntos. — ela olhou para Brandon, depois para mim, para me mostrar que se referia a nós dois. — Sinto saudade de sua companhia, Clara. É isso. — me abraçou forte e chorou.

Antes de sair correndo pelo corredor, me deu um beijo no rosto.

Coloquei a mão sobre a boca, sem acreditar. Engoli a seco.

— Acho que ela se tocou como estava sendo ridícula. — comentou Melanie dando de ombros

com os braços cruzados.

— Melanie! — Brandon a repreendeu.

— Deixem ela, por favor. — pedi.

Então Brad me deu um beijo na cabeça e continuamos a andar.

Não conseguia olhar para os lados. Como assim Tyler contou a todos? Como ele pôde? Soltei um suspiro piscando os olhos depressa para não chorar. Continuei a caminhar em direção à sala de aula. Susan apareceu junto dos garotos.

— Que aula vocês têm hoje? Gente, ninguém merece História! Pelo amor de Deus, quem gosta disso? — reclamou a ruiva irritada.

— Pessoas que têm cultura como Maria Clara e eu gostamos muito. Já você... — brincou Brandon, fazendo-a mostrar o dedo. — Pizza na minha casa hoje às 18h, tem como?

Susan aplaudiu.

— Claro que sim! — sorriu Mel.

— Tem! — Ansel respondeu.

— Tem sim! — Connor imitou Ansel e Melanie riu.

— Ei, Maria Clara? — chegou um garoto ao meu lado, que eu nunca tinha visto na vida. — É você, não é? — balancei a cabeça de cima para baixo automaticamente. — Ah, ótimo! — ele sorriu e virou o rosto para um outro garoto que estava ao seu lado, deveriam ser amigos. — Então foi ela que foi para cama com o Carter. Ele tem muito bom gosto!

Minha boca se abriu e meu queixo quase parou no chão. Quando vi, lágrimas rolaram em minhas bochechas. Puta que pariu! Isso é sério? Eu seria difamada por todos em meu próprio colégio por algo que não fiz?

Brandon me abraçou, enterrando meu rosto em seu pescoço e então reclamou com a língua entre dentes:

— Eu vou acabar com aquele animal! — me arrastou até à sala.

As horas passavam como uma eternidade. As aulas sempre produtivas e cheias, eu prestei atenção em tudo, só assim para não me focar em alguém que estava me olhando com um olhar curioso ou até

PERIGOSAS ACHERON

mesmo cúmplice. Aquilo era um saco!

Brandon fechava a cara para quem quer que chegasse perto de mim ou até mesmo me olhasse diferente. Estava esgotado. Se ele estava, imagina eu...

Tentei ser forte o dia todo, estudando, falando com meus amigos e ignorando os demais. Prometi a mim mesma que só choraria em casa.

O fim da aula chegou e todos foram embora, outros ficaram no estacionamento jogando conversa fora. Meus eternos amigos, junto de Dexter e Lauren, estavam ao lado do carro de Brandon. Assim que nós dois chegamos até eles, o celular de meu namorado começou a tocar.

Ele abriu um sorriso enorme e me pediu um minuto, então, me deixou com os garotos e caminhou alguns passos para atender a ligação. Fiquei por uns segundos curiosa para saber quem era.

Meus amigos comentavam sobre assuntos do dia enquanto eu me mantinha de braços cruzados ao lado deles, apenas escutando. Não estava cem por cento curada, ainda sentia algumas dores e

vergonha de meu próprio corpo, apesar dele estar todo coberto, mas isso acabou refletido em minhas ações. Eu estava mesmo mais quieta hoje.

Até que as risadas e os palavrões de todos cessaram e eu segui o olhar deles, totalmente curiosa. Foi quando meu coração veio na boca de nervoso. *Ah, não!*

Tyler Carter vinha sorrindo em nossa direção junto de Caleb e outros garotos, ele voltou a ser o macho alfa daquele colégio, com suas roupas apertadas, seus olhos brilhantes e aquele sorriso de puto no rosto. Senti enjoo. Não parecia nada com o monstro que me estuprou em minha própria cama na semana anterior.

Cruzei os braços e me mantive imóvel apenas olhando-o vir. Ah, não pode ser... Como ele tem essa cara de pau? Controlei minha respiração.

Faltava menos de um metro para ele estar em minha frente, foi então que Brandon se aproximou de nós e eu agradeci mentalmente pela ligação ter chegado ao fim. Ele estaria ali comigo, dessa vez iria me proteger.

— Olá, Campbell. — foi a primeira coisa que

aquele armário bosta disse assim que parou em nossa frente.

— Olá, Carter. — Brandon respondeu guardando o celular e ficando exatamente em sua frente.

Brandon

Sorrir. Foi a única coisa que eu consegui fazer quando vi o nome de meu pai brilhando no visor do meu celular. Pedi um segundo a Maria Clara e atendi.

— Alô?

— *Meu querido!* — ele exclamou quando eu atendi. — *Como você está?*

Esperei uns segundos.

— Estou... Bem e o senhor?

— *Estou melhor agora! Em solo americano e louco pra te ver.*

— Quando você chegou? — abri outro sorriso.

— Hoje. Acabamos de chegar.

— Ai, que ótimo! Fiquei preocupado, você não retornou minhas ligações da semana passada...

— *Não queria estragar a surpresa! Pode vir com sua garota jantar aqui na sexta?*

— Sim, claro! Estou morrendo de saudades.

— *Também estamos, meu querido! Trouxe uns*

presentinhos... Bom, as crianças trouxeram. Vejo vocês na sexta às 20h então?

— Sim. — concordei sorrindo. — Eu te amo, pai.

— *Eu também te amo, filho.* — e então ele desligou.

Esperei uns segundos antes de virar de frente para os meus amigos e ver o que não queria. Carter se aproximava de Maria Clara com a maior cara de cínico do mundo. Não perdi tempo e fui até lá.

Maria Clara

— Como vai, querido? — perguntou o moreno com um sorriso no rosto.

Brandon colocou as mãos nos bolsos e respondeu:

— Estou ótimo. — sua voz estava seca.

— Estou muito bem, também. — respondeu Tyler como se Brandon realmente estivesse interessado. Então olhou para mim e abriu um sorriso surpreso, como se não tivesse ideia de que eu estaria ali antes. — Clarinha, oi. — falou, a voz doce, pingando falsidade.

— Maria Clara. — Brandon o corrigiu e eu me escondi atrás de seu ombro.

— Como você está? Que saudade de você! — perguntou ele colocando as mãos nos bolsos também, eu não respondi, em vez disso olhei para os lados e percebi que praticamente o colégio todo estava ali olhando a situação.

Tyler Carter merecia morrer.

Só então percebi a risada irônica de Brandon, ele

olhava para o moreno com um olhar sem acreditar em suas palavras direcionadas a mim.

— Quanto cinismo. — comentou Brad e, na mesma ora, Tyler deu um passo para frente em minha direção. — Não toca nela.

— Qual é, cara? — o estuprador se fez de inocente. — Só quero cumprimentar sua garota... — e então ele tocou no meu braço por cima da blusa e meu corpo todo tremeu de medo, de nojo, de raiva.

— Eu disse pra não tocar nela! — Brandon berrou. — Além de inútil é surdo também?

— Ui! — exclamou Tyler às gargalhadas ao dar um passo para trás. — Resolveu virar macho agora? Viadinho!

— Viadinho? Não foi nada disso que sua mãe me chamou enquanto me chupava.

Arregalei os olhos.

Meu Deus.

— Vai falar da minha mãe? Mesmo? — Tyler perguntou sério, os olhos sombrios.

O clima não estava dos melhores. E não iria melhorar tão cedo.

— Onde fica sua maturidade, Campbell?

— No meu cu! Por quê? Vai me estuprar também?

Senti meus olhos secos, arregalados olhando os dois. Brandon não estava para brincar, eu não sabia ao certo se aquilo era bom ou ruim.

Uivos junto de gritos e risadas foram dados em nossa volta, eu senti meu corpo tremer de desconforto. Aquilo não poderia estar a acontecer, não ali! Todos estavam ouvindo...

Tyler olhava tão sério para Brandon, perdendo a paciência a cada segundo e eu tinha certeza que aquilo não iria acabar bem. Então apenas respirei fundo, sem saber o que fazer.

Com um olhar psicótico, Tyler Carter me olhou e então sorriu, como se olhasse mais do que todos os outros ali naquele estacionamento.

— Olha, Campbell, já que tocou no assunto, tenho que lhe parabenizar. Maria Clara é simplesmente... — ele fez uma pausa, todos em silêncio ouvindo-o quase berrar, gesticulou as mãos e encheu o peito antes de soltar: — Fantástica!

Pisquei os olhos com força ao sentir lágrimas

PERIGOSAS ACHERON

escorrerem de meus olhos.

— Olha, Carter. Se gosta tanto de aparecer pra esse seu grupo de animais que você chama de amigos, porque não faz uma tocha com aqueles seus baseados, soca no cu e sai desfilando?

Mais risadas. Os olhos de Tyler queimavam de raiva.

— Cala a boca, seu bosta! — reclamou ele. — Será que você não percebe o quão babaca você é nesse colégio? Mal chegou e já quer cantar de galo. Pega todas as mulheres como se fossem suas, acha que é o rei do mundo... Você não passa de um mauricinho mimado e nojento!

— Nojento? Esse é um adjetivo seu! Eu não preciso estuprar ninguém e sair dizendo que consegui pegar. Não sou eu que fica feliz em começar um showzinho como esse. — Brandon abriu os braços, mostrando ao redor. — Você só impressiona seu próprio público, Carter, não passa disso.

As pessoas continuavam vidradas nos dois. Apertei o braço de Brandon assim que ele ficou imóvel outra vez.

— Que aliás... — meu namorado continuou. — São tão babacas e asquerosos quanto você.

Caleb que estava atrás de Tyler deu um passo para frente com o punho cerrado, meu coração se acelerou na mesma hora. Mas antes que ele chegasse perto de nós, Tyler o parou.

— Se você soubesse o quanto minha mão está coçando para arrebentar a sua cara agora, calaria essa boca imunda.

Brandon riu. Riu muito alto, então, com um sorriso no rosto, deu de ombros e só disse:

— Não tem ninguém te segurando, Carter. Me mostre do que é capaz.

Foi só Brandon calar a boca para receber um murro. Os braços de Susan me seguraram na mesma hora e ela me puxou, então me abraçou, enquanto eu observava os dois começarem a se atracar no chão de cimento.

Eu não conseguia saber quem batia em quem, era chutes, socos, ossos se batendo... Senti um desespero tão, tão grande!

— Brandon! — berrei. — Pelo amor de Deus! Para! — eu pedia, mas, claro, sem sucesso algum.

Os amigos do merda, digo, Tyler, vieram para cima do meu namorado e então Ansel e Connor interviram.

— O problema é deles, eles irão resolver! — Connor exclamou em meio aos gritos de todos os outros.

— Não! — gritei, tentando me desvencilhar dos braços de Susan. — Façam alguma coisa! — implorei, as lágrimas queimando meus olhos. — Ansel? — chamei. O mesmo estava impassível, os olhos duros, olhando os dois se matando em nossa frente.

Brandon estava deitado no chão enquanto Tyler esmurrava o rosto dele e no instante seguinte, Tyler recebia os murros de Brandon que estava com a jaqueta toda rasgada, os cabelos totalmente bagunçados.

— Susan, me solta! — falei brava e consegui me soltar. Corri até eles, e então dessa vez Ansel me parou. Agora não tinha jeito, eu não iria conseguir me soltar de jeito nenhum. — Ansel, por favor, faz alguma coisa! — implorei. — Eles vão se matar, por favor!

Eu tinha vontade de matar todos eles, todos que estavam olhando. Eu sentia raiva de cada um. Mas que merda! Ninguém se mexia, ninguém apartava, meu Deus! Mas por quê? Não tinha nada de legal ali!

— Brandon?! — chamei outra vez, e outra e mais outra.

Parecia que não ia ter fim, eles continuavam a se matar e eu não conseguia conter as lágrimas. Então por um milagre, Brandon se levantou e chutou o estômago de Tyler que ainda continuou no chão. Ele chutou, chutou outra vez e então cuspiu.

A cena foi épica. Tyler Carter no chão, sangrando e se contorcendo, sem conseguir se levantar. Os amigos foram ajudar, enquanto Brandon, ofegante e cambaleando, gritou:

— Acho que você mexeu com a garota errada, Carter. Estupre a sua mãe da próxima vez, por que se tocar em Maria Clara de novo, você não sai vivo!

Debati-me nos braços de Ansel que então me soltou. Corri para os braços de Brandon e o abracei com força. Seu corpo parecia uma muralha. O

apertei, até sentir seu peito subir e descer por conta da respiração descompassada.

Ele só segurou minha cintura por alguns segundos, sem dizer nada, então me soltou, caminhou até onde os nossos amigos estavam e pegou sua mochila que estava ao pé de uma Melanie em choque, olhando-nos. Ele então colocou-a no ombro e caminhou até à porta do carro.

— Entra, Clara. — foi tudo o que ele disse antes de entrar e bater a porta.

Sem dizer mais nada e sem dar tchau a ninguém.

Conto de fadas

*“Você merece um final feliz
de um livro de histórias como
conto de fadas.”*

Justin Bieber

Maria Clara

Se levávamos cinco minutos para chegar à casa de Brandon de carro, naquele dia levamos menos que dois. Ele passou em faróis fechados, cantou pneu e não fez questão de guardar o carro na vaga da garagem, estacionando apenas em frente à porta. Então ele pegou sua mochila e saiu, sem dizer nada.

Eu saí e fui atrás dele, seguindo-o pelas escadas enquanto os olhos curiosos e assustados de Belinda nos seguia. Ele entrou em seu quarto e eu fui atrás, deixando minha mochila logo ao lado da sua, no chão.

Começou a tirar os tênis, a jaqueta rasgada e depois a camisa, sempre de costas pra mim. Aquilo estava me irritando bastante! Então caminhei até ele e toquei em seus ombros rijos e frios.

— Fala comigo. — pedi.

O senti tão distante e frio.

— Falar o quê? — resmungou.

— Me fala alguma coisa! — pedi. — Você acabou de se envolver em uma briga, está com a

cabeça tão quente que poderíamos ter sofrido algum acidente há poucos minutos e você não diz nada! Eu fico preocupada, Brandon! — virei seu corpo pra mim e pela primeira vez desde que saímos do estacionamento eu vi seu rosto por completo.

Ele estava destruído.

— Tá tudo bem! — respondeu segurando meus punhos sem muita força, logo quando eu ia tocar seu rosto.

— Não está nada bem, Brandon! — reclamei chocada. — Olha pra você! Tyler poderia ter te matado! Você viu o tamanho dele?! Ele é mais velho que você uns... Quatro anos? Você viu o jeito que ele estava! Por que não o deixou falando sozinho antes que ele começasse a te esmurrar?

— Por que ver ele todo sangrando no chão uivando de dor foi mil vezes mais prazeroso, Maria Clara. Ver todos os seus amigos com sangue nos olhos e raiva de mim e todos do colégio quase me aplaudindo por fazer justiça é bem melhor do que não deixar com que a briga comece e então sair com fama de que amarelei.

Uma gota maldita de lágrima escorreu sobre minha bochecha e eu não a sequei, apenas funguei para que mais nenhuma caísse.

— Para de chorar! — gritou ele com as mãos arqueadas, o corpo andando de um lado pro outro. Ah, ótimo, toma aqui mais algumas lágrimas. — Para de chorar... — pediu ele mais calmo, e então parou em minha frente. — Eu fiz isso por você, Maria Clara, por você! — repetia Brandon. — Ele não vai mais te tocar de novo, ele aprendeu a lição.

Funguei outra vez, abaixando a cabeça.

— Ele te machucou inteiro. — murmurei. — Tyler não é flor que se cheire, ele pode se vingar de você outra vez e pode ser pior, e...

— E nada, meu amor. — ele se aproximou de mim, tocando meu rosto. — Se Tyler quiser brigar de novo, é briga que ele vai levar! Fica tranquila! Não vai acontecer mais nada, tudo bem?

Olhei em seu rosto, todo sujo cheio de sangue em sua sobrancelha e seus lábios, seu queixo, seu nariz arranhado.

Droga!

Segurei seu queixo com força e aproximei minha

PERIGOSAS ACHERON

boca da sua, mas antes que pudesse beijá-lo, ele desviou o rosto.

— Não... — ele resmungou. — Estou todo sujo!

Funguei antes de segurar seu rosto de novo, com confiança, com amor.

— Eu não me importo. — dei-lhe um selinho, depois outro e em seguida mais um, e então ele sorriu, me segurando tão forte pela cintura que me vi em segurança de novo.

— Fica quieto! — pedi minutos depois, limpando seu queixo com um algodão cheio de água oxigenada, ele gemeu baixinho, mas ficou em silêncio.

Estávamos sentados um em frente ao outro em cima de sua cama macia com panos cheirosos e uma maleta de primeiros socorros, à nossa frente, a mesma que ele usou para cuidar de mim meses antes.

Eu estava limpando o sangue seco de seu rosto macio enquanto ele apenas soltava lufadas ou gemidos por conta da dor ou da ardência que

suapele sentia. Então, olhando em seus olhos cor de mel que, naquele instante estavam tão distantes, murmurei:

— Mais um ponto pro meu herói.

Brandon fez uma careta.

— Um herói apaixonado.

Abri um sorriso, meu coração palpitando, agora de paixão.

— Apaixonado? — perguntei.

Ele apenas balançou a cabeça de cima para baixo.

Fitei seus olhos com carinho, sem me importar com o que ele estivesse pensando, mas feliz de tê-lo ali comigo.

— E então a gata borralheira se apaixona pelo príncipe encantado que a protege de tudo e de todos. Que coisa mais clichê! — Brandon riu antes de dizer:

— Em minha opinião, o mais correto seria o vagabundo de quatro pela dama, que merece ser protegida de tudo e de todos, que deve ser amada e respeitada todos os instantes dessa vida.

Abri o maior sorriso que eu já consegui, tentando

entender como Brandon Campbell, aquele marrento e estúpido que eu conhecia há meros cinco meses atrás, conseguiu se transformar no que é hoje. Um bobo apaixonado e tão irresistível.

O mesmo apaixonado e irresistível me deu um selinho rápido nos lábios, antes de se levantar da cama e dizer:

— Preciso de um banho.

Brandon

Não fazia nem uma hora que eu havia me metido em uma briga, mas meu corpo já me mostrava o quão fui afetado. Todos os meus músculos estavam doloridos e quase intocáveis. Só conseguia me sentir aliviado de saber que Carter saiu pior que eu. Pelo menos, o nariz dele eu quebrei.

Meu banho foi mais demorado do que eu pensei, lavei os cabelos e o rosto também, mesmo sem ter mais nenhum vestígio de sangue por ali, já que Maria Clara havia cuidado disso.

Ouvi a porta do banheiro se abrir assim que eu enxaguava o corpo, então levantei a cabeça e fitei o corpo nu de Maria Clara do outro lado do box. Ela estava parada na ponta dos pés encostada na porta, toda encolhida e com o lábio inferior entre os dentes.

Com timidez ela tirou o elástico dos cabelos e o jogou no chão, fazendo suas mechas se soltarem e moldarem seu rosto angelical, que naquele instante estava tão doce e amável.

Ela caminhou em direção ao box no mesmo instante em que eu comecei a abri—lo. Então, entrou e sorriu, dizendo apenas:

— Nós não podemos fazer nada ainda. — sua voz estava macia, tão sincera e calma. — Mas eu estou morta de vergonha aqui, toda roxa e ainda machucada, só para que você tenha a total certeza de que eu sou sua. Sou sua desde o dia em que me viu naquele banheiro escolar, desde que me livrou da vida monótona que eu sempre tive para me trazer para o seu mundo tão conturbado e quase mágico. Com todos os seus defeitos, Brandon, continua sendo meu príncipe encantado sem precisar de cavalo, muito menos de castelo. Só de... Suas tatuagens e um sorriso doce nos lábios toda vez que me vê, para que eu também tenha a certeza de que sou sempre sua, de todos os jeitos possíveis.

Eu não sei em que momento meus braços por conta própria a abraçaram firme e meu sorriso apareceu no rosto, ficando por longos instantes apreciando—a e só saindo quando meus lábios a tomaram. Beije—a com tanta força e amor que achei que fosse pirar.

Não conseguia entender o que me fez gostar tanto de Maria Clara, só sei que junto da atração veio o respeito, a proteção, a preocupação, o carinho e principalmente o amor, assim, tão rápido e em pouco tempo.

Talvez contos de fadas não existam apenas em histórias, talvez você possa ser o príncipe de uma princesa sem que ela tenha a noção de que é uma e possam transformar um relacionamento em uma história mais real do que a dos palácios e castelos.

Maria Clara

Abri meus olhos e era como se eles continuassem fechados por que continuava tudo escuro no quarto de Brandon. Perguntei-me por quantas horas havíamos dormido. Com o rosto enterrado nos lençóis, observei apenas o jato de luz da Lua que passava entre as cortinas da janela e então senti o vento gelado que soprava lá fora.

Tentei me mexer e Brandon, que estava quase deitado em cima de mim, se mexeu também, resmungando alguma coisa. Virei meu rosto para olhar para ele. Claro, não enxerguei quase nada, mas o senti. Sua respiração estava pesada, seu corpo estava quente em cima do meu, apenas coberto por uma camiseta e uma calça de moletom.

Abri um sorriso involuntário enquanto minha mão passeava por seu pescoço e em seguida por seu rosto, tão macio e... inchado. Da briga, claro. Passei meus dedos com cuidado sobre seus lábios e me arrepiei toda.

Então ele beijou meus dedos e só então me toquei

de que estava acordado.

— Bom dia. — ele disse bem baixinho. Soltei um riso.

— Boa noite, eu diria.

Brandon piscou e então abriu os olhos, me apertando mais em seus braços.

— Por quanto tempo dormimos?

— Não faço ideia, mas acho que longas horas.

— Milagrosas horas. — ele bocejou.

Fiquei em silêncio por alguns segundos, sentindo frio usando apenas uma calça de moletom e uma camiseta também de Brandon. Eu as vesti assim que saímos do gostoso e quente banho.

Fechei meus olhos mais uma vez, Brandon também ficou calado e suspeitei que tivesse ouvindo o silêncio, assim como eu.

Em segundos, senti seus dedos segurando minha cintura, então subiram para a minha barriga e, inesperadamente, Brandon começou a fazer cócegas em mim. Não consegui conter a risada.

— Brandon! — exclamei em meio às risadas. Apesar do escuro, consegui visualizar um sorriso

em seu rosto. — Por Deus, para! — pedi e ele continuou.

Tentei me afastar de seus dedos enormes e de seus braços mais enormes ainda e, apesar do esforço, consegui depois de longos e intermináveis segundos. Apesar do tempo, meu corpo já começara a corresponder a seus atos.

— Chega! — disse de pé em frente à cama. — Eu já te disse que não gosto de cócegas. — falei ligando o abajur, então consegui vê-lo melhor. Brandon estava sorrindo.

— Me conta o motivo. — pediu ele, então revirei os olhos às pressas antes de olhar o relógio na cabeceira e dizer:

— Olha, os garotos vão chegar com as pizzas que você combinou, em alguns minutos. Vamos descer?

Como se não tivesse me escutado, Brandon foi rápido em me puxar pela mão e me jogar na cama de novo. Em segundos subiu em cima de mim. Em desespero por conta da adrenalina, soltei gritos e risadas ao mesmo tempo, antes mesmo dele fazer alguma coisa.

— Me conta o motivo antes que eu comece outra

vez.

Soltei um suspiro longo e então disse:

— Cócegas me excitam. E a gente não pode... é... não podemos ter nada ainda, eu não estou totalmente pronta... — mordi o lábio. — Me desculpa.

Ele abriu um sorriso malicioso e feliz ao mesmo tempo, antes de passar suas mãos pelas minhas bochechas e se abaixar o quanto pôde para me dar um beijo.

— Bom saber! — murmurou entre meus lábios, segurando meu rosto. — Fico feliz em saber que ainda não te desvendei por completo.

E então eu sorri também.

Brandon era um anjo. Merecia tudo do melhor que existia no mundo.

— Anda, Parker, eu não tenho a noite toda! — reclamou Ansel embaralhando o baralho de Brandon. O dono da casa já estava na copa, esperando os amigos o acompanharem em uma rodada de 21.

Em segundos eles nos deixaram ao redor da mesa de centro na sala de estar, ouvindo The Pussycat Dolls enquanto comíamos azeitonas das duas pizzas que nós seis detonamos em minutos.

— Meninas! — começou Melanie, tomando a atenção de Susan e a minha. — Eu sei que é muito recente o que houve com você, Clara, peço que me perdoe, mas preciso muito falar de sexo. Podemos?

— Claro que podemos. — falei tranquila. Sue concordou também.

— Então... — ela diminuiu o volume da voz. — Vocês já...?

— Já...? — arqueei a sobrancelha incentivando— a a continuar a falar.

— Já fizeram boquete?

Susan gargalhou.

— Que raio de pergunta é essa? — a ruiva começou a fazer um coque em seus cabelos ondulados, os olhos verdes brilhando em nossa direção.

— É sério! E então?

— Sim. — eu respondi. Susan piscou pra mim.

— E eu também. — ela relaxou as mãos em cima das coxas cobertas por um shorts jeans. — Você não?

— Lógico que não! — Melanie fez uma careta. — É nojento.

— Não é nojento, Melanie. — Sue falou baixinho. — É gostoso.

Abri um sorriso. Minha experiência foi rápida, mas foi mais surpreendente do que imaginei. Senti um arrepio na nuca ao lembrar das caras e bocas de Brandon assim que gozou.

— É que o Ansel, ele meio que me... pediu.

— Pediu? — perguntei.

— Pediu. Eu não soube o que dizer, mas ele ficou me olhando tão... Sei lá, ele entendeu que eu não queria, então assentiu e dormimos em seguida. Eu tenho certeza de que ele quer, só não sei se tenho coragem.

— Para com isso! — falei. — É tão normal.

— Cai de boca, Melanie! Depois nos diga a experiência. — Susan disse, não consegui segurar o riso.

— Tudo bem. — Mel sorriu nervosa. Então
PERIGOSAS ACHERON

apontou para Sue. — Sua vez, faz uma pergunta.

— Uma pergunta? — seu sorriso foi malicioso e brilhante. — Qual o lugar mais inusitado em que vocês já transaram?

— Inusitado? — perguntou Melanie.

— Diferente. — comentei.

— Oh! — exclamou a loira. — No elevador.

Arregalei os olhos.

— No elevador? Conta isso direito! — pedi.

Então ela sorriu ao contar:

— Ansel foi dormir em casa há umas semanas atrás e estávamos no elevador, eu iria levá—lo até à portaria. Então... a energia caiu. Tudo apagou quando eu vi, Ansel já me colocou em seu colo e foi isso. — Melanie colocou as mãos nos olhos por alguns segundos com vergonha. — Foi muito rápido, mas diferente, sabe? Eu sentia medo de que pudéssemos ser pegos, apesar das câmeras estarem desligadas.

— Genial! — Susan riu. — Não fui tão chique assim. Pra falar a verdade, eu me senti uma vagabunda quando Connor e eu... quase fomos pegos no banheiro de uma boate.

Melanie arregalou os olhos.

— Em uma boate?

— Não exatamente. — Susan começou a explicar. — É um baile de rua lá no Brasil, a gente saiu pra beber e dançar. Então arranjamos o primeiro lugar: um banheiro.

Caímos as três na gargalhada pelo modo como Sue disse.

— E você, Clara? — perguntou—me Melanie.

— Eu? Não tive nenhuma experiência exótica como vocês. — comentei. — Brandon e eu tivemos só uma noite de amor, a única até hoje. — mordi o lábio quase que automaticamente.

As duas me olhavam cautelosas.

— Espero que tenha outras mil. — Sue me disse, então me arrepiei e soltei um suspiro.

Depois de longos segundos onde só a música tomava conta da sala, eu finalizei:

— Eu também espero, Sue.

Jantar em família

*“A família nos dá forças para
construirmos nosso caráter.”*

Demi Lovato

Brandon

Verifiquei meus cabelos no retrovisor mais uma vez, antes de sair do carro e me encostar na porta do mesmo para esperar Maria Clara. Observei sua enorme e linda casa por alguns segundos.

Por incrível que pareça, aquela semana passou voando! Na terça-feira Tyler não apareceu no colégio, nem quarta-feira e, muito menos o resto dos dias. Se antes da briga todos me olhavam diferente, depois da briga então...

Era difícil diferenciar quem me olhava como herói, como corno ou só com medo. Eu decidi não me importar. Nada do que fossem pensar mudaria o meu jeito de ser e agir. Talvez com o tempo parassem de tomar conta do que não é deles.

Minhas mãos estavam frias e eu não sei exatamente o motivo. Talvez a ansiedade de ver meus irmãos ou de saber que no dia seguinte eu faria quatro longos meses de namoro. Algum presente teria que dar pra ela. Eu só não fazia ideia do quê.

Em minutos, minha namorada saiu de casa e caminhou rapidamente em minha direção, antes de dizer qualquer coisa, me deu um selinho e sorriu. Com um vestido, uma jaqueta e um lenço no pescoço ela estava parada em minha frente.

— Demorei?

Olhei o relógio. Faltavam poucos minutos para a hora marcada.

— Temos tempo.

Então ela assentiu e levantou duas sacolas de papel coloridas em minha frente.

— Eu comprei presentes pra eles. Será que irão gostar?

— Claro que sim! — respondi fazendo carinho em seus cabelos que estavam soltos e mais lisos que o normal. — Tá tudo bem? — perguntei enquanto caminhávamos até à porta do passageiro, então abri-a para ela entrar.

Dei a volta no carro e entrei no lugar do motorista. Então Maria Clara suspirou antes de dizer:

— Estou nervosa.

— Nervosa?

— Será que seus irmãos irão gostar de mim? Digo, eles devem sentir muito ciúmes de você! E agora você namora comigo, daí eu chego na casa deles com você... como vou me apresentar? Tipo: “*oi, sou a namorada do seu irmão, tudo bem?*”. Não sei o que dizer!

Soltei uma gargalhada alta quando o carro começou a se movimentar a caminho da casa do meu pai.

— Fica tranquila! — pedi. — Você está tão nervosa que mal respira para falar, Maria Clara.

— Tudo bem. — ela suspirou.

— Eles são uma graça, vão amar você.

Ela sorriu, esbarrou os lábios um no outro para espalhar o batom rosa e relaxou os ombros.

— Então, vamos lá. Não vejo a hora de conhecê-los.

A casa do meu pai não era tão longe da minha, apenas uns vinte minutos de carro e, assim que chegamos, estacionei-o em frente e então saí. Maria Clara saiu, assim que abri a porta do passageiro

para ela e caminhamos em silêncio pelo jardim até chegar à porta.

Toquei à campainha e, em segundos, Erin abriu a porta para que entrássemos. Bem vestida, ela sorriu para nós.

— Vocês vieram! — exclamou antes de me dar um abraço e um beijo caloroso no rosto.

— Oi, Erin. — sorri.

— Olá, querido! — respondeu. Então olhou nos olhos de Maria Clara. — Você deve ser a namorada?

— Sim. — a garota soltou um riso nervoso. — Sou Maria Clara.

— Muito prazer! Sou Erin!

As duas se abraçaram rapidamente.

— Entrem! Jeremy está com as crianças na sala.

Maria Clara observava a casa com cuidado enquanto íamos em direção à sala. O ambiente continuava o mesmo, limpo, decorado e aconchegante.

Assim que colocamos o pé na sala, ouvi a voz de meu pai dizendo:

— Crianças, olhem só quem chegou!

Risadas, gritos felizes e passos largos e desengonçados foram dados em minha direção. Eu me ajoelhei de súbito para receber os dois pimpolhos sorridentes que vieram me abraçar. Não consegui segurar um sorriso. Os apertei com força nos braços, sentindo o cheirinho de perfume de seus cabelos e ouvindo suas vozes dizendo:

— Que saudades que estávamos de você, Brad!

Dei um beijo na testa de cada um, olhando para eles com carinho.

— Eu também estava com saudades! O que fizeram em Paris, hein?! Demoraram tanto!

— Papai que quis ficar! Rodamos tanto lá que fiquei tonto. — Julian disse, me fazendo rir.

— Não, mamãe que quis ficar! Ajudou Molly a escolher os presentes que íamos dar ao Brad. — Molly falou toda empolgada e rápida como sempre. Fiz carinho em seus cabelos, feliz de ouvir sua voz de novo. Ouvi-la falando de si, em terceira pessoa era a coisa mais fofa de se ouvir.

Eu me sentia um verdadeiro molenga ao lado dos dois.

— Compraram presentes pra mim? Que legal! — exclamei.

— Sim! Estão no quarto. Vamos subir, Brad, vamos, eu te mostro! — Molly puxou minha mão enquanto andava de costas rumo às escadas.

— O irmão de vocês acabou de chegar. Depois do jantar vocês entregam os presentes, pode ser? — meu pai chamou nossa atenção, então me levantei de novo. — Não sejam mal educados, falem com a cunhada de vocês. Ela estava ansiosa para conhecer vocês.

Olhei Maria Clara observando cada detalhe dos pequenos Campbell com os olhos brilhando. Ela não havia aberto a boca.

— Oi. — ela se abaixou para olhá-los melhor, então chamou a atenção deles, que ainda não a tinham visto. — Tudo bem com vocês?

— Tudo. — Julian se aproximou dela e tocou seu cabelo. — Seu cabelo parece muito com o da mamãe. — comentou ele, assim do nada.

Maria Clara soltou uma risada.

— Eu também achei! Como você se chama?

— Julian. — o pequeno falou.

— E você? — minha doce namorada olhou Molly que estava parada em minha frente com as mãos juntas olhando-a com a cara fechada.

— Quem é ela? — minha irmã me olhou apontando o dedo em direção de Maria Clara.

— É minha namorada, amor. — falei fazendo carinho em seus cabelos cortados no queixo, tão lisos e claros.

— Sua... namorada? — sua careta ficou mais azeda ainda.

— Sim, minha namorada. Ela estava ansiosa para te conhecer. Não vai dizer seu nome a ela?

— Não conheço ela. — disse Molly.

— Eu adoraria te conhecer, querida. Eu me chamo Maria Clara.

— Eu me chamo Molly. — a pequena respondeu. Maria Clara abriu um sorriso.

— Você é muito linda, viu, Molly?

— Eu também sou lindo? — Julian perguntou, ainda mexendo nos cabelos de Maria Clara.

Ri de sua inocência, enquanto Maria Clara fazia carinho no cabelo do garoto.

— Você também é muito lindo, Julian.

E então ele abraçou Maria Clara com força pelo pescoço, como se ela fosse sua conhecida há anos. Abriu um sorriso olhando-os.

Sim, eles gostaram dela!

— Eu trouxe um presente. — Maria Clara colocou a sacola no chão em sua frente e então a abriu. — O irmão de vocês me disse que gostavam muito de brinquedos, então eu trouxe alguns. — ela tirou uma embalagem azul da sacola. — Esse aqui é seu, Julian.

O pequeno pegou a embalagem e saiu correndo até o pai.

— Me ajuda, papai, abre pra mim! — ele ficou empolgado para abrir.

Maria Clara tirou a embalagem rosa da sacola e entregou para Molly.

— Esse aqui é seu, Molly. Eu espero que você goste!

Com um olhar curioso e deixando a felicidade transparecer em seu rosto, Molly se sentou no chão e começou a abrir o presente. Sem conseguir abrir sozinha, Clara disse:

— Quer ajuda? Eu posso abrir pra você.

Sem esperar por nada, Molly entregou-lhe o embrulho novamente e então, Clara abriu em um minuto. De lá, ela tirou uma Branca de Neve colorida e um corujinha rosa de pelúcia.

— Nossa!!!! — Molly berrou pegando os presentes na mão. — Brad, olha isso!!!! — Maria Clara gargalhou com sua reação. — Olha o que a Molly ganhou!!!! Papai!!!! — e então correu até meu pai que sorriu junto dela.

Julian, por sua vez já estava sentado no chão cutucando seu Buzz Lightyear que já fazia barulho, depois pegou o controle remoto do carrinho que também ganhou.

— Vocês não vão agradecer à cunhada de vocês?

— Obrigada, Clarinha, obrigada! Molly amou, amou! — ela correu em sua direção e abraçou-a pelo pescoço. Julian veio junto e abraçou também, apertando-a com seus pequenos bracinhos.

Maria Clara me olhou no meio deles com os olhos brilhando e um sorriso no rosto.

“Eles gostaram muito de você!” sibilei com os lábios e ela sorriu mais ainda.

— Agora vão brincar, tudo bem? Já vamos jantar!
— meu pai avisou, então eles se afastaram e foram brincar juntos.

Maria Clara se levantou por fim enquanto meu pai caminhava feliz em nossa direção. Então me deu um abraço enorme. Eu o apertei o quanto pude. Que saudades!

— Como vai, querido?! Passou bem esses meses?
— ele me deu um tapinha nas costas.

— Bem, pai, muito bem! Essa deusa entrou em minha vida, eu acho que estou bem, não acha?!

— Está muito bem, filho! — ele concordou rindo e então abraçou Maria Clara que estava vermelha de vergonha. — Muito prazer, querida. Sou o Jeremy.

— Brandon me falou muito bem de você. — ela passou o cabelo atrás da orelha.

— Eu espero que sim. — comentou ele e eu soltei um riso.

— O jantar está pronto, são servidos?

— Servidos! — exclamei antes de irmos todos juntos para a copa para jantar.

Maria Clara entrelaçou seus dedos nos meus com
PERIGOSAS ACHERON

força e beijou meu ombro enquanto ninguém estava olhando. Sorrindo, me deu a certeza de que estava sendo bem recebida e que gostou muito do que viu até agora.

Maria Clara

O jantar foi mais tranquilo e alegre do que achei que fosse. A família de Brandon era tão acolhedora e divertida que me senti em casa. Agradei por estar ali.

No jantar, Jeremy me perguntou de tudo um pouco, do que eu fazia, até do que eu gostava. Não me preocupei em contar, em perguntar de volta e até rir de suas piadas. Erin era muito parecida com a minha mãe. Não só fisicamente, mas no modo de rir e agir.

— Mas, mamãe, só vamos mesmo se a Clarinha prometer nos levar amanhã. — Molly cruzou os braços imóvel na cadeira alta na mesa, minutos depois que finalizamos a sobremesa, uma torta de morango que estava um absurdo de bom.

— Mas ela prometeu que levaria, meu amor! — Erin a respondeu.

— É sério? — Molly me olhou.

— Claro que sim, querida! — respondi. — Seu irmão e eu passamos aqui, certo? — ela assentiu.

— Agora é melhor subir. Sua mãe vai ficar brava se desrespeitá-la.

— Tudo bem. — Molly resmungou ao se levantar da cadeira.

Eu me levantei também e senti as mãos de Julian em minhas pernas.

— Clarinha? — chamou-me ele. O olhei sorrindo na mesma hora.

Era uma graça eles me chamando assim. Poderiam me chamar assim a vida toda!

— Sim?

— Você pode me colocar para dormir, hoje?

Pisquei os olhos depressa, então olhei Brandon que sorriu pra mim, depois olhei Erin que estava com Molly nos braços. Ela apenas me chamou com a mão para acompanhá-la até o quarto das crianças e eu fui, segurando na mão de Julian que já coçava os olhos por conta do sono.

Assim que passei por Brandon, que se levantava junto do pai para irem até à sala, ele me deu um beijo no pescoço, me passando conforto e eu senti meu corpo feliz por dentro, feliz de ter tanta sorte em estar ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Depois do longo jantar onde eu fiz questão de saber sobre tudo o que aconteceu em Paris, meus irmãos buscaram e me entregaram lembranças de Paris. Um retrato de todos em frente à Torre Eiffel, um boné, um ursinho de pelúcia que Molly escolheu, chaveiros — da Torre Eiffel, claro —, chocolates e até uma camiseta com frases em francês.

Com a ajuda de Maria Clara, Erin subiu para colocar as crianças para dormirem, enquanto Jeremy e eu conversávamos. Sentados em frente à lareira com um chá quente em xícaras pretas — que meu pai mesmo preparou —, ficamos em silêncio por alguns segundos, até ele começar perguntar:

— Há quanto tempo estão juntos?

— Nos conhecemos há cinco meses, mas vamos fazer quatro meses de namoro amanhã.

— E os pais dela?

— Tão bons quanto os meus. — respondi.

Jeremy abriu um sorriso enquanto eu me

acomodava na poltrona.

— E as outras garotas?

— Que outras? — revirei os olhos. — Não, não tenho outras. — ele soltou uma risada. — Ela me prendeu de uma forma... é complicado. — cocei a nuca. — A única garota que me fez sentir alguma coisa foi Candice, e olha que não é um terço do que sinto por Maria Clara. — contei. — Ela é diferente, pai. Pode parecer clichê o que estou dizendo, mas eu me vejo diferente com ela.

Jeremy me ouvia em silêncio.

Observei a fumaça saindo da xícara antes de dizer:

— Depois de tudo que aconteceu nos últimos dias, eu espero que as coisas se resolvam, de verdade.

— E o que houve nos últimos dias?

Respirei fundo, pensando nas palavras que iria usar. Eu contaria tudo a ele. Jeremy merecia saber, era meu pai. E eu precisava contar para alguém, antes que ficasse maluco.

— Maria Clara é daquelas garotas que sabe de tudo um pouco, que ajuda, que cuida, que sempre

PERIGOSAS ACHERON

está ao seu lado quando precisa. É linda, imprevisível, impulsiva demais, rica... Popular, desejável. – fiz uma pausa por minha voz ter falhado e logo prossegui: – É daquelas que mesmo com tanto carinho e doçura, sabe se cuidar e se preservar. Demora se apaixonar e todas essas coisas... eu me considero um sortudo de ter ganhado o coração dela. – respirei fundo. – Maria Clara não é de sofrer muito, tem uma vida perfeita, mas quando é pra sofrer, ela sofre intensamente. Talvez isso seja um defeito. Ela é intensa em tudo o que vive. – os olhos do meu pai eram curiosos, mesmo assim o silêncio continuou. – Ela se mutila quando algo ruim fere seus sentimentos, quando as coisas não estão dando certo para ela e para seu coração. – vi o gogó de meu pai subir e descer em sua garganta. – Isso é um problema que estamos tentando superar juntos, já que eu a ajudo a parar por semanas. Bom, tenho que ajudar, já que muitas vezes fui o motivo dos seus cortes. Mas não me julgue, eu não sabia de nada ao início e se soubesse não permitiria, de modo algum. – Jeremy consentiu com a cabeça. – Mas enfim, os últimos cortes ainda estão em seu pulso, foi na semana passada... Ela se

PERIGOSAS ACHERON

mutilou por... — pigarreei tentando ser o mais simples e direto possível. Era sempre horrível. — Maria Clara foi abusada sexualmente por um garoto do colégio. — finalizei e meu pai arregalou os olhos.

Ele não esperava por isso.

— Como ela não quis denunciar, eu... fiz justiça com minhas próprias mãos. Ele não aparece no colégio há dias, deve estar todo arrebitado. Os pais dela não sabem. Só minha mãe e nossos amigos. Então por favor, pai, não conte a ninguém. Nem pra Erin. — pedi e respirei fundo, então cocei a nuca outra vez. — Eu só rezo para que ela se recupere logo, que não pare sua vida por medo ou pelas memórias. Ela é uma garota maravilhosa, pai, de verdade. Você tem que conhecê-la mais nos próximos dias. Maria Clara não merecia nada disso, nada! A sua vida só está começando e eu quero viver com ela por mais longos e belos anos.

Então ele sorriu e, colocando a xícara na mesa de centro no meio de nós, se levantou. Eu entendi o recado e fiz o mesmo. Jeremy me abraçou. Um abraço forte e confortante. Revigorante, que seja. Tranquilizou-me de certo modo.

— Tudo vai ficar bem, meu filho. Bem-vindo à vida real. Onde se sofre, depois sorri e se aprende, sem perder a fé. Eu espero que você saiba onde está pisando, com quem está lidando e tendo a certeza de que tudo isso irá levar vocês dois mais além.

Sem palavra alguma para responder devidamente, eu apenas o apertei mais forte, antes de dizer:

— Eu te amo. Obrigado, pai.

Ela será amada

*“Eu quero fazer você
se sentir linda.”*

Maroon 5

Maria Clara

Não sei por quantos minutos eu estava ali em frente ao espelho, mas continuei, até ter certeza de que estaria confiante de sair de casa daquele jeito.

Minhas pernas que, mesmo sendo claras, ainda estavam com leves marcas das agressões, estavam cobertas por uma calça cabre bem apertada e escura. Coloquei um par de sapatilhas azuis nos pés e vi o quanto elas estavam confortáveis. Os hematomas dos meus braços já haviam sumido, bom, não por completo, mas o suficiente para que eu pudesse colocar uma camiseta de Os Smurfs sem neurose de que alguém pudesse ver.

Meu pescoço, bom, aquele ainda levaria mais algum dias para que ninguém visse algo, então eu caprichei na base e corretivo. Olhando-me, prometi que não iria chorar.

Em meus cabelos havia um coque, em minhas orelhas brincos brancos que combinavam com as milhares de pulseiras que coloquei no braço esquerdo para cobrir minhas cicatrizes. E que

cicatrizes! Aquilo parecia um mosaico.

Todas às vezes em que as observava, lembrava das palavras do psicólogo que tive de consultar naquele dia. Ela me pediu para procurá-la, para que pudesse começar algum tratamento. Eu agradeci, mesmo sabendo que não a veria de novo.

Meu celular que estava em cima da mesa de meu computador, vibrou com uma mensagem e eu fui até ele, fitando o nome de Melanie no visor.

“feliz quatro meses, pombinhos! toda a felicidade do mundo pra vocês.”

Tive a certeza de que ela havia mandando a mesma mensagem a Brandon. Abri um sorriso. Sim, quatro meses. Hoje eu estava fazendo quatro meses de namoro.

Ao fitar o horário, percebi que ele chegaria a qualquer momento para irmos com as crianças ao parque de diversões mais próximo, coisa que prometera na noite anterior.

Caminhei até meu closet e peguei a pequena caixa preta onde estava o presente que eu havia feito para lhe entregar. Senti um leve frio na barriga ao pensar em sua reação quando fosse receber.

Colocando-a em uma bolsa, desci as escadas para esperá-lo.

Foi quando ouvi barulhos na sala.

— Deixa eu ir também, Brandon! — berrou Julian.

— Fiquem aqui, eu irei chamá-la! — Brandon reclamou com os irmãos que estavam na sala, quase ao pé da escada onde eu descia. Angelick estava na porta que ainda se encontrava aberta e, em seu rosto tinha um sorriso doce.

Era impossível não sorrir vendo aquelas crianças.

— Ninguém mais precisa me chamar. Aqui estou! — falei assim que desci do último degrau.

— Viu! Aqui está ela.

— Então podemos ir? — perguntou Molly dando pulinhos.

— Oi meu amor. — Brandon me deu um selinho colado, então fez uma careta. — Eles vão nos destruir hoje! Por que fui inventar?

— Aguenta! — reclamei antes de rir e corresponder ao abraço que Julian dava em minhas pernas.

— Oi Clarinha.

— Oi querido. — abri um sorriso.

— Clarinha, olha, Molly ia trazer a Branca de Neve para brincar, mas acontece que a mamãe não me deixou trazer. — Molly explicou-se.

— Está tudo bem! — respondi, segurando na mão de Julian enquanto Brandon a pegava no colo. — O que mais tem lá é brinquedos para você, tudo bem?

— Podemos brincar em todos? — Julian perguntou empolgado.

— Claro que sim! — respondi com a mesma empolgação que ele.

— Claro que não! — Brandon respondeu na mesma hora em que dei um beijo na bochecha de Angel.

— Bom dia, Angel. Não me espere para o almoço!

— Bom dia, querida. Divirtam-se! — ela disse assim que passamos pela porta.

— Tchau, Angel! — Brandon gritou enquanto colocávamos as crianças no carro.

Parei uns instantes enquanto observava ele

colocar o cinto de seguranças nos dois no banco do carro. Coloquei minha bolsa no meio deles, enquanto tagarelavam sobre o que iriam comer e em quais brinquedos iriam primeiro.

Brandon tinha um sorriso no rosto, apesar de implicar tanto com os pequenos.

Não consegui deixar de sorrir também, sabendo que ele só chamou os irmãos para virem junto, para que eu não deixasse de sorrir durante nosso dia de mesversário. Ele tinha toda razão quando teve essa ideia.

— O que querem comer? — perguntou Brandon.

— Algodão! — Julian exclamou.

— Pipoca! — rebateu Molly.

— Isso não mata a fome e vocês acabaram de me dizer que estão morrendo de fome!

— Mas eu quero, Brandon. Por que você é tão ruim? — Julian fez bico, todo triste e cruzou os braços.

Gargalhei olhando-o.

— Mas, Julian... — Brandon bufou. — Amor,

fala pra eles que não podem comer isso.

— Crianças, o que acham de cachorro-quente? — perguntei.

— Sim! — os dois gritaram em uníssono.

— Pronto, Brandon. Nos traga três!

— Maria Clara! — ele exclamou quase que irritado. — Eu te trouxe para me ajudar, não piorar a situação!

Tanto eu quanto os dois caímos na risada.

— Anda, meu querido, estamos morrendo de fome! — exclamei antes de dar um selinho em seus lábios e me agarrar às crianças.

Horas haviam se passado, o Sol parou no centro do céu e depois começou a cair novamente, eu não fazia ideia de que horas eram, mas não me importei. Estava muito bem ali com meus pequenos cunhados, não queria que o dia tivesse fim.

Os irmãos gêmeos de apenas cinco aninhos foram em todos, sim, todos os brinquedos do parque adequados para eles e iam assim, saindo de um e entrando em outro, sem se importar com o calor, muito menos com a hora.

Ser criança é realmente encantador.

Os dois eram as crianças mais briguentas que eu já vi! Apesar de serem de sexos opostos, Julian e Molly eram idênticos! Os olhos e os cabelos eram claros como os de Brandon.

Enquanto esperávamos Brandon voltar da lanchonete mais próxima onde foi buscar nosso lanche da tarde, eu fiquei sentada na grama, a parte mais vazia e verde do parque olhando os irmãos brincarem de pega-pega e ouvi meu celular tocar na bolsa.

O peguei depressa e então atendi a ligação.

— Oi mãe. — falei.

— *Oi, filha! Liguei para saber como foi ontem.*

— Foi ótimo. — respondi, então soltei um suspiro.

Ainda era estranho falar com ela depois do que aconteceu. Mesmo tentando mostrar que estava bem, a conhecia tanto que, a qualquer momento ela poderia perguntar o que havia de errado e eu não saberia desviar do assunto. Eu sentia isso! Mas pedia para que isso não acontecesse de jeito nenhum.

— Estou em um parque com Brandon e as

PERIGOSAS ACHERON

crianças.

— *As crianças?*

— Sim, os irmãos dele.

— *Oh, claro!* — ela riu. — *Estou com tantas saudades! Um mês pareceu uma eternidade pra mim!* — comentou. — *Ainda bem que vai demorar um bocado até seu pai e eu viajarmos de novo.*

— Pra mim passou rápido, mãe. — comentei. — Mas fico feliz que vocês vão voltar. Nossa casa está muito vazia.

Ela ficou em silêncio. Eu também fiquei. Por poucos instantes.

— Que dia voltam? — perguntei.

— *Quinta—feira. Falta pouco!*

— É, falta mesmo. — suspirei.

Até lá nenhum vestígio do que houve poderia existir. Nenhum mesmo.

— *Vamos levar presentinhos, tudo bem?*

— Tudo bem. — soltei uma risada e em seguida vi Brandon vindo com uma bandeja enorme e um violão nas costas. — Ah... mãe, preciso desligar agora. Estou sendo mãe por um dia... nos falamos

depois?

— *Nos falamos depois!* — finalizou ela. — *Tchau, querida!*

Claudiana desligou o celular no mesmo instante em que Brandon parou em minha frente e se sentou com cuidado.

— Crianças, venham comer! — gritei e elas vieram em seguida.

Tão educadas!

Antes de guardar o celular, observei o violão nas costas de Brandon e, com a testa franzida, perguntei:

— O que é isso?

— Um violão?

Revirei os olhos. Ele riu.

— Posso explicar depois? Por que também estou morto de fome! — a única coisa que eu poderia fazer era concordar, então foi isso que eu fiz antes de ajudar as crianças a comerem sem se sujar ou brigar.

Assim que finalizamos a refeição, as crianças

voltaram a correr e deixaram o seu irmão e eu, conversarmos melhor. Não deixei de tirar algumas fotos da paisagem onde estávamos, nem que fosse pelo celular e, depois de alguns minutos, tirei da sacola o que havia feito para ele.

— Brad, eu fiz isso pra você essa semana. — entreguei-lhe a caixinha.

Ele estava sentado ao meu lado e então a pegou na mão, abriu e sorriu ao ver a caixinha se desmontar e virar quase um mural de fotos de todos os tipos. Nossas fotos, dos quatro meses que estivemos juntos. Brandon observou cada uma delas antes de perguntar:

— Quanto tempo demorou para fazer isso?

— Quase a semana toda. — soltei um riso nervoso. — É simples, mas eu não estava com cabeça para fazer algo mais elaborado ou lhe comprar algo, você tem tudo... — ri de novo. — Me desculpa.

— Simples? Maria Clara você passou quase a semana toda! — repetiu ele. — Isso é lindo! E criativo!

E pela primeira vez desde que eu lhe entreguei o

PERIGOSAS ACHERON

presente ele olhou em meus olhos e finalizou:

— Eu amei. — sua voz saiu tão sincera que eu fiquei sem fala. — Você é tão delicada, ficou muito bom mesmo.

— Então, eu que deveria agradecer? — brinquei.

Brandon gargalhou.

— Não, agora quem agradece sou eu. — ele segurou minha nuca e beijou—me nos lábios, puxando—me com força. — Você agradece daqui a pouco.

E sem dizer mais nada, pegou o violão e abriu a capa, tirando de lá um buquê. Tentei entender como um buquê caberia ali. Brandon me entregou e, em seguida tirou o violão, sentou em minha frente e então começou a tocar.

O silêncio que estava nos fundos do parque onde nos encontrávamos, deu lugar aos acordes do violão que Brandon tocava deliciosamente bem.

Seus dedos quase brincavam com a corda.

E então, ele começou a cantar:

— *Beauty queen of only eighteen. She had some trouble with herself. He was always there to help her. She always belonged to someone else .*

(Rainha da beleza de apenas 18 anos. Ela tinha alguns problemas com si mesma. Ele sempre estava lá para ajudá-la. Ela sempre pertenceu a outra pessoa)

— I drove for miles and miles. And wound up at your door. I've had you so many times but somehow. I want more.

(Eu dirigi por milhas e milhas. E acabei na sua porta. Eu tive você por tantas vezes, mas de algum jeito. Eu quero mais)

Meu coração estava enorme. Por um instante tudo ficou claro, quasebrilhante. Só havíamos Brandon e eu ali. Ele cantando Maroon 5 pra mim. Eu com um buquê em mãos, que aliás estavam tremendo.

— Brad... — comecei, sem saber o que dizer.

— I don't mind spending everyday. Out on your corner in the pouring rain. Look for the girl with the broken smile. Ask her if she wants to stay a while. And she will be loved. And she will be loved.

(Eu não me importo de passar todos os dias. Do lado de fora, na sua esquina, na chuva torrencial. Procure a garota com o sorriso partido. Pergunte a ela se ela quer ficar por um tempo. E ela será

amada. E ela será amada)

Não deixei que ele continuasse, voei em cima de seu corpo e enchi-o de beijos, sem me importar com mais nada, só tê-lo em meus braços já estava de bom tamanho. Uma de suas mãos segurou minha cintura e sua risada cortou um dos beijos, o que me fez rir também.

— Obrigada, obrigada! — minha voz cortava nossos beijos.

— Pelo quê? — ele estava rindo, tão alegre, tão surpreso.

— Por me fazer tão feliz. Brandon, você me deixa com a barriga gelada! — fitei seu olhos, eles brilhavam. Os meus também deveriam estar do mesmo jeito.

— Então você gostou das flores e da música?

— Sim, é claro que sim! — dei um beijo na ponta do seu nariz, antes dele me erguer e olhar para os lados.

— Se todos estavam nos olhando antes, agora então...

Eu olhei também e sim, as poucas pessoas que estavam por ali nos olhavam. Minhas bochechas

PERIGOSAS ACHERON

queimaram instantaneamente.

Enquanto ele colocava o violão de volta na capa, eu observei as flores e voltei a olhá-lo, toquei sua nuca, pisquei algumas vezes antes de trilhar suas curvas com meus olhos, guardando cada detalhe de seu rosto.

E o beijei de novo, e de novo e mais uma vez.

— Essa pode ser a coisa mais clichê que todos os casais dizem. Eu me sinto um babaca por falar isso. Mas talvez você tenha sido a melhor coisa que já me aconteceu.

— Por que eu amo você. — falei. — Você precisava de alguém que te amasse assim.

E voltei a beijá-lo. Era um beijo intenso, molhado, doce, quase quente. Só não tinha mãos tão bobas, até por que estávamos em público.

— Clarinha, eu também quero. — a voz de Julian nos chamou a atenção.

— Quer o quê, Julian? — perguntou Brad ao finalizar o beijo.

— Um beijinho da Clarinha.

Gargalhei na mesma hora. Ele estava ao nosso lado em pé com os olhos enormes em cima de nós.

Logo que fechou a boca, pegou o boné de Brandon que eu havia derrubado na grama, minutos atrás. Julian o colocou na cabeça e então esticou o pescoço em minha direção.

Com os olhinhos fechados, ele fez o biquinho mais lindo que eu já vi na vida. Com inocência, dei uma bitoca estalada nele, então ele abriu os olhos e começou a pular no lugar. Molly, que estava parada a poucos centímetros atrás dele, fazia careta.

— Ah, a Clarinha me beijou, a Clarinha me beijou! Ela é minha namorada também! — Julian batia palmas, pulando de felicidade.

Coloquei minhas mãos sobre a boca, de tanto que eu ria de sua reação. Ele era tão fofo que eu sentia vontade de apertá-lo todo!

Brandon por sua vez, fez uma cara de bravo, que apesar de ser brincadeira, estava realmente convincente. Assim que ele abriu a boca, Julian o olhou apavorado:

— Você gosta de viver, Julian Campbell?

O pequeno não conseguia nem piscar. Brandon se levantou devagar e mais esperto do que um garoto de sua idade, Julian foi dando passos cuidadosos

para trás.

— Corre! — gritou Brandon e como reflexo, Julian correu.

Estavam os dois correndo pelo gramado enquanto eu me curvava de tanto rir. O modo como falavam e agiam era único. Não havia mais ninguém igual àqueles dois!

Molly se aproximou de mim com uma expressão divertida no rosto observando a mesma cena que eu, mas não estava tão empolgada quando Julian. Talvez estivesse cansada.

Brandon conseguiu alcançar o irmão menor e o ergueu, depois o virou de ponta cabeça deixando o boné cair no chão, começou a falar alguma coisa que eu não conseguia ouvir, só conseguia ver o rosto assustado do pequeno, que por um descuido conseguiu fugir dos braços de Brandon e, depois de pegar o boné de novo, correu em minha direção.

Julian me abraçou com força, muita força, dava para ouvir seu coração batendo bem forte por conta da adrenalina. Molly me olhava também assustada.

— Tá tudo bem, meu anjo, seu irmão não vai fazer nada com você! — falei. Brandon veio

correndo e se jogou ao nosso lado, quase chorando de rir. — Ele está tremendo, Campbell, seu cretino! — dei um murro em seu peito. — Você vai matá—lo de susto.

— É só pra ele aprender a não mexer com a minha namorada. — depois sorriu.

— Babaca! – sibilei, enquanto fazia carinho nos cabelos de Julian que continuava a me abraçar firme, como se eu fosse um escudo.

— Vem, vamos levá—los embora. Meu pai vai nos matar! — Brandon comentou antes de se levantar. — Já vai anoitecer. Você vem comigo, princesa? — perguntou para Molly que lhe estendeu os braços, deitando a cabeça em seu ombro.

Apenas o começo

“Você pode passar minutos, horas, dias, semanas e até meses analisando uma situação, tentando juntar as peças, esclarecendo o que poderia e o que deveria ter acontecido... ou pode simplesmente deixar as peças no chão e seguir em frente.”

Tupac

Brandon

— O que está pensando em fazer agora? —
perguntei assim que terminei de beijá-la.

— Ir para a casa e ficar à tarde com meus pais,
que voltaram hoje... e você?

— E... eu vou andar de skate com os caras.

— Que caras? — perguntou Maria Clara
enquanto eu arrumava meus cabelos.

— Ansel, Dexter e Connor, claro.

— Hm. — ela mordeu o lábio.

— Tudo bem pra você?

— Tudo ótimo. — ela suspirou e eu apertei-a
mais ainda em meus braços. — Você promete me
ligar? Digo, depois, à noite, pra fazer alguma coisa.

Sorri antes de encostar minha boca em sua orelha
e dizer:

— Qualquer coisa que você quiser.

Maria Clara se arrepiou em meus braços, antes de
me afastar. Segurando apenas minha mão, ela disse:

— A gente se vê à noite. Você vai me levar em

algum lugar?

Observei seu rosto, seus olhos me olhavam diferente. Maria Clara não me olhava assim faz algumas semanas, semanas longas por sinal.

— Levo. — respondi, então ela me deu mais um selinho colado antes de sair e ir para casa a pé.

Observei-a com seus tênis, jaqueta e jeans caminhando tranquila pela rua e então entrei no carro. Ia rumo a minha casa, me trocar e então encontraria os caras na pista, já pensando no que iria fazer com Maria Clara naquela noite tranquila de quinta-feira.

Maria Clara

Ao mesmo tempo em que era inovador, era muito bom estar vivendo o que vivo hoje, assim, com meus pais em casa me dando atenção e carinho, contando histórias da viagem, me mostrando os presentes que compraram. Não tinha mais medo de pensar em Tyler que sumiu faziam-se duas semanas, ninguém sabia dele.

Fora que as provas estavam chegando, já que, em poucos dias entraríamos de férias e meu namoro... Ah, estava cada vez mais quente de novo! Eu me sentia virgem outra vez, ansiosa e com medo. Brandon era paciente, mas nem tanto. Ele tinha suas necessidades e suas vontades. Eu não queria parar nossa vida sexual só por conta de uma tragédia...

Tá, sexo não é tudo, mas é importante, é uma boa parte da vida de um casal e eu não queria ser um casal anormal. Quero todas as vantagens!

— Ué, querida, vai sair? — minha mãe apareceu na fresta da porta enquanto eu passava rímel, me

fitando no espelho do quarto.

— Vou sair pra comer alguma coisa com Brandon e os garotos... tem algum problema, mãe?

— Claro que não. Você passou a tarde em casa, vá se distrair um pouco. — ela fez uma pausa, então comentou: — Essa roupa ficou muito boa em você.

Sorri olhando—me com a roupa nova que ela havia me dado hoje. Um shorts rosa e uma blusa branca com brilhos por boa parte dela.

— Também acho! — falei fazendo-a rir.

Com o celular no bolso, parei em frente a Claudiana e perguntei o que Brandon me pediu:

— Mãe, eu posso... dormir na casa de Brandon hoje?

— Por que está me pedindo isso?

— Ué, por que a senhora é minha mãe? — minha voz soou como se aquilo fosse óbvio.

— Mas por que você está me pedindo, sendo que vocês já dormiram juntos?

Arregalei meus olhos.

Como é?!

— Mãe! — exclamei e então não disse mais nada.

— Filha... — ela me levou até à minha cama, e então nos sentamos. — Você acha que eu não sei, de quando o Brandon veio pedir a sua mão, acabou dormindo aqui depois do jantar? Sei disso. Seu pai ficou uma fera! Mas eu o domei. Ele então não quer de jeito nenhum que durmam juntos, por isso enquanto esteve aqui, não deixou você ir dormir na casa de Brandon. — contava ela. — Mas assim que viajamos, quase todo o tempo ele ficava comentando comigo, perguntando se ficaria tudo bem se você fosse dormir com seu namorado, ou até mesmo se você nos pediria. Você não pediu, mas eu te conheço e já tive sua idade. Eu iria, com certeza! E não precisaria contar a ninguém.

— Você não ficou brava?

Então ela sorriu, revendo seus dentes impecavelmente brancos.

— Não, Maria Clara. Sabe por quê?

— Por quê? — perguntei, realmente curiosa.

— Por que eu confio na filha que tenho. Sei que o que fosse acontecer, não seria algo que trouxesse

consequência ruins e sim boas. Você namora! Claro que faz sexo. Seus amigos fazem, a maior parte da população do mundo também.

Senti minhas bochechas queimarem.

— Não fique envergonhada. Eu só estou falando a verdade. Não quero ser só sua mãe, quero ser sua amiga, ok?

Abri um sorriso.

— Ok. E... isso é um sim? Digo, de que posso ir dormir na casa dele hoje? Olha, não é por que vou pra lá que vamos transar, mãe, de modo algum, mas a gente gosta de dormir juntos e... — calei-me quando percebi que falava muito rápido por estar nervosa.

— A gente pode passar em algum médico em suas férias para pedir uns exames e uns remédios?

Engoli a seco. Lembrei—me subitamente de Tyler. Então dos exames que já havia feito, do que passei. Mas... não, não havia problema algum.

— Tudo bem, mãe! Eu acho até melhor. É... o Brad vai amar também, ele acha legal isso de se cuidar e... enfim. — calei-me outra vez.

Então minha mãe riu de mim.

— É melhor descer e esperar por ele lá embaixo, não acha? — ela perguntou. — E fica tranquila, não fale nada com seu pai ainda, eu me viro com ele.

Dei um abraço forte nela.

— Obrigada, mãe! — exclamei. — Só não fale mais disso tão abertamente, pode ser? Até por que, você é minha mãe, caramba!

— Tudo bem. — ela levantou os braços na defensiva assim que o abraço foi desfeito. — Mas, por favor, não esquece a camisinha! — pediu.

Minhas bochechas estavam queimando outra vez quando me levantei e me dirigi até à porta.

Brandon

O calor não deu trégua nem para o vento e muito menos pra chuva. Senti o suor escorrendo por minhas costas por debaixo da camisa enquanto fazia manobras e mais manobras.

Connor e Ansel estavam distantes conversando, enquanto eu ensinava Dexter a fazer qualquer coisa em cima de seu skate novo.

Aliás, quem compra um skate sem saber andar?

Sim, Dexter Cooper compra.

Enquanto eu fazia uma das manobras mais difíceis para passar o tempo, meu skate escapou dos meus pés de novo e foi parar longe. Bem longe. Só parou em um par de calcanhares brancos feito neve.

Meu olhar subiu sobre as pernas completamente descobertas, chegou ao bumbum enorme coberto por uma saia pequena e então a garota se virou, revelando um sorriso aberto e seco.

Eu reconheceria aquele sorriso até de longe.

— Ah, meu Deus! — ela exclamou erguendo os braços. Observei sua blusa curta e solta. Seus

cabelos tão claros que brilhavam em reflexo do Sol.
— Quem é vivo sempre aparece, não é, Campbell?

— Quem sumiu foi você! — respondi enquanto caminhava em sua direção.

— Estava em Londres por um tempo. Mas... sim, eu voltei! — Candice sorriu de novo, então observou-me. — Sempre por aqui?

— Sempre por aqui. — repeti. — O que veio fazer?

— Ter minha vida de volta. — fez uma pausa. — Londres não é tão... excitante quando Los Angeles. Acho que aqui é meu lugar.

Engoli a seco.

— Você ainda brinca com isso, é? — ela pisou em cima do skate, então guardou o celular no bolso da saia. — Ainda não esqueci daquela vez, você prometeu que iria me ensinar.

— Prometi, é?

— Sim. Eu não me esqueço de nada! — avisou ela, então sumiu de uma vez no brinquedo de quatro rodas e ele escorreu para trás. Os braços dela vieram parar direto em meus ombros.

Só quando ela abriu a boca que percebi o que
PERIGOSAS ACHERON

realmente havia acontecido.

— E então, por onde começo?

Respirei fundo antes de segurar suas mãos e dar-lhe as instruções para como se manter em equilíbrio, sem cair e se manter sempre em movimento. Candice prestou atenção em tudo por minutos, sem soltar minhas mãos e sem quebrar nosso contato visual.

Só quando Dexter me chamou, me toquei no horário e então, me despedi dela às pressas, que sorriu e antes que eu pudesse sair andando, avisou:

— Nos veremos de novo, Brad!

Acenei com a mão antes de subir em cima do skate e ir de uma vez ao encontro dos três garotos que estavam parados me olhando. Parei em frente a seis pares de olhos curiosos e surpresos.

— Quem é essa florzinha? — Dexter perguntou.

— Florzinha? — bufei. — Estou simplesmente fodido, cara, extremamente fodido!

— Ah, não! — Ansel arregalou os olhos.

— É sua ex-namorada? — Connor perguntou, igualmente surpreso.

Assenti com uma careta estampada no rosto.

— Você está realmente fodido, Brandon! — Ansel disse.

— Boa sorte, cara! — Dexter complementou e Connor só ria da desgraça alheia.

— Obrigado, cara, obrigado. — agradei, suspirando. — Vou mesmo precisar. — falei mais pra mim do que para eles, antes de me despedir e ir para casa, me arrumar para buscar Maria Clara.

Sem que pudesse perceber, a noite chegou e o tempo ia mudando sem deixar rastro algum sobre o que aconteceu durante a tarde.

Maria Clara não parava de rir junto de Susan enquanto dançava em nossa frente, minha e de Connor que preferimos ficar sentados no capô do meu carro, só ouvindo as músicas do carro de som que estava parado logo à frente, na rua sem saída, pouco iluminada e estreita onde estávamos.

Connor me passou um cigarro de maconha e eu o traguei, jogando a fumaça para o alto, então observei a Lua, as estrelas e o quanto o céu estava

terrivelmente agradável.

Eu estava precisando mesmo de uma noite dessas.

— Amor, avise Maria Clara que ela é maluca, por favor! — pedia Susan, completamente bêbada, sem saber o que exatamente estava falando. — Olha oque ela está fazendo! — Susan gargalhava ao ver Maria Clara rebolando com uma latinha de energético em mãos.

Ao lado do carro de som próximo de nós, estavam vários adolescentes fazendo a mesma coisa; fumando, bebendo e rindo por estarem bêbados. Connor estava tão tranquilo quanto eu.

Connor se levantou um instante depois e chamou Susan para dançar um pouco mais afastados de nós, então chamei Maria Clara com a mão, que veio até mim. Sorrindo, ela bebeu seu energético que havíamos comprado no comércio logo no começo da rua.

Fiz minha namorada sentar em cima do capô do carro e fiquei entre suas pernas. Sentindo o cheiro do seu perfume, fiz carinho em suas coxas e suspirei.

— Você ficou linda com esse shorts. —
comentei.

Maria Clara sorriu de novo.

— Meus pais trouxeram de Chicago. Lindo, não?

Mordi os lábios observando suas curvas.

— Lindo! — concordei ao balançar a cabeça. —
Incrivelmente lindo! — logo ouvi sua risada.

— Você está bêbado, Brandon?!

— Lógico que não! — tomei mais um gole da
minha vodca antes de dar uma longa tragada no
cigarro que Connor havia me deixado.

Só então percebi os olhos cautelosos de Maria
Clara em cima de mim.

— Você não acha melhor parar com isso?

— Com isso o quê? — perguntei.

— Os cigarros...

— Esse é o último. O Connor não trouxe mais
que cinco hoje.

— Não, Brad, eu digo... parar de verdade.

— Por quê? — perguntei.

— Isso não é nada legal, você sabe. Não precisa
disso para se divertir.

— É só um acréscimo! — comentei, depositando um selinho em seus lábios rosados. *Ah, tão lindos!*

— Amor... — ela resmungou.

— Maria Clara, olha, é só social, tudo bem? Eu não sou um maconheiro, muito menos um drogado, fica tranquila!

— Tenho medo que meus pais descubram. — comentou sincera. — Eles matariam você! E me matariam também.

— Fica tranquila! — segurei seu queixo depois da última tragada, então o joguei no chão. — Eles não irão descobrir, ok? — beijei seu lábios. — Hum?

Maria Clara apenas suspirou, antes de corresponder meus beijos e voltar a relaxar depois de seus surtos de adolescente de 16 anos.

— E então, como foi seu dia? — perguntou ela.

— Ótimo. Skate e... skate. — sorri. — E o seu?

— Só meus pais e presentes. — sorriu ela. — Eles estão diferentes, mais felizes, não sei.

Sorri de volta pra ela. Então pensei em algo para dizer, quando “Turn Up The Music” começou a tocar no carro de som e Maria Clara pulou para o

PERIGOSAS ACHERON

chão, deixando sua latinha em cima da capô e a minha também!

— Vem, vem dançar comigo! — pediu ela alegre enquanto balançava os cabelos.

Assenti e acompanhei seu ritmo, dançando sem me importar com nada, vendo—a sorrir no meio da noite e no meio da rua.

Maria Clara

Eu me sentia nas nuvens. Talvez fosse a noite, a música ou a companhia. Eu só queria rir e me divertir. E estava conseguindo.

Ao som de Chris Brown, eu me esfregava no corpo enorme do meu namorado que estava mais estiloso do que nunca. Ele me acompanhava, tão solto, sorridente e... excitado.

— Você fica excitado muito rápido. — comentei virando meu rosto olhando-o por cima do ombro.

— Com você se esfregando em mim assim, é quase impossível ficar mole, Maria Clara.

Gargalhei dele enquanto seus braços me giraram para que eu pudesse ficar de frente para ele. E assim fiquei, então, agarrada em seu pescoço, perguntei:

— Qual a sua fantasia sexual?

Percebi sua surpresa pela pergunta, assim que seus braços apertaram minha cintura. Brandon fitou meus olhos em seguida.

— Eu não tenho fantasia sexual.

Fiz uma careta para ele.

— Claro que tem! Todos têm!

— Claro que não. — ele revirou os olhos.

— Até eu tenho, Brad. — afirmei.

— Ah, é? — ele abriu um sorriso.

Apenas assenti com a cabeça antes de dizer em seu ouvido, sem perder o ritmo da música:

— Sexo na mata.

— Na mata? — ele não entendeu.

— Sim, ficar junto em uma floresta, em uma cabana, algo assim. Acho romântico.

— Romântico? Você é selvagem! — disse ele de um jeito engraçado me fazendo rir outra vez.

— Agora não me enrola! — exclamei. — Me diga. — pedi.

— Aqui não é hora, muito menos lugar.

— Mas, por quê?

Brandon apertou meu bumbum com força e tomou meus lábios. Depois de me deixar sem fôlego, sorriu e respondeu:

— Porque não! Não vou te falar isso aqui.

Derrotada bufei, certa de que ele não falaria. Não

hoje, então não insisti mais.

Depois que a música chegou ao fim, avisei-o de que iria ao banheiro, no comércio logo no início da rua e, com um sorriso safado no rosto, ele perguntou:

— Rola sexo no banheiro?

Rindo, eu saí sem responder. Mas, sentindo um gostinho bom na boca, o coração palpitando, feliz por tudo estar voltando ao normal.

Certifiquei-me de que meu batom não estava borrado e que a roupa estava ajeitadinha quando voltei para o carro para me encontrar com Brandon. De longe mesmo, consegui vê-lo conversar com uma garota alta e loira. Caminhei devagar, mas cheguei perto o suficiente para ouvi-los.

— Você, de novo. — disse Brandon sentado no capô do carro, em seguida tomou um gole de sua bebida. — Está me perseguindo?

— Eu chamaria de destino. — a garota sorriu, então cruzou os braços no busto cheio do vestido minúsculo que usava. — Ah, por falar nisso, aquela

aula de hoje não valeu o suficiente. Precisamos marcar outras.

— Marcar outras? — Brandon riu debochado, então perguntou: — Agora você anda com eles? — Brad apontou com a mão para Paige e Caleb que estavam junto da multidão ao lado do carro de som.

— Estou tentando me encaixar. Ou me aproximar, não sei. — avisou ela.

E só aí que eles me perceberam ali ao lado, a poucos metros.

— Candice, essa é minha namorada, Maria Clara. — Brandon me chamou com o braço, mas eu continuei parada no mesmo lugar.

A tal Candice se virou pra mim, primeiro com um olhar raivoso ou enciumado, então me mediu. Sim, ela me mediu! Depois abriu o sorriso mais debochado do mundo.

— Oi. — ela sibilou.

Em seguida voltou seu olhar para Brandon, mais especificamente para suas mãos, antes de dizer:

— Ótimo, entendi seu “namoro”. — então riu e passou uma mecha dos cabelos atrás da orelha, antes de sair, segurou nos ombros de Brandon,
PERIGOSAS ACHERON

dizendo: — A gente se vê, Brad. Se cuida! — e rebolou até dizer chega, em direção aos amiguinhos.

Esperei uns segundos, raciocinando o que acabei de ouvir e presenciar. Era sério? Só consegui revirar os olhos antes de me encostar no carro. Não abri a boca até Brandon aparecer em minha frente.

Brandon

— Clara? — chamei depois de jogar a garrafa vazia que eu segurava no chão. Caminhei até ela e parei em sua frente.

Ela estava dura, de braços cruzados e os olhos longe, o maxilar travado.

— Amor? Já quer ir embora? — perguntei.

Maria Clara não falou nada. Foi então que percebi o que estava acontecendo.

— O que foi? Vai me dizer que ficou com ciúmes?

Ela me olhou séria, então riu ironicamente.

— Ciúmes? Dela? — Maria Clara fez uma careta.
— Faça-me um favor, Brandon!

Fiquei em silêncio por alguns segundos e sem acreditar em suas mentiras nervosas, respirei fundo e disse:

— Candice é uma amiga.

— Amiga íntima, não?

— Minha ex-namorada. — disse de uma vez.

— Ah, a situação é pior, então?

— Maria Clara, para de ideias... — resmunguei.

— Não falei nada. — ela levantou as mãos na defensiva. — Por quê, você tem alguma coisa pra falar, Brandon? Como por exemplo... o que estava fazendo com os seus amigos na pista de skate hoje? Ou melhor, com a sua amiga? — o tom de voz dela já começara a mudar.

— Ela apareceu lá. Eu não fazia ideia de que tinha voltado de Londres. Desde quando terminamos, ela viajou pra lá. E então voltou do nada.

— Do nada? Tem certeza?

— Maria Clara, não começa. Eu não tive mais contato com ela desde então. Sério.

— Tudo bem, mas te ver incluía uma aula de skate? Você é professor, por acaso? Eu não sabia! — ela exclamou irônica.

— O que tem de mais? Eu não vejo problema algum, você vê?

— Mas é claro que sim!

— Não deveria! — rebati. — Você e Ansel são amigos até hoje, não vejo problema algum.

— Brandon, para de ser assim! — ela berrou. — Qual seu problema com o Ansel? Pro seu governo, eu nunca namorei o Ansel, nunca fui pra cama com o Ansel! Eu fui praticamente criada com ele! Quem não deveria ver problema algum é você!

— Ótimo, Maria Clara, ótimo! Só que, não é por que comi a Candice que ela e eu não podemos mais ser amigos!

— Ah, tudo bem! — ela deu de ombros, quase ficando vermelha de irritação. — Quero só que você preste bem atenção: quando nós dois terminarmos, eu não quero ser sua amiga.

— Ah, Deus! — cocei os cabelos, impaciente. — Para, Maria Clara! Você fica vendo coisa onde não tem! Ela só veio aqui, me viu e veio falar comigo, o mesmo aconteceu durante a tarde e só! Chega, tudo bem?

— Eu vi o jeito que ela olhou pra você. Candice parece ser insuportável! Você viu o que ela fez quando você me apresentou pra ela? “*Entendi o seu namoro*”. Entendeu o quê, porra?! Só por que você não usa a droga de uma aliança, quer dizer que não somos namorados de verdade?! Ela é invejosa, isso

sim! — Maria Clara agora andava de um lado para o outro falando alto e gesticulando as mãos no ar.

Dei graças a Deus de estarmos longe dos outros e da música estar alta, assim ninguém reparava no seu escândalo, nem em sua voz alta.

— Aliás... agora entendi por que não comprou uma aliança pra você também! Você não quer que nenhuma puta descubra que agora tem dona, é isso? Muito espertinho, Brandon, muito espertinho! Fique sabendo de que, se não arranjar a droga de um anel pra você, eu também vou andar sem o meu por aí, tudo bem? Nem responda, está tudo ótimo, é isso mesmo que eu vou fazer. Nunca vi isso... — não deixei nem que ela tomasse fôlego, então beijei seus lábios, segurando com força seu rosto e, com muita luta, ela se calou e começou a corresponder.

Dei selinhos seguidos em seus lábios, fazendo carinho em suas bochechas. Suas mãos estavam em cima das minhas e ela falava entre os meus lábios:

— Para de ficar me distraindo, eu estou discutindo com você, Brandon, preste atenção no que eu digo!

— Você é neurótica, Maria Clara, fica calma, ok?

Nada do que você disse é verdade! Sabe o que é verdade? — fitei seus olhos. — Que eu te amo como nunca consegui amar nenhuma garota, até mesmo Candice que foi minha primeira namorada. Eu amo você, Maria Clara, é com você que estou, você! — exclamei, em seguida mordi seu lábio com força, ela então fechou os olhos, depois os abriu e já estavam diferentes, já brilhavam com mais leveza. — Para de ser tão marrenta! Será que agora podemos ir pra casa? Hum? Seus pais permitiram, não foi?

Ela apenas mexeu a cabeça pra cima e pra baixo.

— Esquece tudo isso. Vamos?

— Vamos. — ela abriu um pequeno sorriso.

— Vou só avisar o Connor e a Sue, eles nos matam se voltarem e não nos virem aqui.

— Ei, não, não! Você passa pro carro! — ela exclamou. — Eu vou lá e aviso a eles. Ainda estou brava, se você der mais um passo para aquela direção onde está a loira-dada de sua ex-namorada eu corto seu amiguinho fora, Brandon!

Só consegui rir antes de fazer o que ela pediu.

Ligando o carro segundos depois, suspirei ao

PERIGOSAS ACHERON

bagunçar os cabelos, sentindo — infelizmente — a certeza de que aquela foi apenas uma das centenas de brigas que Maria Clara e eu iríamos ter por Candice Sullivan.

Eu estava fodido.

Você é o sorriso no meu rosto

*“Dê o seu coração e diga
que ‘Venha pegar’.”*

Sia

Maria Clara

— Onde você está indo? — perguntei surpresa ao perceber que estávamos indo em sentido contrário ao de sua casa.

— Vamos passar rapidinho em um lugar.

— Que lugar, Brad? É quase 1h! Temos aula amanhã!

— E quem disse que vou deixar você ir pra aula amanhã?

— Não, amor, temos que ir! Meu pai me mata se descobrir que dormi na sua casa sem avisar para ele e ainda perdi aula. Sem chances.

— Tudo bem, marrentinha, tudo bem! Estaremos em casa até às 2h, pode ser? Prometo! Nem que seja atrasados, mas iremos. Pode ser assim?

— Melhor. — falei.

O pequeno caminho até o tal lugar foi rápido, Brandon quase voava com o carro. Ele murmurou ao virar uma esquina:

— Deixe o celular e o calçado por aqui.

Avistei o mar logo quando ele avançou mais com

PERIGOSAS ACHERON

o carro e parou no acostamento do calçadão.

— Meu Deus, que lindo! — foi a primeira coisa que exclamei assim que ele abriu a porta para eu sair.

O céu estava totalmente estrelado, as ondas altas batendo e fazendo aquele barulho tão gostoso... E a areia então? Totalmente limpa. Meus pés comicharam para pisar nela.

— Vai ficar aí? — perguntou Brandon já do lado de fora.

Tirei meu calçado às pressas e deixei-o no carro junto com o celular. Assim que saí, Brad travou as portas. Corremos juntos até à areia que estava macia e gelada.

— Por que me trouxe aqui? — perguntei assim que paramos de correr e ele me abraçou, enquanto eu observava o mar agitado.

— Não gostou? — Brad mordeu meu ombro.

— Eu amei, só achei diferente. — virei-me de frente pra ele, dando um selinho em seus lábios.

Os braços de Brandon me apertaram na cintura quando iniciamos um beijo que se tornou quente e fez meu corpo todo tremer. Senti o amor de Brad

PERIGOSAS ACHERON

por mim apenas por estar ali, me beijando na areia da praia, de madrugada só por que... sei lá, por que achou que eu fosse gostar.

E nenhuma outra palavra foi dita depois disso. Deitamos na areia ouvindo o barulho do mar, enquanto ainda nos beijávamos, o vento soprava tão rápido e gelado, era maravilhoso estar ali.

As coisas foram acontecendo devagar e calmamente, quase que sincronizadas. Os beijos quentes se tornaram toques, tiradas de roupas e mãos por todos os lados.

Brandon deixou todas as nossas roupas abertas e eu me deitei por cima, não tendo tanto contato com a areia. Então ele colocou-se em cima de mim, dando mordidas em meu pescoço, dizendo besteiras em meus ouvidos e brincando com meus seios.

Eu sentia vontade dele, naquele instante, ali mesmo!

Senti mais frio na barriga ainda de pensar que qualquer pessoa que seja poderia aparecer, mesmo em uma madrugada no meio da semana. Acho que aquilo me excitou mais ainda.

— Estou tão nervoso quanto você. — disse ele.

— Quer mesmo fazer isso?

— Agora. — respondi fitando seus olhos claros brilhantes, onde continham tantas emoções, meu Deus, senti vontade de me afogar neles!

Sua mão fazendo carinho em minha nuca, me causava arrepios...

Com cuidado, Brandon desceu sua mão para minha barriga, em seguida chegou em minha virilha depilada e eu senti um arrepio, um frio na espinha, uma excitação sem tamanho.

Um de seus dedos chegou em minha vagina e deslizou para dentro. Meu coração só faltou sair pela boca!

— Cacete, você está muito molhada. — foi o que ele resmungou com o rosto enterrado em meu ombro.

— Você ainda causa esse efeito em mim, Brad. — respondi.

— E esse é o que você causa em mim. — rebateu ele antes de tomar meus lábios e os beijar e morder com força, enquanto deslizava mais um dedo dentro de mim, então, começou a me estimular.

Era estranho descrever o que eu estava sentindo,
PERIGOSAS ACHERON

era algo prazeroso, era... nossa, era muito, muito bom. Eu queria sentir aquilo mais vezes. Os dedos dele entravam e saiam de meu corpo, ora rodavam e rodavam e eu estremeci, senti os gemidos virem na garganta, mas os segurava nos dentes. Aquilo era tão novo que eu sentia vergonha de sequer gemer!

Beijei o ombro de Brandon com os olhos fechados, sentindo minha respiração falhar, minha adrenalina aumentar, meu Deus, eu precisava muito, muito me aliviar.

— Goze, Maria Clara, goze. — a voz de Brandon entrou pelos meus ouvidos e tomou conta do meu cérebro.

Meu corpo todo estava tremendo. Apertei meus olhos com força, arqueei costas mesmo com o peso de meu namorado em cima de mim, e então... Soltei um gemido muito alto, demasiado alto. Acho que foi ouvido na China!

Quando abri os olhos, vi Brandon observando cada detalhe do meu rosto com um sorriso nos lábios. O braço enorme me envolvendo, os cabelos dele voando...

— Você precisava muito ver seu rosto quando goza, Clara. — falou. Senti minhas bochechas quentes, eu estava morrendo de calor! — É tão excitante e provocador.

Puxei seu rosto para beijá-lo e fiz aquilo com a maior intensidade que consegui, sentindo seus dedos saindo de dentro de mim. Então, Brandon os levou até à boca, chupou um por vez, tão devagar e sensual.

Diabos! Aquilo era tão vulgar, era tão... tentador.

Brandon é, definitivamente o garoto mais sexy que conheço.

Os beijos por todo o meu corpo continuaram. Ele era todo carinhoso e quente, envolvia qualquer uma! Senti meu coração batendo rápido de novo, assim que ele se posicionou dentro de mim, estava deslizando para dentro quando segurei seus ombros:

— Brad! Espera, a camisinha!

— Percebeu que é sempre a mesma ladainha? — ele bufou.

— Você não trouxe?

— Não, claro que não. — respondia ele com o

PERIGOSAS ACHERON

rosto enterrado no meu pescoço. — Não achei que você estivesse mesmo pronta pra alguma coisa.

— E agora? — perguntei.

Os olhos dele encontraram os meus. Ele sorriu e disse o mais calmo que conseguiu:

— Sei que é horrível, mas eu não vou... gozar dentro.

Suspirei antes de murmurar:

— Tudo bem.

Seus movimentos foram lentos, mas gostosos o suficiente para fazer meu corpo todo tremer e implorar por ele. Nossa! Aquilo era diferente, era bom quando se fazia com amor, com paciência e com a pessoa certa.

Sim, Brandon era a pessoa certa pra mim, e eu não iria negar sexo a ele só por um trauma. Não ia! Era amor, era prazer, era quando nos tornávamos um só. Aquilo tinha que ser pra vida toda! Sem medo, só amor.

Sem conseguir me aguentar dessa vez, soltei lufadas de ar, apertando os ombros enormes dele, enquanto seu corpo se movia em cima do meu. Fiz carinho com meus calcanhares em suas pernas, tão

PERIGOSAS ACHERON

fortes e malhadas. Ele era tudo de bom!

Sorri ao sentir seus dedos procurando pelos meus e assim que encontraram, entrelaçou-os. Ele me protegia de todas as formas que conseguia. Era a coisa mais linda de sentir.

— Amor, não esquece. — lembrei-o quando os movimentos começaram a ficar mais rápidos, ele iria chegar a seu ápice em instantes. E eu também! — Não goza dentro.

— Está ensinando padre a rezar missa?

— Todos podem errar. — respondi antes de morder o lábio com força.

Meu corpo estava todo arrepiado, quente pelos movimentos, gelado pelo vento. O barulho do mar ainda era alto, tão tranquilo...

— Deus perdoa. — Brandon rebateu.

— É, Brad, Ele perdoa e nos manda um filho! — resmunguei.

Foi então que ele me soltou às pressas e saiu de cima de mim soltando um gemido rouco e longo.

Era música pros meus ouvidos. Me arrepiei toda.

— Já disse que te amo hoje? — perguntou meu

namorado assim que me sentei sobre nossas roupas.

— Pode dizer quantas vezes você quiser. — sorri quando ele mordeu o lóbulo da minha orelha.

— Eu te amo. — murmurou ele ao pé do meu ouvido.

Virei de frente para seu rosto e beijei sua bochecha com carinho.

Então nos levantamos no mesmo instante e, ao sacudir a areia das roupas, nos vestimos bem rápido.

— Agora são exatos... — Brad olhou em seu pulso. — 1h48. Então, temos mais 12 minutos.

— Brad, precisamos ir... — cocei a cabeça, sentindo meus cabelos todos bagunçados.

— Temos 12 minutos! — respondeu ele antes de me agarrar de surpresa pelas pernas e me jogar em cima do ombro, depois correu em direção ao mar.

Vi-me gritando para que ele me soltasse, em meio a risadas e murros em suas costas enormes. Só fechei os olhos com força quando me colocou dentro do mar e jogou água em direção ao meu corpo.

— Idiota! Não, Brandon! — gritei.

Ele por sua vez, só sabia rir. E eu estava feliz de vê-lo assim. Estava feliz de me ver assim também, quase dentro de uma história de livro romântico.

Férias de verão

*“O ontem é história, o amanhã é um
mistério, mas o hoje é uma dádiva.
Por isso que se chama presente.”*

A. A. Milne

Outubro de 2008

Maria Clara

Mais um capítulo da minha vida se passou e eu só consegui guardar os momentos que foram muito bem vividos.

O mês de Junho se finalizou com as temíveis provas que consegui, a muito custo, passar. Sem contar que tínhamos que olhar para a cara de Tyler. Ele estava no terceiro ano, precisava passar. Mas, achei muito difícil isso acontecer.

Em Thompson High continuou a mesma fofoquice falsa. Mas, estávamos lá todos os dias tentando ignorar quem falasse do “triângulo amoroso”.

Felizmente, nos aproximamos de Lauren e Dexter durante as férias de verão. Era a primeira que eu passava namorando, tinha que aturar Brandon em minha casa, e ele me aturava na dele. Nossos amigos, falantes e inquietos, queriam sair toda a semana para um lugar diferente.

Fomos de boates fajutas até à praia. De pizzas em casa até a apresentações de Stand Up Comedy,

coisa que eu realmente amo!

Meus pais ainda estavam em casa. Durante o mês todo não viajaram, queriam conhecer Elizabeth e Jeremy. Brandon prometeu que marcaria um jantar para todos em sua casa, mas se esquecia sempre.

As aulas voltaram, Agosto prometia muitos trabalhos e projetos escolares e foi onde nos focamos. Que saudades das férias! Dexter e Lauren não se desgrudavam de nós desde então. E, claro, já não se desgrudavam um do outro. Eram amigos há tanto tempo, mas agora se beijavam também.

Eles eram uma figura!

O tempo ia passando, fazendo com que, cada vez mais, me esquecesse de Tyler e de tudo o que aconteceu. Passei a superar, a não ter mais medo, a dormir sem ter pesadelos com ele, sem pegar nenhum objeto cortante para fazer qualquer coisa que seja.

Ele continuava a estudar em Thompson High, voltara sem o nariz quebrado, sem nenhum arranhão. Mas, claro, sem olhar na cara de Brandon por nada! Muitos diziam que tinha medo de Brandon, o que eu discordava. Só Deus sabe o que

se passava na cabeça daquele doente!

Que agora, aliás, só se via nas festas por aí com aquela garota, a ex de Brandon, a tal de Candice Sullivan que, apesar de estar cursando o primeiro ano em outro colégio, era mais falada dentro de Thompson High do que qualquer outro aluno que estudava lá.

Em Setembro teve um campeonato de futebol no colégio, era como um interclasses. E não foi só Brandon que ficou empolgado e confiante, os outros garotos também. Não só por ser um evento que alegrava todo o colégio, mas também por que nosso ano disputou com o terceiro, o de Tyler, claro.

Brandon só faltava rasgar o rosto com o sorriso que ficou em seus lábios durante todo o dia. E olha que não era o campeonato oficial, esse seria só no ano seguinte.

Eu também fui ao médico com a minha mãe no mesmo mês e me alegrei com a ideia de tomar injeções de anticoncepcional. Isso ajudou muito Brandon e eu, que não poderíamos dormir uma noite se quer juntos, que algo sempre acontecia...

Outubro chegou a todo vapor com o grêmio estudantil, divulgando e organizando a tão esperada festa de Halloween no fim do mês. Não havia nenhum aluno desanimado com aquela festa. No mesmo dia seria o aniversário de Lauren, ela nos prometeu que iríamos todos! Seu aniversário seria comemorado lá.

O próximo aniversário que estávamos organizando, era de ninguém menos do que Campbell. Faltava apenas um mês para seu aniversário de 18 anos e ele só faltava gritar de felicidade. Com a minha ajuda, claro, Elizabeth aceitou que uma festa acontecesse em sua casa e já estávamos comprando e fechando tudo que precisava para isso.

Enfim, organizei também o jantar das nossas famílias e... então, ali estávamos todos na copa da casa de Brandon ouvindo minha sogra conversar com Claudiana sobre como foi novo os filhos delas arranjam um namoro, sendo que um só sabia de farra e a outra só dos estudos e amigos. Enquanto Jeremy e Logan conversavam de como o time de futebol que os dois torciam a favor estava tão ruim

naquela temporada que... realmente, eu não entendia nada!

Brandon brincava com Julian e Molly ajudando-os a comer a sobremesa. Aqueles dois pequenos só queriam brincar e rir, deixando Erin maluca! Angelick veio também ajudar no banquete e se enturmou com Belinda, governanta de meu namorado, logo de cara.

Agora, falando a verdade: tenho ou não uma vida maravilhosa?

Deus sabe o que faz em todos os momentos de nossa vida, dando os momentos ruins para vermos que nem tudo é um mar de rosas, mas em seguida nos recompensa com coisas tão boas, como um simples jantar em família, amigos bagunceiros que sempre estavam comigo para me fazer rir ou até chorar. Nos dá o amor que necessitamos através de — no meu caso — um namorado lindo, tão inteligente e prestativo.

Brandon não era o cara mais perfeito do mundo, mas era perfeito para a minha vida atual e que, há dez meses eu não sonhava ter, de jeito nenhum.

É, Deus sabe realmente o que faz.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Festa de Halloween

*“Quando amamos, sempre tentamos
nos tornar melhores do que somos.
Quando nos esforçamos para nos tornar
melhores do que somos, tudo o que nos
cerca também se torna melhor.”*

Paulo Coelho

Maria Clara

O outono já havia chegado e o frio nem tanto, mas naquela noite, mais escura do que o habitual, ventava bastante. Claro, era Halloween. Como eu amo essa época!

Sorri ao entrar no ginásio do nosso colégio junto de meus amigos. A decoração havia ficado simplesmente foda! Tudo em vermelho, preto e tons de laranja. Teias de aranha, máscaras de pânico e monstros por todos os lados, bonecos, cartazes com frases de filmes de Terror, fumaça, luzes... Era realmente assustador! O que deixava tudo mais legal.

Durante toda a minha vida o meu Halloween foi sempre divertidíssimo, claro. Indo atrás de doces ou travessuras nas casas da vizinhança com amigos era mais do que engraçado. E, agora, tenho a chance de participar da festa de Halloween do Ensino Médio de Thompson High. Tinha coisa melhor?

O ginásio era enorme, mas, naquela noite estava bem, bem pequeno. Isso por que estava lotado! A

música estava alta e todos dançavam com suas fantasias, uma mais chamativa e criativa do que a outra.

— Ai, Deus! Obrigada por hoje! — Susan ergueu os braços enquanto balançava os quadris. — Vem, gente, vamos dançar! — pediu, nos fazendo rir.

No fundo, todos estavam tão elétricos quanto ela. E, em minutos, as garotas e eu começamos a dançar no meio da multidão ao som de “Give Me Everything” de Pitbull e Ne-yo, todas vestidas com suas devidas fantasias: Melanie de enfermeira ensanguentada, Susan de professora assassina, Lauren de bruxa e eu de vampira.

Brandon

A festa havia começado há poucos minutos e a maioria dos alunos já estavam lá.

Ao deixarmos as garotas já lá dentro do ginásio, Connor, Ansel e eu saímos para o estacionamento que estava vazio, apenas poucos carros. A rua estava escura e silenciosa. Exceto por Dexter ter parado do outro lado da rua, perto de um carro prata de Caleb Carter que estava com ele, primo de Tyler e o maior maconheiro de Thompson High.

Dexter pegava com ele um baseado logo quando chegamos. Caleb sorriu assim que nos viu e deu um baseado para cada um de nós, então começou a dizer:

— Já entrei lá dentro e dei uma olhada... cara, não posso dormir hoje sem comer uma. — vestido apenas como ele mesmo, Caleb trouxe assim que terminou de falar.

— Tem tantas lá dentro, só escolher. — Connor resmungou.

— Tantas pode até ter, só não sei se tem alguma

que vai querer ir pra cama com você, Caleb. — brincou Dexter fazendo os garotos rirem, menos Caleb, que mostrou o dedo do meio para ele.

— Use a mão. — sugeri dando de ombros, então traguei meu cigarro.

Ah, maravilha! Fazia tanto tempo que eu não usava. E, ao experimentar de novo, era quase como a primeira vez. Uma sensação nova e boa.

— Calem a boca! — Caleb reclamou. — Estou dizendo que vou dormir com uma, então eu irei, por bem ou por mal!

— Está aprendendo isso com seu primo, Carter? — perguntou Ansel. — Talvez essa babaquice seja de família.

Engoli a seco ouvindo a conversa.

— Me respeita, Collins! — Caleb se alterou. — Estou brincando, cara!

Dexter me serviu de um pouco de vodca.

— De brincadeira em brincadeira, as coisas vão rolando, Carter, cuidado. — comentou Connor.

Observei Ansel que dava uma tragada em seu cigarro e, assim que soltou a fumaça para cima, fixou seu olhar atrás de mim. Assim que bebi a

PERIGOSAS ACHERON

vodka em apenas um gole, segui seu olhar, foi quando ele disse:

— E falando no diabo, ele vendo correndo.

Lá vinha Tyler Carter vestido apenas de Tyler, junto de Candice Sullivan que estava com uma fantasia de... vampira. Ri de imediato, não sei se foi de nervoso ou desgosto.

Eles estavam juntos há quase dois meses, mas era muito, muito difícil acreditar. Não sabia o que eles tinham na cabeça.

— Campbell! — foi o que Candice exclamou assim que se aproximaram, ela praticamente se jogou em cima de mim, seus braços envolveram meu pescoço com carinho. — Bom te ver aqui!

— É, eu estudo aqui. — apontei para o prédio do colégio assim que tirei-a de meus braços. — Como vai conseguir entrar? — perguntei.

— Eu tenho amigos aqui... então dei um jeito.

Revirei os olhos antes de tragar mais uma vez.

— Se você dorme com ele, pode ter certeza que vocês são mais que amigos. — comentou Caleb, fazendo Candice jogar um olhar irritado pra cima dele.

Tyler riu do que o primo falou, então pediu a Dexter um gole de bebida e também um cigarro. Assim, meu amigo fez, comentando algo com ele que eu não prestei atenção, os dois começaram a rir e conversar.

Eu sentia náuseas só de ouvir a voz dele, a sua presença me irritava.

— Eu tenho uma pergunta. — Dex começou. — O que houve?

— O que houve o quê? — Connor perguntou.

— Sobre o assunto anterior, tipo: comer uma, por bem ou por mal, coisa de família... — disse Dex.

— Assunto longo, depois explico, cara. — Ansel tragou seu baseado mais uma vez.

— Tudo bem. E quem é Carter? Fora o maconheiro aqui ao meu lado. — Dex se referiu ao Caleb.

— Tyler Carter, em carne e osso. Prazer! — disse o merda sorrindo com seu copo na mão.

— Nem se mistura, Dex.

— Sai fora, Campbell. — Tyler me olhou sério, os olhos duros e raivosos.

Oh, maldita inveja!

— Tira meu nome dessa porra que você chama de boca antes que eu tenha que tirar no murro! — reclamei.

O bosta apenas riu, antes de dizer:

— Você sempre fica puto assim, só porque eu pego as suas namoradas e tenho seus amigos como meus amigos, não é?

— Eles. — apontei para os garotos. — Sabem exatamente o que faz. Agora, com relação a Candice... — entortei os cantos da boca. — Pega. Aliás, pega a ponta do meu baseado também. — joguei a mesma em sua direção.

Risadas foram dadas ao meu redor, causando mais raiva em Tyler. Já Candice, me olhava com um olhar triste. Olhei pra ela e admiti:

— É isso que se recebe quando se anda com gente desse tipo.

Candice não abriu mais a boca.

— Eu vou buscar algo pra comer lá dentro por que viver de maconha e álcool não dá certo! — Ansel afirmou antes de sair andando.

O silêncio tomou conta da rua enquanto eu

PERIGOSAS ACHERON

tomava vodca, quando ouvi a voz de Tyler mais uma vez. Que, claro, abriu a boca pra falar merda como sempre:

— E a Clarinha, continua aquele espetáculo na cama?

Só Deus tinha ideia do quanto eu o odiava. Todas as minhas células tremiam de ódio dele.

— Eu já quebrei a sua cara uma vez, não vejo problema em quebrar de novo.

— Pagar de herói para garotinhas indefesas na frente de todo o colégio sempre foi seu sonho, não é, Campbell? — Tyler tombou a cabeça me olhando debochado, com Candice quieta agarrada a seu braço.

— Melhor isso do que esse lixo de pessoa que você diz que é. Babaca! — berrei, então, suspirei, não iria perder a cabeça e acabar com a noite por conta dele, não mesmo. — E, bom, Maria Clara continua simplesmente maravilhosa na cama. Geme meu nome, goza por mim que é uma loucura! — vibrei, amando sentir a inveja pingar de seus olhos bem à minha frente, junto da raiva que ele tinha por mim. — Vou lá cuidar do que é meu. Ou melhor,

minha. — finalizei meu segundo copo de vodca e então saí.

— Manda um beijo pra aquela linda, eu estou morrendo de saudades! — berrou Tyler.

Senti o sangue vindo pra cabeça. Tava difícil não fazer nada. Puta merda! Respirei fundo antes de me virar mais uma vez. Apertei meu saco.

— Lembra sua mãe de estar pronta no mesmo horário de sempre.

O vi calado, irritado, derrotado, antes de sorrir e voltar para o colégio, até o ginásio à procura de Maria Clara.

Tentando controlar minha respiração por conta da raiva, eu observava por todos os lados onde ela poderia estar. Quase explodi ao vê-la dançando... nos braços de outro? Semicerrei os olhos para ter certeza se era mesmo ela.

Meu Deus, será possível? Duas doses de ciúme e raiva em uma mesma noite não dá. Não tem nenhum santo humano que aguento! E eu não iria aguentar!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Minutos longos se passaram e nada de Brandon voltar. Dançamos dezenas de músicas. Susan havia arranjado até ponche para tomarmos. E, claro, nada dos garotos!

Sabendo que eles foram buscar bebidas do lado de fora eu fui atrás, sozinha, então logo perto da porta de entrada, me encontrei com Ansel que voltava esfregando os cabelos.

— Ansel? — o olhei. — Sabe onde está Campbell?

— Lá fora ainda. — ele parou em minha frente para dizer. — Discutindo com o Carter.

— O quê? — franzi a testa. — De novo? Por quê?

Ansel deu de ombros antes de dizer.

— Ciúmes. — por fim Ansel foi para o ginásio.

Abri a porta do colégio e dali mesmo consegui ver os garotos do outro lado da rua fumando e bebendo, junto deles estavam Tyler e... Candice? Em instantes entendi o que estava acontecendo.

Ótimo, Brandon, meus parabéns pra você!

Revirei os olhos antes de fechar a porta e voltar irritada e às pressas para o ginásio.

Como Brandon pode ser tão tonto? Deixar-me sozinha na festa dizendo que vai beber e então... nossa, vê Tyler com a ex e está dando show de ciúmes? Por que não se lembra de que tem namorada e de que precisa voltar para ela? De que precisa parar de fumar na porta do colégio e deixar de ser tão babaca?

Sem querer e sem enxergar, trombei com alguém e quase caí dos saltos.

— Oh, perdão, não vi você. — o garoto respondeu.

— Eu que não vi você, perdão. Sou desastrada! — comentei.

— E essa desastrada tem nome?

Quem faz uma pergunta dessas? Quem naquela droga de colégio não sabe meu nome?

Olhei enfim para o garoto à minha frente que estava fantasiado de bruxo. O chapéu enorme em sua cabeça ainda deixava fios de seus cabelos loiros à mostra e seus olhos azuis chamavam muito a

PERIGOSAS ACHERON

atenção.

— Maria Clara... e o seu?

— Landon Simpson. — ele estendeu a mão, então eu a apertei sorrindo.

— Estava indo para algum lugar? — perguntei, ouvindo o início de “Firework” de Katy Perry tocar. — Estou precisando de companhia para uma dança!

Foi tudo para que ele concordasse e fosse comigo até o ginásio dançar ao som de Katy Perry, enquanto conversávamos com os rostos próximos para conseguirmos nos ouvir e nos distrair.

Não sou obrigada a aturar meu namorado com crise de ciúmes pela ex ficar esperando sua boa vontade de vir me fazer companhia.

Descobri que o tal Landon além de ser cheiroso era surfista, estava em seu primeiro ano em Thompson High e que também tinha 16 anos de idade. Tudo isso em... cinco minutos?

E foram poucos, antes de sentir mãos enormes e fortes me puxando para longe dele. Pelas luzes e fumaça eu também não sabia quem era, até sairmos do ginásio e eu conseguir vê-lo.

— Droga, Brandon! O que diabos deu em você?
— gritei enquanto ele passava pelo corredor escuro e ia até à última sala de aula, que estava aberta e vazia.

— Cala a boca! — berrou ele, então percebi o quão enraivecido estava. Que merda! O que ele tem?! Eu quase caía dos saltos por ele estar me puxando com tanta força. Entramos na sala e ele bateu a porta.

Brandon

— Caralho, o que te deu? Está ficando louco? — berrou Maria Clara.

— O que me deu? Eu estou te procurando há tempos e quando te vejo, o que você está fazendo? Simples! Se esfregando igual uma vadia em outro macho. Acha mesmo que o louco aqui sou eu?

— Você morde sua língua para me chamar de vadia! Eu não sou sua ex—namorada, que por sinal, vocês deveriam estar no maior amor lá fora. — Maria Clara respondeu tão brava quanto eu.

— No maior amor? Pelo amor, Maria Clara! Eu estava lá com os caras, ela apareceu e ficou por lá!

— Ah, Deus, sempre assim! — ela revirou os olhos. — Hoje ela veio com o Carter e você resolveu se doer de ciúmes, não é? Queria fazer um segundo round, só que dessa vez o motivo não seria eu.

Engoli a seco.

— De onde tirou isso?!

— As notícias voam! — exclamou ela, foi então

que me lembrei.

— Collins! — rugi entre dentes. Depois continuei: — Candice não tem nada haver, eu odeio aquele cara e você sabe muito bem disso!

— Agora talvez odeie mais por saber que ele come sua queridinha ex. — rebateu ela.

— Cala a boca! — berrei perdendo a paciência. — Estamos falando de você!

— E eu de você, Brandon! Você me deixou para ficar com seus amiguinhos do lado de fora junto do seu inimigo e sua ex namoradinha “barra” amiga que tanto deseja, para fumar e beber. Você acha mesmo que eu vou ficar sozinha esperando sua boa vontade? Para, Brandon!

— As garotas estão aí!

— Foda-se as garotas! Eu também posso ter amigos homens e não vejo problema algum em conversar ou dançar com eles. Ou não posso?

— Não! — berrei. — Pra pagar de solteira de gracinha com eles por aí você não pode! Eu não nasci pra ser corno, Maria Clara.

— Nossa! — ela exclamou, então riu surpresa. — Você está tão desconfiado assim, Brandon

PERIGOSAS ACHERON

Campbell? É só saber do seu lugar, tomar conta do que é seu enquanto é tempo!

Meus dentes só faltavam quebrar de tanto que eu os apertava. Maria Clara era impossível! Completamente impossível, puta que pariu!

— Tem tantos querendo, Campbell, tantos... — ela sorriu. — Você não faz ideia. — provocou.

— Sério? — perguntei com os olhos semicerrados.

Ela não ia me fazer perder a linha. Não hoje.

Molhei os lábios e encostei meu corpo na mesa do professor. Ao ajeitar os cabelos com a mão, admiti:

— Sabe que da minha parte também? — fiz uma pausa. — Sabe como é, direitos iguais. Você pode, eu posso.

Aquilo a desarmou por completo. O olhar sapeca e provocador deu lugar a um com raiva e irritado. Maria Clara ficou me olhando séria, os punhos cerrados, ela estava imóvel. Calmamente, me levantei da mesa e ajeitei minha blusa, passei a mão nos cabelos mais uma vez e então fui em direção à porta.

Maria Clara percebeu e foi mais rápida que eu, correndo em direção à porta, então ficou em frente a esta, impedindo a passagem. Corri com ela e cheguei no mesmo instante. Ela estava de costas quando coloquei uma mão minha de cada lado de seu corpo. Devagar ela se virou de frente pra mim e abriu um sorriso cínico.

Os seus seios só faltavam saltar daquele corpete que usava, os lábios enormes com aquele batom me fez derreter as pernas, me perdi todo em seu olhar e em seu cheiro embriagador.

— Tenta, Brandon, só tenta! — falou ela antes que eu a beijasse com força, fazendo-a me agarrar pelo pescoço, segurando meus cabelos em seguida e os puxando.

Eu era completamente louco por aquela mulher. Pela minha mulher.

Perdidamente perdidos

*“Aceite que viver no momento
presente, com seus desejos atuais, é
a melhor e mais elevada atitude
que você pode ter.”*

Deepak Chopra

Maria Clara

Brandon era o único que conseguia me deixar com ciúmes, raiva, estressada, louca, excitada e perdidamente perdida. Eu não tinha controle sobre mim, meu corpo só sabia desejá-lo, tê-lo... Meu coração quase rasgava meu corpo de tanto bombear sangue sem controle quando eu estava com ele.

Tirei sua capa e sua regata, jogando-as no chão e ele mesmo tirou com certa rapidez seus tênis, ficando apenas de meias. Pulei em seu colo, enrolando minhas pernas em sua cintura, sentindo o volume do irresistível pênis dele. Brandon me colocou sentada em cima da mesa dos professores, tirou primeiro minha capa e começou a dar chupões ardidos e prazerosos no meu pescoço, enquanto eu fazia carinho em seus cabelos.

Aquela tensão toda de discussão e raiva que estava há poucos minutos sumiu tão rápido que até me assustei. Eu só precisava dele, sendo meu e pertencendo a mim, pra sempre.

Brad passou suas mãos por minhas pernas e logo

tirou meus saltos, jogando-os no chão de madeira fazendo um pequeno estrondo, mas não ligamos.

Enquanto eu mordiscava seu lábio, procurou por poucos segundos o zíper do meu corpete. Quando o achou, puxou-o com tanta força que achei que fosse quebrar! Com um jeitinho, ele conseguiu se livrar do corpete e da meia calça, deixando-me só de calcinha e jogando tudo no chão.

Em seguida desabotoei a calça dele, deixando-a cair e, com os pés, ele se livrou de mesma, junto com sua cueca boxer roxa. Ao olhar seu sexo, eu só sorri.

Brad ficou em pé, eu me ajoelhei em sua frente, o olhei e ele estava com aquele típico sorriso vagabundo e perfeitamente lindo e, ao sentir minha boca em seu corpo, comprimiu os lábios.

Por alguns segundos, chupei seu pênis, passando minha língua e dentes devagar no mesmo e ouvi os gemidos maravilhosos dele e ao perceber a hora, o senti gozar. Passando a mão no canto da boca, me levantei em seguida e Brad olhou pra mim do jeito mais safado e irresistível de todos.

Ele me pegou no colo, colocando-me novamente

em cima da mesa. Com os dentes cravados no fio dental da calcinha, ele tirou-a. Sorri por achar aquilo sexy.

Senti seus dedos devagar invadirem minha intimidade, eu me contorcia em cima da mesa tentando fazer o menos barulho possível e depois de um tempo longo, gozei. Impressionei-me ao ver Brad indo de boca em direção à minha vagina e sugá-la, passando sua língua nos lugares em que ele sabia que eu sentia prazer e, dessa vez eu gemi, ou melhor, gritei porque não me consegui controlar. A sensação era gostosa e inexplicável! Respirei fundo e gozei de novo.

Ao terminar, Brad se levanta olhando pra mim, deitada em cima da mesa e com a respiração rápida. Sorri ao me levantar e puxei-o para mais perto de mim, beijando seu pescoço quente e cheiroso. Senti seu sexo em minha vagina e fiquei espantada comigo mesma por sentir que não acabou, e que eu precisava de mais.

Dessa vez, me levantei e abracei Brad pelo pescoço, enquanto ele envolvia seus braços em minha cintura. Beijamos por mais minutos,

enquanto eu puxava seu cabelo. Ele estava com suas mãos posicionadas em minha bunda.

Então, depois de meses resolvi insistir naquela curiosidade que me corroia toda vez que transávamos:

— Não vai mesmo me contar a sua fantasia sexual? — perguntei entre um beijo e outro, ele me olhou. — Por favor... — pedi e ele começou a beijar meu pescoço e minha orelha, deixando—me totalmente arrepiada.

— Fica de quatro. — ouvi a voz rouca dele pedindo-me isso no ouvido e mordi os lábios ao sentir meu coração acelerar.

Brandon riu por ver meus olhos esbugalhados olhando seu rosto e apenas fez carinho em meus cabelos, antes de virar meu corpo para colar seu peito musculoso em minhas costas.

— Não é nada disso que está pensando. — sussurrou ele em meu ouvido. — Não vou fazer nada que não queira.

E com força, ele segurou minha nuca e abaixou meu corpo para que eu sentisse a madeira gelada da mesa em meus seios e deixasse meu traseiro bem

empinado em sua direção. Segurei nas laterais da mesa prendendo a respiração.

O que foi que deu nele?

Senti um tapa forte em uma de minhas nádegas e só apertei os olhos fechados, por simples reflexo, sentindo meu corpo reagir àquele ato. Bom, quase não consegui respirar quando a cabeça de seu pênis deslizou para dentro de mim do jeito tradicional.

Brandon encaixou perfeitamente nossos corpos e, depois de segurar minha cintura com suas mãos, fazia movimento de vai e vem devagar só entrando poucos centímetros.

Apreciei os movimentos dele sentindo o suor que escorria de meu cabelo, à medida que a velocidade aumentava.

Aquilo durou minutos longos, gostosos, intermináveis. Eu estive com os olhos fechados a maior parte do tempo sentindo seu corpo completar o meu enquanto seus dedos deixavam marcas em minha bunda com tapas aleatórios.

Foi então que Brandon tirou seu pênis de dentro mim e gozou. Senti o líquido quente molhar minhas pernas e respirei fundo descendo minha mão para

meu sexo e, antes que eu pudesse se quer me tocar, os dedos de Brad me penetraram.

O susto e o prazer foram imediatos! Não demorou muito para que eu chegasse ao meu ápice.

Caramba! Como pode ser tão gostoso, só por simplesmente estarmos em um local proibido e inapropriado?

Ao levantar meu corpo com cuidado, me virei e olhei Brandon, que beijou meus lábios e mordeu minha língua de um jeito calmo, carinhoso e feliz. Eu ainda tinha minha respiração rápida, o coração quase parando de nervoso.

O que acabou de acontecer, caramba?! Meu cérebro estava simplesmente a mil!

— Fantasia realizada. — começou ele de novo, levantando minhas pernas para que eu pudesse sentar em cima da mesa. Fiz isso sem reclamar. — Você não faz ideia do tanto que sonhei em transar com você aqui, nessa mesa. Ah, pobre Ric! Que ele me perdoe por fazer de sua mesa um motel. — soltei uma risada por seus comentários. — Desde o primeiro dia, Maria Clara, quando eu te vi olhando intensamente pra mim naquela aula do Ric que

chegamos atrasados... Eu te imaginava assim. — ele se afastou e me olhou de cima a baixo, minhas bochechas queimaram no mesmo instante. — Você é incrível. — finalizou Brad antes de voar em cima de mim para mais um beijo, sorrindo enquanto suas mãos massageava meus seios para que voltássemos com os batimentos cardíacos ao normal.

Enfim, sorrimos de olhos fechados. E aquele foi um dos melhores momentos que tivemos juntos.

Quando nos tocamos, nos vestimos o mais rápido que conseguimos e voltamos para a festa como se nada tivesse acontecido. Dançamos no meio da multidão, as risadas eram leves e naturais. Eu me sentia acabada e olha que a noite ainda não estava no fim. Mas me sentia a mulher mais feliz do mundo!

— Onde vocês estavam caralho?! — berrou Sue assim que nos viu. Todos os outros estavam com ela. — Sumiram por uma hora!

— Por aí. — Brad respondeu pegando o ponche de Connor e bebendo.

Fiz o mesmo com o de Melanie que dançava com

PERIGOSAS ACHERON

Ansel.

— O que acham de cantarem parabéns pra mim no estacionamento com muito bolo e vodca, hum? — perguntou Lauren.

— Se vocês se comportarem enquanto pegamos o bolo, tudo bem. — Connor disse.

Concordamos de imediato.

— Eu já volto. — Brandon disse pausadamente em meu ouvido antes de dar um beijo em meu pescoço e me olhar. — Nada de gracinhas por aí, Maria Clara. Me espere aqui, parada! Ouviu bem? — perguntou ele. Como não respondi de imediato, ele me deu um tapa forte na bunda. Estremeci. — Ouviu?

— Ouvi, meu amor. — segurei em seu rosto dando um selinho em seus lábios.

Então, com aquele cabelo pós—sexo dele, sorriu safado e saiu com os amigos, atrás do bolo de Lauren que havíamos deixado na casa de Connor e Sue que era a mais perto do colégio.

— Se lembram daquela nossa conversa de alguns meses atrás? — puxei Sue e Mel para que pudessem ouvir o que eu estava dizendo.

— Que conversa?

— Sobre sexo! Onde comemos pizza... No mesmo fim de semana do acidente com o Tyler... — não consegui dizer mais nada.

— Sim, sim, lembro! — Mel se apressou. — O que tem?

— Talvez agora eu tenha o que responder sobre lugares inusitados de onde já rolou.

— Ah, sério? Qual? — Sue bebeu do seu ponche antes de prestar atenção de novo.

Por fim eu disse:

— Em cima da mesa do professor Ric, é um lugar inusitado?

As duas me olharam com os olhos arregalados, a boca aberta e então soltaram gargalhadas. Não sei se foi por que era realmente engraçado, ou se já haviam bebido ponches batizados por aí. Eu só ri junto, sem acreditar em minhas próprias palavras.

Feliz aniversário, Brandon!

*“A cada manhã, nascemos de
novo. O que fazemos hoje é o
que mais importa.”*

Buda

Brandon

— Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!

Esfreguei meus olhos antes de abri-los e vi Elizabeth junto de Maria Clara se aproximando de minha cama, já dentro de meu quarto. Sentei-me soltando um bocejo.

— Acorda, doçura! — minha mãe exclamou com uma bandeja de café da manhã em mãos. Com cuidado, colocou-a em cima da cama.

— Bom dia pra vocês também! — falei ao me espreguiçar.

— Bom dia aniversariante. — Maria Clara segurou meu rosto e depositou um beijo em meus lábios. — Trouxemos café da manhã pra você. Esse é o meu presente número 1.

— Quantos presentes vou ter?

— Espero que muitos. — respondeu minha namorada.

— Seu pai passou aqui pela manhã, não quis te acordar, mas deixou seu presente comigo. — comentou minha mãe.

— Que presente? — arregalei os olhos.

— Dá pra esperar?! — ela se aproximou de meu rosto e o segurou nas mãos.

Fitou meus olhos com carinho antes de começar a dizer:

— Sempre sonhei com esse dia, você se tornando o homem que sempre quis que se tornasse. Eu me orgulho de você e te amo. — abri um sorriso. — Esse aqui é meu presente, que serve também para a Maria Clara. Abram depois. Esse aqui é o do seu pai. — ela me entregou um envelope vermelho largo e uma caixa que estava em cima da bandeja. — Agora vou deixar vocês sozinhos, vou fazer as unhas e passar o dia com umas amigas do trabalho, depois dormir na casa de uma delas para que vocês se divirtam à noite. Só quero ter minha casa inteira de volta amanhã, pode ser? Tomem cuidado.

— Fique despreocupada, mãe. — falei, dando-lhe um abraço apertado. — Eu amo você!

Elizabeth sorriu e me abraçou mais uma vez antes

de sair do quarto.

— Meu Deus, abre esse presente! — Maria Clara se sentou ao meu lado.

Peguei a caixa que era de meu pai.

— Não! O envelope! — pediu ela.

— Quero saber o do meu pai antes.

— O do seu pai eu já sei, quero saber o da sua mãe por que me inclui. — reclamou ela.

— Mercenária! Espera!

Desfiz o laço da caixa, então a abri e encontrei uma chave de carro lá dentro.

— Ah, meu Deus! — gritei. — Ele tá falando sério? — examinei a chave, em um pulo saí da cama, olhei da janela do meu quarto que dava para o jardim de entrada e, no acostamento estava um Camaro preto estacionado. — Não, não, não! Meu Deus!

— É lindo, não é? — Maria Clara soltou uma risadinha.

— É maravilhoso, Maria Clara! Cacete é um Camaro! Como não amar o meu pai? Preciso ligar pra ele! — atropelei as palavras.

— Não, por favor, ligue depois! Abra o presente da sua mãe! — implorou ela.

Caminhei até à cama, mas não consegui sentar, voltei para a janela e namorei meu carro novo por mais alguns segundos, então caminhei até à cama e me sentei. Suspirei, pegando o envelope vermelho.

Ao abri-lo, vi uma carta enorme escrita à mão e... quatro passagens para Londres?

— Gente! O que está acontecendo com a minha família?

— Por quê? — Maria Clara arregalou os olhos apreensiva. — Anda, Brandon!

— São duas passagens de ida e duas de volta para Londres, Maria Clara. Vamos passar o Natal em Londres esse ano.

— O QUÊ? — ela berrou. — Como assim? Ahh!!! — e então gritou voando em meu pescoço. — Não acredito! Londres! Nossa, eu vou conhecer Londres?! — pulava ela na cama.

— É lindo lá. — informei.

— Você já foi?

— Fui, é ótimo lá e deve ser ainda mais nessa época do ano.

— Ah, meu Deus!!!! Eu vou sair do país!!!! —
berrava ela enchendo-me de beijos.

Abri um sorriso. Maria Clara havia ficado mesmo empolgada.

Deixei o envelope na cama e segurei seu rosto para dar-lhe um beijo. Foi calmo, lento e molhado. Em instantes, fizemos amor ali mesmo na cama bagunçada, cheia de presentes e com a bandeja de café da manhã.

Com os cabelos bagunçados, o peito ofegante e um sorriso feliz e esperançoso no rosto, Maria Clara mordeu o lábio, depois fez carinho em meu peito nu dizendo:

— Presente número 2. Feliz aniversário, Brandon!

O dia parecia passar mais rápido do que eu imaginei. Depois de tomar café na cama com beijos felizes, Maria Clara e eu descemos para a sala. Estava começando a ser arrumada por Belinda e Angelick que veio ajudar. Ajudamos no que podíamos e liguei para o DJ para confirmar o

horário que ele iria vir.

Liguei para meus amigos para que eles não esquecessem o que eu havia pedido a semana toda. Liguei para minha mãe que já havia saído, para agradecer ao presente. Liguei ao meu pai também, claro, pelo mesmo motivo. Ele ficou alegre por me ver feliz. As crianças também falaram comigo, depois foi a vez de Erin.

Após escolher minha roupa para usar à noite, aqui estávamos minha namorada e eu comendo Yakssoba em um restaurante em Los Angeles. O que ela mais sabia dizer era o que iria levar para a viagem, o que iria fazer e quem poderíamos chamar para ir conosco. Maria Clara estava mesmo muito feliz para sair do país, só não havia lembrado dos pais dela, que precisavam dar permissão. E tenho quase certeza de que eles nem sonhavam sobre esse presente.

— Adivinha quem vai pagar a conta hoje? —
Maria Clara sorriu assim que tirou um cartão de crédito da bolsa.

— Eu, lógico. — respondi.

— Errou! Eu irei. — ela chamou o garçom.

— Não vai, não! O homem aqui sou eu, então eu que pago.

— Ei, acorda! Estamos no século XXI. Mulher também paga contas.

— Só não a minha.

— Haha. — ela riu irônica. — É meu presente número 3.

— Chega de presentes, Maria Clara! — falei. — Você me deu um café da manhã e ainda um sexo maravilhoso logo quando acordei, fora que ainda tem a festa mais tarde.

— Isso, grita mais! O restaurante todo ainda não ouviu o que te dei hoje de manhã. — ela revirou os olhos impaciente, foi quando o garçom chegou.

Tirei meu cartão da carteira, mas já era tarde, ela já pagava a conta.

— Maria Clara, não! — resmunguei com as mãos na testa.

— Cale a boca, Campbell. — resmungava ela pegando o comprovante de pagamento, logo sorriu ao garçom.

— Muito obrigado, tenham uma boa tarde. — o garçom nos deixou.

Maria Clara levantou delicadamente e eu fiz o mesmo, mas segurei seu braço com força.

— Brad, você não vai morrer por isso.

— É a primeira e última vez que você paga alguma coisa pra mim, está me ouvindo?

— Foi só um almoço! — ela sorriu.

— Você ouviu?! — fitei seus olhos.

— Machista! — seu braço balançou me fazendo soltá—la, ela passou a bolsa no ombro.

— Você me ouviu, Maria Clara?

— Ouvi, Brandon, ouvi! — seus dedos entrelaçaram nos meus e então saímos do restaurante.

Maria Clara

— Que horas são? — perguntou Brad assim que saímos do restaurante e começamos a andar pela praça próxima ao letreiro famoso.

— Quase 17h da tarde.

— Caramba! — ele exclamou. — Passamos muito tempo lá.

— Pra falar a verdade, você que acordou tarde e atrasou todo o dia. — comentei. — Vem, me compra um algodão doce. — pedi assim que passamos em uma barraquinha. Foi o que ele fez no mesmo instante.

— Está ansioso?

— Um pouco. — Brad deu de ombros enquanto pagava o vendedor. — Você não?

— Um pouco. — dei de ombros.

Brad soltou um riso ao me entregar o algodão doce que eu comecei a comer. Voltamos a andar.

— Você chamou aquela Candice para a festa hoje?

— Por que eu chamaria a Candice? — Brad me

PERIGOSAS ACHERON

olhou com uma careta. — Claro que não.

— Acho bom! — revirei os olhos. — Não basta todos os jogadores do seu time e as namoradas deles, todos os nossos amigos e os amigos deles... quase todo o colégio.

— E daí? É minha festa de 18 anos! Faço apenas uma vez. — se gabou ele.

— Tudo bem, meu namorado maior de idade. — depositei um beijo em seus lábios e logo quando voltei para o meu algodão doce, avistei do outro lado da rua um garoto familiar.

Semicerrei os olhos para observá-lo, foi quando gritei sem pensar:

— Landon!

O mesmo ouviu de imediato, sorriu e veio caminhando em minha direção.

— Oi. — o garoto sorriu, vestindo bermuda e regata, um boné na cabeça e chinelo nos pés.

— Queria ver você de novo! — falei. Ele sorriu antes de perguntar:

— O que andam fazendo?

— Viemos almoçar aqui perto. Você mora ali? —

apontei para a casa onde ele estava quando o vi.

— Sim, eu moro. — ele olhou na mesma direção que eu.

— Ah, esse aqui é Brandon Campbell. Meu namorado. — apontei para o próximo.

— Muito prazer! Sou Landon. — ele estendeu a mão para meu namorado, que o cumprimentou sem nenhuma expressão no rosto. — Então, você é o famoso namorado protetor que acabou com o Carter na frente do colégio todo... foi o único que conseguiu baixar a bola daquele cara depois de anos. Foi tipo, um herói.

— Você também não gosta dele? — Brandon perguntou com um sorriso enorme no rosto.

Landon apenas fez uma careta, depois revirou os olhos e então riu, nos mostrando que a resposta era sim. Ele também não gostava de Tyler Carter como nós.

— Bom, preciso resolver umas coisas em casa, então... nos vemos no colégio. — avisou ele. Brandon e eu apenas sorrimos ao vê-lo se afastar e entrar em casa.

Era alta, com uma cor bonita e bem decorada

PERIGOSAS ACHERON

com flores nos parapeitos das janelas. Tão legal quanto o dono.

— Legal ele, não? — voltei a comer meu algodão doce.

— De onde o conhece?

— Do colégio. — respondi. — O vi na festa de Halloween.

— Ah! — exclamou Brad. — Então era nesse carinha que você se esfregava quando a encontrei?

Joguei um olhar duro em cima dele.

— Eu não estava me esfregando em ninguém! — reclamei. — Estávamos apenas dançando.

— Ahan. — resmungou Brandon. — “*Queria ver você de novo*” — imitou-me ele com uma fina voz.

— Para! Vai começar? — suspirei.

— Começar o quê?

— Seus ciúmes.

Brandon riu.

— Não estou com ciúmes. Você é minha.

— Você é um pateta! — dei um tapa em sua testa fazendo-o rir, em seguida coloquei um pouco de algodão doce em seus lábios dando um beijo na

mesma hora.

Brandon soltou uma risada linda de surpresa.

— Vem, quero te mostrar um lugar.

— Que lugar? — perguntou ele enquanto eu segurava em sua mão.

— Presente número 4. — sorri olhando para ele que apenas bufou e se deixou ser guiado por mim.

Em minutos estávamos sentados em frente ao letreiro de Hollywood vendo o pôr do Sol ao longe. Não conseguia deixar de sorrir. Estive ali meses atrás com um amigo colorido, agora voltara com o amor da minha vida a tira colo.

Aquela conversa que tive com Ansel meses atrás passou tão rápido, mas também tão devagar, tantas coisas mudaram e aconteceram...

É, a vida é a melhor coisa que podemos ter.

— Por que me trouxe aqui? — perguntou meu namorado.

Dei de ombros segurando um de meus joelhos levantados.

— Achei que fosse gostar.

Ele observou com cuidado a paisagem em sua frente.

— E eu gostei. Aqui é muito bonito.

— Já tinha vindo aqui?

— Por incrível que pareça não. — respondeu ele.

O silêncio tomou conta do lugar e de nós mesmos. Apreciamos a vista que era tão calma, colorida e surreal. Era difícil de acreditar que paisagens como aquela, realmente existiam.

— Acho que um dos motivos de você ser diferente das outras garotas é que você é romântica. — começou Brandon. — Nenhuma garota com quem saí me daria uma vista dessa de presente de aniversário. Talvez me levasse em algum Motel de beira de estrada, não cartas e café da manhã na cama, sexo com amor e atenção, um yaksooba. Eu gosto disso em você.

Senti minhas bochechas esquentarem.

Eu poderia viver mil anos ouvindo ele falando todas aquelas coisas, ainda não iria me acostumar e, muito menos deixar de sorrir com o coração acelerado.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa,
PERIGOSAS ACHERON

Brandon perguntou:

— Posso te pedir uma coisa? — seu tom de voz era sério e calmo.

— Pode, claro. — olhei pra ele.

— Quero que me prometa uma coisa. — dizia ele. — Prometa que não vai me abandonar nunca, independente de algo ou alguém?

Soltei uma risada.

— Isso parece coisa de filme. — foi a única coisa que consegui comentar.

— O nosso filme, a nossa história. Não é nada perfeita, mas a gente tenta.

Ri de novo antes de olhar pra ele, mais precisamente para seus olhos infinitos.

— Há alguns meses atrás eu estava aqui nessa pedra sentada junto de Ansel falando o quanto eu achava o amor coisa de babaca e que nunca queria arrumar um namorado, que não iria arrumar. Eis que chegou você e fodeu com toda a minha teoria, entregou esse amor maravilhoso que é a melhor mesmo que eu deixaria isso passar? Faço o possível todos os dias para que você continue meu e eu sua, sempre. Vivemos tão pouco, mas parece muito,

PERIGOSAS ACHERON

mesmo faltando bastante. Eu amo você, Brandon, amo de verdade. Tenho certeza que se a nossa história fosse livro as pessoas parariam de ler, mas eu não consigo deixar de viver e eu te amo, quero morrer com você se for possível.

Pensei em falar mais alguma coisa, mas sua boca cobriu a minha, sua língua tomou posse da minha e suas mãos seguraram firme em meus cabelos enquanto ele derramava amor.

— Era tudo o que eu queria ouvir. — disse ele ofegante enquanto se afastava de mim.

— Me prometa uma coisa também.

— Qualquer coisa, Clara, qualquer coisa. — sua voz saía pausadamente.

Respirei alguns segundos antes de pedir:

— Não quero que você dê todo esse amor a mais ninguém, só a mim. Quero que você não me troque por mais ninguém, mais ninguém, por favor. — pedi de olhos fechados. — Só de pensar em você com outra pessoa, fico completamente... — e sua boca me beijou mais uma vez.

— Prometo, prometo. — repetia ele antes de voltar a me beijar. — Obrigado pelo melhor

PERIGOSAS ACHERON

aniversário. — agradeceu, enchendo meu coração de alegria.

Quando chegamos em casa ia dar 20h da noite, a festa começaria em apenas duas horas, tudo estava devidamente pronto. A sala espaçosa, a cozinha cheia de bebidas e petiscos, a piscina iluminada, o jardim dos fundos bem cortado e iluminado, o DJ organizando o som... estava realmente do jeito que Brandon e eu organizamos.

Eu estava escolhendo uma entre várias roupas que levei para a casa dele de manhã em uma bolsa. Brandon estava tomando banho e me chamou.

Caminhei até à porta do banheiro só de roupas íntimas por que a próxima que iria tomar banho era eu e então, perguntei:

— O quê?

— Entra aqui comigo.

— Claro que não. — respondi. — Vamos nos atrasar, Brad. E é melhor sair logo, você já está no banho há muito tempo.

— Clara, vem aqui! — ele fez uma carinha

manhosa toda molhada por conta da água. — É só um banho. — seu sorriso malicioso dizia o contrário que suas palavras.

Entrei no banheiro apenas para olhar meus cabelos já arrumados e limpos que eu havia cuidado no dia anterior e respondi:

— Eu sei de suas intenções e não quero me atrasar!

— Está me negando no meu aniversário?

— Para de ser dramático, Brad! — exclamei movimentando o corpo quase nu na frente do espelho.

— Então, para de banalizar a nudez e sai dessa banheiro agora! — ele bufou. — Se não vou ter que te puxar e te fazer gemer mais alto que o chuveiro desse banheiro. Talvez meus vizinhos escutem.

Joguei um olhar duro em cima dele.

— Quem sabe depois?

Ele abriu um sorriso enorme.

Saí do banheiro esfumaçado, dando risada.

Passava das 22h quando terminamos de nos
PERIGOSAS ACHERON

arrumar e descemos. Alguns conhecidos e nossos maravilhosos amigos já haviam chegado.

Dei mais uma checada em minha roupa: uma saia curta cheia de paetês, uma camisa de seda rosa da mesma cor que o salto, maquiagem forte e cachos por todo o cabelo. Sim, eu estava bem!

— Não tem uma saia mais longa, não? — Brandon começou a reclamar enquanto passava perfume. — Estou vendo a polpa da sua bunda, Maria Clara e aliás, não quero que ninguém mais veja.

— Então vai ficar querendo! — dei de ombros.

O olhar que ele me lançou pelo reflexo, se fosse um tiro já teria me matado.

— Você está muito amostrada hoje, bonitinha. Deixa só você ver o que vai ganhar se continuar assim.

Abri um sorriso com meus lábios cheios de batom vermelho na direção dele. Hoje eu estava realmente terrível!

— Estou ansiosa pra saber! — respondi irônica, ele revirou os olhos e me acompanhou enquanto eu saía do quarto.

A música alta e as conversas já chamaram nossa atenção enquanto descíamos as escadas. Brandon estava quase um deus grego com aquele cheiro que matava qualquer um e com suas roupas estilosas e caras: tênis nos pés, jeans escura, camiseta e jaqueta de couro. O sorriso que ele abriu por ver sua festa de 18 anos acontecendo foi um dos mais cafajestes que já vi na vida.

— Aproveite, querido. — falei.

Strip

“Tire-a, eu quero te amar.”

Chris Brown

Maria Clara

Não fazia ideia de que horas eram, mas direto chegava gente querendo beber e dançar e a casa ficava cada vez mais cheia. Eu iria dormir na casa de Brandon, então fiz questão de beber também. Estava apenas na minha segunda garrafa de vodca quando fui procurá-lo nos fundos da casa com seus amigos que estavam... fumando.

Lutei para que não fizesse isso, mas ele cismou que não teria problema e que como, a festa era sua, ele iria fazer o que quisesse. Bom, quem era eu para falar alguma coisa?

Connor, Caleb e Dexter estavam junto dele com um baseado na mão. Mas, não eram os únicos. Paige e Candice também estavam lá. Arregalei os olhos enquanto chegava mais perto para ter certeza de que era aquilo mesmo que eu estava vendo... e sim, era.

Eu não estava tão bêbada assim.

— Campbell. — o chamei. O mesmo estava rindo de alguma coisa que uma das piranhas falava. Meu

sangue já esquentava. — Campbell?! — chamei de novo. — Sua namorada está chamando você. — minha voz saiu mais alta, então ele me olhou.

— Oi, meu amor.

— Vem aqui. — o chamei.

Estávamos a uns dois metros de distância.

— Agora?

— Oi, Maria! — Candice falou sorrindo com uma cara rebocada de maquiagem mal feita e com seu vestido minúsculo comprado em algum brechó.

— Não, amanhã! — suspirei. — Anda logo, Brandon! — berrei.

O mesmo me seguiu até à cozinha sem falar nada.

Parei no balcão e apoiei minhas mãos, quase tremendo de raiva. Os olhares que aquelas duas cachorras me lançaram quase me fizeram voar em cima dos seus pescoços antes de sair andando.

— O que foi?

— O que ela está fazendo aqui? — perguntei.

— Quem? Candice?

— Não, minha avó! — exclamei. — Brandon, você me disse que não havia chamado ela! E ainda

trouxe aquela anta da Paige de tira colo!

— Eu não chamei! — respondeu ele. — Mas as notícias voam! Ela tem vários amigos de Thompson High, sabe que hoje é meu aniversário... eu não vou mandá-las embora.

— Pode deixar que eu mando! Não tem problema. — dei dois passos e ele me parou com o braço.

Foi quando percebi uma pulseira de brilhantes em seu pulso.

— Presentinho novo?

Ele olhou o mesmo que eu e sorriu antes de dizer:

— Foram as garotas que trouxeram.

Revirei os olhos sentindo a raiva dominar meu corpo. Mas, que porra!

— Quantos programas elas tiveram que fazer para conseguir comprar?

— Maria Clara, chega! — Brandon exclamou.

— O dia estava ótimo, Brad, até ela estragar.

— Não tem ninguém estragando nada aqui, a não ser você que não consegue ver Candice e fica louca. A garota não está fazendo nada demais!

— Ah, não, claro que não, imagina! — debochei com os nervos à flor da pele. — Só quase engolindo você lá fora quando eu apareci. Ah, sem contar que está toda amostrada, quase nua. — revirei os olhos. — Nua, né? Por que aquele vestido... gente, quem usa um vestido daqueles? Aquilo não é roupa, é um pedaço de pano!

— Não fala nada que você está igual. — comentou ele.

— Cala a boca, não me compara com ela! Que inferno, Brandon! — gritei com todo o ar dos pulmões.

— Você é muito melhor que ela, meu amor, tá bom? Tudo bem assim? — seu corpo imprensou o meu no balcão e mal pensei quando ele segurou em minhas coxas e me fez sentar.

Sua respiração em minha nuca me fez arrepiar instantaneamente.

— Só isso que tem a dizer? Seu chique do dia já chegou ao fim? — perguntava ele tirando um baseado bolado do bolso e procurando na gaveta da cozinha um isqueiro, sem se importar com as pessoas que passavam buscando bebida na

geladeira.

— Por quê? Vai voltar lá pra fora comemorar seu aniversário com sua ex na festa que sua namorada organizou? — resmunguei.

— Você é uma ciumenta! — Brandon fitou meus olhos e segurou meu queixo enquanto me dizia isso e, em seguida trouxe seu cigarro de maconha aceso.

Logo jogou a fumaça para cima, de olhos fechados e eu não perdi a oportunidade de apreciá-lo. Os cabelos perfeitamente alinhados, o rosto limpo, liso, a boca rosada e carnuda, o pescoço erguido, com veias saltadas...

Instantaneamente senti um frio na boca do ventre.

Brandon era um puta gostoso, eu não sei de onde tirei tanta sorte!

Em segundos tirei o cigarro dos dedos dele que me olhou irritado.

— Relaxa, não irei jogar o seu brinquedinho fora. — falei. — Só acho que se você pode, eu também posso.

Limpei a garganta antes de colocar o cigarro entre os lábios e tragar devagar para não tossir. Mas foi o que eu fiz no segundo seguinte,

PERIGOSAS ACHERON

fazendo Brandon rir com um olhar malicioso em cima de mim.

— Apressadinha. — continuava ele a rir. — Tenta de novo.

Concordei antes de fazer o mesmo, ainda com calma, fui puxando a fumaça o quanto pude. Enfim soltei devagar pra cima do mesmo jeito que ele fez.

— Você tinha que ver sua cara. — comentou ele com um sorriso nos lábios enquanto pegava o cigarro de meus dedos.

— Fui muito ruim?

— Foi muito sexy, isso sim. — Brandon tragou de novo e soltou a fumaça devagar, praticando o ato com a maior tranquilidade do mundo. Como se fizesse aquilo há anos. — Abre a boca. — foi o que ele pediu antes de tragar pela terceira vez, onde ficou puxando a fumaça por segundos a fio, até segurar em meu queixo e soltar a fumaça por entre meus lábios.

Senti uma sensação boa. Era até engraçada. Era... sexy. Não sei dizer.

Brandon me beijou logo em seguida, segurando minha coxa com uma das mãos e eu apertei minhas

PERIGOSAS ACHERON

mãos em seus cabelos, sentindo o gosto de vodca e cigarro em sua boca.

Eu estava me sentindo muito elétrica. Talvez pela bebida, a festa agitada, a... maconha. Ou melhor, acho que era tudo misturado.

Assim que finalizei o beijo, desci às pressas do balcão e o puxei pela mão tendo uma ideia ótima.

— Onde está indo? — berrou meu namorado, vindo atrás de mim.

Só o olhei por cima do ombro e sorri, então fui em direção ao DJ.

Brandon

Ao subirmos ao andar de cima, fui com Maria Clara ao meu quarto. Entendi imediatamente o que ela tinha em mente e, ao fechar a porta, a empurrei sobre a mesma e ela me beijou urgentemente, como se aquilo fosse a última coisa que ela faria na vida.

Senti suas mãos tirar minha jaqueta de couro e jogá-la no chão, depois puxar minha camisa. Apaguei o cigarro e o joguei no chão também. Puxei os cabelos escuros da garota que beijava meu tórax nu.

A música era alta lá embaixo e eu só precisava de uma coisa, só mais uma coisa pra aquela noite ser simplesmente perfeita.

Segurei Maria Clara no colo, apertando as coxas dela que estavam entre as minhas com meu quadril e ela puxava meu cabelo, enquanto eu sugava sua língua gelada. Ouvi barulhos na porta, como Maria Clara estava encostada nela, esse poderia ser o motivo dos barulhos. Mas eles não paravam, até que ela pulou de meu colo às pressas.

— Espere. — pediu com a voz falhada passando a mão no cabelo e respirando fundo.

Continuei com minhas mãos em sua cintura, beijando seu ombro, ela abriu a porta e por uma pequena fresta, olhou quem era.

— Ah, mentira! Caralho, mano! — Susan gritava. — Isso é uma festa! De vocês, aliás... E vão ficar fodendo no quarto?

— No meio de todos é que não vamos! — retruquei vendo-a me mostrar o dedo do meio.

— Toma conta de tudo, amiga, é rapidinho... — pediu minha namorada segurando em minha mão, o cabelo todo bagunçado olhando a amiga de braços cruzados. — Por favor!

— Gente, não! — respondeu ela.

— Vai, Parker, deixa de ser chata. Faz só uma coisa boa na sua vida pra Deus ver. — pedi. — É rapidinho. — avisei piscando pra ela, que foi abrir a boca para falar alguma coisa quando Maria Clara mandou um beijinho pra ela e bateu a porta.

Sem perder tempo, começamos a nos atracar de novo e eu ajudei Maria Clara a desabotoar minha calça. Enquanto ela beijava meu pescoço, prestei

PERIGOSAS ACHERON

atenção na música que começara a tocar.

“Strip”, do Chris Brown.

Maria Clara estava com suas mãos em meu pescoço, beijando minha orelha e me empurrando em direção à cama.

— Amo essa música. — murmurei automaticamente, então vi o sorriso cúmplice no rosto de minha namorada.

— É, eu sei. — ela me empurrou, fazendo-nos cair na cama e subiu em cima de mim de pernas abertas, continuando a beijar meu pescoço. — Presente número 5.

Senti meu corpo todo pegar fogo.

— *Take it off, I wanna love you. And everybody wanna touch you. You move it right, wanna see what's up under.*

(Tire-a, eu quero te amar. E todos querem te tocar. Você mexe bem, quero ver o que esta acontecendo embaixo.)

Comecei a cantar no ouvido dela e Maria Clara riu, levantando-se de cima de mim. Continuei a cantar e observar o que ela iria fazer. Sim, um stripper. Só isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela queria me matar!

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Beijava Brandon quando a música que pedi ao DJ começou a tocar. Ele sorriu pra mim gostando da surpresa, mas não tinha acabado. Para minha surpresa também, ele começou a cantar alguns versos da música no meu ouvido de um jeito completamente perfeito e me excitando mais, com aquela voz rouca que só ele tem.

Levantei-me de cama e comecei a dançar no chão na frente dele. Puxei minha blusa pra cima de um jeito sexy e devagar, vendo Brad continuar deitado, apoiado em cima dos cotovelos, de barriga pra cima, só de cueca. Continuei dançando e olhando pra ele, que cantava:

— *Girl I just wanna see you strip, right now. Cause it's late, baby! Girl I just wanna see you strip, girl I just wanna see you strip, girl, take your time with' it!*

(Garota eu apenas quero te ver tirar a roupa, agora. Porque esta tarde, baby! Garota eu apenas quero te ver tirar a roupa, garota eu apenas quero

te ver tirar a roupa, garota, abaixe com isto!)

Enquanto isso, eu tirava a minha roupa devagar. Primeiro a blusa, que tirei e joguei nele, rindo a jogou no chão logo depois.

Agora, só com o sutiã, dancei mais um pouco e me virei de lado, fazendo com que ele observasse cada parte do meu corpo. Desabotoei meu short colado, abaixando-o devagar com jeitinho um tanto sexy e sorri ao ver meu namorado morder os lábios me engolindo com os olhos.

Passei minha mão em meu corpo liso e só com roupas íntimas, dançando e descendo ainda no ritmo da música.

Brad continuava cantando. Seu sexo já estava a ponto de rasgar o tecido, de tão duro e me segurei pra não ir até ele.

Comecei a tirar o meu sutiã começando pelas alças lentamente e jogando-o no chão. Coloquei minhas unhas na borda da minha calcinha, passando minhas mãos por todo o meu corpo e rindo da cara que Brad fazia.

Tinha luxúria em seu olhar e aquilo era o máximo.

— Pants, shirt, you can take it off. Pantie, bra, you can take it off. Red bottom heels, you can take ‘em. You got a hot momma, you’re hotter than the sun!

(Calças, saia, você pode tirar. Calcinha, sutiã, você pode tirar. Saltos vermelho, você pode levá-los. Você tem seios ardentes, você é mais quente que o sol!)

Antes mesmo de tirar minha calcinha, fui até à cama e ele logo me puxou pra mesma, fazendo-me cair sobre o colchão e rindo, assim como eu. Começou a chupar meus seios fazendo com que meu sangue ardesse de desejo.

Eu mesma tirei a cueca de Brad, apertando seu sexo com as unhas devagar fazendo-o gemer. Ele tirou minha calcinha com rapidez, penetrando a cabecinha em meu corpo, o que me fez estremecer.

Fechei os olhos enquanto fazia carinho em seu cabelo e ele penetrava de um jeito selvagem e rápido, soltando gemidos no meu ouvido. Aquela sensação me fazia sentir mulher.

Não demorou muito para que ele chegasse ao seu ápice e mesmo quente, com sua respiração

descompassada ele continuou entrando e saindo, me deixando perdida e fazendo-me arranhar suas costas com força.

Meu cabelo estava todo molhado na raiz devido ao suor, o corpo arrepiado, implorando por um orgasmo que demorou a chegar, me fazendo soltar um gemido rouco.

Brandon me encheu de beijos enquanto eu me recuperava de uma descarga de adrenalina absurda.

Sorri pra mim mesma enquanto Brad caía ao meu lado na cama com uma respiração alta. Respirei também e logo fiquei de lado na cama, olhando pra ele que estava olhando pro teto.

— Já te disse que você é maravilhosa? — perguntou-me ele sorrindo com os olhos. — Podíamos ficar aqui pra sempre. — sua voz saía pausadamente enquanto eu depositava selinhos em sua boca.

— Pois é, mas temos que descer, pois estamos dando uma festa! — lembrei-o levantando-me da cama e ele se sentou.

Contornei a cama andando, achando minhas peças de roupa e, ao me baixar para pegar a minha

calcinha senti um tapa estalado em minha bunda, dando-me um susto.

Engoli a seco e fui em direção ao banheiro me ajeitar. Antes de entrar no mesmo, olhei pra trás, vendo Brandon rir.

— Eu amo você. — falei.

— Eu senti isso, amor. — ele me respondeu com um piscar cúmplice.

Vadia que nasce vadia, morre vadia

*“Pode encontrar outros peixes no mar,
pode fingir que era pra acontecer.”*

Animals

Maria Clara

Já se passavam das 2h da manhã quando Brandon e eu descemos do quarto dele e continuamos a festa mais separados, ele foi dar atenção aos amigos que continuavam a beber e fumar.

Dancei com as garotas e dei assistência a quem precisava enquanto Brandon não estava pela sala.

Lauren chegou perto de nós depois de ir buscar uma bebida. Seus olhos estavam arregalados:

— Meninas, venham comigo! — gritou.

— O que foi? — perguntei.

— Susan pegou Connor aos beijos com Paige lá fora e está uma fera.

Meus pés tomaram vida própria e eu saí correndo atrás de Melanie e Lauren até os fundos. Todos que estavam lá fora olhavam a cena. Paige de um lado com os lábios borrados e um olhar cínico e Susan vermelha olhando pra ela muito nervosa. Connor por sua vez estava no meio delas, todo borrado e com os olhos tão, mas tão vermelhos que achei que estivesse doente, mas era só a maconha mesmo.

Connor estava impossível. Levei minutos longos para acreditar no que havia acabado de acontecer.

— Só acho que se você não cuida do seu macho, tem quem cuide. — falou Paige assim que comecei a escutar a discussão.

— Só acho que é melhor você fechar a porra dessa sua boca antes que eu acabe com a sua vida.

— O que te impede? — a vadia riu para minha amiga.

— Vagabunda! — foi tudo o que Sue exclamou antes de puxar Paige pelos cabelos e as duas começaram a se estapear no gramado.

Era chutes, puxões de cabelo, tapas, arranhadelas. Fora os gritos que se ouvia das duas que rolavam no gramado. Ninguém fazia absolutamente nada, a música foi desligada e todos foram ver.

Não sei se foi a bebida ou ver Paige sendo arrebatada em minha frente, mas eu comecei a rir e não parei mais, até Brandon cair na real do que estava acontecendo e tirar Sue de cima da vagabunda toda machucada e descabelada. Sue também estava do mesmo jeito.

Dexter também foi ajudar e segurou Paige que,
PERIGOSAS ACHERON

assim que se levantou queria avançar em cima de minha amiga de novo.

— Nada do que você fizer vai adiantar, Parker. Já ficamos e isso não vai mudar. Connor sempre foi afim de mim! Você que é uma cega que nunca se tocou! — provocou Paige enquanto Sue se debatia nos braços de Brad pra voltar para a briga.

— Como você consegue ser tão ridícula, garota? Vai se dar ao valor!

— Sim, darei valor ao seu querido primo e namorado. — Paige sorriu cínica ainda, mesmo toda rasgada e bagunçada.

Eu senti raiva dela naquele instante. Que estúpida! Por que ela era assim, hein?!

— Vai lá então, dê valor, o corpo, o cu pra ele. Sua vadia nojenta! — Sue cuspiu as palavras e não consegui segurar o riso de novo.

— Amor, a gente precisa conversar... — Connor abriu a boca olhando Sue, que, assim que o ouviu, jogou um olhar duro em cima dele.

— Amor é a puta que te pariu. Nunca mais ouse dirigir sua palavra a mim, você tá me entendendo, Connor Parker? Nunca mais!

— Mas, meu amor...

— Mas nada! Cala a boca! — gritava ela impaciente. — Campbell, me solta, cacete! — pedia ela e ele se mantinha firme.

— Calma, Susan! — respondeu meu namorado

Sue respirou fundo e se controlou. Passou as mãos no cabelo e olhou pra todos.

— Agora me solta... — pediu ela com a voz baixa e ele devagar a soltou. — Só pede pra essa garota ir embora agora, Brad, por favor.

— Ué, não gostou da minha presença é só sair. Nunca ouviu o ditado: “*os incomodados que se mudem*”? — questionou Paige sem perder a pose, agora já solta dos braços de Dexter.

Susan não perdeu tempo e voou em cima dela de novo, com um tapa ou dois, as duas caíram na piscina derrubando água por todos os lados. Mesmo dentro d’água, continuaram a se estapear.

Afundando a cabeça de Paige, Sue saiu de dentro d’água às pressas toda molhada, ensopada para falar a verdade.

— Manda ela embora, amor. — pedi para Campbell com os braços cruzados. — E pede para

PERIGOSAS ACHERON

essa vadia maior ir junto. — aponte para Candice que olhava tudo de longe e quieta e, quando me ouviu, me olhou da cabeça aos pés com os olhos sombrios.

Quem ela acha que assusta?

— É melhor você ir embora, Paige. — Brad disse e ela bateu suas mãos na água.

— Mas, Brad...

— Nem mas, nem meio mas. Essa festa é minha, essa casa é minha e não quero mais você aqui. Você já causou problemas demais, é melhor ir. — Brandon disse numa voz alta e firme.

Vi a cara de mal comida de Paige que revirou os olhos impaciente e saiu da piscina com a ajuda de Candice. As duas foram rumo à porta, de cabeça baixa e, ao sumirem de minha visão, soltei uma risada nervosa.

Sue estava tirando os cabelos molhados de frente do rosto quando Connor se aproximou dela e tocou em seu braço.

— Susan, conversa comigo. — ele pediu baixinho.

A garota virou tão nervosa que assustou até o ex

—namorado.

— Connor, não me toca.

— Mas... — ele tentou de novo.

— Não me toca! — gritou ela. — Eu não quero que você me toque, fale comigo e muito menos me olhe. Você ouviu bem? Você é um babaca! — Sue o empurrou com tanta força que ele quase caíu.

Então, ela veio em minha direção e vi seus olhos cheios d'água. Segurei em sua mão e a puxei o mais rápido que consegui, as garotas me acompanharam e fomos até o quarto de Brandon.

— Está tudo bem? — Lau pegou uma toalha no banheiro e trouxe para Susan se secar.

— Cacete, por que ele teve que fazer isso? Eu não sou boa o suficiente pra ele? — ela já estava chorando.

Enquanto eu procurava em minha bolsa uma roupa para ela vestir, ela tirava a roupa molhada e recebia atenção de Lau e Melanie.

— É claro que você é... — Lau respondeu. — Ele só está bêbado.

— Connor está chapado, Lauren! Eu nunca o vi assim. — comentou Melanie.

— Ele é um babaca, um merda! Eu odeio ele! Ele não devia ter o mesmo sangue que eu, não devia!

— Fica calma. — Lauren a abraçou.

— Poxa, amiga, não chora. O Connor ama muito você. — eu disse. — Vai ficar tudo bem depois de uma conversa.

— Foda-se o Connor, eu quero que ele suma! — reclamou ela soluçando de tanto chorar.

Quando percebi estava com lágrimas nos olhos.

— Olha, que se dane, que se dane! — repetia ela. — Não vou ficar chorando a noite toda aqui e nem estragar a noite de vocês. Tem alguma roupa aí pra mim?

— Tem, amiga, claro. — falei lhe dando algumas peças. — Tem calça, saias e um shorts se quiser. Roupa íntima também, limpinhas, pode usar, não tem problema. No banheiro eu deixei minhas maquiagens e pode tomar um banho.

— Não vou demorar. Qualquer roupa serve. — Sue secou as lágrimas no rosto todo borrado de maquiagem. Eu sentia dor por ela. — Melanie, me

PERIGOSAS ACHERON

espera para fazer uma trança no meu cabelo? Não estou com tempo e nem saco para fazer qualquer outra coisa.

— Sim, Sue, eu espero. — Melanie abriu um sorriso amigável.

— Ótimo. — Sue falou indo em direção ao banheiro. — Obrigada pelo apoio, eu amo todas vocês. — sua voz voltou a falhar e eu tinha certeza de que ela iria chorar no banho. — Eu já volto, ok?

E entrou pela porta, sumindo de nossa visão.

O que restou foi olhares entre nós de cumplicidade e compaixão, esperando nossa amiga voltar para repaginá-la.

— O que quer fazer agora, Sue? — perguntou Lauren.

— Sexo. Com algum gatinho do time de futebol. Qualquer um! — exclamou ela. — Clara, me arruma um amigo do Brad, por favor?!

— Sim, eu ajudo você. — sorri para ela que, em seguida se levantou da cama e se olhou no espelho.

Agora, vinte minutos depois já estava de banho

tomado, cabelos trançados, maquiagem forte e uma roupa minha: jeans, salto e camisa. Simples e chamativa.

— Vamos. Preciso de vodca. — exclamou minha amiga. — E beijar na boca, claro! — Sue suspirou e eu pedi em silêncio para que ela não desmoronasse de novo, bom, não hoje.

Brandon

As horas passavam mais rápido do que imaginei, as pessoas chegavam e saíam, depois chegavam de novo. Aquilo estava simplesmente foda! Era exatamente assim que eu queria!

— Ei, Brad, vim te pedir desculpas. — Susan apareceu totalmente diferente de como estava antes, estava sorrindo e encantadora com uma roupa seca e maquiada, junto das garotas. Sem contar o copo de bebida em mãos. — Sua festa está o máximo, você é o melhor amigo que eu poderia ter e não é justo toda essa baixaria. Me desculpa.

— Não tem problema, agora a festa vai ser lembrada por mais tempo. — comentei, fazendo as garotas que estavam com ela soltarem algumas risadas.

Susan me abraçou forte e eu a apertei na mesma intensidade, sentindo seu corpo tenso. Ela deveria estar destruída, totalmente. Iria ter uma conversinha com Connor assim que possível, quando eu estivesse sóbrio.

Uma nova música começou a tocar, “Really Don’t Care” de Demi Lovato e Cher Lloyd. Susan pegou na mão de Melanie e na de Lauren.

— Meu Deus, preciso dançar! — ela exclamou sorrindo e então saiu, me deixando sozinho com Maria Clara.

Ao longe vi Connor sentado fumando em silêncio, totalmente destruído pelo que ele mesmo fez. As coisas não iriam mais ser as mesmas. Eu tenho certeza disso.

— Amor, qual o nome daquele cara? — perguntou minha namorada apontando para os garotos ao longe, bebendo e rindo de alguma coisa.

— Qual?

— De blusa branca tomando tequila.

— Oh, sim. É o Josh.

— Josh. — Maria Clara sorriu.

Franzi a testa.

— Ele namora? — perguntou ela.

— O que é isso, Maria Clara? Por quê todo esse interesse?

— Susan está de olho. — ela sorriu.

— Ah, não, nem começa! O Connor é meu melhor amigo, não vou fazer isso.

— Connor também é meu amigo e errou feio. Merece isso e mais um pouco.

— Não, Clara, ele não merece. Connor nem sabe o que estava fazendo. É mancada, amor.

— Mancada nada! É pelo bem estar da minha amiga. Me ajuda, por favor?!

— Não, Maria Clara, caramba! Se o Connor descobrir que eu estou ajeitando macho pra mina dele, ele simplesmente me mata!

— Se você não vai, eu vou. — a morena sorriu.
— Qual o sobrenome dele?

Revirei os olhos e em seguida bebi um gole grande de minha bebida para ganhar tempo.

— Anda, Brad! Qual o sobrenome dele?

— Não sei o sobrenome dele.

— Sabe, sim! — insistiu ela. — Mas, tudo bem, se você não quer contar. Descubro sozinha. — então saiu.

— Maria Clara! — chamei e ela não deu ouvidos.

Coloquei a mão na testa antes de balançar a

cabeça vendo-a conversar e sorrir gentil para Josh que concordou com algo e em seguida estava entrando em minha casa, com certeza indo atrás de Susan.

Oh, merda!

Connor vai querer morrer.

— Eu não tenho absolutamente nada a ver com isso, está entendendo? — confirmei assim que Maria Clara se aproximou de mim.

— Josh Meyer, 19 anos, solteiro. Não é amigo de Connor e acha a prima dele uma gata. — explicava ela, então sorriu e bateu palmas de alegria. — Touché!

— Você não presta! — soltei um riso. Ela riu também.

Primeiro ano escolar: concluído!

*“Quando demonstramos
nosso amor, o mundo nos
abre os braços.”*

Demi Lovato

Dezembro de 2008

Maria Clara

O frio havia chegado como o esperado naquele fim de Dezembro. Nossa, era estranho pensar assim... fim de Dezembro. O ano passou muito rápido. Talvez o ano mais rápido da minha vida.

E tantas, tantas coisas aconteceram... mal consigo lembrar de todas.

Depois do aniversário de Brandon no início de Novembro, ninguém mais quis ir para qualquer lugar que seja a não ser para a biblioteca. As provas finais começaram e todos só se focaram nisso.

Susan passou uns dias em minha casa. Depois do que aconteceu entre ela e o ex-namorado e, como moram juntos por serem primos, resolveu pegar suas coisas e sair de lá. Passou uns dias na casa de Melanie também.

Não se deixou abater nenhum minuto se quer, sempre estava dando uns beijos em Josh e não ficava no mesmo ambiente de Connor, o que era realmente chato, já que todos andavam juntos.

Nós, amigos, foi mais fácil perdoar o garoto que

dias depois, são e arrependido veio conversar com todos sobre o que aconteceu. Susan não o ouviu até hoje.

Paige era mais falada do que qualquer outra. E, dou graças a Deus por não andar mais com Katherine, que agora estava mais sumida do que outra mesmo?

Fora as provas, o que eu mais soube pensar foi na viagem a Londres. E que, depois de negociar com meus pais, o acordo se fechou assim: eu só viajaria se passasse de ano. E olha que eu me esforcei e muito pra isso!

De primeira, meus pais me disseram “não!”. Mas, conversando com Brandon e até mesmo Elizabeth, eles permitiram. Ansel e Melanie até gostaram da ideia e iriam com a gente. A irmã de Ansel estava morando em Londres e poderíamos passar o Natal por lá.

Na porta de Thompson High, eu estava com o coração na mão, ansiosa para saber minhas notas e o resultado final, ao lado de Brad.

Vimos Ansel e Mel em pé em frente ao carro aos beijos, assim que chegamos.

— Esse beijo é algum tipo de comemoração? — Brad perguntou assim que paramos em frente a eles.

— Claro que sim. É de um casal apaixonado que vai passar o Natal em Londres. — Melanie abriu um sorriso enorme.

— Passaram?

— Sim, sim, sim, sim! — Mel bateu palmas.

— E nós? — perguntei esperançosa.

— Entrem lá e olhem a lista, ué.

Revirei os olhos e saí puxando Brandon, ouvindo a risada de Ansel.

— Vem, Brad! — caminhei às pressas pelos corredores e fui até o mural, procurar meu nome na lista dos aprovados.

O colégio estava vazio, exceto pelos poucos alunos que faziam a mesma coisa que eu. As aulas haviam acabado. Brandon observava a mesma lista que eu que estava tão nervosa que enxergava tudo branco.

— Caralho, passei! — exclamou ele.

— Passou? — sorri. — Meu Deus, cadê meu

nome?

— Aqui, tontinha. — Brad passou o dedo em cima de meu nome que estava em azul, indicando que estava aprovada.

Ah, meu Deus!

O abracei com força.

— Passei, passei! — repeti. — Eu vou para Londres, meu Deus! Como assim, eu vou pra Londres? Ah, nossa!!!! — gritei enquanto Brad me rodopiava no meio do corredor.

— Ótimo! Eu não ia sozinho mesmo.

Suspirei colocando meus pés no chão e em seguida beijei todo o seu rosto.

— Preciso mostrar meu boletim para meus pais e fazer as malas ainda hoje! Nosso voo é amanhã à noite, Brad! — o lembrei.

— Eu sei! — seu sorriso estava tão largo quanto o meu. — Vou buscar nossos boletins na secretaria, me espere aqui. — apenas assenti e continuei a observar a lista.

Fiquei ainda mais feliz de saber que, não só nós quatro havíamos passado de ano, mas Dex, Lau, Sue e Connor também. Caramba! Como era bom

PERIGOSAS ACHERON

saber disso, era ótimo! Se continuar, vamos nos formar juntos, estudar sempre juntos... Que maravilha!

— Passou de ano, desastrada? — ouvi uma voz ao meu lado e me virei para olhar.

Landon estava bem vestido, parado ao meu lado.

— Ah, oi, Landon! — abri um sorriso. — Eu passei sim... você não?

— Passei sim, claro. — sorriu ele.

— Que ótimo! Espero pegar muitas aulas com você para te ver mais, te conhecer, poxa.. — fiz uma pausa. — Nesses meses eu mal te vi.

— É que sou tímido, mas, espero te conhecer bem mais o ano que vem também. Ele parece que será ótimo!

Senti um duplo sentido em suas palavras, mas apenas balancei a cabeça.

— O que vai fazer nas férias? — mudei de assunto.

Landon ficou olhando para as listas em nossa frente, mas jurava que ele não estava com sua atenção naqueles papeis, talvez em algo além disso. Observei o quanto seus olhos eram azuis.

— Espero viajar com minha irmã e uns amigos para um lugar mais quente... e você?

— Vou viajar com o meu namorado, mas depois não sei ainda direito o que irei fazer, pretendo descansar. — comentei.

— Que ótimo. Espero que tenha uma boa viagem. — ele ficou me olhando.

— Obrigada, Lan, pra você também. — desviei meus olhos dele, que não desgrudou aqueles olhos azuis enormes de cima de mim.

— Atrapalho? — a voz de Brandon nos chamou a atenção.

— Oh, não amor. Estávamos só conversando. — abri um sorriso olhando pra ele, que tinha um rosto fechado.

— Isso, estávamos. Mas, preciso ir agora... — Landon coçou a cabeça por debaixo de sua touca cinza e...

Ele fica muito bem de touca.

— Boas férias pra vocês. Nos vemos ano que vem. — ele deu um tchauzinho com a mão.

Fiz a mesma coisa sorrindo ao vê-lo sair pela

porta e sumir.

— Ele passou de ano também. — comentei com Brad que estava olhando fixo para a direção que ele partiu.

— Ah, é? Que chato. — meu namorado deu de ombros, então me mostrou os nossos boletins em suas mãos. — Devemos ir para casa agora, não acha?

— Melhor. — sorri e encostei meu rosto em seu ombro. — Bem melhor.

Brandon só me abriu um sorriso falso antes de sairmos do prédio do colégio.

Melanie e Ansel nos esperavam no mesmo lugar.

— Passamos! — ergui as mãos para o céu como forma de agradecer e Melanie soltou uma risada feliz antes de me abraçar.

— E então, continuamos com o plano inicial? — Mel perguntou nos fazendo rir ao lembrar de tudo que havíamos organizado no início da semana.

Connor iria nos levar ao aeroporto uma hora antes do nosso voo. Graças a Deus o casalzinho já havia comprado suas passagens para o mesmo voo, infelizmente longe de nossas poltronas, mas no PERIGOSAS ACHERON

mesmo voo. Lá, a irmã de Ansel iria nos encontrar no aeroporto e nos levar para a casa dela, um mini apartamento, mas Brad e eu iríamos alugar um quarto em um hotel que ela mesma nos informou de que tinha na rua onde morava...

— Sim. — falou Brad. — Pelo menos assim, não vai aparecer quatro casais de pais no aeroporto para nos levar. Sem choro e essas coisas.

— Ótimo. — suspirei. — Agora podemos ir, amor? Você tem que me deixar em casa, eu estou louca para arrumar as malas.

Brandon revirou os olhos fazendo meus amigos rirem antes de dizer:

— Tudo bem, Clara, tudo bem...

Despedi-me do casal e fomos embora, com o coração feliz, a mente sonhando com nossa viagem de apenas três dias. Seriam maravilhosos três dias!

Londres

*“A vida não é quantas vezes você
respira e sim os momentos que
tiraram o seu fôlego.”*

O Conselheiro Amoroso

Maria Clara

A ansiedade mal cabia em mim, de verdade! O dia pareceu não passar, eu só conferia o que iria levar ou não e, claro, ouvindo meus pais dizerem toda hora “*por favor, nos deixe informados*”, “*não volte de lá grávida*”, “*não se perca em outro país, filha*”, “*tome cuidado*”, “*seja educada, por favor!*”. Eu já havia decorado essas e outras instruções.

O nosso voo havia sido chamado e nós estávamos nos despedindo de Connor para partirmos. Estava escuro lá fora, a noite havia chegado e prometia ser bem, bem longa. Mandeí uma mensagem para meus pais e para a Elizabeth avisando-os de que íamos embarcar.

— Vai sentir minha falta, pequena? — Connor perguntou.

Levantei a cabeça e sorri para ele enquanto guardava o celular no bolso.

— Eu te amo, espero que tenha uma boa viagem e um bom aniversário! — disse ele com o rosto

enterrado em meu pescoço enquanto me dava um abraço de urso.

— Eu também amo você. Vê se não faz besteira até voltarmos.

O olhar que ele lançou para meu rosto assim que desfez o abraço me mostrou o quanto estava triste e eu sabia exatamente o motivo.

— Fica tranquila. — foi o que ele disse antes de deixarmos Los Angeles.

Horas de voo renderam um sono quentinho nos braços de Brandon e sonhos com Londres, os ônibus vermelhos e sotaques gostosos de ouvir. Em pensamento, pedi um bom aniversário e também um bom ano.

O voo de quase dez horas foi tranquilo, dormi bastante e ouvi música bastante. Acho que deu para descansar bem, o dia seria longo e eu não iria passar o dia dormindo.

Brandon dormiu a viagem toda.

Caitlin, irmã de Ansel nos esperava no aeroporto

e foi gentil com todos nós. Fomos para sua casa. Ela nos perguntava e contava um pouco de tudo também.

— Soube que passaram de ano. — comentou ela enquanto dirigia na cidade onde o frio reinava.

A neve já começara a cair e só deixava tudo mais bonito. Eu não conseguia parar de reparar cada detalhe, era tudo diferente. Ainda bem que trouxe a câmera!

— Por isso estamos aqui. — comentou Brad.

— Vocês irão gostar de passar o Natal aqui. Vou levar alguns amigos para o apartamento, espero que Melanie me ajude com algum prato. Vai ser pouca gente, um pessoal da faculdade, cada um leva algo para comermos e teremos nossa própria ceia. O que acham?

— Acho ótimo! — Melanie sorriu. Concordamos todos.

— Vou levá-los agora então direto para o hotel para vocês fazerem as reservas. Soube que já está lotado de turistas. Nessa época do ano parece que o mundo todo veio para Londres. — ela riu. — Mas fui até lá e avisei ao gerente que precisava de um

quarto para esses dias, ele meio que reservou, vocês precisam ir lá só organizar as papeladas.

— Obrigada, Caitlin, você é um amor! — comentei.

Ouvi sua risada no banco da frente.

— E vocês ficam no meu quarto de hóspedes, correto? — Caitlin olhou para o irmão.

— Correto. — respondeu Ansel.

— Você cresceu tanto.

— Ah, para, não exagera.

— Eu só estava com saudades, seu bobo! — Caitlin o abraçou com o braço livre, fazendo Ansel resmungar.

Eu não conseguia fazer outra coisa, senão rir. Eu estava em Londres!

Brandon

Agradável. Assim era o nosso cantinho em que passaríamos esses poucos dias.

O nosso “quarto de hotel” continha três cômodos. Quase uma pousada. O quarto, o banheiro e uma mini-cozinha onde tinha uma pia, uma geladeira, um armário e um pequeno fogão. Bem arrumada, aliás. Um pequeno corredor, que dava acessos. O quarto era bem iluminado, com uma enorme janela, panos de cama limpos e com cheirinho de casa nova, tinha uma televisão e quadros bonitos na parede.

– Meu Deus, olha essa vista, amor! – exclamou Clara ao jogar sua mochila no chão ao pé da cama e eu fiz o mesmo, indo atrás dela.

Da janela, dava pra se ver boa parte da cidade. Toda enfeitada pro Natal e a neve cobrindo tudo. Pessoas transitavam nas ruas atrás de presentes ou conhecendo a cidade, que era realmente apaixonante.

Passei meus braços em volta do corpo de Clara e

depositei um beijo em seu ombro, coberto por sua blusa de frio. Entrelacei meus dedos nos seus e a virei, fazendo-a ficar de frente pra mim. Depositei um beijo em sua boca, ela correspondeu sem jeito com suas mãos em minha nuca.

Apertei delicadamente a cintura quente dela, por debaixo dos panos da blusa e a vi sorrir e seu corpo se arrepiar. Um beijo foi levando ao outro e, quando reparei, já estava só de calça e Maria Clara ainda vestida. Continuei beijando seu pescoço com um certo desejo, precisando senti-la se derreter em meus braços.

– Menos... – ouvi Clara sussurrar se afastando um pouco.

– Não está a fim de termos nossa primeira foda em solo inglês?

Maria Clara soltou um riso, soou quase como uma melodia.

– Agora... não. Vem, vamos tomar um banho e sair. Quero tanto conhecer a cidade.

– Mas eu pensei que passaríamos o dia todo nos amando.

– Sim, mas não aqui, trancados no quarto. – Clara

PERIGOSAS ACHERON

fez uma pausa. – Me trouxe aqui pra me fazer de sua escrava sexual?

– Ai, quanto drama! – resmunguei e ela riu depositando um beijo em meus lábios e se afastando.

– Vai, toma logo seu banho que quanto mais cedo sairmos, melhor! – Avisou ela e eu cocei a nuca, um tanto preguiçoso.

Sem muita delonga, fui, deixando toda a minha roupa jogada no chão do quarto e passei minutos tomando um banho morno com o pensamento longe.

Após o banho, Maria Clara e eu descemos para encontrar Ansel e Melanie que nos esperavam já na porta do hotel para comermos alguma coisa e conhecermos tudo.

— Não, Ansel, não vou conhecer a cidade de Londres dentro de um carro.

— Mas por quê? — reclamou o melhor amigo dela.

— Por que não! Sua irmã mora no melhor lugar

de Londres, no centro dela! Tem tanta loja legal para conhecer, é claro que não vou ficar dentro de um carro.

— Só por que ela me emprestou. — Ansel resmungou como se fosse criança.

— Ansel, por favor. — Maria Clara fez biquinho, então o melhor amigo dela bufou e concordou em não ficar com o carro.

— Amor. — olhei para ela. — Você está com fome tipo, agora?

— Tipo agora, agora? — perguntou ela.

— É.

— Não, mas...

— Vou deixar o carro com o Ansel. — falei, abrindo a porta do carro para Melanie sair e assim ela fez. Sentei-me às pressas no banco do passageiro.

— Mas é no fim da rua, Brandon, e...

— Não. — fui mais rápido. — Estou vendo aqui que precisa encher o tanque, está sem gasolina nenhuma. Não é, Ansel? — menti.

O garoto me olhou sem entender.

— É. — só concordou.

— Vamos encher o tanque e depois deixar lá no estacionamento, daí voltamos para comer, pode ser? Vai saber, muito trânsito e tudo... — expliquei.
— Nos encontramos aqui, nesse restaurante, pode ser? — perguntei apontando para um enorme restaurante elegante que estava ao lado da entrada do hotel.

— Pode, mas...

— Ótimo. — mandei um beijo no ar pra ela e bati na perna de Ansel para que dirigisse a droga do carro. — Vai dando uma olhada nas coisas com a Mel. Já voltamos! — a tranquilizei.

O carro começou a andar.

— Brandon! — ainda ouvi ela me chamar.

— Ótimo. — suspirei. — Passa na primeira loja de presentes que você encontrar, temos só vinte minutos, Ansel!

E ele entendeu. Eu só teria aqueles vinte minutos para programar todos os presentes de aniversário de Maria Clara para o dia seguinte.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Os garotos nos deixaram tão apressados que nem tivemos tempo de entender a necessidade de encher o tanque do carro. Foi só começar a andar pela cidade e já comecei os meus cliques.

Tirei foto de tudo o que via. Das pessoas, das lojas, da neve, do céu, dos postes de luz apagados, dos ônibus... Ah, e ainda tinha as cabines telefônicas! Fiz questão de ligar para a minha mãe de lá mesmo.

Melanie e eu entramos em algumas lojas, apenas para darmos uma olhada nas coisas e no que poderíamos comprar depois que comêssemos alguma coisa. Era tudo tão bonitinho e interessante, eu queria comprar tudo!

Observei as pessoas, tão aquecidas e sérias, mas tão bonitas! Os enfeites natalinos tomavam conta da cidade e tinha tanta gente... conversando entre si, conversando pelo telefone... meu Deus, o sotaque delas era divino!

Se eu pudesse ficaria ouvindo e ouvindo e

ouvindo.

Mas, a fome bateu minutos depois e eu fiz questão de ligar para Brandon. Onde ele estava?! Atrasado há dez minutos, dez! O celular tocou e ele não atendeu, claro.

Melanie e eu fomos para o local marcado, entramos e pedimos uma mesa, escolhemos até o que iríamos comer e nada dos garotos... os minutos se passavam e nada!

no telefone, que tomei um susto quando Brad apareceu atrás de mim e falou em meu ouvido:

— Voltei!

— Que susto, Brandon! — reclamei com a mão no peito. — Onde estavam?

— No posto de gasolina.

Franzi a testa vendo-o se sentar ao meu lado. Ansel sentou na frente dele. Melanie estava se despedindo com o celular no ouvido.

— Até essa hora?

— Estava trânsito e não é aqui na esquina, querida.

Continuei irredutível.

— É sério, Clara. — falou ele me dando um beijo na testa. — E então, o que pediram?

— Ainda nada. Será que agora podemos pedir? — perguntou Melanie.

— Com certeza! — Ansel sorriu.

O dia mal havia começado!

Brandon

Sem preocupações e muito, muito amor é o resumo do dia que tivemos. Eu não sei qual babaca eu me tornei depois que comecei a namorar, só sei que esse babaca era o mais feliz daquela cidade, talvez o mais feliz do mundo!

Maria Clara sorria para todos os lados, registrou os momentos com fotos, experimentou de tudo o que viu na rua, comprou todo o tipo de presente que viu para todos os amigos e parentes, me beijou um milhão de vezes também.

Andamos de ônibus vermelho, tomamos café quente para espantar o frio e rimos das babaquices de Ansel que deixava Melanie como uma boba, encantada e completamente apaixonada por ele.

Talvez fosse a cidade, talvez não, que estava nos deixando mais babacas ainda. Trouxemos o coração e deixamos o cérebro em Los Angeles sem arrependimentos.

Sem dúvidas foi um dos melhores dias e ainda não tinha acabado.

— Estou bem assim? — Maria Clara chamou-me e eu me virei para olhá-la completamente vestida, com luvas e touca assim como eu, botas e maquiagem no rosto corado de frio.

— Está linda! — caminhei em sua direção tocando seus braços cobertos por sua blusa de moletom rosa clara. — Pronta pra chegada do Natal?

— Sim, pronta. — ela abriu um sorriso enorme e olhou para além de meu rosto observando a janela que eu tinha observado há segundos atrás. — Espero voltar para esse quarto apenas com 17 anos e, se possível bêbada.

Colei meus lábios nos dela para um selinho firme e rápido.

— Que seu pedido seja concedido. — comentei antes de sairmos do quarto para irmos para a ceia no apartamento de Caitlin, onde nossos amigos estavam nos esperando.

Já se passava das 21h da noite, eu me impressionei com o frio e a beleza naquele lugar. Aliás, tudo ficava mais bonito à noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Natal

*“Os sábios seguiram uma estrela
do jeito que eu segui o meu coração e isso
me levou a um milagre.”*

Justin Bieber

Maria Clara

Caitlin morava no segundo andar de um prédio de apenas cinco. Assim que chegamos, observei o cuidado que ela tinha com suas coisas, que eram poucas, mas bonitas e organizadas. Era um apartamento pequeno, claro, ela morava sozinha, estava em Londres apenas para estudar.

Na sala, havia uma mesa média cheia de pratos com saladas e vários tipos de carne e molhos, senti fome logo que vi, estava mesmo bem bonita. A sala estava bem enfeitada, a árvore de Natal piscava e Ed Sheeran tocava em um volume ambiente no aparelho de som.

Havia apenas uns seis amigos dela ali, bem vestidos e rindo ao conversar com aquele maravilhoso sotaque inglês. Haviam dois casais e duas garotas solteiras, todos bebiam vinho que eles mesmos trouxeram, eram mais velhos e simpáticos.

O vinho estava muito gostoso e quente, o que nos aqueceu por dentro enquanto conversávamos sobre faculdade, todos ali cursavam na mesma unidade,

mas não no mesmo curso. Eram maiores de idade, mas tão adolescentes como nós.

Eu estava sentada no colo de Brandon no canto do sofá quando uma das garotas solteiras, a mais nova de todas — pois todos já haviam falado suas idades — olhou para Brandon puxando assunto. Ela só soube fazer risso desde que chegamos.

— E você, nasceu nos Estados Unidos?

— Não, nasci no Canadá, me mudei faz uns anos para Los Angeles.

— Que interessante. E você faz o quê, Brandon?
— a garota sorriu antes de tomar um gole de vinho com os olhos azuis grudados nos de Brandon, os cabelos loiros bem arrumados.

— Estudo. — meu namorado deu de ombros.

— Só isso?

— E namoro essa deusa no meu colo. — Brad fez questão de tocar em minha coxa e abrir um sorriso.

O olhar que Paris me lançou com toda a certeza do mundo não foi simpático e muito menos amigável. Foi mais para desgosto ou desdém.

Não disse nada.

— O que faz nas horas livres?

— Fodo.

A resposta de Brandon fez todos rirem, menos Paris que não entendeu a brincadeira.

— E você? — perguntou Brad por educação. — Com seu jeito delicado, tenho certeza de que não é a mesma coisa.

Paris ficou desconcertada, o que fez todos rirem novamente.

— Eu só me cuido, gosto de vaidade.

— Percebi. — Brandon sorriu para ela. — Você é toda no lugar, sabe, bem no estilo.

— Se isso foi um elogio, muito obrigada! — Paris sorriu pra ele antes de voltar a beber.

— Disponha, docinho.

O resto da noite foi apenas de risadas e momentos irritantes de Paris querendo a todo custo impressionar Brandon como se não tivesse outra coisa para fazer na vida, cega ao ponto de não me ver ali. Mas, com toda a elegância que tenho, não fiz barraco algum, eu não estava ali para arranjar brigas.

Ah, e o jantar! Meu Deus! Assim que deu meia-noite, todos desejaram um “feliz Natal” ao próximo antes de caírem de boca nas gostosuras daquela mesa, sem contar que abriram mais garrafas de vinho como se fosse o fim do mundo, bebiam como se não houvesse amanhã.

Pensei se eles gostavam da vida que levavam aqui, se não sentiam saudades dos pais ou dos amigos antigos, por que eu sentia, mesmo estando apenas um dia fora, sentia falta dos meus pais na ceia de Natal que foi tão valiosa para nós por ser também o dia do meu aniversário.

Olhando a vista da janela da sala de Caitlin, sozinha, enquanto todos comiam mouse de morango como sobremesa, foi que me toquei. Sim, era Natal, eu estava completando meus 17 anos. Sem acreditar eu estava passando meu primeiro Natal longe de meus pais, havia viajado sozinha com meu namorado e já não era mais um criança, era quase uma mulher completa. Não- virgem, com cicatrizes reais em meu próprio coração e agora apaixonada, conhecendo e descobrindo o amor, coisa que eu nunca havia feito antes.

— Oi. — foi o que Brandon disse assim que abraçou meu corpo por trás, enterrando seu rosto no meu pescoço. — Vim perguntar se aqui está a garota que vai ficar mais velha hoje.

— Será?

— Quantos anos, hein?! Uns 70 ou 85? Tão acabada e rabugenta, mandona e chata... — brincou ele enquanto eu me virava de frente para olhar seu rosto. — Eu amo você. — falou. — Eu amo demais você e quero que esse seja o primeiro de muitos aniversários que passemos juntos. Feliz 17.

Sorri.

— Feliz 17. — comentei baixinho soltando um suspiro.

— O que foi? — perguntou ele com a testa franzida.

— Nada, acho que foi o vinho. Me deixando mais sentimental. — cocei a cabeça.

— Que fofura, fazendo essa cara parece até meiga. — ele beijou a ponta do meu nariz. — Venha, precisamos nos divertir, é Natal! — vibrou na mesma hora em que Caitlin se levantou do sofá e foi até o aparelho de som.

— Podemos animar um pouco, não podemos? —
perguntou ela com os dedos nos botões.

Em instantes o começo da música de Pitbull com Usher, “DJ Got Us Fallin’ In Love” tomou conta da sala, fazendo Brandon me puxar para dançar e animar os outros presentes até tarde da noite.

Brandon

Subíamos as escadas do hotel até nosso quarto e assim que abri a porta, Maria Clara foi às pressas até à cama. Certifiquei—me de que estava tudo trancado quando a segui.

— Esses sapatos me mataram. — comentou minha namorada ao tirar o calçado e deixar ao pé da cama, ela suspirou de alívio.

— Gostou da noite? — perguntei enquanto jogava meus tênis de qualquer jeito no chão.

Observei o relógio na parede, já se passavam das 4h da manhã.

— Gostei. — disse ela. — Só estou meio tonta. — seus braços eram rápidos em tirar a blusa de frio de cima das outras, junto da touca e das luvas.

— Acha que tem mais algum fôlego? — perguntei rápido para que não perdêssemos tempo, até por que precisávamos dormir, teríamos um dia cheio pela manhã.

— Por quê? — o sorriso que ela me lançou foi tão malicioso quanto o meu.

Sem dizer nada, me aproximei de seu rosto e puxei seus cabelos, segurando seu rosto próximo ao meu para um beijo.

Em segundos, já estávamos nos atracando na cama.

Maria Clara ria, jogando a cabeça para o lado rapidamente, deixando seus altos cachos soltos. Em seguida, ela mesma tirou sua blusa vermelha, ficando apenas de sutiã.

Inverti as posições e deitei em cima dela, colocando apenas um pouco de meu peso nela que não se importou, deixando-se levar pelos meus beijos e chupões em seu pescoço cheiroso. Como eu amava aquele cheiro.

Senti suas mãos em meu quadril e ela logo desabotoou minha calça, tirando-a com os pés e eu a joguei no chão. Maria Clara aninhou suas pernas em meu quadril enquanto eu chupava seus seios ainda com o sutiã. E que seios!

Passei minhas mãos devagar por sua barriga quente, vendo como ela se arrepiava com nossos corpos em contato. Ao chegar na barriguinha de sua calça, desabotoei os botões da mesma com certa

facilidade, mas ao tirá-la...

– Será que você não aprende que tem que se usar roupas mais fáceis de tirar? – ouvi o riso abafado dela em contato com meu ombro.

– Desde quando meu namorado ficou fraquinho e não consegue nem tirar minhas roupas?

– Roupas fáceis, sim, agora essas que você coloca que mal te cabe...

– Posso eu mesma tirar?

– Eu sei fazer isso melhor.

– Que machista! – Clara se levantou, deixando-me deitado na cama.

– Vai rolar um stripper 2.0?

– Quem sabe? – Maria Clara ficou de pé em frente à cama e depois, fazendo uma dancinha rápida e sexy, abaixou suas calças e ficou apenas de calcinha.

– Vem cá, amor! – chamei-a com a mão enquanto olhava-a. Ela meneou a cabeça negando. Vi ela indo até à bolsa e pegando uma camisinha, logo a balançou na altura do rosto. – Você vai me fazer ir aí?

A garota apenas deu de ombros e ficou se movimentando com aquele corpo maravilhoso e saboroso em minha frente, de um jeito enlouquecedor. Apertei meu sexo que quase rasgava a cueca de tão duro. Percebi que Maria Clara só iria voltar se eu fosse até ela e me sentei na cama, depois, levantei. Quanto mais eu me aproximava, mais ela se afastava e logo a vi abrir a porta. Franzi a testa.

– Não faz isso! – foi a única coisa que eu disse antes de Clara sair do quarto correndo pelo corredor e indo em direção à cozinha, rindo.

Fui atrás dela enquanto a mesma corria e logo ficou do outro lado da cozinha, longe de onde eu estava. Aproximei-me enquanto ela ia se afastando até sentir a superfície de mármore da pia atrás de si. Caminhei com calma em sua direção até imprensar seu corpo.

– Calma! Por quê a pressa? – perguntou ela quando eu passava minhas mãos em suas costas, abrindo seu sutiã.

– Esperar pra quê? – minha voz estava falhada enquanto eu mordiscava o pescoço dela, que arfou.

— Vou te dar seu primeiro presente de aniversário. — sussurrei quando fazia sua calcinha virar trapo.

Vi Maria Clara abrir um sorriso lindo com os olhos fechados enquanto eu a tocava com dois dedos, beliscando seu clitóris. Ela tombava sua cabeça

para trás de puro prazer.

Não perdi tempo em ficar completamente nu e enterrar-me dentro dela, tonto pelo álcool do vinho, mas com certeza pelo tesão que eu sentia por ela. Os seus gemidos preenchiam todo o ambiente enquanto transávamos na pia da cozinha.

— *Oh, Brad!* — murmurava ela com suas unhas cravadas em minhas costas.

Sempre com amor

*“Ei, anjo na neve, você é a única
é meu verdadeiro amor de Natal.
Diga ao Papai Noel que estou
bem este ano. Meu presente
está bem aqui.”*

Justin Bieber

Brandon

Completo, era assim que me sentia quando estava com ela, a garota que me faz o cara mais feliz do mundo, mais realizado e agradecido. Com ela eu era o pior bobo, romântico, o pior apaixonado de todos. Era uma coisa forte, como se fôssemos ligados um ao outro de um jeito surreal. Maria Clara era com certeza, o amor da minha vida. Não tinha como duvidar disso.

— Tem mais presentes?

— Claro. Eu disse que esse era o primeiro... hm, de vários, aliás.

— Então me mostra logo, eu quero saber, Brad. — insistia ela. Neguei com um meneio de cabeça. — Por quê? — bufava.

— Por que sim! — respondi relaxando meu corpo no colchão gelado.

— Mas já é meu aniversário, não precisa de tanto suspense!

— E daí? Não, e ponto final! Depois que acordarmos eu te dou os outros. — afirmei e, por fim

ela consentiu suspirando.

Em segundos virou seu corpo para ficar em cima do meu.

– Posso pelo menos te ver gemendo meu nome de novo? – a voz de Clara era maliciosa e maravilhosamente linda.

Como não amá-la?

– Caralho, Maria Clara! Depois de duas fodas você ainda quer mais? – perguntei fitando-a com um riso nos lábios. Ela apenas riu mordendo os lábios.

– Por mim eu ficaria aqui, a vida toda amando você... – sussurrou, colocando seu peso com suas mãos em meus ombros.

Já estávamos no quarto depois de um maravilhoso sexo na cozinha e Clara não se saciava por completo. O dia iria amanhecer logo, logo.

Segurei em seu liso e pequeno quadril enquanto ela rebolava em meu colo toda sexy e deliciosa. Beijando-a eu fiquei por cima comandando tudo de uma vez e então penetrei seu corpo apreciando seus sons e sabores.

Mordia seu seio enquanto entrava e saía de seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo. Sentia minhas costas arderem por estar em contato com as unhas de Maria Clara, que me arranhava sem dó nenhuma. Vi-a soltar um gemido alto quando, ao mesmo tempo, senti suas pernas fraquejarem embaixo das minhas e ela gozar. Continuei com os movimentos de vai e vem até chegar ao meu ápice e depois, a única coisa que fiz foi me jogar ao seu lado com a respiração ofegante.

– Por que é sempre incrível? – acabei perguntando em voz alta, olhando o teto branco.

– Porque é com amor. – respondeu baixinho colocando sua cabeça em meu peito. – Me pergunto todos os dias a mesma coisa. – peguei edredons branco que estavam ao pé da cama e nos cobri.

– O quê? – perguntei para ela.

– Se isso tudo é real. – fez uma pausa. – Bom, se for um sonho, eu não quero nunca mais acordar.

– Não tem nada de sonho nisso. É real, repara. – dei um leve beliscão em seu braço, onde antes eu estava fazendo carinho e ela me deu um tapa estalado como reflexo.

– Palhaço! É sério! – o som de sua risada preencheu o ambiente.

– Eu amo você. Estou aqui pra você e por você.

– Me promete uma coisa?

– Até duas. – falei.

– Por favor, não me troca. – a voz de Clara estava baixa e eu ajeitei meu corpo, fazendo-a levantar a cabeça um pouco e me olhar nos olhos.

– Eu já te prometi isso, amor. — lembrei-a. Como ela não disse nada, perguntei: — Por que eu te trocaria, Maria Clara?

– Ah, sei lá.

– Quantas vezes vou ter que repetir que você não precisa ser insegura?

– Não sou insegura... – sua voz saiu falhada. – Só quero ter a certeza que terei você pra mim sempre, todos os dias da minha vida e que jamais estarei longe de você. – finalizou.

– Sim.

– Sim... o quê?

– Prometo jamais te trocar. Até porque, eu não sou louco de fazer esse tipo de coisa. Eu amo demais você.

– Mesmo? – Seus olhos brilhavam e tinha um riso

PERIGOSAS NACIONAIS

sapeca em seus lábios.

– Mesmo!

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Meu corpo estava realmente dolorido quando eu acordei pela manhã... Bom, esfreguei os olhos com as costas da mão e peguei o celular na cabeceira. Depois de quase me cegar olhando a tela iluminada, vi que já se passavam do meio dia. Respirei fundo segundos depois de jogar o celular no mesmo lugar de antes.

Apalpei o colchão ao meu lado, percebendo a ausência de Brandon e sentindo meus dedos deslizarem sobre uma folha. Ou melhor, cartão. Sentei-me, pegando o mesmo na mão. Liso, limpo e até cheiroso, era vermelho com detalhes em branco.

“Que você tenha um maravilhoso aniversário ao meu lado.

Obrigada por ser a mulher mais incrível do mundo pra mim.

Você é meu desejo mais especial e marcante nesse Natal e em minha vida inteira.

Feliz Natal e aniversário. Eu amo você.

Com amor, seu eterno e fiel namorado.”

Sorri comigo mesma ao ler e reler as palavras bem escritas naquele cartão, o apertando contra o corpo.

Meus pés tocaram o chão frio quando me ajeitei para descer da cama. Só então, percebi que tinha um pequeno caminho de pétalas de rosas vermelhas no chão. Sorri, vestindo uma camisa do Brandon azul e fui descalça até o corredor, onde as pétalas continuavam.

Continuei andando até chegar à cozinha. Brandon estava sentado em cima de uma grande toalha xadrez vermelha no chão, onde continha um bom café da manhã posto e, ao seu lado, uma caixa colorida pequena.

– Bom dia, aniversariante. – desejou-me ele ao me ver.

– Bom dia, meu amor. – andei com cuidado até onde ele estava. – Isso seria o segundo presente? – sugeri a ele que consentiu me dando um selinho quando eu sentei ao seu lado com as pernas cruzadas.

– Gostou?

– Claro que sim! – peguei um morango numa

travessa. – Tá tudo lindo, maravilhoso.

– É tudo seu, só aproveite! – afirmou com um sorriso nos lábios ao ver-me pegar bastante coisa em poucos segundos e começar a comer.

Eu tinha acordado com um leão faminto de fome dentro de mim.

– Até você? – perguntei.

– Principalmente. – Brandon piscou de um olho só enquanto sorria.

– Onde você comprou tudo isso?

– Ué, e isso importa? — ele deu de ombros dando a entender que não queria que eu me distraísse com coisas desnecessárias.

Nosso café da manhã foi ótimo. Doce demais, apaixonado demais, quente demais e inesquecível. Aliás, todos os segundos vividos ao lado dele são inesquecíveis!

Ao terminar de comer um pedaço de bolo e limpar as mãos, Brad pegou a caixa ao seu lado e a abriu.

– Amor, fecha os olhos.

– Pra quê? – perguntei colocando uma colher de

cereal com leite na boca.

Já estava me sentindo inchada e gorda de tanto comer.

– Vai logo, doçura! – insistiu ele como se estivesse impaciente com minhas perguntas. Apenas ri assentindo e fazendo o que ele pediu. – Espera. – pedia ele enquanto eu ouvia alguns barulhos.

– Posso abrir?

– Não! Calma aí.

Respirei fundo e continuei a esperar. Em poucos segundos, o ouvi pigarrear.

– Abre. – pediu e eu o fiz, olhando Brad segurar um colar de prata fino, com um pingente lindo com um símbolo do infinito e as letras “B” e “M” no meio dele. Sorri com os olhos.

– Isso é... – não consegui nem falar. – Brandon, é lindo! – exclamei tocando na joia. Brandon logo a tirou da caixinha preta e a colocou em meu pescoço. Passei a mão na mesma, já pendurada em mim. – É lindo, de verdade. Obrigada! – agradeci dando-lhe selinhos.

– Presente número 3. – avisou ele ao envolver

PERIGOSAS ACHERON

meus braços em volta de seu pescoço.

— Mais alguma surpresa? — arqueei as sobancelhas.

— Depois, apressadinha, depois. Que tal comer mais? — sugeriu ele.

— Oh, Deus! Você quer me ver gorda, não é possível! — brinquei antes de voltar a comer aquelas maravilhas que ele havia comprado, entre beijos rápidos e doces.

Nossos beijos eram sempre assim, um diferente do outro. Cada um tinha seu jeito e sua forma. Era um melhor que o outro, mais incrível que o outro e Brandon não cansava de me fazer feliz.

O dia passou rápido. Rápido demais até.

Depois do ótimo café da manhã, Brandon e eu brincamos igual dois idiotas de guerrinha de travesseiro, deixando o quarto uma total zona, deixando-me mais dolorida do que eu já estava.

— Brandon, é sério, para!

— Fraca! — resmungou ele dando-me uma travesseirada no ombro e eu corri, jogando-me na

cama, no meio dos lençóis. — Se não sabe brincar, por que começou?

— Não é nada legal brincar contigo! Estou dolorida, Brad. — estralei o pescoço.

— Desculpa. — ele se aproximou da cama. — Fica de costas, deixa cuidar de você. — sorri com suas palavras e sem perguntas, virei-me.

Senti o tecido da cueca de Brandon em minha bunda. Com uma perna de cada lado de meu corpo, senti suas mãos geladas em seguida, em minhas costas.

Afundei minha cabeça nos lençóis e fiquei assim por minutos, sentindo a maravilhosa massagem que ele dava em minhas costas e ombros, aliviando toda a dor e tensão de meus músculos. Ele era maravilhoso.

Soltei alguns gemidos abafados em meio aos lençóis e depois de bastante tempo, senti algo duro por dentro da cueca de Brandon em minha bunda.

Olá, superdotado e incansável.

— Melhorou? — sua voz sussurrou no meu ouvido. — Considere como presente número 4.

— Muito. — respondi virando-me. — Obrigada.
PERIGOSAS ACHERON

— ele se deitou ao meu lado, de barriga pra cima.

— Me agradece de outro jeito. — disse malicioso.

Dei um beijo rápido e molhado em seus lábios.

— Posso pedir mais que isso?

— Você pode ter muito mais que isso. — afirmei, subindo em cima dele e depositando beijos em seu pescoço.

Suas mãos percorreram até o tecido fino de minha calcinha.

Amor é uma coisa de louco, pode acalmar, fazer pirar, fazer o coração bater de um jeito tão descompassado que parece que vai rasgar o peito. É algo mágico, único e maravilhoso. Eu não consigo ficar mais sem esse sentimento em minha vida. E o culpado, quem é? Brandon, claro!

Meu celular não parava de tocar, me dando irritação máxima.

— Atende logo ele caralho, antes que eu o quebre! — a voz de Brad era grogue, como se estivesse bêbado.

Bêbado de sexo, talvez.

— Mãe? — chamei-a na linha com o celular no ouvido.

Meu corpo nu coberto por um cobertor estava arrepiado de frio.

— *Oi, princesa. Tá tudo bem?*

— *Sim. Por que não estaria?*

— *É que eu já liguei várias vezes pra saber como estão as coisas e você não atendeu... Fiquei preocupada.* — soltei um riso baixo.

— Tá tudo bem, sim. Desculpa, eu não ouvi... — fiz uma pausa, voltando a me sentar na cama. As mãos de meu namorado acariciavam meu cabelo.
— Tá tudo bem por aí? Já estão com saudades?

— *Tudo sim... Estamos morrendo de saudades! Mal posso esperar pra que vocês voltem... Tudo pronto pra amanhã?*

Putá merda, sim, nós voltávamos a Los Angeles na noite do dia seguinte e eu estava nas nuvens, nem me lembrava mais. Tinha o quarto todo praarrumar, arrumar mala, curtir mais um bocadinho da cidade...

— Tudo pronto sim, mãe. — menti ouvindo
PERIGOSAS ACHERON

Brandon rir enquanto mordia meu ombro.

— *Como está seu aniversário?*

— Ótimo. Não tinha como ficar melhor. — apertei os lábios segurando um gemido ao sentir meu corpo se arrepiar com Brandon me chupando.

Meus seios estavam enrijecidos.

Com minha mãe ao telefone e eu estava sendo amada por um maravilhoso homem na cama, querendo gemer loucamente de prazer. Uma cena engraçada e constrangedora.

— *Fico feliz.* — respondeu Clau. — *Então... Feliz aniversário de novo.* — ela havia me ligado de madrugada, assim como todos os meus amigos de Los Angeles, exceto um. — *Te amo. Amanhã estarei no aeroporto pra encontrar vocês!* — ela com sua voz empolgada de sempre.

— Ok. Eu te amo, mãe. — foi a única coisa que consegui dizer e desliguei, jogando o celular em qualquer lugar e apertando minhas mãos no colchão sentindo Brandon beliscar meu clitóris e eu ir às nuvens.

Com a respiração ofegante, tentei controlar meu corpo que estava tão leve e ao mesmo tempo cansado. Desde que acordamos, havíamos transado duas ou três vezes, não sei bem...

Sem contar nas histórias compartilhadas, guerras de travesseiro, massagem e filme na TV. Foi um aniversário diferente, mas bem aproveitável.

Meu celular voltou a tocar me fazendo levantar e buscá-lo no chão. Voltei-me para debaixo das cobertas onde Brad buscava algum canal legal na TV e atendi a ligação.

— Se esqueceu de mim? — perguntei para Connor assim que atendi a ligação.

— *Que dramática!* — ele riu do outro lado da linha. — *Só estava resolvendo umas coisas, não pude ligar antes. Estou perdoado?*

— Talvez.

— *Queria que vocês estivessem aqui, poderíamos estar em um bar bebendo, talvez o clima aqui estivesse melhor.* — fez uma pausa. — *Mas, tudo bem, quero que seja muito feliz e que tenha muita saúde em seu próximo ano, minha eterna caçulinha.* — falava Connor. — *Eu amo você e*

espero que realize todos os seus objetivos.

— Obrigada, Connor. — sorri pelas suas palavras bonitas.

— *Promete me ligar sempre que puder?*

— Ué, mas por quê? — não havia entendido. — Voltamos para Los Angeles amanhã à noite.

O silêncio tomou conta da ligação e ali eu tive certeza de que algo ruim estava acontecendo.

— Connor? O que houve?

— *Estou indo embora, pequena.*

— Indo embora? O que está dizendo?

— *Desculpa falar assim tão rápido, eu decidi faz alguns dias. Já falei com Dexter e Lauren por aqui e liguei para Ansel e Melanie pela manhã, agora vou entrar no avião e liguei para você. Só estou com medo de que meu melhor amigo me mate. — ele se referia ao Brad.*

— Por quê, Connor?

— *Vou embarcar para o Brasil em poucos minutos, já informei meus tios por lá. Eles não gostaram da ideia de o traíra do namorado da filha deles, morar na mesma casa novamente, mas é só*

por um tempo até alugar uma.

— No Brasil? — arregalei os olhos. — Não! Você não pode fazer isso! Connor, não brinque!

— *Não estou brincando!* — respondeu ele bem firme e assim que se calou, como confirmação, ouvi a voz de uma mulher chamando o próximo voo para o Brasil.

— Connor, não precisa disso tudo! Olha, eu conversei com a Susan e conversei com ela sempre, ela vai te ouvir, vocês vão se acertar. — o consolei.

Aquilo não poderia ser verdade. Droga!

— *Queria muito que fosse verdade, Clara.* — a voz dele era tão calma e baixa, eu conseguia sentir sua tristeza até com um oceano de distância.

— Você não pode fazer isso com a gente.

— *Já fiz.* — avisou seco. — *Espero que me perdoem, eu dou notícias.* — falou ele e finalizou em seguida: — *Avisa o Brandon que sinto muito por tudo.*

E desligou.

— O que o Connor queria? — perguntou Brandon me olhando, só naquele instante me toquei de que ele prestava atenção na conversa.

— Brandon... o Connor está indo embora pro Brasil e te pediu desculpas. Nos dá notícias quando puder.

— O Connor o quê? — berrou. — Mas que diabos! — ele se sentou na cama só de calça de moletom e camisa. — Está falando sério?

Mexi a cabeça para cima e para baixo.

— Eu não posso deixar aquele babaca um minuto sozinho que ele faz merda! Foi na festa, agora isso... Não, assim não dá! — reclamava enquanto procurava pelo seu celular entre os lençóis para ligar ao amigo.

Desde o primeiro dia que se viram, se tornaram amigos inseparáveis. Faziam tudo juntos, confiavam um no outro e eu gostava de viver ao redor de pessoas tão iguais, mas ao mesmo tempo tão diferentes um do outro.

— Não atende! Ah, Connor, seu bosta! — Brandon coçou a nuca. — Susan sabe? — neguei com a cabeça. — Ela vai matar ele! — reclamou.

— Fica calmo! — peguei o celular de sua mão. — Deixa que ele tome suas próprias decisões, pode ser? Ligamos para ele assim que pisarmos em Los

PERIGOSAS ACHERON

Angeles. Aliás, ele já deve ter embarcado.

Brandon suspirou e depois concordou.

O abracei na cama para que pudéssemos ver o filme que estava passando: “Ghost - Do outro lado da Vida”.

Em pensamentos, pedi que tudo se acertasse entre Susan e Connor.

Brandon

Assim que o dia amanheceu, tive que ajudar Maria Clara a arrumar tudo o que bagunçamos no nosso quarto de hotel. Arrumamos nossas malas e ficamos mais algumas horas andando pela cidade para nos despedirmos. Aqueles três dias tinham passado rápido demais.

Caitlin nos levou de volta para o aeroporto. Melanie e Ansel estavam como nós: cansados, mas felizes de termos passado esses poucos dias em outro país. Assim, tínhamos algo bom para lembrar deste belo Natal.

No avião, Maria Clara dormiu como um bebê a viagem toda enquanto eu só soube pensar em como seria o ano seguinte. E, a única certeza que tinha, era que seria um ano completamente cheio!

Mudanças

*“Mude seus pensamentos,
mude sua vida.”*

Lao Tsé

Maria Clara

Se tínhamos a certeza de que Susan ficou arrasada com a partida de Connor, assim que a vimos antes do Ano Novo, tivemos a certeza ao quadrado. Ela estava destruída, triste e quieta, demasiado quieta.

Fizemos o possível para deixá-la para cima todos os dias. Seu melhor amigo Brandon era o que mais a fazia sorrir, por mais difícil que fosse. Passamos todos juntos o Reveillon, tentando não deixar a falta de Connor mexer tanto conosco.

Comemoramos o aniversário de Melanie logo no início do ano e aproveitamos os dias das merecidas férias, apenas descansando ou conhecendo lugares, pessoas ou amando os amigos.

Brandon resolveu fazer mais tatuagens. Somando com as outras três que ele já tinha antes de o conhecer, no total de seis.

O que mais achei bonito foi o significado de cada uma delas.

Brandon me ensinou a usar a academia da casa

dele e a gente passou o mês de Janeiro treinando, por mais difícil que fosse ele não me deu mole. Eu gostei de fazer atividade física, mas a moleza ia acabando, os dias foram se passando e as aulas se iniciariam em poucos dias.

Era domingo, eu fazia as minhas unhas dos pés no chão do meu quarto, quando Susan apareceu por lá.

— O que lhe trouxe aqui? — perguntei, assim que ela se sentou ao meu lado.

— Oi, Clara. — fitei seus olhos, assim que senti tristeza em sua voz.

Ela estava com olhos vermelhos e inchados, a expressão negativa.

— O que houve?

— Vim me despedir de você.

— Veio fazer o quê? — parei de fazer as unhas.

— Vim me despedir. — repetiu ela. — Conversei com meus pais ontem e eles disseram que o Connor, ele... — Susan perdeu a voz e caiu em lágrimas, tentou respirar para continuar falando: — Eles disseram que Connor não para em casa e que agora anda fumando. Sabemos que ele começou a

PERIGOSAS ACHERON

fazer isso aqui, com a gente, mas era casual, Clara, você via isso, não via? — perguntou ela em prantos. — Connor não é um maconheiro. Eu tenho medo que piore. Ele não se matriculou em nenhuma escola, vai se perder totalmente. Ele deve estar tão mal... — ela fungou.

Aproximei-me mais de seu corpo e a abracei. Ela me segurou com força. Emocionei-me com sua dor. Entristeci-me por lembrar que Connor nos deu a notícia e depois sumiu. Ele mal respondia um mensagem se quer de qualquer um de nós.

— Eu comprei minhas passagens, falei com todos já. O Brandon está lá embaixo, não quis subir para nos deixar sozinhas, mas vai me levar ao aeroporto agora.

— As aulas começam em alguns dias, Susan, você não pode ir para o Brasil nessa altura do campeonato.

— Eu vou, Clara, preciso ir. — falou ela. — Já peguei minha transferência e a de Connor também.

— Vocês vão voltar? — arqueei a sobrancelha.

— Não sei. — mordendo o lábio ela fungou. — Eu só quero conversar, ficar perto dele, não deixar

com que deixe de ser quem é, consegue me entender?

— Sim, claro que sim. Você vai fazer bem a ele!
— afirmei.

— Estou com medo... tentei mandar uma mensagem. Bom, uma não, várias, ele não respondeu nenhuma. Não quero que ele me odeie. Quem errou foi ele, o direito de ficar brava e terminar é meu, não é? — questionou ela e eu respondi apenas mexendo a cabeça. — Ah, meu Deus, não queria deixar vocês...

— Vamos estar aqui quando quiser voltar, você sabe disso. — falei a abraçando mais uma vez. — E espero que traga Connor com você! — sorri.

Ela sorriu tímida de volta enquanto secava as lágrimas, então finalizou:

— Obrigada. Eu te amo, Clara.

— Own, quem vê acha que é meiga. — brinquei.
— Eu amo você! Promete nos deixar informados? Mas, prometa mesmo, não faça como o Connor!

— Prometo. — falou, me dando um forte abraço e, logo a seguir foi embora.

Suspirei pedindo em pensamento mais uma vez:
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que tudo se acerte para aqueles dois...

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

— Ficaram sabendo do boato? — Melanie chegou perto de nós aos berros, assim que pisamos o pé no prédio de Thompson High.

— Que boato? — Maria Clara arrumava os cabelos quando parou na frente da amiga.

— Que aqueles vagabundos da secretaria colocaram os namoradinhos em aulas diferentes, para o resto do ano?

— Boatos, Melanie. — Maria Clara não dava bola.

— Pior que comprovei, não é, não. Ansel e eu não temos se quer uma aula juntos.

— Sério? — minha namorada tirou o papel da mão de Mel.

Olhei para Ansel que tinha um sorriso no canto da boca, ele apenas juntou as mãos e olhou pra cima.

Não consegui segurar a risada. Ansel era um bosta quando queria!

— Meu Deus, preciso buscar minha lista de
PERIGOSAS ACHERON

aulas. — Clara saiu em direção à secretaria.

Ainda rindo, fui atrás junto do caszinho recém separados das aulas.

Entrei junto de Maria Clara na secretaria e saí segundos depois de lá encontrando com Melanie na porta que pegou o papel de minha mão com rapidez.

Olhando atentamente a minha lista, nos olhou com os olhos arregalados.

— Brandon tem praticamente todas as aulas comigo. Caramba! — exclamou.

Ansel olhava a de Maria Clara e então comentou:

— Talvez fosse o destino, olha só, vou estudar com Maria Clara esse ano e vocês dois irão estudar juntos. Os diretores de Thompson High querem casais novos!

Melanie revirou os olhos pela piada do namorado.

— Você é um bosta. Cala a boca! — irritou-se ela.

Ri de seu comportamento.

— Então, é você que vai estudar muita Química,

História e... Línguas Estrangeiras comigo esse ano? — a voz dela me deu um susto, me fazendo virar para trás e dar de cara com Candice sorrindo ao lado de Paige Evans.

— Candice. — murmurei.

— Olá, Campbell. — ela sorriu feliz. — Olá colegas de colégio, espero que tenham um bom ano. — e saiu.

— O quê? — Maria Clara quase estourou as cordas vocais ao meu lado.

— Fica quieta! — pedi rápido.

— Não! Não vou ficar quieta! O que essa vagabunda está fazendo aqui? Ela não tem colégio?

— Tem. — Ansel comentou olhando Candice ir embora. — Esse. Conosco.

— Já até sei o interesse dela aqui. — Maria Clara quase esfumaçava.

— O namorado novo dela, claro. Tyler Carter que vamos precisar aturar. O babaca vai cursar seu terceiro de novo.

— De novo? — perguntou Melanie.

— Não, Ansel, com certeza, não. Ela está

interessada nos antigos mesmo.

— Menos, Maria Clara. — revirei os olhos.

Era um saco ela ter ciúmes de Candice a todo tempo.

O sinal tocou.

— Vamos, Clara, estudar nossa Geografia, Biologia e até Filosofia... — Ansel abraçou minha namorada e saiu arrastando-a no corredor. — Cuida dela, cara. — pediu ela se referindo a Mel. Apenas pisquei e fiz uma careta.

— Brandon! — ouvi a morena me chamar assim que dei as costas.

Olhei.

— Toma cuidado, bonitinho. Toma muito cuidado! — seu rosto bravo e nervoso me fez rir mais ainda.

Mandeí um beijinho pra ela que a irritou mais e então fui para a sala de aula junto de Melanie, dando de cara com Lauren, Dexter e... Candice Sullivan na mesma aula que nós.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Caminhei junto de Ansel para a nossa primeira aula do dia naquele início de ano, um novo e revigorante ano que me dava arrepios só de pensar no que poderia vir pela frente.

Assim que entramos na sala, dei de cara com Landon sentado em uma das primeiras fileiras. Logo que me viu, ele sorriu. Aproximei-me olhando-o e tentando encaixar as peças.

— Aula de Biologia agora, desastrada? — perguntou ele. Só consegui assentir com um meneio de cabeça.

Festa na fogueira

*“Você me faz implorar
de joelhos.”*

Maroon 5

Maria Clara

No fim das aulas, encontrei Melanie na porta da sala de minha última aula. Ela e eu fomos arrumar nossos armários e ir ao banheiro. Logo saímos do prédio, indo ao estacionamento procurar os garotos que estavam conversando.

— Ah, Clara, o ano passado foi uma merda! — reclamava Mel depois que eu sugeri que fôssemos de noite à fogueira na floresta, onde tinha a festa de começo das aulas.

— Claro que deve ter sido, eu não estava lá... — lembrei-a. — Mas dessa vez eu vou, Brandon também vai. Vamos, por favor.

— Mesmo?

— Sim. — falei. Melanie apenas assentiu com a cabeça.

— Caralho, que gostosa! — ouvi uma voz atrás de meu corpo, então vire-me. — Vem ser minha, maravilhosa! — comecei a andar e Melanie me seguiu.

— Não fala assim que eu vou, hein. —

provoquei.

— Vem, pode vir. — piscou ele, do jeito mais cachorro de todos. Olhei em volta antes de colar meu corpo no dele.

— Eu namoro. — avisei.

— Foda-se ele. — disse. — Ah, a propósito, que sortudo, hum?! — eu envolvi meus braços em seu pescoço.

Brandon caiu na gargalhada.

— Como foram suas aulas, meu amor? — perguntei.

— Ótimas! — respondeu.

Melanie e Ansel depois de darem risadas de nós, apenas começaram a conversar sobre a festa na fogueira onde iríamos hoje. Então, fitei os olhos de Brad antes de perguntar:

— Vamos hoje para a festa na fogueira, não é?

— Claro, vamos sim. — respondeu, se arrumando em cima do capô do carro.

— Ei, Clara, vejo você à noite? Na fogueira? — Landon passou ao nosso lado perguntando.

Abri um sorriso para ele.

— Nos vemos. — respondi.

Ele apenas sorriu de volta antes de partir.

— Entendi o motivo de querer ir hoje à noite. —
Brandon comentou, a cara fechada.

— Lindo ele, não é? — perguntei sem pensar, então calei a boca, sem saber a reação de Brandon em minha frente.

— Lindo vai ser minha mão na sua cara, engraçadinha! — rebateu meu namorado.

Só gargalhei dele, antes de beijar sua boca rosada por conta do frio.

Brandon correspondeu com seus braços fortes me apertando pela cintura. Passei meus dedos entre os seus cabelos e ele mordeu meus lábios, me dando arrepios.

O vento bagunçava meus cabelos e eu mantinha os olhos fechados, mesmo depois do término do beijo. Sentia olhares em cima de nós, mas não me importei, já havia me acostumado.

— Você sabe que dia é hoje? — perguntei.

— Hm, o primeiro dia de aula? — como se estivesse pensando, Brandon respondeu só depois de alguns segundos.

— Só isso?

— É, ué. — ele tinha um sorriso sapeca nos lábios. — É um dia normal.

— Normal, Campbell? Como assim, você não lembra?

— Lembro do quê?

— Vamos lá, vou refrescar sua memória. — comecei e ele me olhava, prestando atenção no que eu dizia. — Uma garota, foi usar o banheiro do colégio, no primeiro dia de aula de seu primeiro ano e, ao entrar no mesmo, deu de cara...

— Com uma beldade lá dentro, um maravilhoso chamado Brandon Campbell. — completou. — Aí, essa garotinha fraca logo se deixou levar pelos encantos desse garoto e agora não respira mais sem ele por perto. Olha que história linda. — dei risada.

— Não foi bem assim! Primeiro que a garota não era fraca e não se deixou levar. Foi forçada.

— Forçada? Ela correspondeu aos carinhos do cara, se entregou e isso é ser forçada?

— Cala a boca! — soltei um riso. — O que eu quero saber até hoje é: o que você estava fazendo lá, Brandon?

— Fui encontrar você. — pegou-me ele de surpresa, para completar me deu um beijo bom, tirando todo o meu fôlego. Minhas pernas bambearam.

— Estou falando sério. — tentei falar.

— Eu também. — Brandon abriu um sorriso tão sincero que eu não quis mais questionar.

Abri um sorriso enorme ao dizer:

— Um ano.

— Eu sei, meu amor, eu sei. — respondeu ele beijando meu pescoço. — Sabe de uma coisa? Eu já sabia que você seria minha até o fim da vida quando te vi em minha frente pela primeira vez.

— Quem te disse isso?

— Seus olhos, sua boca, seu jeito... — respondeu ele simples e eu não consegui conter um sorriso.

Gente apaixonada é a pior do mundo! Que ridículo!

— Ei, a gente já vai. — avisou Mel de mãos dadas com Ansel.

— Nós também. — avisei abrindo a porta do carro de Brad. — Nos vemos de noite? — Ansel

PERIGOSAS NACIONAIS

consentiu antes de nos cumprimentarmos para ir embora.

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Deixei meu carro do lado no acostamento da pista, junto com os outros. Passado pouco tempo estávamos perto da fogueira, junto com todos, às 20h da noite. Tinha muita música, bebidas e barulho. Bem animado, aliás. E não só os alunos antigos, como alguns novatos e... Tyler.

— Aquele lixo ainda é vivo? — perguntou Clara.

— Infelizmente, sim. — resmunguei.

Andamos um pouco até sentarmos num banco de madeira perto da fogueira, onde achei Caleb junto lado de Lauren e Dexter.

Dei um gole grande em meu copo de vodca e avistei Candice ao lado de uma árvore no lado oposto ao meu, só de vestido de couro azul escuro. Observei por segundos longos. Deliciosa, não vou negar. Piscou pra mim quando viu que a olhava, tive que desviar os olhos dela, antes de me perder.

— Amor?

— Hm? — olhei pra Clara que havia acabado de me chamar.

— Tá tudo bem?

— Sim. — menti antes de dar um beijo em sua boca e ela sorriu, sentada em meu colo bebendo energético. — Vem, vamos andar. — saí andando de mãos dadas com ela pra um lugar mais distante, não sem antes arranjar maconha com Caleb.

Apertei sua perna com força e ouvi seu arfar em meu ouvido. Pressionei mais seu corpo no tronco de árvore enquanto ela mordida minha boca. Seu batom me deixava com falta de ar, seus lábios eram a minha perdição e eu já tinha me esquecido como era sentir seu corpo, seu amor.

— Aqui não. — pedia ela enquanto eu passava minhas mãos por debaixo de sua blusa fina. — Para!

— Cala a boca! — gritei, fazendo-a calar e beijei seu pescoço cheiroso, ouvindo seu riso junto de um gemido.

Mordi sua pele gelada, enquanto apertava seu corpo com mais força e meus dedos tocavam o fecho de seu sutiã. Meu corpo ficou elétrico demais.

— Estamos ferrados se nos pegarem aqui.

— Ué, foda—se. — respondi. — Não estou fazendo nada de errado, estou?

— Sim. Isso é uma floresta, não seu quarto.

— E eu com isso?!

— É que eu não quero.

— Quer sim, sei que quer. — ouvi seus risos. Ela tentava se afastar.

— Eu não vou transar contigo encostada numa árvore.

— Não? É sua maior fantasia, garota.

— Mas tem pessoas próximas e, forçado não vai rolar. — disse ela e eu não liguei, tateando seu corpo. — Para, Brad, é sério! — ela não deixou que eu abrisse o fecho, tentando se afastar novamente.

Apertei-a. Eu precisava disso, precisava dela, precisava de toda aquela adrenalina em meu corpo, ali e agora.

— Você está me machucando, amor. Por favor, para! — gritou e eu não prestei atenção.

Primeiro que ela que me trouxe até ali, me beijou, me deixou em meu estado atual e agora faz cu

doce, implorando um “pare”? Desculpa, mas, não.

— Ei, shiu! — coloquei meu dedo em seus lábios fazendo-a calar a boca e depois a beijei, com desejo e urgência. Ela correspondeu sem frescuras e afagou meu cabelo. Senti o gosto de seu sangue em minha boca depois de ter mordido seu lábio com vontade. Ela gemeu de dor.

— Você tá louco, Brandon? Puta que pariu! — ela chupou o próprio lábio, resmungando.

— Você sempre gostou disso. — avisei baixo.

— Nunca! Da onde você tirou isso? — perguntou incrédula. Já estava esgotado, irritado. — Vamos sair aqui.

Não tinha mais sentidos e nem pensamentos. Mal sabia o que estava fazendo e/ou falando.

Foda-se também.

— Caralho, *Candice*, já mandei calar a boca! — gritei sem pensar e em segundos estava com o corpo bem afastado dela por ter sido empurrado.

Seus olhos escuros brilhavam na pouca luz. Demorei pra perceber a burrada feita. *Maldita maconha!*

— Do que você me chamou? — sua voz era de

PERIGOSAS ACHERON

completa indignação.

Parabéns Brandon, parabéns!

— De nada, ué. — engoli em seco me aproximando dela de novo, tentando voltar a raciocinar normalmente, ela me empurrou com a mão.

— Sai daqui, Brandon. Você é ridículo! Eu não estou acreditando nisso.

— Para, Maria Clara. Quanta frescura, foi sem querer. Vem cá. — disse com calma sem perder a paciência que eu não tinha enquanto ela revirava os olhos e saía da minha beira. — Espera! — foi a única coisa que gritei ao perdê-la de vista e tombei a cabeça pra trás, passando minhas mãos nos olhos.

Maria Clara

Cara de pau, era isso que ele era. Um filho da puta!

Meus pés doíam por eu estar batendo-os com força nas folhas secas no chão voltando para onde estavam todo.

A música era alta e avistei Ansel com Mel em seu colo. Ao lado dele, estava Dex e Lauren aos beijos. Sentei no banco com o corpo pesado e dominada pela raiva.

Caralho, Candice? Como ele pôde me chamar assim? Se todas as vezes que ele queria me levar pra cama, me imaginou sendo aquela piranha nojenta, eu sou estúpida, de verdade!

Tomei uma latinha de energético que estava com Melanie e, ao sentir a presença do imbecil ao meu lado, me levantei de pressa, indo em direção a Landon que estava com alguns amigos, bem próximos de lá.

— Landon, oi. — disse ao me aproximar e ele me olhou, sorrindo de lado. — É... você vai embora

que horas? — perguntei segurando a raiva por alguns instantes.

— Bom, — ele olhou o horário em seu celular. Vi que no visor marcava 01h da manhã. — Eu não sei... por quê?

— É que eu preciso de uma carona pra casa, e pensei que você pudesse me levar. — ele me olhou confuso por alguns segundos, com um olhar de: *“ué, mas cadê seu namorado?”*.

— Ah, tudo bem... — ele não fez perguntas, ótimo! — Minha moto está lá no acostamento, você quer ir agora? — olhei pro lado, tendo a visão de Brandon ao lado das chamas da fogueira com um olhar de: *“volta aqui filha da puta! O que você pensa que está fazendo?”*. Ignorei.

— Estou com muita dor de cabeça, queria ir agora, se não for incomodar. — fiz uma cara de dor e ele consentiu.

— Vou só me despedir e... já vamos.

— Tudo bem, eu... eu já estou indo te esperar lá. — avisei rápido sem nem olhar pra ele e apertei o passo, indo em direção ao acostamento.

Uma mão fria e pesada segurou meu braço com

PERIGOSAS ACHERON

força. Eu estava a ponto de explodir.

— Você não vai nem me ouvir? — sua voz era arrastada.

Brandon me olhava rude. O olhei com desgosto.

— Já ouvi tudo o que tinha que ouvir, não acha?

— Para de ser tão idiota, Maria Clara, por favor!

— Ah, eu que sou idiota? — soltei um riso sem vida. — Você me xinga de Candice e eu que sou idiota? Por favor, né? Talvez essa não tenha sido a primeira vez. É bom se aproveitar de mim pensando na sua puta, Brandon?

— Ai, caralho! — ele riu me fazendo sentir humilhada. — Eu nunca a imaginei, para de pensar tanta besteira! Eu falei sem querer, saíu do nada.

— Do nada? Estranho, né? É sempre do nada que as coisas saem de sua boca. Pensar antes de falar, é sempre bom.

Vi Brandon respirar fundo e de olhos fechados, esperou uns segundos pra depois abri-los e falar. Eu estava de braços cruzados a mais ou menos um metro dele. A rua estava fria e vazia, bem vazia, a não ser por nós dois.

— Eu estou chapado, amor. Desculpa. — ele se

PERIGOSAS ACHERON

aproximou e seu olhar era perdido.

— Você sempre põe a culpa na maconha, isso é horrível! — minha voz estava alta. — Você sempre fala as coisas e volta atrás. Campbell, isso cansa! Não sou palhaça. — respirei e falei um pouco mais baixo. — E muito menos sou a Candice...

— Já te disse o quanto você é chata? De verdade, percebeu que a culpa é sempre minha? Sou o único errado de tudo! Falo algo sem querer pra você e no segundo seguinte você já tá lá, com seu amiguinho novo. Escroto, não acha?

— Não, não acho. Porque espero que, quando ele estiver comigo, pense em mim e não em outra. — gritei sem paciência, no mesmo instante em que Landon apareceu ao nosso lado.

Virei o rosto passando a mão nos olhos molhados rapidamente.

— Tá tudo bem aqui? — perguntou Landon.

Ninguém disse mais nada, até eu respirar fundo:

— Podemos ir? — pedi e ele consentiu, indo até sua moto e subindo na mesma.

Passei por Brandon, indo até à moto e ele segurou meu braço com força, sussurrando com uma voz

PERIGOSAS ACHERON

autoritária e prazerosa em meu ouvido:

— Presta atenção nas coisas que você faz, você não é mais nenhuma criança, Maria Clara. — olhei seus olhos esgotados de raiva e ciúmes antes de deixá-lo sozinho na rua e subi na moto, que começou a se mover em segundos.

Maria Clara

Minha cabeça latejava de dor às 8h15 da manhã quando acordei. Atrasada demais, por sinal.

Ao levantar rápido da cama que deixei desarrumada, tomei um comprimido pra dor no banheiro e me vesti, com uma jeans fajuta, um tênis branco e uma camiseta vermelha com uma jaqueta para me aquecer do frio. Fiz um coque firme e coloquei um lenço no pescoço.

Desci as escadas às pressas passando pela cozinha, onde meus pais estavam tomando café e deposei um beijo na bochecha de cada um.

– Bom dia, meu amor. – disse minha mãe.

– Bom dia, Clara. Pra quê a pressa? – perguntou meu pai enquanto eu pegava uma maçã gelada de uma travessa e logo a abocanhava.

– Bom dia, bom dia. – arrumei a mochila no ombro. – Estou atrasada, preciso ir!

– Mas e Brandon? Cadê?

– Tchau, gente! – gritei já batendo a porta.

Caminhei rápido pelas ruas como antigamente,
PERIGOSAS ACHERON

sozinha.

“*Cadê o Brandon?*”. Que pergunta mais desnecessária a essa hora da manhã, mãe. Deve estar na cama com alguma vadia ou cheirando farinha, vai saber!

Respirei fundo tirando os pensamentos ruins da cabeça e continuei meu trajeto até o colégio. Tudo bem que eu não estava com muita raiva de Brad, mas ainda me magoava lembrar.

Minutos depois, já estava atravessando a rua em direção ao prédio de Thompson High. Passei minha mão no rosto tirando uns fios soltos da franja e olhei discretamente pros carros estacionados e... nada do carro de Brandon.

Entrei e corri para o corredor vendo que já todos se encaminhavam para suas aulas. Sentei em uma carteira e disse um “*bom dia!*” rápido a Ansel e Landon que conversavam animadamente ao meu lado. A professora chegou aos gritos.

Respirei fundo pegando meus materiais.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Quando bateu o sinal avisando o fim das aulas, fui o primeiro a sair da sala de aula, andando rápido pelos corredores até à sala onde Maria Clara estava. Os alunos já começavam a sair.

Apoiei-me na parede até ver aqueles cabelos escuros num coque brilharem ao passarem pela porta e a abracei por trás.

– Que saudade de você! – sussurrei em seu ouvido e ela se afastou. – O que foi? Ainda com a birra de ontem? – perguntei, segurando em sua mão e ela saiu. Fui atrás. – Clara, fala comigo!

Ficamos em silêncio por alguns segundos, até ela respirar fundo e falar:

– O que você quer? – seu olhar pousou em mim.

– Que você me desculpe. – respondi.

– Só isso? – ela arqueou a sobrancelha e eu consenti. – Ok, agora tchau. – quando a vi dar dois passos, puxei-a pela cintura. – Brandon, para, que coisa! Não queria o perdão? Pronto, agora me deixa ir! – disse ela impaciente quando a empurrei nos

armários.

– Você ainda está chateada, não é? – Clara desviou seu olhar do meu. – Não fica, vai.

– Como você quer que eu fique então, cara? Ouvir você me chamar pelo nome da sua ex... Eu me senti trocada, novamente.

– Eu sei, eu sei! Mas, é sério, por favor, esquece isso, ok? Eu estava fora de mim. Amo você, apenas você. – fiz uma pausa, olhando seu olhar lindo e simples, segurando seus pulsos e seu corpo contra o armário.

Beijei seus lábios sentindo um alívio por ter me perdoado pelo deslize da noite anterior. Eu nem fazia ideia do que fizera.

– O que você fez no fim da noite? – sua voz cortou o beijo.

— Ah, nada. – respondi baixo e ela riu de novo, bem debochada.

– Nada, Brad? Te deixei sozinho lá no meio do mato e aquela piranha ainda estava lá. Você não fez nadinha?

– Está desconfiando de mim? Sério? – apertei sua cintura. – Te dou motivos?

– Eu preciso mesmo responder, Campbell?

– Só... fumei. Depois fui pra casa quebrar meu quarto e capotei. Acordei atrasado com a minha mãe me gritando. – parei de falar.

Puxei o seu lábio inferior rapidamente enquanto ela fazia carinho no meu cabelo. Finalizei o beijo devagar com ela sentindo falta de ar, minutos depois e logo saímos do colégio.

– Ficou sabendo da última? – perguntei enquanto estávamos entrando no carro.

– O quê? – respondeu enquanto ligava o som.

– Em um mês tem jogo. Alunos do segundo ano, contra os do terceiro.

– Um mês? – Clara arregalou os olhos e eu assenti.

– E o melhor, eu que serei o líder do time. O time adversário é do Tyler Carter. – dei de ombros.

– Está brincando, né?

– Juro que não.

– Eu não perco isso por nada na minha vida! – exclamou ela. – Já até sei o que vou fazer amanhã

assim que chegar. — fez uma pausa. — Colocar meu nome na lista das novas líderes de torcida.

Abri um sorriso pra ela antes de sair cantando pneu.

Ela só teve o que mereceu

*“Se você pudesse sentir
meu pulso agora, ele estaria batendo
como uma marreta.”*

Sledgehammer

Março de 2009

Brandon

O Sol resolveu aparecer naquele início de tarde no fim do inverno e eu agradeci. Só assim poderíamos jogar mais tranquilo. Era o dia do jogo e Thompson High só sabia falar nisso.

Eu havia acabado de me vestir e agora olhava todo o gramado na quadra descoberta dos fundos. Todos começavam a se arrumar nas arquibancadas e as líderes de torcida se aqueciam, já que se apresentariam antes de nós.

Não queria confessar, mas eu estava mais nervoso do que o desejado. Toda vez que sentia a braçadeira de capitão no braço ficava mais nervoso ainda!

— Adivinha quem veio te dar um beijo de boa sorte? — mãos cobriram meu rosto no mesmo instante em que uma voz sussurrou essas doces palavras ao pé do meu ouvido.

— A líder das líderes? — sugeri.

— Assim não vale, capitão. — reclamou Maria Clara quando segurei em seu braço e a trouxe até

meu peito, apertando seu corpo contra o meu.

— Tudo pronto por lá? — aponteí com o queixo para onde estavam as garotas do grupo das líderes se concentrando.

— Tirando Candice ao lado enchendo o meu saco acho que sim, tudo pronto. — comentou ela irritada.

No mesmo dia em que Maria Clara se candidatou para ser líder, Candice fez a mesma coisa, só que do time adversário, o que deixou minha namorada um poço de irritação.

Mas ela não desistiu e pegou firme nos ensaios com as garotas, levou até Melanie e Lauren junto e agora, todas iriam agitar nossa torcida a nosso favor.

— E vocês, como estão? — perguntou ela.

— Se continuarmos como estávamos nos treinos desde o ano passado eu acho que vamos nos sair bem. Só que...

— Está nervoso? — Maria Clara.

— Não. — revirei os olhos. — Eu só...

— Sim, você está nervoso. — ela riu de mim, então olhou para o lado e viu o professor Ric vindo

PERIGOSAS ACHERON

em minha direção. — E acho que eu não deveria estar aqui.

Maria Clara me abraçou pelo pescoço e me deu um beijo rápido, mas molhado, intenso e que me tirou todo o fôlego.

Risonha e com suas roupas curtas e coloridas, ela me deu um tchauzinho antes de ir:

— Boa sorte, capitão! — murmurou já longe, com sua saia curta rebolando.

Cacete.

Só consegui rir coçando a nuca. Ric estava parado ao meu lado com um olhar sério em minha direção. Eu também não deveria estar me distraíndo...

Eu precisava de concentração, só isso.

O primeiro tempo começou já bem competitivo. Junto ao meu time estavam Ansel, Dexter, Landon e Josh. O time de Tyler estava o próprio, junto do primo Caleb e mais uma coleção de babacas que jogavam tão mal quanto eles.

E, sendo os filhas da puta que são, fizeram um

gol logo nos primeiros dez minutos, mas não no abalou em nada. Ansel fez questão de fazer um gol três minutos depois. Antes de chegarmos ao fim de 45 minutos, Landon fez mais um, nos deixando com vantagem.

O intervalo foi mais tenso do que o jogo. Cada olhar que Tyler Carter jogava pra mim era um tiro. Ele estava mesmo achando que eu ficaria abalado com qualquer coisa que viesse dele.

Estava totalmente enganado.

Não perdemos o ritmo quando o segundo tempo começou, quente e rápido. Eu fazia o possível para fazer o gol que eu havia prometido para Maria Clara, que estava na arquibancada torcendo por mim com os dedos cruzados.

Maria Clara

Por incrível que pareça não fiquei nenhum pouco nervosa quando fiz a performance das líderes de torcida junto das garotas que torciam pro segundo ano. Não brinquei em nenhum momento no único mês que ensaiei e queria resultado. E tivemos, ótimos resultados, com assovios, aplausos e gritos em nosso favor.

Candice se apresentou com seu grupo assim que o time de Tyler foi anunciado. Ela não perdia a pose nem quando errava os passos. Acho que estava para nascer uma garota mais bizarra que ela!

Aquela tarde estava sendo divertida e muito, muito competitiva. A arquibancada estava bem dividida quando o assunto era para qual time estavam torcendo.

As garotas e eu ficamos em um lado da arquibancada exclusivo para nós líderes e agitamos o quanto era possível. Entre Mel, Lauren e eu, com toda a certeza eu estava mais angustiada que as outras.

Eu sabia o quanto Brandon era competitivo. Se era na vida, imagina nos esportes! Ele estava dando tudo de si para ganhar o jogo e eu tinha certeza de que tudo iria dar certo. Tinha que dar!

— Eu quero que você faça um gol pra mim.

— Quer? — Brandon sorriu a centímetros do meu rosto com seu corpo todo suado colado ao meu, no intervalo.

Assenti antes de dar-lhe um selinho colado.

— Só esperar. — foi o que ele disse antes de ir para o vestiário.

Fiquei esperançosa e com as pernas bambas.

Brandon tirava meu juízo.

O segundo tempo foi mais apreensivo que o primeiro, com milhares de faltas, tanto de um time quanto do outro. Tyler acabou sofrendo pênalti e a quadra toda ficou em absoluto silêncio quando ele foi cobrar. Então... ele errou. Sim, errou. Recebeu vaias até dos torcedores do time dele.

Eu nunca havia rido tanto.

Quando estava quase no fim do jogo, com muita

luta, Brandon enfim fez o gol que tanto precisava fazer, levando todos ao delírio.

Meu namorado olhou pra mim enquanto corria para comemorar com os amigos e piscou com um sorriso enorme no rosto, que eu retribui do mesmo jeito.

Eu sentia orgulho dele. Surtei com as garotas. O jogo finalizou em poucos minutos e a vitória para o time do segundo ano foi declarada.

Assim que Brandon comemorou com os garotos do time, veio em minha direção e eu saí correndo para alcançá-lo. Brandon estava todo suado e elétrico, me rodopiou milhares de vezes.

— Eu disse que vocês iam vencer, eu disse! — gritei dando gargalhadas pra ele que, ao me colocar no chão, me roubou um beijo gostoso.

Segurei em seus cabelos com força para não cair, estava nas pontas dos pés. Os braços dele estavam me segurando com força pela cintura, ah, aquela pegada...

— Tenho que ir com os caras ali, então... — Brandon tentou dizer com a respiração descompassada.

— Tudo bem. — respondi da mesma forma. —
Vai lá, eu te espero lá fora.

Brandon sorriu antes de me soltar preguiçosamente e ir até os jogadores. Acompanhei Melanie e Lauren até lá fora, onde iríamos esperar os garotos para saber onde iríamos comemorar a vitória deles.

Já era sexta-feira!

Brandon

— É melhor você vir dar uma olhadinha aqui fora, capitão! — gritou um garoto de meu time, que vinha do estacionamento. — Sua garota tá acabando com a Sullivan.

Meus pés tiveram vida própria ao correrem para fora do colégio, sem nem mesmo acreditar nas palavras dele.

Maria Clara

– Caralho, ele é tudo! – ouvi a voz da nojenta a certa distância. Percebi que estávamos de costas uma para a outra. – Eu preciso dele!

– Claro, Candice, quem não precisa de Brandon Campbell? Todas nós! – respondeu uma garota baixinha que estava com ela.

– Ai, cala a boca, garota! Você nem o conhece... Pode até sonhar em um dia estar na cama com ele, mas a questão é, *umas sonham, outras podem*. Diferente, não acha?

– Quem vê, pensa que você consegue. – debochou outra fazendo todas rirem e Candice bufar.

– Para o seu governo, bonitinha, nós já namoramos! – gabou-se.

– Que coisinha mais chata, você sempre diz isso, todas nós já sabemos!

– E daí? Não canso de repetir. Já namorei com Brandon Campbell, já namorei com Brandon Campbell. – ria ela.

– “Namorou” do pretérito perfeito!

– Logo isso vai mudar. Você acha que eu vim pra esse colégio e aturo todo esse lixo pra quê? Lógico que é pra ter o que é meu de volta, ou seja, o Brad.

– Ele nem te quer mais! – retrucou uma das garotas.

– Você nem sabe um terço da missa, fofa! Esses dias mesmo nós quase... nos beijamos.

– Onde?

– Não é da sua conta! – respondeu Candice.

Eu escutava tudo como se não quisesse nada, mas o que eu queria mesmo era estourar a cara de palhaça daquela inútil. Respirei fundo, me segurando.

– O que importa, é que sei o quanto Brad me deseja, é só uma questão de tempo pra irmos pra cama e, ó... – Candice estalou os dedos. – Tudo começa a ser do jeito que eu quero.

– Só tem um detalhe. – a baixinha voltou a dizer e os segundos seguintes foram silenciosos.

Virei-me de frente para olhá-las e não só escutá-las, foi quando vi apontarem em minha direção.

– Maria Clara, namorada do gostosão. Esqueceu que ele namora?

– Ah, faça-me o favor, né?! – Candice ria alto. – Aquela mal amada ali não é absolutamente nada! Olha pra ela e olha pra mim! Acha mesmo que Brad continuará com ela, sendo que pode me ter? Menos, né? Maria Clara, é... – ela deu ênfase no meu nome. – Só um lanchinho pra ele.

Todas riram e eu não me aguentei, juro que não. Vi que Mel percebeu meu desconforto.

– Não liga pra elas... – disse calma.

– Melanie, eu... – tentei começar, com um nó na garganta, mas ela me interrompeu.

– Nem começa! Você é melhor que todas elas juntas. – dizia e eu mal ouvia. – É sério! Amiga! – chamou-me e eu ignorei.

Fiz um coque mal feito nos cabelos e quando vi, já estava indo em direção a Candice, que continuava de costas, e não percebeu minha presença, sentindo só, de primeira, minha mão em seus cabelos ridículos e quase brancos, de tão desbotados. Pelo menos, ao meu ver. Os puxei pra baixo, com força, ouvindo seu gritinho.

– Ai!!! Solta meu cabelo, está louca? – gritou ela, tentando se afastar.

– Por gentileza, fofa... do que você me chamou mesmo? É que eu não ouvi muito bem, você poderia latir de novo? – perguntei para ela e vi todas as suas amiguinhas só olhando, sem fazer nada.

Candice estava sendo puxada por trás, quase caindo de costas no chão. Antes mesmo de me acertar com a mão, a joguei com toda a minha força, pra frente, fazendo—a cair de joelhos.

– Vai, repete! – gritei impaciente, ela riu, se levantando.

– Quer mesmo ouvir? Eu falo, ué, sem problemas. *Mal amada, lanchinho, ridícula, isso que você é!* – gritou e as pessoas presentes nos olharam.

Soltei uma risada forçada.

– Você não cansa de ser tão ridícula, garota? Brandon não te quer mais, acorda!

– Ah, não? E como sabe disso? Viu numa bola de cristal? – ela riu de novo. – Para, né. Quando você tá pouco se fodendo, ele vem recorrer a mim,
PERIGOSAS ACHERON

acredita? – engoli a seco ficando um tanto... receosa, mas não demonstrei.

– Não acredito em mentiras, principalmente vindas de você.

– Mentiras? Só perguntar pra ele, idiota! Vai lá, perguntar se ele ainda não sente algo por mim. Porque sabe, de verdade, ele sente... antes de você chegar, quem o fazia feliz, era eu!

– Pois é, era! – respondi os gritos, me perdendo. Queria acabar com aquela escrota. – Esquece!

– Esquecer? Jamais! *O que é meu, morre meu.* Não vai ser nenhuma vadia mesquinha que vai roubá-lo de mim!

Isso foi um fiasco pra eu voar em cima dela, puxando seus cabelos com uma mão, enquanto a estapeava. Ela começou a me dar socos fortes, que ardiam meus braços e busto mas não deixei barato, continuei a bater! Caímos no chão logo em seguida e quanto mais ela me batia, mais eu a machucava e arranhava aquela cara de dondoca que ela tinha.

Sentia seus socos e chutes em meu corpo por todos os lados e tentava não fraquejar, eu não podia! Minha honra e moral estavam ali e eu

precisava fazê-la aprender a lição! Talvez estivesse tendo pensamentos e atitudes de uma garota de 11 anos, mas eu não liguei.

Eu nunca tinha batido em ninguém antes, porque simplesmente odeio brigas. Acho uma falta de vergonha na cara, mas eu não sei o que me deu naquela hora. Aquela garota, a cara de patricinha dela, o fato dela respirar... Tudo me enojava, eu tinha que continuar! Ela tinha que ver que eu não era vítima.

E tinha o Brandon, claro, o meu Brandon! Como ela pôde falar tudo aquilo relacionado a ele? Ela tava drogada? Porque não é possível, ser tão ridícula a esse ponto! Ele era meu, sempre foi e sempre vai ser. Foda-se ela ou qualquer outra pessoa, ninguém o tiraria de mim, nunca!

Todos os meus pensamentos passavam rapidamente em minha cabeça enquanto eu arrancava os fios claros da cabeça de Candice e me defendia de seus tapas e golpes. Minha respiração estava ofegante e eu já estava com minha roupa rasgada e cabelos soltos e bagunçados de novo, quando senti meu corpo, que estava em cima do

dela, se reerguer.

– Vocês estão malucas? Chega! – ouvi a voz de Brad gritando atrás de mim.

Ele apareceu em minha frente me separando de Candice. Eu fiquei em pé respirando fundo e fiz novamente um coque em meu cabelo com mil e um tufos. Dexter logo veio com Brandon, segurando Candice um pouco distante, me olhando com os olhos queimando em ódio.

Percebi que as garotas, amigas de Candice estavam bem afastadas, do lado da grande plateia – uma roda de pessoas aglomeradas nos olhando em silêncio —, e Melanie estava boquiaberta perto de Ansel sem saber o que fazer.

– Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? – perguntou Brad aos gritos e eu nem consegui responder, estava ofegante por conta da briga.

– Foi ela quem começou, Brad, voou pra cima de mim como uma tigresa sendo que eu não fiz nada...
– a voz de Candice estava manhosa, estava se fazendo de vítima.

Nojenta!

– Como não estava fazendo nada? Além de vadia, oferecida, mal comida enojada, é mentirosa também? – gritei em resposta, indo em direção a ela e Brad me barrou, envolvendo seus braços em meu corpo.

Naquele instante me senti um tantinho vitoriosa. Os olhos invejosos da ex-namorada de Brandon nos observavam irritados.

– Para, chega! As duas! – gritou meu namorado em resposta fazendo nós duas ficarmos quietas. – Acabou o showzinho, podem ir embora, todos vocês! – avisou e aos poucos, todos foram se afastando.

Meu rosto formigava e meu corpo estava cansado e bem dolorido. Mas a raiva consumia minhas veias ainda, aquela garota tinha que sumir!

– Mas, Brad... estou falando sério! Não acredita nela! – disse Candice, logo sendo interrompida pela voz firme de meu namorado.

– Candice, eu disse chega! Que baixaria desnecessária! Vai pra sua casa, some da minha frente! – fez uma pausa e voltou sua atenção a mim. – E você, passa pro carro, agora! Em casa a gente

conversa.

– *Amor...* – disse com a voz baixa.

– Pro carro, Maria Clara! – respondeu com uma voz arrastada e eu revirei os olhos impaciente enquanto batia os pés, indo para o carro rapidamente.

Brandon

Entrei no carro e segui em direção a casa de Maria Clara rapidamente ouvindo seus resmungos ao meu lado:

— Amor, olha, eu...

— Maria Clara, eu não quero ouvir nada.

— Mas...

— Mas, nada! Se você não quiser que eu bata esse carro, espera a gente chegar.

— Brandon, só me ouve.

— Eu disse, só em casa! — falei as palavras pausadamente e bem devagar como se estivesse falando com uma criança.

Só assim ela se calou.

Assim que chegamos em frente à sua casa, mal deu tempo para que eu estacionasse o carro e ela já saiu batendo os pés. A segui no mesmo ritmo.

Na sala, Claudiana estava assistindo TV e quando viu o estado da filha com os cabelos bagunçados, braços e rosto arranhados e a roupa toda rasgada, se levantou às pressas e veio em nossa direção:

— Mas o que está acontecendo? Maria Clara minha filha, o que houve com você?

A mesma saiu em direção à cozinha e se serviu de um copo d'água em silêncio.

— Estou falando com você! — minha sogra repetiu firme.

— Nada, mãe, não é nada! — Maria Clara colocou o copo vazio na pia.

— Brandon, fala alguma coisa! — Claudiana me olhou.

— Nada, Clau, só a sua filha que agora deu de brigar em porta do colégio como se isso fosse uma coisa bonita de se fazer.

— Brandon! — Maria Clara me repreendeu, já Clau a olhou séria.

— Como é que é?

— Não foi nada, eu já disse.

— Filha minha não briga em porta de colégio, Maria Clara, eu não te eduquei para isso. Olha pra você... — Clau estava bem irritada.

— Brandon faz a mesma coisa. — minha namorada deu de ombros e, naquele instante eu só

conseguia ver uma adolescente de 11 anos de idade, imatura e rebelde.

— Estou falando de você, não de Brandon! — Clau rebateu. — Com quem brigou?

— Com ninguém. Mas que droga! — e então ela saiu batendo os pés.

— Maria Clara! — minha sogra gritou, mas ela continuou em direção às escadas.

— Pergunta pro seu genrinho querido.

Suspirei olhando a cena.

Claudiana se virou em minha direção.

— O que houve?

— Ela estava no meio de uma crise de ciúmes, só isso... — respondi.

— Meu Deus, pra quê tanto?

— Eu também queria saber. — suspirei antes de dar um beijo na testa dela. — Fica tranquila, ela está bem. Vou fazer o possível para que isso não se repita.

Clau apenas assentiu devagar com a cabeça.

— Vou apressá-la, precisamos sair para comemorar o campeonato.

Minha sogra apenas sorriu por educação antes que eu pudesse sair e subir para o quarto de Maria Clara ter uma conversinha.

Ao entrar em seu quarto, ouvi o barulho do chuveiro ligado e fui até o banheiro, ao abrir a porta e entrar, Maria Clara me olhou, estava nua dentro d'água.

— O que você quer? — foi a primeira coisa que perguntou de costas, sua voz estava abafada pelo barulho da água.

— Que você me conte o porquê daquilo tudo. — respondi tendo o silêncio como continuidade dos nossos segundos que foram longos enquanto ela desembaraçava e lavava os cabelos.

— Ai, aquela garota é um lixo! Ela viu que eu estava ali do lado dela e se gabou, falando mil coisas de você e me xingando na maior cara de pau! — eu a ouvia enquanto tirava minha roupa e entrava no box junto dela, também precisando de um banho.

— E precisava daquilo tudo? Maria Clara, foi uma atitude ridícula, você não acha?

— Não, não acho! Eu não queria que ela me

PERIGOSAS ACHERON

detonasse daquele jeito. Ela não era nem louca! E falando todas aquelas coisas de você, ai, merda! Eu queria matar ela!

Soltei uma gargalhada enquanto molhava meu corpo.

— Candice é tão mesquinha, ela se acha tanto que dá nojo! — comentava minha irritada namorada. — Por que ela é assim, hein? Deus me livre!

— Nada disso justifica o que você fez, Maria Clara.

— Você pode fazer isso pra me defender e eu não posso fazer a mesma coisa para defender você? Direitos iguais, por favor.

— Sou um garoto, você não.

— Ai, Campbell, foda-se! — ela revirou os olhos impaciente. Eu fiquei olhando-a. — Você ficou irritado? Você não deveria ficar, eu não fiz nada de mais, caramba. Só dei uma lição nela.

Comecei a rir, eu não me aguentei. Maria Clara ficava totalmente diferente quando estava irritada e brava, mais encantadora.

— Você é maravilhosa, Maria Clara. — admiti.

— Por favor, me prometa que não vai mais fazer isso. Eu não gostei.

— Não sei. — ela deu de ombros. — Só prometo se você não ficar dando brechas pra aquela... zinha. — assim que ela fechou a boca, fechei meus olhos e comecei a lavar meus cabelos.

Ganhei tempo para responder enquanto fazia isso, me lembrando das investidas irritantes de Candice desde que as aulas começaram. Maria Clara não sabia de nenhuma delas e não precisava saber mesmo. Eu não fiz absolutamente nada.

Assim que enxaguei meus cabelos, vi minha namorada se secar do lado de fora do box. Antes de fazer o mesmo, desliguei o registro da água.

— O que ela te disse? — perguntei com cuidado.

— Ela disse o que rolou com vocês. Que ela quase beijou você, que você quase deixou... — sua voz estava calma e eu quase não a reconheci, então, ela se virou de frente pra mim bem séria antes de perguntar: — Por que não me disse nada, Brandon?

— Porque... não é verdade. — minha voz vacilou legal.

— Eu odeio quando você mente pra mim! — seus
PERIGOSAS ACHERON

olhos estavam sombrios, mas sua voz mostrou o quanto irritada e magoada ao mesmo tempo ela estava.

Sem dizer mais nada, saiu andando. Acompanhei-a no mesmo instante até o closet.

— Amor, não estou mentindo.

— Está sim! — ela gritou me dando um leve susto.

— Para de ser histérica! — gritei de volta. — Está vendo por que eu não falei? Nada que vem de Candice eu posso te falar por que você fica assim toda histérica!

— Eu não sou histérica! — sua voz continuava no mesmo tom, o que me fez rir.

— Calma, vai. Isso faz umas semanas já. — cocei a cabeça vendo—a procurar por um conjunto de lingerie na gaveta e, ao achá-lo, deixou a toalha cair no chão, começando a vesti-lo.

— Estou esperando você me contar. — ouvi ela dizendo sem olhar pra mim.

Observei seu corpo antes de responder:

— Não foi nada demais. Amor, você sabe como ela é e como eu sou com relação a ela, então

PERIGOSAS ACHERON

esquece. — expliquei. — Fica tranquila que eu não traí você! — respondi rápido sem prolongamentos.

— Eu disse que quero que você me conte! — repetiu ela firme, dando-me apenas uma olhada da cabeça aos pés.

Eu estava apenas com uma toalha enrolada na cintura.

— Candice esperou que todos saíssem de uma aula de Inglês que estávamos tendo, eu demorei para sair enquanto arrumava uns livros, enfim. Ela se insinuou, quis tocar em mim e disse umas coisas. Mas eu dei um basta e simplesmente saí.

— Ah, é? — Maria Clara me olhou por fim e em seus olhos tinha um poço de malícia. Ela caminhou em minha direção e segurou meu pescoço. — E ela quis te tocar... assim? — seus dedos desceram sobre meus ombros, braços e barriga até o cós da toalha que foi parar no chão no segundo seguinte.

— Isso... — só consegui murmurar uma única palavra já de olhos fechados, meu corpo se acendeu só com o toque daquela maldita garota.

— E que coisas que ela te disse, hein, Brandon? — perguntou com a boca em meu ouvido e seu

corpo bem colado ao meu, fazendo-me sentir a renda de seu sutiã em meu peito.

Seus dentes morderam a ponta da minha orelha antes que ela pudesse dizer:

— Coisas melhores que... gostoso, cafajeste, ou...
— e então ela gemeu.

Nossa.

Suas mãos caçaram meu pênis já duro e então ela o apertou com força. Depois Maria Clara afrouxou as mãos e apertou mais uma vez.

— Responda.

— Não.

— Ótimo. — finalizou Maria Clara me dando um selinho colado e então se afastou totalmente de meu corpo.

Abri meus olhos vendo-a procurar uma roupa. Logo jogou-me uma cueca.

— Anda, se veste, precisamos ir.

— Ah, não! — exclamei irritado. — Você não...

— Ah, vou, pode ter certeza que eu vou te deixar assim! — ela me mediu e então sorriu. — Só para você aprender que não deve olhar para Candice

Sullivan nunca mais.

— Maria Clara! — rosnei vendo-a vestir um vestidinho curto.

— Mas o que foi dessa vez, Brad? — me olhou cínica. — Vamos! Seus amigos vão matar você se não aparecer na comemoração!

E ela tinha razão. Então comecei a me vestir. Mas só por que iria acabar com ela assim que eu tivesse chances. Ah, eu iria, claro que iria! O jogo tinha virado há muito tempo.

Um ano

*“Toda vez em que você me toca eu
apenas morro em seus braços.”*

Justin Bieber

Brandon

Era sábado e o shopping estava bem movimentado como de costume. Eu não conseguia acreditar que um ano havia se passado. Deixei minha mãe de olho em algumas joias quando fiz a reserva do melhor restaurante e então, liguei para Maria Clara querendo que ela atendesse logo. Já se passava das 13h da tarde, ela já não deveria estar dormindo.

— *Boa tarde, meu amor!* — Maria Clara exclamou do outro lado da linha assim que atendeu.

— Boa tarde. Você dormiu bem?

— *Dormi.* — respondeu seca.

— Onde você tá?

— *Eu? É... fazendo um trabalho do colégio para semana que vem.*

— Em casa? Posso passar aí daqui a pouco?

— *Eu não estou em casa, Brad. O trabalho é em dupla.*

— E então onde você está?

— *Na casa do Landon.*

Travei o maxilar na hora. Não, eu não esperava mesmo por aquela resposta.

— E por que não me avisou nada sobre esse... trabalho?

— *Eu esqueci... eu acho.* — falou ela bem baixinho.

— Esqueceu? — perguntei intrigado e minha voz saiu mais irritante do que imaginei.

— *Ah, calma!* — resmungou ela. — *Não fique inseguro, você não tem motivos pra isso.*

— Não estou inseguro. Só não gosto desse cara e muito menos do fato de você estar na casa dele, fazendo sei lá o quê.

— *Estou fazendo o trabalho, Brad.*

— Tanto faz!

— *Mas o que quer contar de tão bom para me ligar nesse belo dia?*

— Nada, Maria Clara, por quê? Não posso mais te ligar pra ouvir a sua voz? Não, acho que justo hoje não posso, você está ocupada com o seu amiguinho.

— *Deixa de bobagens! Eu amo ouvir a sua voz*

também. Só achei...

— Ok — cortei-a bem seco. — Esteja pronta às 19h30 em casa que eu irei buscar você.

— *Aonde vamos?*

— Não sei, talvez comemorar nosso primeiro ano de namoro? Pode ser uma hipótese, não acha?

— *Que grosseiro!* — ela riu. — *Fica calmo, amorzinho.*

— Melhor desligarmos, não é? Talvez eu esteja te atrapalhando.

— *Não, Brandon, você nunca atrapalha. Para de ser assim, por favor? É só um trabalho de Geografia! E já estou no fim. Não quero que fique tão seco e chato por causa disso.*

Respirei fundo, bem fundo tentando controlar os ciúmes. Mais racional, apenas disse:

— Tudo bem, desculpa. Espero que esteja dando certo.

— *Eu amo você.* — foi o que ela falou fazendo meu coração se encher de segurança, conforto e ansiedade. — *Eu te vejo às 19h30?*

Concordei antes de desligar a ligação e voltar

para junto de Elizabeth para escolher o presente mais importante do jantar de hoje.

Maria Clara

— Você quer comer alguma coisa? — perguntou Landon enquanto eu fuçava os sites para as pesquisas finais sobre o trabalho que estávamos fazendo fazia horas.

Beirava 16h30 da tarde.

— Não, eu estou bem — respondi observando uns problemas no computador, apenas mordi o lábio antes de dizer: — É melhor você arrumar isso aqui, se não irá perder seu computador.

— Tudo bem, isso é bem normal. — respondeu ele tomando meu lugar na cadeira e logo arrumando e destravando o programa que estava dando problemas.

Fiquei observando-o.

Landon era diferente. Eu gostava do jeito dele. Além de lindo era inteligente, um dos mais inteligentes da sala e talvez do colégio. Amava passar os intervalos na biblioteca do que falando merdas no pátio e sabia se portar em qualquer lugar. Era um tanto fofo, de casa, conservador.

Digamos que... um homem certinho.

Landon virou um amigo nesse mês. A presença dele, sempre próximo de mim, foi divertida e prazerosa.

Mas acho que... próximo até demais.

Isso era o que me deixava encabulada.

Tudo bem que eu gostava bastante dele, mas... não passava disso. Eu só tinha olhos pra um garoto em minha vida e... ele sabia disso. Mas mesmo assim, eu, sendo mulher, via o jeito que ele me olhava e bom, não sei se era o normal dele, mas parecia encantado e carinhoso ao máximo.

Podia até ser só coisa da minha cabeça, mas até Brad via isso e não gostava nada!

— Pronto, arrumado. — avisou Landon me olhando por fim.

Sorri sentada ao seu lado em um banco. Não disse nada por alguns segundos e me perdi em seu olhar que mais parecia um oceano do que olhos, de tão lindos, claros e azuis.

Landon passou sua mão devagar em minha testa e seu toque estava gelado, fazendo-me ficar estática onde eu estava.

— Isso foi da briga de ontem? — perguntou ele com o dedo em cima de um arranhão que estava em minha testa.

— Pois é. — disse com a cabeça baixa e soltando um riso.

Quando a levantei, seu rosto estava mais próximo do meu e eu respirei devagar, assustada.

— Fica calma que você continua linda mesmo assim.

— Obrigada. — minha voz mal saiu e eu permaneci imóvel, com os olhos arregalados quando vi Landon jogar seus olhos pros meus e depois, pra minha boca e vice-versa.

Sua mão estava em minha testa ainda e as minhas mãos, permaneciam agarradas ao banco, suando. Mordi os lábios de um jeito nervoso enquanto me afastava, vendo-o fechar os olhos, até que ele se levantou às pressas, passando as mãos no rosto.

— Me desculpa. — ouvi sua voz abafada pelo contato com as próprias mãos. — Clara, me desculpa mesmo. Vou buscar um suco pra gente, eu já volto. — Landon disse de costas pra mim, então saiu do quarto.

Apenas suspirei aliviada olhando seu quarto pequeno mais uma vez. Landon era humilde, seu quarto era a cara dele, todo azul com branco, bem mar. Sua casa toda era basicamente assim. Que pena não ter conhecido sua família. Quando cheguei mais cedo, ninguém estava lá, nem seus pais e nem a irmã. Landon disse que eles saíram para nos deixar à vontade e totalmente sozinhos.

Brandon

Fiz questão de levar o carro para lavar naquela tarde e escolher com cuidado a roupa que iria vestir. Era Março, mas o frio já estava indo embora e era suportável usar uma bermuda que era o que eu vestia, junto de um par de tênis azuis e uma camisa da mesma cor.

Eu esperava no carro na porta de Maria Clara no horário marcado, fitando a mensagem que ela havia me mandado no mesmo minuto, com um sorriso no rosto.

“estou me despedindo dos meus pais e deixando avisado que não dormirei em casa hoje, já estou saindo.”

Sem esperar muito, a vi saindo de casa e caminhando às pressas até o carro. Saí do mesmo para me encontrar com ela do lado de fora. Eu mal fechei a porta e ela caiu em meus braços.

Seu perfume tomou conta dos meus pulmões e seus lábios selaram os meus. Sorrindo, ela me olhou.

— O dia demorou uma eternidade para passar. — falou. — Meu Deus, você está lindo. — ela me olhou da cabeça aos pés.

Fiz a mesma coisa.

Maria Clara estava maquiada como sempre, os cabelos formavam um coque elegante e ela vestia um shorts jeans junto de uma blusa de seda fina e azul bem chamativa.

Linda, encantadora. Nossa! Odeio saber que ela era tão linda, parecia ter saído de uma capa de revista.

— Digo o mesmo de você. — foi o que consegui dizer fazendo-a rir e me abraçar. — Odiei passar o dia longe de você.

— Deu até saudade?

— Sim. — fiz uma pausa. — Logo o nosso dia...

— Comemoramos agora, ué. O dia não acabou e, aliás, a noite é uma criança! — exclamou ela aos sussurros a centímetros da minha boca e eu não resisti, beijando-a com todo o desejo possível. — Aonde vamos? — perguntou enquanto passava seu dedo em minha boca, tirando o excesso de seu batom rosa.

— Você acha mesmo que eu vou contar? — abriu a porta do carro para ela.

— Você tem que me contar! Afinal, isso não é um sequestro.

— E se for?

Maria Clara ficou me olhando com um sorriso enorme no rosto, antes de dar de ombros e dizer:

— Quer saber? Me leva pra onde você quiser, afinal, eu vou mesmo.

Aquilo me deixou mais feliz e ansioso.

Maria Clara

O restaurante ficava na beira do mar, era realmente bem bonito e caro. Estava lotado. A comida era ótima, Brad e eu comíamos camarão ao molho e tomávamos champanhe sem álcool. A brisa que vinha do mar junto do barulho dele deixava tudo mais romântico.

— O que você fez hoje? — perguntei puxando assunto.

— Eu dormi. — sua voz vacilou em suas palavras, mas eu imaginei que ele pudesse estar se divertindo com os amigos no videogame ou fazendo nossas reservas no restaurante. — E o seu trabalho, como foi?

— Estava bem difícil, mas conseguimos terminar tudo hoje. Landon é muito inteligente e detalhista, deu certo trabalhar com ele.

Assim que fechei a boca, Brandon tirou as mãos da mesa e olhou para o mar, ficando totalmente distante. E eu sabia o motivo.

— Ei, você não cansa de ser tão ciumento?

Minha pergunta ficou no ar por intermináveis instantes e foi a primeira vez na noite, em horas que estávamos comendo e conversando, que o silêncio tomou conta da mesa.

— Brad? — o chamei baixinho me inclinando na cadeira.

— Não, não canso. — ele me olhou de novo, bem sério com uma postura reta. — Por que você não me avisou antes sobre esse trabalho?

— Pra falar a verdade, eu avisei, no começo da semana. Você não se importou.

— Não? — ele estava indignado. — Claro que teria me importado se você tivesse mesmo avisado!

— E eu avisei, Brad! — respondi firme. — É tão chato estar ao seu lado ouvindo todos os seus resmungos a toda hora! — fiz uma pausa soltando um suspiro. — Olha, por favor, odeio quando a gente briga assim, você fica tão enciumado toda vez que Landon está por perto...

— Sabe por que fico tão enciumado, Maria Clara? — ele se inclinou em minha direção, fazendo-me encostar as costas na cadeira de couro. — Por que eu sei o jeito que aquele garoto olha pra

você, eu sei que em qualquer oportunidade ele pode tentar alguma coisa, ele gosta de você e isso não é de hoje. Eu não suporto a ideia de um dia perder você para aquele cara ou qualquer outro.

Soltei um suspiro sem conseguir esconder um sorriso. Os olhos dele transmitiam tanta sinceridade que senti vontade de abraçá-lo naquele mesmo instante, mas me contive, colocando minha mão em cima da mesa.

Com calma ele a pegou. Então eu disse:

— Você não vai me perder, não vai! Eu não vou abandonar você para estar com ele ou qualquer outro. Não quero que ele ou qualquer outra coisa estrague nosso dia, nosso namoro e nossa vida por meio de pensamentos ou brigas sem nenhuma necessidade. Você confia em mim? — minha voz estava séria e ao mesmo tempo calma.

— Confio muito em você.

— Então, podemos colocar um ponto final nesse assunto?

Brandon sorriu mais tranquilo, o que acalmou meu coração.

— Podemos. — respondeu ele.

Tomei mais um gole do meu champanhe deixando o vento bagunçar alguns fios soltos de meus cabelos antes que eu pudesse perguntar ansiosa e satisfeita:

— Qual o nosso próximo passo dessa noite?

Era tão bom ter momentos assim, pessoas assim e noites assim. Satisfeitos com o banquete de jantar caro e gostoso, Brandon e eu estávamos sentados na areia da praia que estava movimentada naquela noite, havia casais e amigos passeando.

Sorri ao lembrar de nós dois transando na areia meses atrás. Ah, parecia um sonho real e distante. E que sonho! Arrepiava-me toda vez que sentia as sensações...

As mãos de Brad fizeram carinho em minha cintura e me abraçou de lado, dando-me espaço para falar:

— Lembro de você todo nervoso ao falar com os meus pais no dia em que os conheceu. Eu nunca tinha te visto nervoso, aquela foi a primeira vez.

— Quando? No dia em que te pedi em namoro?

— Pra falar a verdade, eu nunca fui pedida em namoro. — relembrei fazendo com que ele me olhasse.

Quando nossos olhares se cruzaram, nossas risadas se misturaram ao som do vento.

— Seus pais me deixaram namorar você, por isso estamos juntos até hoje.

— Tudo bem, mas você nunca me perguntou se eu realmente queria namorar você, Brandon. — o olhar dele era estranho, depois se tornou engraçado e por fim ele sorriu.

— É importante pra mim saber disso, então... Vamos lá. — Brandon se levantou na mesma hora e me puxou pelas mãos.

— O que foi? — perguntei envergonhada enquanto ficava de pé, vendo-o arrumar o cabelo e se ajoelhando na areia. Olhei pros lados vendo as poucas pessoas ao nosso redor nos olhar. — Brad, levanta daí! O que te deu, hein? — minha voz quase não saía, eu não estava mesmo entendendo o que estava acontecendo ali.

Caralho, por que eu estava nervosa? *Calma, Maria Clara, é só o seu namorado se ajoelhando*

na sua frente em público e...

— Maria Clara, você quer namorar comigo?

Como assim, meu Deus do céu?

Seu sorriso iluminou minha vida por inteiro, assim, do jeitinho dele.

Senti minhas bochechas queimarem. Tudo bem, eu juro que só estava brincando quando disse aquilo, não estava jogando indiretas, mas... *ai, por que ele tem que ser tão incrível?!*

Em suas mãos estavam duas alianças de prata com pequenos símbolos do infinito em volta, bem delicados em uma caixinha vermelha de veludo. Abri um sorriso, consentindo.

— Tudo bem, eu... bom, sim. Por favor, levante. — sussurrei e ele fez uma careta engraçada.

Eu me sentia envergonhada, de verdade. Nunca rolou isso antes, por mais simples que seja, é tão lindo!

— Não ouvi. — ele se fez de desentendido.

— Eu aceito namorar contigo, Campbell, eu aceito! Agora por favor, levanta? — pedi sem graça com a voz mais alta e ele riu, se levantando e eu passei minhas mãos em volta de seu pescoço.

Pude ouvi risos em nossa volta e as pessoas aos poucos deixaram de nos focar. Brandon colocou uma aliança em meu dedo no mesmo lugar onde estava o anel que não saíu dali fazia um ano, eu coloquei a dele em seu enorme dedo macio, voltando a abraçá-lo.

Brandon

Tranquei a porta de casa com dificuldade e logo fui pra sala, onde Clara já estava deitada.

— O que quer fazer? — perguntou ela pra mim, enquanto tirava o calçado e o colocava no chão.

Sua bolsa estava jogada no sofá. Seu corpo estava irresistível com aquela roupa. Mais gostosa que Maria Clara não existe.

— Sexo. Uma maratona, sabe? A noite inteira, sem pausas.

Sua gargalhada foi alta enquanto ela soltava os cabelos.

— Estou com cara de puta, Brad?

— Não. Está com cara de uma gostosa, a melhor de todas as mulheres que já levei pra cama e, exclusivamente minha. Estou necessitando de você.
— tirei minha camisa e os tênis.

— Isso foi um elogio?

— Foi. Se considere especial. — aquilo a fez sorrir convencida. — De tantas que já experimentei... e nossa, foram tantas... — assim

que fechei a boca, Maria Clara fechou a cara e revirou os olhos.

— Engole esses comentários ridículos que ninguém te perguntou nada! — ela se levantou, indo até à cozinha.

Procurei por um DVD de terror e logo coloquei no aparelho, no modo pause.

“Eu Sei O Que Vocês Fizeram No Verão Passado”.

A seguir, fui até à cozinha atrás de Clara. Ela estava olhando a geladeira meio abaixada, procurando alguma coisa com sua bunda empinada pra mim. Aproximei-me, colocando minhas mãos em sua cintura e a apertei. Ela tomou um pequeno susto, se afastando.

— Af, não começa! — exclamei passando a mão na cabeça. — Que coisa chata!

— Chato é você falando demais. Que coisa! — rebateu Maria Clara, tirando o leite e morangos da geladeira.

Depois pegou o achocolatado no armário e foi pro fogão, concentrada no que fazia.

— O que eu falei de mais, Clara? Eu hein. — ri

PERIGOSAS ACHERON

debochado deixando-a mais impaciente, seu olhar me fuzilou.

— Não vou nem te responder pra não ter que perder a paciência e quebrar sua cara! — exclamou de olhos fechados.

Como eu amava ver minha princesa brava. Ela ficava mais sexy que o normal!

— Ué, não sei por quê o estresse. Faz um bom tempo que eu saí dessa vida. — fez uma pausa. — E por um único motivo. — olhe-a, ela estava me olhando pelo canto do olho.

— Que motivo?

— Você. — respondi com minhas mãos no balcão e ela me olhou nos olhos. — Me ame pro resto de sua vida, obrigado.

— Que coisa gay, Brad, meu Deus! — Maria Clara riu deixando o clima bem mais leve.

— Gay? Não é assim que você me chama na hora que está gozando e implorando por mais e mais. — sussurrei com uma voz fina imitando Maria Clara falar e caminhei em sua direção.

— Seu convencimento me irrita! — admitiu ela.

— Eu sou romântico e você não gosta...

— Quem disse que eu não gosto? — um sorriso se abriu no meu rosto.

— Então me diz.

— Já disse.

— Diz direito, eu não ouvi. — fiz-me de desentendido e ela riu, consentindo.

Abracei seu corpo de lado enquanto ela fazia chocolate quente com morangos no fogão.

— Eu amo seu jeito, amo suas palavras.. quando são fofas e não desnecessárias, claro. Amo sua dedicação, seu carinho, seu cheiro... — sua respiração chicoteou meu pescoço. — Enfim, eu amo você, inteirinho. De todos os jeitos, de todas as formas... — sorri com suas palavras procurando sua boca para um beijo interminável, molhado e cheio de desejo.

Sua língua foi ágil de encontro à minha e logo entrelacei minhas mãos nas dela, sentindo sua aliança em seu dedo.

Maria Clara

— Caralho, não canso de assistir isso! — exclamei mordendo um morango assistindo as cenas do filme, era “A Órfã”, o segundo que estávamos vendo.

A casa estava silenciosa e escura. Só a TV ligada, Brandon e eu estávamos sentados no enorme sofá com comidas na mesinha de centro. Desde jujubas, pipocas, refrigerantes e até morangos com chocolate.

Já se passava de meia noite.

— Essa garota é doente, quem é que adotaria ela? — se questionava Brad jogando pipocas na boca e deitando de qualquer jeito com sua cabeça em meu colo.

— Coisa de filme, Brad. — comentei.

Ouvimos um barulho nas escadas e eu tomei um susto, segurando no braço dele que me olhou confuso por alguns segundos. O barulho continuou e ia se aproximando de nós. Brad se levantou.

— Que barulho é esse? — engoli em seco. Claro

que não era nada demais, mas eu era sempre medrosa assim. Ainda mais naquela enorme casa, no escuro e assistindo filme de terror. — Tem alguém aí? — perguntei baixo e minha voz mal saía. Só Brandon ouviu, que logo deu uma gargalhada. Estávamos nós dois olhando pra trás do sofá.

— Não estamos num filme de terror. — Brandon ria tanto que eu soltei um riso receoso. — Mãe? — perguntou ele. A luz foi acesa e dona Eliza apareceu na sala de roupão de seda e cara de sono.

Soltei um respiro de alívio.

— Oi, sou eu. — disse ela com a voz baixa se aproximando de nós e eu soltei o braço de Brad, que ainda ria muito.

— Maria Clara quase morreu aqui. — disse.

— Me desculpem, não queria assustar vocês. — ela olhou pra mim e eu abri um sorriso de lado, consentindo. — Só vim beber água. — avisou e Brad respirou fundo. — Por que ainda estão acordados? — ela coçou a cabeça e ele apontou pra TV, onde passava o filme, minha sogra apenas sorriu antes de ir para a cozinha.

Estávamos no chão da sala vazia aos beijos e o fogo nos dominava. A paixão e o desejo estavam acesos. O filme já tinha acabado e fazia muito tempo que Elizabeth tinha voltado a dormir, mas eu estava meio preocupada.

— Não tem necessidade de subirmos... — disse baixo quando Brad se livrava de nossas roupas íntimas.

— Você tomou sua injeção desse mês?

Lembrei-me do meu anticoncepcional.

Apenas resmunguei um “sim”.

Eu puxava os seus cabelos enquanto ele brincava com todo o meu corpo, me atijando, me provocando...

— Eu te disse que iria ter volta. Fiquei bem irritado ontem, mocinha.

— Filho da puta, anda logo! — gritei como uma vadia pra ele, impaciente e, em segundos senti-o me penetrar com rapidez, fazendo-me levantar a coluna por impulso e cravar minhas unhas em suas costas.

Meu coração parecia que ia explodir a qualquer momento, de tanto bombear sangue. Caralho, por que aquele garoto tinha tanta posse sobre mim?

Nossos quadris eram ritmados e suas bombeadas, precisas. Sentia as paredes de minha vagina dilatarem, era um vício! Inverti as posições, ficando por cima dele e comecei a cavalgar de um jeito que fosse prazeroso pros dois.

Eu quase gritava! Só não dava pra ouvir porque Brad tapava minha boca com uma das mãos enquanto com a outra, massageava meus seios. Sorri ao sentir minha vagina dar sinais de chegar ao melhor momento da transa e então...

Ah, maravilha!

Mesmo assim continuei com os movimentos até ouvir seus gemidos mais altos, era como uma melodia.

Ele era incrível gemendo meu nome daquele jeito. Pingava suor de sua testa e senti seu líquido me invadir. Caí morta em seu peito, respirando ofegante. Ficamos assim até nossas respirações se normalizarem. Saí de cima dele vestindo logo minha calcinha e desdobrando sua blusa azul para

vesti-la também.

Ele se levantou, colocando a cueca e limpou a testa. Bebeu um copo de refrigerante e depois, se acomodou no sofá ao meu lado.

Nem percebi quando pegamos nos sono, ali mesmo, no sofá da sala de estar da casa de Brandon depois de uma longa, gostosa e memorável comemoração de um ano de namoro.

Veneno em minhas veias

*“O que está tentando fazer comigo?
Não conseguimos parar, somos
inimigos. Mas nos damos bem
quando estou dentro de você.”*

Animals

Junho de 2009

Brandon

Fim de mês e de bimestre escolar é simplesmente a pior coisa que existe. Não fazemos absolutamente nada de importante, mas precisávamos estar ali pelo menos por três dias até entrarmos de férias.

Sabendo que a última aula de Maria Clara e de Ansel era Educação Física, pedi ao professor se poderia ir ao banheiro e dei uma fugida até à quadra para namorar um pouquinho.

Meu namoro continuava bem, as aulas também e todos nós preferíamos viver antes que o ano chegasse ao fim, só faltavam mais seis meses.

Eu me aproximando de Maria Clara, a vi conversando e rindo com seu amiguinho inseparável Landon.

— Sério, você ficaria maravilhosa em cima de uma prancha. — as palavras saíam naturalmente da boca do garoto.

— Ah, tá bom, vai nessa! — Maria Clara ainda ria.

Aproveitei dela e sem dizer nada iniciei um beijo

inesperado. Primeiro ela ficou meio confusa, depois cedeu. Deixei nossas línguas estalarem de propósito. Enquanto isso, suas mãos geladas seguraram meu rosto com uma delicadeza absurda.

— Que susto! — sussurrou ela, finalizando o beijo.

— Susto bom, eu presumo.

— Ótimo, meu lindo! — ela abriu um sorriso e depois abraçou-me pela barriga, virando seu rosto pra olhar Landon. Continuei abraçado a ela. — O que faz aqui?

— Vim te ver. — respondi simples, fazendo-a apertar meu nariz com os nós dos dedos.

— Amor, o Landon surfa, sabia? — começou ela a puxar assunto.

O próprio só nos olhava.

— É? — perguntei olhando para ele que apenas mexeu a cabeça. — Hm, que legal, não? — minha voz soou meio irônica. Juro que foi sem querer. — Amor, meu pai quer nos ver, te contei? — voltei minha atenção para ela. — Vamos lá na sexta-feira. Podemos ficar até domingo, se você quiser.

— Sério? Eu vou amar. As crianças também. —

PERIGOSAS ACHERON

ela sorriu.

Sorri de volta.

— Bom, preciso voltar pra aula, se não aquele babaca do Gabes me mata. — segurei seu rosto para mais um beijo intenso e molhado.

Eu não conseguia deixar de sorrir. Landon estava ali a ver tudo. Ótimo!

— Anda, você precisa ir. Se não, quem te mata também é o Ric. — ela apontou para o mesmo que me olhava sério do outro lado do campo.

Apenas assenti e dei um selinho nela antes de sair caminhando de costas. Assim, podia observá-la sorrir com os dedos nos lábios.

Tão linda a minha mulher.

Quando já estava bem afastado, gritei:

— Ei, eu te amo! — o olhar dela estava brilhando, tão lindo. Landon me olhava receoso e seus olhos transmitiam tristeza. — MEU amor! — gritei por fim antes de voltar para a sala, sorrindo satisfeito.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Meu celular não parava de tocar atrapalhando meu sono: 6h45 da manhã. Cacete, quem era o infeliz?

— *Bom dia, bom dia!* — a voz de Brad soou alegre do outro lado da linha.

— Bom dia o caralho. O que foi?

— *Levanta, preguiçosa!* — exclamou ele. Eu estava afundada em meus lençóis e meu cobertor quentinho.

Pela fresta da janela a luz do Sol entrava.

— Está cedo.

— *Cedo nada, que coisa! Eu acordei pra ensinar o sol a brilhar e não estou morto igual você.*

Mesmo sendo escrota a piadinha, eu dei risada. Garoto idiota!

— Vai se foder, me deixa dormir.

— *Maria Clara, eu passo aí em menos de uma hora.*

— Bem que a gente podia passar a manhã toda juntinho, vem cá.

— *Vem cá, nada, assanhada! Já acordou assim?*
— perguntou ele rindo e me fazendo rir junto. —
De verdade, se arruma aí e vai pra porta. — dizia
ele, eu me matei em silêncio. — Tá ouvindo?
Amor?

— Tá, tá bom. — respirei fundo passando a mão
no cabelo. — Venha logo.

— *Eu te amo.* — foi à única coisa que ele disse
antes de desligar.

Encostei minha cabeça na porta esperando por
Brad. Havia mandado uma mensagem dizendo que
estava pronta, mas não tive resposta. O tempo
passava rápido, tinha pouco tempo pra aula
começar e nada dele dar notícias.

Cadê aquele garoto?

Mandei mais uma mensagem, esperei um tempo
e... Nada. estranho... Será que ele voltou a dormir?
Ah, se for, eu vou matá-lo! Ele me chama de
preguiçosa, me manda levantar e volta a dormir?
Bem bonito isso! Liguei e ele não atendeu.

Bufei impaciente.

Minha mãe saíu e me encontrou no batente da porta.

— Ainda aqui, filha?

— Infelizmente, mãe. Liguei para perguntar onde ele estava e não atendeu, muito menos respondeu minhas mensagens. — respondi checando o celular pra ver se ele tinha respondido, mas, não. — Estranho, não é?

— Bom, é. — ela deu de ombros, colocando uma bolsa e suas pastas no banco de trás de seu carro preto estacionado ao lado. — Deve ter se atrasado. Quer carona? — ela entrou no carro, abaixando os vidros e logo ligou o motor.

É, não dava mais pra esperar e muito menos ir a pé, se não perderia aula.

— Tudo bem, obrigada mãe. — entrei no carro e ela logo deu partida. Iria falar com ele depois.

Brandon

Estava pronto pra sair, quando alguém tocou à campainha. Dei mais uma checada em meu cabelo em frente ao espelho, ouvindo a campainha tocando outra vez.

Cacete, cadê Belinda numa hora dessas?

Ao soar o som mais uma vez, respirei fundo antes de me estressar e desci os degraus da escada, pulando de dois em dois.

— Governantas são pagas para abrirem a porta também, sentiu a indireta, Linda? — gritei pra ver se ela ouvia de algum lugar.

A casa estava totalmente silenciosa.

Destranquei a porta, puxando logo a maçaneta sem nem olhar pelo olho mágico. Meu olhar passeou por seu corpo, começando por debaixo, onde vi suas pernas num shorts branco curto até demais, depois observando a barriga magra da individua e logo seus seios, vestida com uma regata preta. Observei seu rosto. As pontas finas de seu cabelo louro batiam em seus ombros.

— Bom dia, Brad! — sua voz era doce e animada.

— O que quer aqui, Candice? A essa hora? — perguntei parado na porta e ela suspirou.

— Não vai nem me convidar pra entrar?

— Já estou de saída. Atrasado, aliás. — o relógio marcava 8h03 da manhã.

Maria Clara estaria me esperando...

— Se acalma, docinho. — ela pulou porta a dentro. — E Elizabeth, cadê? — Candice olhou pra todos os cantos da casa vazia.

Ao processar a sua pergunta, lembrei—me de nossos cinco meses de namoro. Nunca na vida apresentei ela a qualquer parente meu que seja, mas ela fez questão de conhecer minha mãe no meio da rua em um dia qualquer.

— Dormindo, eu acho. — respondi depois de fechar a porta e virar os calcanhares pra olhar pra ela.

— Ah, verdade. Nunca se pode fazer uma visita a essa hora... — Candice falou, acho que pensando alto, mais pra ela do que pra mim.

Em seguida ela se sentou no sofá. Levantei a

PERIGOSAS ACHERON

sobrancelha.

— Que bom que sabe. — respondi. — Volta dia 31 de fevereiro, quem sabe ela estará aqui, desocupada pra te atender?

— Ai, engraçadinho. — ela revirou os olhos com um sorriso no rosto.

— Candice, temos aula agora. Eu já estou indo. Quer carona? — ser educado é bom às vezes.

Ela estava de pernas cruzadas sentada no sofá me olhando. Seu cabelo em perfeitas ondas e bem penteado. Seu rosto dava o ar de feliz, sapeca e interesseira. Medi-a devagar por longos segundos. Candice andou malhando? Porque estava mais... encorpada do que quando namorávamos. E eu só tinha percebido isso agora.

Respirei fundo mexendo a cabeça pra sumir com meus pensamentos não muito agradáveis e ela sorriu ao perceber meu olhar fixo nela.

— A propósito, não estou a fim de ir à aula hoje. — dizia ela relaxando o corpo no sofá.

— Então, fica aí, porque eu irei. — avisei enquanto olhava pros lados, à procura da minha mochila.

Fiz uma careta ao lembrar que ela, junto com o celular e as chaves do carro estavam no quarto. Subi, deixando Candice sozinha na sala.

Deixei a porta do quarto encostada e de costas pra ela, achei a mochila em cima da mesa do notebook.

Coloquei as chaves no bolso de fora e joguei o celular lá também. Ao colocá-la no ombro, me virei devagar e avistei Candice encostada na porta, de braços cruzados com a unha na boca. Ela me engolia com os olhos que estavam brilhando de luxúria e malícia.

— Por quê a pressa? — ela disse, depois de longos segundos enquanto trocávamos olhares.

— Repito: eu estou atrasado. — disse pausadamente.

Cara, o que ela estava querendo fazer?

— Relaxa, Brad... — como era maluco quando ela dizia meu nome... — Perde aula hoje, é sexta-feira. Ou vai me dizer que aquele Brad que amava matar aulas pra ficar de bobeira, morreu? — ela estava próxima de mim.

Eu permaneci imóvel.

— Pois é, morreu.

— E aquele maníaco por sexo, completamente selvagem na cama e maravilhoso no que faz, morreu também?

— Acho que não é da sua conta, Candice. — tirei seus braços que estavam em volta do meu pescoço rapidamente, antes de me perder.

Seu perfume era forte, eu amava aquele cheiro.

— Você lembra desse shorts? — perguntou ela devagar dando um passo pra trás e empinando a bunda, fazendo-me analisá-la. — Eu o usava na primeira vez em que nos falamos.

— A primeira vez em que nos falamos, você não disse que era em uma aula de Matemática?

— Bom, aquela foi a segunda vez. A primeira realmente, foi naquela boate... Você me achou gostosa com esse shorts e... Bom, aí você sabe.

Candice riu maliciosa falando no meu ouvido, com sua respiração chicoteando meu pescoço.

— Eu estou com tanta saudade, Brandon. — ela mordeu o lóbulo da minha orelha e depois, depositou beijos no meu pescoço e eu estremeci.

Caralho, por quê? Que filha da puta!

Suas mãos passaram devagar por minha cintura,
PERIGOSAS ACHERON

arranhando meu quadril por debaixo da camisa. Segurei em seus braços com força, impedindo— a de continuar com o ato, que estava me deixando louco. Ao apertá-la, ela riu e soltou um gemido baixo.

— Ai, agressivo... O que foi? Eu sei que você quer! — ela sussurrou, se soltando dos meus braços e passando suas unhas em meu pescoço, seguido de beijos.

Que covardia.

— Ou vai me dizer que já se esqueceu de todas as vezes que te dei prazer nessa cama, nesse quarto, ou em qualquer outro lugar? Eu te satisfazia tanto... — ela riu como uma vadia no meu ouvido.

Não conseguia mais pensar em nada, a não ser em... Sexo. O selvagem sexo daquela garota, o jeito arrebatador e único que só ela fazia.

Para, Brandon! Você é um cara comprometido agora!

Juro que tentei me segurar, juro!

O corpo de Candice se chocou com a parede sólida atrás dela e a vadia riu vitoriosa porque sabia que ia ganhar o que queria. Seus dedos fizeram

carinho em minha nuca quando mordi seus lábios com vontade, apertando e levantando suas coxas, enquanto ela aninhava suas pernas em meu quadril.

E eu caí em tentação.

Tudo aconteceu tão rápido que eu mal conseguia pensar. Minha mochila caiu no chão, assim como minha blusa, que Candice tirou. Puxei seu corpo para junto do meu, enquanto o acariciava com força.

Quando dei por mim, já estava só de cueca azul na cama, em cima de Candice. Tirei aquele colado shorts com um pouco de dificuldade e o joguei no chão com brutalidade. Mordisquei suas coxas e senti seus arranhões em minhas costas. Ela logo tirou a regata e quando já estava de calcinha e sutiã, riu maliciosa.

Beijamo-nos e ela tinha sempre aquele jeito de mordidas boas em seu beijo. Ela sabia como deixar qualquer um maluco de tesão e usar isso muito bem a seu favor.

Tirei seu sutiã durante o beijo e fui mordiscando seu pescoço, até chegar a seus seios, que estavam

rijos. Em poucos segundos ficaram vermelhos e logo ficariam roxos por causa dos chupões que eu depositava ali.

Candice gemia baixinho, enquanto segurava meu cabelo com força. Tirei sua calcinha tendo a visão de meu brinquedo favorito.

Sua vagina estava molhadinha por mim, de tesão e desejo. Mordi os lábios enquanto começava a entocar seu clitóris com dois dedos.

Ela gemia devagar no começo, depois foi soltando gemidos mais altos e eu precisei usar minha outra mão pra tapar sua boca.

Sua vagina lubrificada naturalmente, dilatava com meus dedos e ela segurava com força os lençóis em minha cama, se contorcendo. Aumentei o ritmo das entocadas e em poucos segundos, seu gozo molhou meus dedos. Sorri vitorioso e ela se sentou na cama.

— Chupa. — ordenei pra ela, que me olhava alucinada e com muita, muita luxúria.

Candice se aproximou de mim, engolindo os meus dedos, saboreando seu próprio gosto, me deixando em êxtase.

Ao terminar ela sorriu, vindo me beijar e assim ficamos até eu a empurrar na cama. Com sensualidade e rapidez, Candice tirou minha boxer, mordeu o tecido quando já estava em suas mãos e depois, a jogou no canto da cama. Posicionei-me em cima dela, meu pênis roçando em suas coxas suadas. Caralho, aquilo era muito, muito tentador.

Minha mente só estava acinzentada e meu corpo implorando por sexo. Meu sangue fervia nas veias.

— Vai, Campbell, me fode! — rosnou ela embaixo de mim, beijando meu peito e passando suas mãos em minhas tatuagens. — Não para agora... Sei que é isso o que quer fazer, vamos! — sua voz de vadia era tão... Excitante.

Putá merda! O que eu estava esperando?

“Não faz isso, Brad! Você não pode. Existe um motivo, você não pode continuar, pare!” Implorava minha consciência sã, sendo debatida com meu lado cafajeste e galinha, que gritava: *“Vamos, Brad, por que parou? Fode ela todinha! É isso o que ela quer e o que você quer também! Anda!”*

Levantei-me da cama impaciente, indo até o banheiro e ao entrar no mesmo, coloquei as mãos

na cabeça, tentando respirar.

Meu pênis estava latejando e eu precisava me aliviar.

“Ué, usa a mão!” O anjo consciente do bem pedia.

“Que mão o quê, caralho?! Tem uma gostosa nua na sua cama esperando pra ser comida e ele vai usar a mão pra quê?!”

Abri o armário do banheiro, achando dois pacotinhos. O primeiro eu rasguei, jogando-o no lixo e colocando a camisinha em minha ereção. O outro, joguei o conteúdo na pia, em cima de uma folhinha de seca e fiz a carreirinha com o pó branco, sem acreditar que usaria aquilo pela primeira vez.

Abaixei-me, tapando uma narina e inspirei tudo pra dentro com a outra.

Tombei a cabeça pra trás devagar ao sentir meu corpo como se fosse explodir. Caralho, aquilo era... Ótimo! Senti uma tontura momentânea.

Voltei pro quarto depois de ouvir a vadia chamando meu nome por várias vezes. Observei seu corpo sentado na cama... E que mulher, Senhor!

Sorri de lado pra ela que me chamou com o dedo, fazendo-me deitar em cima dela, posicionando minha cabecinha em sua entrada.

Suguei mais um pouco seus seios com força, provocando-a.

— Caralho, Brad, vai logo com isso! — pediu e eu a olhei. Seus olhos claros brilhavam de malícia.

— Pede direito! — ordenei.

— Vamos, senhor Campbell, me coma... — vi seu sorriso nos lábios e assim fiz, penetrando com uma força absurda, não a deixando terminar de falar.

Candice gemeu. Comecei com minhas bombeadas mexendo o quadril enquanto ela gemia meu nome no meu ouvido, se contorcendo para não gritar.

Candice fodia como ninguém.

Senti suas pernas fraquejarem embaixo de meu corpo e ela gozar. Eu não tinha chegado ao meu ápice ainda, então, continuei. Fiquei no vai e vem por mais alguns segundos até me sentir completo, explodindo. Que maravilha!

Respirei fundo ao deitar ao seu lado na cama e

PERIGOSAS ACHERON

Candice recuperava o ar, depois, começou a me olhar intensamente. Meu sangue pulsava nas veias de um jeito rápido e mais eletrizante que o normal. Efeito cocaína.

— Tá vendo como eu ainda te faço gozar pra caralho? Nem foi preciso pedir muito. É amor. — a voz de Candice ecoou no quarto.

Abri os olhos e depois voltei a fechá-los, passando a mão em minha testa que estava quente.

— Amor o cacete, cala a boca! — foi o que consegui dizer e ouvi sua risada.

— Você está tão necessitado, que parece que essa Maria Clara nem dá conta do recado. — eu mal conseguia ouvir.

— Eu mandei calar a boca, Candice. — puxei-a pelos cabelos. — Faça algo mais útil.

Não foi preciso que eu dissesse mais nada para que ela abrisse um sorriso enorme e se posicionasse entre minhas pernas.

— Será um prazer... — seu tom malicioso entrou em meus ouvidos me deixando elétrico.

Seus lábios sugavam devagar a cabecinha de meu pênis e depois ela foi engolindo-o aos poucos. Com

PERIGOSAS ACHERON

o que não coube na boca, foi punhetando com a mão com rapidez.

Mordi meus próprios lábios segurando gemidos. Eu ia explodir a qualquer momento... Candice me chupava enquanto eu segurava seus cabelos com força e não tive nem tempo de avisar, minhas veias engrossaram e só gozei. Candice sugou tudo, não deixou uma gota se quer.

Respirei o ar que faltava, relaxando o corpo enquanto ela se sentava em meu colo limpando os lábios com os dedos.

— Boa garota. — pisquei pra ela que deitou por cima de mim, beijando e mordendo minha barriga, peito, pescoço e até chegar na boca, onde eu senti o meu gosto.

Ao me beijar com muito desejo e calor, Candice sentou na cabeça de meu sexo e se sentiu superior. Começou a rebolar em cima de mim e seus seios pulavam no mesmo ritmo. Os apertei com força, enquanto ela se sentava direitinho em cima de mim e soltamos um gemido juntos.

As paredes de sua vagina dilatavam e se contraíam. Ela voltou a me beijar.

— Você é tão gostoso, Brandon. — Candice sussurrava, rebolando mais enquanto eu apertava seu seio com força. Seus gemidos eram constantes. — Brad, own, Brandon! — exclamava e eu ia me perdendo de novo.

Mulher fogosa do cacete! Senti-me dominado.

Levantei—me, saindo de dentro dela e jogando seu corpo bruscamente na cama. Ela soltou um riso.

— Eu mando, você obedece. — cuspi as palavras em pé na cama e ela apenas concordou dizendo:

— Como quiser, amor. — ela sorriu. Seus cabelos bagunçados eram perfeitamente sexys. — Fala, o que eu faço agora? Quer me ver gozar sozinha?

Sorri pra ela. Garota esperta. Consenti, me sentando na beira da cama e ela que estava sentada, abriu as pernas, logo passando sua mão por seu colo, sua vagina e aos poucos foi se penetrando, se masturbando devagar.

Ela fechava os olhos se concentrando no que fazia e ria gostosamente ao encontrar o mágico da coisa. Beliscava-se e entocava-se de um jeito único, se apalpando e gemendo baixo.

Apertei minha ereção com a mão. A segurei arfando, vendo a cena de Candice se masturbar maravilhosamente bem. Ao terminar, ela gozou, sujando um pouco do lençol da cama, respirou e abriu os olhos, sorrindo.

Puxei-a para um beijo de... Recompensa. Eram incríveis os momentos com ela. Candice podia ser a pior das piores entre as garotas, mas, na cama...

Sem comentários, sem reclamações.

— Brad, meu filho? — merda!

Ouvi a voz de Eliza do outro lado da porta e rapidamente, Candice me olhou.

— Pro banheiro! — sussurrei a ela que pegou suas roupas e fez o que pedi em segundos, enquanto eu colocava minha cueca que estava jogada no chão.

Respirei fundo antes de abrir a porta. Elizabeth sorriu ao me ver e eu cerrei os olhos.

— Está tudo bem? — perguntou desconfiada.

— Uhun. — resmunguei e em seguida soltei um bocejo falso.

— Por que não foi à aula?

— Perdi a hora. — menti encostado na porta, não deixando-a ver o que estava dentro do quarto. — Acabei de acordar... Desculpa, mãe.

Ela me olhou com a testa franzida por alguns segundos, como se soubesse que eu estava mentindo. Mãe é um bicho esperto! Depois, milagrosamente ela sorriu.

— Achei que tivesse ouvido alguém aqui com você... — ri nervoso pelo seu comentário.

— Não, que viagem...

— Bom, vou pro trabalho. Comporte-se. — sorriu ela e eu consenti, dando um beijo rápido em sua testa.

— Vou voltar a dormir. — menti de novo e ela se foi.

Fechei a porta, respirando fundo.

Candice apareceu vestindo suas roupas íntimas e se jogou na cama, assim como eu.

Porra, o que foi aquilo? Foi... Gostoso pra caralho! Eu mal pensava. Meu corpo teve vida própria e meu consciente ria alegre por ter conseguido o que queria, assim como Candice, que subiu um pouco em cima de meu peito, beijando-

me e eu permaneci imóvel. Ela mordia-me lentamente e molhadamente. Ela estava feliz. Não, melhor, ela estava soltando fogos de artifício por dentro ainda, e eu com certeza, não estava mais assim.

A culpa apareceu pra foder comigo. Rompi o beijo, tirando a camisinha e entregando pra ela.

— Jogue no lixo. — pedi estendendo minha mão para ela que me olhou fazendo uma careta.

— Tenho cara de empregada?

— Preciso responder?

— Ah, amor, deixa de ser chato! — ironizou ela, depois bufou e foi ao banheiro fazer o que eu pedi.

Amor me lembra... Maria Clara. O sorriso e o olhar brilhante de minha romântica incurável veio em minha mente. Os nossos momentos juntos, os melhores momentos de minha vida ao lado dela, passaram como um filme e eu senti meu coração esfriar.

Cara, o que eu tinha na cabeça? Senti-me um lixo, eu estava lento e drogado sem acreditar que tinha traído minha namorada.

Sim, eu traí a mulher da minha vida com a
PERIGOSAS ACHERON

mulher que ela mais odeia! Por que isso foi acontecer? Por que essa sede de sexo incontrolável?

Ok, agora Candice tem que ir embora e eu me arrumo, encontro Maria Clara. Vai ficar tudo bem. Um dia, quem sabe, eu conto pra ela.

Era isso ou já era meu namoro. Maria Clara não poderia saber, ninguém no mundo poderia saber. Talvez esses longos e prazerosos minutos me tragam muita dor de cabeça, talvez destruam minha vida e eu não teria como reclamar.

Eu escolhi assim. *Droga!*

Mesmo nervoso, respirei fundo mais uma vez com a dor, a culpa e o cansaço dominando minha mente e meu corpo. Relaxei na cama, passando a mão nos olhos. Senti a presença do corpo de Candice ao meu lado, mas ignorei.

Eu estava completamente fodido.

Destruidor de corações

*“Não me diga que você é um
destruidor de coação, por que
o meu está se destruindo.”*

Justin Bieber

Maria Clara

O dia parece que não ia acabar nunca. Ou melhor, que aquele seria o último dia da minha vida e por isso estava passando lentamente e com muita tranquilidade.

Ao chegar ao colégio, despedi-me de minha mãe e entrei encontrando-me com Melanie, Landon e Ansel. Cumprimentei-os com um beijo no rosto.

— Cadê o Brad? — perguntou-me Ansel.

— Não sei... — deixei a frase no ar e levei a mão ao bolso, pegando o celular com a esperança de uma resposta ou uma ligação retornada, mas... nada. — Ele disse que ia passar em casa hoje... talvez chegue atrasado.

— Tudo bem. — ele deu de ombros. — Como você está?

— Bem.

— Não parece... — sussurrou ele me olhando.

— É só dor de cabeça.

— Não é pelo Brad ter se atrasado, é?

— Talvez.

— Relaxa, ele chega. E se não chegar, você vai até à casa dele quando sairmos. Hoje vamos sair cedo. — Ansel abriu um sorriso. — Toma, por que ninguém merece aturar aulas de História com dor de cabeça. — meu melhor amigo me entregou uma garrafa d'água e uma cartela de comprimidos.

— Obrigada Ansel. — sorri depois de tomar o remédio.

Ansel apenas me deu um abraço apertado antes que pudéssemos ouvir o sinal tocar, avisando do início das aulas.

Na sala de aula, o professor começou a fazer chamada e todos se arrumavam em seus lugares. Enquanto isso, peguei meu celular e mandei mais uma mensagem para Brad. Era como se estivesse com um tique em minhas mãos, querendo saber o porquê da sua demora

Sei lá, vai que ele se envolveu num acidente de carro? Ou em um assalto?

Guardei o celular no bolso depois de enviar e olhei pro professor. Comecei a pensar em tudo que vivi com Brad. Sei lá, as lembranças vieram assim, involuntariamente mesmo.

Lembrei de nossas brigas, risadas, noites juntos, de nossos primeiros beijos, das nossas conversas, passeios, de suas lindas crises de ciúmes... Tudo o que eu vivi com ele, mesmo coisas ruins, como o lance da Candice ou Tyler. Nós sempre enfrentamos tudo juntos.

Isso é fantástico. Por isso que o amo tanto e, a cada dia que eu abro meus olhos pela manhã, tenho a certeza que o amo dez vezes mais do que no dia anterior. Mesmo depois de quase um ano e três meses, eu sou completamente apaixonada.

Quando chegou a hora do intervalo, eu estava na mesa do refeitório com todos os meus amigos: Lauren, Dexter, Landon, Ansel e Melanie. Conversávamos ansiosos sobre o que iríamos fazer nas férias que chegariam na semana seguinte.

Meu celular vibrou no bolso e me enchi de esperanças.

Brandon, tinha de ser ele! Apertei o botão sem ver o nome de quem ligava. Foi quando uma voz feminina chamou do outro lado.

— *Oi perua!* — gritou Susan.

Eu estava morta de saudades dela.

— Oi, Sue! — assim que falei, Melanie e Lauren sorriram. — Como está tudo por aí no Brasil?

— *Muito bem, Clara! Estou com tanta saudade de vocês...*

— Aqui também estamos morrendo de saudades... — finalizei o iorgute que estava tomando. — Onde está o Connor?

— *Dormindo.*

— Dormindo? A essa hora?

— *Sim.* — respondeu ela. — *Estudamos apenas no período da tarde por aqui, então dormimos mais. Como não tinha sono, resolvi te ligar. Está no intervalo, não é?*

— Sim. Estão todos aqui.

Sue riu do outro lado.

— *Diz que eu mandei um beijo.*

— Susan mandou um beijo. — falei com o celular afastado da boca.

— *Manda outro.* — um ou outro murmurou e eu passei o recado a ela.

— Mas e então, como vocês estão? — referi-me a

ela e Connor. — Voltaram?

— *Bom, estamos naquela coisa...*

— Que coisa?

— *Ah, amiga, apesar de tudo, eu amo o Connor, sabe? E quando voltei pra cá nós conversamos e ele me pediu que voltasse. Mas eu fiquei com o pé atrás. Já o perdoei pelo menos. E é aquilo, de não querer ficar perto, mas não conseguir viver longe. E como nos vemos todos os dias em casa e no colégio, estamos ficando sério.* — Sue soltou uma risada feliz e eu fiz a mesma coisa.

— Estão felizes pelo menos?

— *Sim, graças a Deus! Aqui ele não olha nem para o lado!*

Nós duas rimos outra vez antes do silêncio reinar na ligação. Pensei por alguns segundos antes de comentar:

— Eu não sei se perdoaria uma traição, acho que não tenho peito para isso. Fico feliz que tenha conseguido.

— *Eu também pensava assim, mas... Caralho, o amor é maior que tudo!*

— Bom, que o amor é grande eu sei, mas o que é

PERIGOSAS ACHERON

maior ainda, é meu orgulho, e eu só tenho um. Se foi ferido uma vez, pronto, já foi, já era. Eu nunca mais olharia pra ele.

— *Você vai ver, se um dia isso rolar, depois de um tempo pensando nos prós e contras, você perdoa e fica tudo bem.*

— Vira essa boca pra lá, Susan! — resmunguei.
— Nunca que o Brad me trairia, eu, hein. Se ele fizer isso eu preferiria morrer do que carregar essa dor pro resto da vida.

— *Calma lá, mocinha!* — ela soltou um riso. — *Eu sei que Brad não faria isso... ele nunca trairia você.* — Sue soltou um suspiro e eu também.

Aquela conversa me deu um mal estar danado. Mas o sinal tocou e eu me levantei às pressas, dizendo:

— Precisamos ir pra aula, nos falamos depois?

— *Claro que sim. Eu te amo, amiga, se cuida!*

— Você também! — respondi antes de desligar a ligação e guardar o celular no bolso.

As aulas do dia haviam chegado ao fim e eu

agradei mentalmente saindo depressa do colégio. Todos estavam sorridentes e falantes. Até que enfim, férias!

Assim que cheguei ao estacionamento, ouvi o barulho do trovão no céu e percebi como o mesmo estava escuro com nuvens carregadas. Sim, iria cair uma chuva tremenda!

— Ansel! — o chamei ao chegar perto de seu carro.

Ele já estava junto de Melanie, havia saído um pouco antes de mim.

— Você pode me levar até casa do Brad? Ele não veio mesmo e eu tenho certeza que voltou a dormir...

— Tudo bem, entra. — falou ele.

Melanie e eu entramos no carro e partimos até casa do meu namorado antes que começasse a chover.

O caminho foi rápido e, assim que eles me deixaram, os cumprimentei agradecendo pela carona. Saí para que pudessem partir. Sem mesmo tocar à campainha, abri a porta e entrei em silêncio.

— Belinda? — assim que chamei, ela apareceu

PERIGOSAS ACHERON

na sala com um pano de prato em mãos.

— Oi Clarinha! — respondeu sorrindo.

— O Brad está?

Ela franziu a testa antes de começar a dizer:

— Bom, achei que tivesse saído para a aula... mas, se não, deve ter perdido a hora e estar dormindo no quarto. Dona Eliza saiu para o trabalho ainda era cedo.

Abri um sorriso aliviado. Eu disse que ele poderia estar dormindo!

— Posso subir?

— Claro! — foi o que ela respondeu antes que eu pudesse subir para o quarto.

Assim que cheguei na porta do mesmo, a abri sem bater. Observei primeiro o chão, estava cheio de roupas espalhadas, uma bagunça mesmo, bem a cara de meu namorado! Depois a cama, onde estava com os lençóis claros completamente bagunçados e ele deitado de qualquer jeito, apenas de cansada.

Estranhei por uns segundos e mais ainda quando...

— Não me importo de passar a tarde também, já

que passei a manhã inteira aqui. — aquela voz me fez parar dentro do quarto bem perto da porta onde eu estava.

Olhei pra direção de onde vinha a voz, do lado oposto da cama e vi o corpo escultural de Candice com sua calcinha fio dental e seu sutiã escuro.

Pelo barulho da porta Brandon abriu os olhos, ou melhor, os arregalou ao me ver e se sentou na cama, se mostrando assustado assim como eu. Minha boca ficou seca, completamente seca.

— Maria Clara? — ouvi meu nome sair de sua boca rapidamente e pisquei os olhos, observando a cena de novo...

Caralho, não era um pesadelo.

— O que você... aqui... — as palavras mal saíam de sua boca.

Candice cruzou os braços parada no meio do quarto e eu podia jurar que tinha um sorriso sapeca em seus lábios, seus olhos brilhavam vitoriosos em minha direção.

Abri a boca e não saía nada dela. Não consegui responder, aliás, o que era falar mesmo? O que eram palavras? Minha mente não raciocinava...

Brandon e Candice juntos...

Virei os calcanhares com a maior rapidez possível e assim, saí daquele quarto descendo as escadas onde quase caí. Meu sangue fervia e minhas pernas pareciam varas verdes, completamente bambas.

Quando já estava no último degrau, ouvi o barulho da voz de Brad atrás de mim e sua mão segurar meu braço antes que eu chegasse à porta. Belinda não estava mais na sala.

— Maria Clara, espere, não pensa nada antes de me ouvir...

— Tira suas mãos de mim! — gritei explodindo, virando-me pra ele e dando um tranco no braço, fazendo-o me soltar.

As lágrimas já estavam a ponto de pingar de meus olhos e ao olhar pros olhos dele, elas escaparam.

— Amor, olha... eu posso explicar. — sua voz suplicava e seus olhos claros estavam tristes.

Seu corpo apenas coberto por sua cueca azul “Calvin Klein”, aquele cabelo bagunçadinho do jeito perfeito pós-sexo.

Que homem...

Ah, ódio, que ódio! *Foco, Maria Clara, sua inútil!* Enxuguei as lágrimas que insistiam em cair.

— Eu não quero ouvir, cala a boca! — gritei de novo.

Caminhei até à porta e quando coloquei a mão na maçaneta, senti a temperatura quente de seu corpo atrás de mim, segurando a porta e não me deixando abri-la. Não me aguentei, as lágrimas vieram como um jato saindo de meus olhos.

— Me deixa ir embora, eu quero sair daqui, por favor... — implorei em meio às lágrimas.

Sentia como se um caminhão tivesse passado em cima de meu coração, que estava totalmente quebrado. Não sei como ainda conseguia respirar.

— Você não pode ir embora antes de conversar comigo... — ele segurou em meus braços, virando-me pra olhar pra ele, e como eu estava mole, não retruquei. — Por favor, me ouve. — Brad passou seu dedo em minha bochecha, secando uma lágrima e eu me arrepiei, tentando me afastar o máximo possível.

Nojo, só isso que eu conseguia sentir.

— Diz pra mim que aquilo que eu vi lá em cima é um pesadelo, por favor, por favor... — sussurrei e ele estava em silêncio.

Meu mundo tinha acabado ali. A cena não saía de minha cabeça e... Caralho, isso só podia ser um pesadelo! Mas, não, não era. Brandon tinha me traído, ele tinha ido pra cama com outra. Eu não conseguia entender. E ainda mais com Candice! Meu Deus, com a pior de todas...

Olhei-o esperando que falasse alguma coisa e ele só me olhava com aquele olhar sombrio e magoado, fazendo meu coração se partir mais e mais.

— Desculpa... — falou depois de alguns segundos. — Eu sou um idiota, me desculpe, por favor. Não era pra isso ter acontecido, eu estava fora de mim... não pensei. Eu amo tanto você, amor.

— Pelo amor de Deus, cale a boca! — repeti com minhas lágrimas saindo sem nenhum controle.

Cacete, não era pra estar chorando na frente dele...

Respirei fundo.

— Você tirou toda a minha moral, Brandon.

Como você pôde? — gritei pensando alto e ele abaixou o olhar. — Você prometeu que não ia me trocar, Brandon, você lembra disso?

— Eu não troquei você, não troquei! Por favor, não me deixa, Maria Clara... — ao levantar o olhar, observei que ele chorava. — Pelo amor de Deus, não me deixa.

— Como eu pude confiar em você, como? É lógico que você ama aquela garota, sempre amou... — não consegui falar, fui interrompida por seus lábios gelados e molhados selando os meus de um jeito exagerado e me senti enojada, dando um tapa forte em seu rosto, fazendo-o girar a cabeça e permanecer em silêncio. — Se afasta de mim! — gritei impaciente.

Logo, ele limpou as próprias lágrimas e eu senti a palma de minha mão arder.

— Eu amo você, só você! Acredita em mim, por favor... — seu toque em meu rosto me fez estremecer, ele limpava minhas lágrimas, enquanto tirava suas mãos da porta, livrando meu corpo de sua pressão.

— Chega, Brandon! Basta de mentiras! —

respirei fundo, limpando meu rosto e arrumando minha mochila no ombro.

Desencostei da porta e por alguns segundos achei que ia cair. Meu corpo estava um caco, minhas pernas mal me sustentavam...

— Preciso ir. — sussurrei abrindo a porta e senti seu olhar em mim.

— Não vou desistir de você... — sua voz engasgada saiu de sua boca, mas consegui ouvir e me virei, olhando-o pela última vez.

Brandon estava chorando.

— Eu odeio tanto você... — foi a última coisa que disse.

Depois saí de sua casa andando pelas ruas de cabeça baixa e às pressas me molhando inteira. Chovia em Los Angeles, o clima estava bem ruim. Não só na cidade, como também em mim. Todos os meus sonhos, meus sorrisos, minha vida, foram apagados, massacrados e destruídos.

Eu só queria morrer.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Pulei os degraus de dois em dois e depois entrei em meu quarto o mais rápido possível, pegando minha roupa no chão e vestindo-a em fração de segundos. Eu precisava ir atrás dela, nem que fosse preciso me ajoelhar, fazer promessas, juramentos... o que fosse! Mas eu não ia perdê-la. De jeito nenhum!

— Levanta, se veste e vai embora! — ordenei pra vadia que estava deitada em minha cama ainda.

— Como é que é?

— Vai, Candice! Some da minha casa e da minha vida! Eu não quero te ver nunca mais, nunca mais! Ouviu bem? — gritei.

Então saí do quarto batendo a porta e pulando os degraus mais uma vez.

Eu estava transtornado. Tudo estava acontecendo rápido demais, intenso demais. Não dava nem para acreditar. Só tinha ciência de que havia feito merda e precisava consertar.

Saí de casa na chuva mesmo sem dar nenhuma

satisfação, só corria, em direção à casa de Clara.

Ela não devia estar longe, não dava tempo. E eu precisava dela, precisava do sorriso e daquela garota mais do que qualquer outra coisa em toda a minha vida. Eu errei, eu preciso consertar antes que seja tarde demais.

Meu Deus, me ajuda!

Limpei as poucas lágrimas que escapavam de meus olhos enquanto virava a esquina. Meu coração estava sufocado, a pior coisa do mundo pra mim é ver Maria Clara sofrendo e eu sou o único babaca que a faço ficar assim.

Sorri ao vê-la numa esquina em frente, em um cruzamento e acelerei o passo. Seus cabelos escuros estavam completamente molhados.

Respirei fundo e olhei a rua vazia, com apenas um carro vindo em alta velocidade em direção a Maria Clara. Ouvi o barulho da tentativa falha do motorista tentando frear no asfalto molhado ao se aproximar dela.

Tudo aconteceu muito rápido.

Abri minha boca para dizer alguma coisa enquanto minhas pernas ficaram paralisadas na

PERIGOSAS ACHERON

calçada não me deixando mexer. Só vi tudo acontecer, sem saber o que fazer.

Maria Clara estava sendo atropelada em minha frente, seu corpo foi jogado longe e tudo parou. A única coisa que consegui gritar apavorado foi:

— *NÃO!!!*

Playlist

Say Goodbye – Chris Brown

Internactional Love – Pitbull feat. Chris Brown

More – Usher

Fucking Perfect – P!nk

Can I Have This Dance – High School Musical 3

I Need This – Jessie J

We Found Love – Rihanna feat. Calvin Harris

Somebody To You – The Vamps feat. Demi Lovato

Blah blah blah – Ke\$ha

Like a Boy – Ciara

I Can't Live Without Your Love – Dan Torres

Brand New Me – Alicia Keys

I Hate This Part – The Pussycat Dolls

She Will Be Loved – Maroon 5

Turn Up The Music – Chris Brown

Give Me Everything – Pitbull feat. Ne—yo

PERIGOSAS NACIONAIS

Firework – Katy Perry

Strip – Chris Brown feat. Kevin McCall

Really Don't Care – Demi Lovato feat. Cher
Lloyd

Nobody's Perfect – Jessie J

DJ Got Us Fallin' in Love – Usher feat. Pitbull

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Se for para começar a agradecer, eu agradeço primeiro a Deus por ter me dado esse dom e por todas as bênçãos que Ele proporciona, tanto para mim, quanto para a minha família. Sem Ele tenho certeza de que esse livro não teria chegado onde chegou.

Agradeço em seguida aos meus pais por tudo o que fizeram e fazem por mim todos os dias, mas principalmente por me aguentarem e por toda a educação que recebi. Obrigada por todo o apoio José e Claudiana, vocês são os melhores pais que alguém poderia ter.

E é claro que os meus amigos, familiares, professores e colegas não ficariam de fora. Eu agradeço a todos, sim TODOS que me aguentaram e ainda me aguentarão a falar de livros toda hora, que ficam felizes com minhas histórias, que surtam comigo e principalmente por me apoiarem. Eles

sabem exatamente quem são. Meus eternos agradecimentos, eu os amo muito, com certeza VOCÊS terão um lugarzinho no meu coração!

Agradeço a todos os meus leitores da internet, como prometido há muito tempo, aqui está! Com batalha e amor, o livro enfim saíu. Obrigada a quem me apoiou e me apoia de verdade!

Por último, mas não menos importante, agradeço à Lilian Vaccaro, esse amor de mulher que merece tudo que tem e muito mais! Desejo todo o sucesso do mundo a você! Obrigada a todos da equipe Editora Coerência que trabalharam para que esse livro saísse, cada um contribuiu para que meu sonho enfim se tornasse realidade. Que Deus os abençoe por toda a vida!

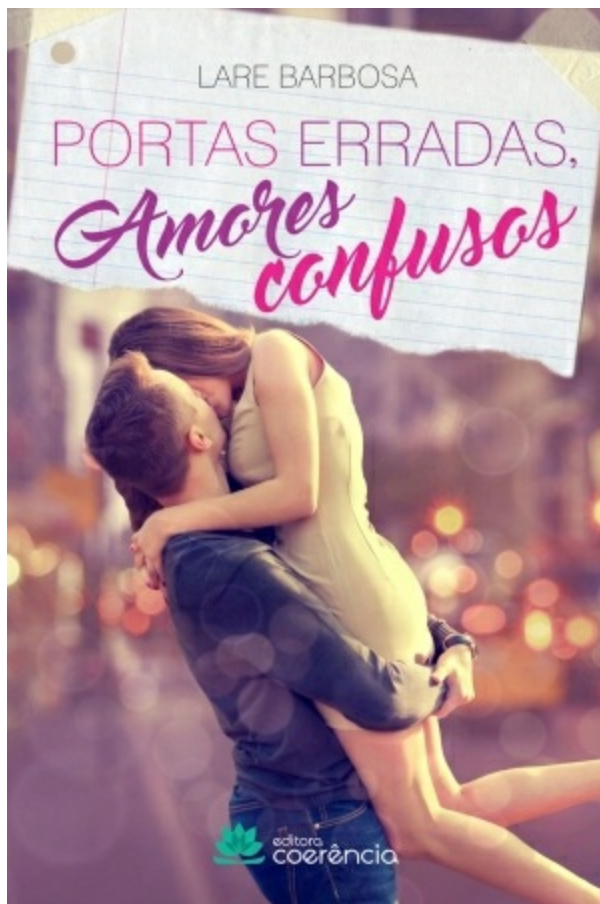
Com amor,
Lare.

Notas da autora

Como todos devem ter percebido, a minha história se passa em Los Angeles, mas muitos costumes e alguns nomes são brasileiros, mas cá estou eu para dizer que os nomes são homenagens e os costumes (como por exemplo as comidas ou até os horários de ano escolar) são ajustes que eu mesma fiz, para que tudo desse certo no enredo que eu mesma criei em minhas fantasias.

Qualquer erro em termos médicos é de minha responsabilidade. Espero que não me odeiem por isso. Qualquer acontecimento descrito aqui é também de minha responsabilidade, de minha criação e não há nenhuma relação com a realidade.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Portas erradas, amores confusos

Barbosa, Lare

9788553270071

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

"A história de Maria Clara e Brandon ainda está longe de acabar. Depois de enfrentarem inúmeros desafios, agora precisam encarar seus conflitos pessoais para saber amadurecer, tomar decisões complicadas e saber se, estar juntos, realmente vale a pena. Com aventuras e personagens novos, uma dose a mais dessa vida conturbada e difícil dos jovens adolescentes, Portas Erradas, Amores Confusos é o segundo livro da trilogia que encantou a todos."

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Quando o amor acontece

Portella, Eliana

9788592572952

302 páginas

[Compre agora e leia](#)

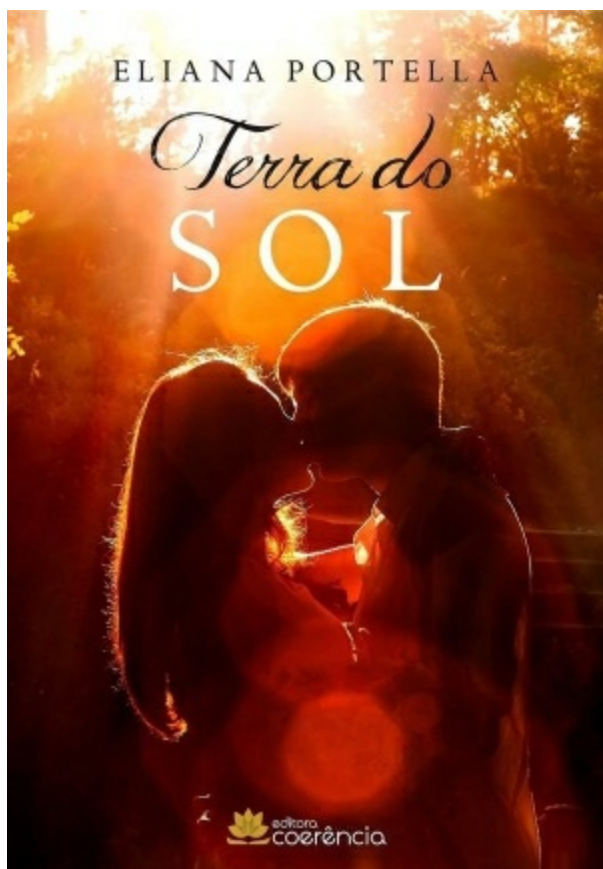
O universo de Sophia era guiado por duas verdades: em toda sua vida só haveria uma pessoa com a qual ela poderia contar – ela mesma -, a segunda falava sobre o amor; o sentimento que levaria ao suicídio os amantes de Verona, a chama que fez arder pela eternidade os corações de Tristão e Isolda, e a paixão insanamente inconsequente que arrebatou Helena e Páris, tudo isso simplesmente não passava de fantasias. Sophia via o casamento como uma alternativa falha que as pessoas elegiam para não envelhecerem sós, na ilusão de que a paixão perduraria após a união selada. Não que considerasse um erro, julgar as escolhas das outras pessoas não condizia com suas atitudes, mas ver-se

PERIGOSAS ACHERON

ligada a alguém pelo resto da vida apenas para não estar só, ou provar que era capaz de conquistar um pretendente, ia contra tudo o que acreditava ser essencial para a felicidade. Aos olhos de Sophia, ser feliz era deitar a cabeça no travesseiro com a consciência tranquila, saber que poderia contribuir para um mundo melhor. Receber um 'muito obrigado' sincero soava tão agradável como ouvir um 'eu te amo'. Mas o destino a fez rever todos os seus conceitos, despertando-lhe um novo sentimento ao colocar Lucas em seu caminho.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Terra do Sol

Portella, Eliana

9788592572990

420 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dmitry e Natasha Pasternak desembarcaram no Brasil em meados de 1976 com destino ao Amazonas. Os jovens e louros doutores integravam uma elite de médicos pesquisadores soviéticos. E foram necessários bem mais que insistentes convites para ingressarem na aventura de trocar Moscou por uma floresta. Dividiam as mesmas paixões, entre elas a ideia de deixar a Rússia e se aventurar num país de terceiro mundo, o que parecia mais um devaneio que um sonho; e trocar a terra natal pelo Brasil nunca fizera parte de seus planos. Uma expedição em terras brasileiras que deveria durar um curto período de tempo tem seus propósitos desviados pelo sol que brilha todos os dias

PERIGOSAS ACHERON

na pele, no coração e na alma daqueles que encontram muito mais que o resultado de suas pesquisas científicas. Encontram o amor, a amizade e o desejo de viver intensamente a aventura de se entregar aos seus mais secretos sonhos e anseios. A jovem Iara, nativa da terra quente e descendente de índios, entra na vida e nos corações do jovem casal recém-chegado das terras álgidas. Natasha, vivendo um momento crucial em sua carreira, dá à luz Yuri e o entrega aos cuidados da brasileira. O menino, de corpo nativo e coração estrangeiro, será criado ao lado de Moara, filha de Iara. E assim como sua mãe ela também vai entrar em seu caminho. E o que começou como uma brincadeira de infância acaba tomando grandes proporções na medida em que a vida com seus mistérios os convida a viver uma experiência apaixonante e proibida. Para uns, o amor está sempre em primeiro plano; para outros, ele é só um detalhe. E enquanto o destino brinca com a existência daqueles que acreditam serem donos absolutos de suas verdades, a ilusão e a realidade se confundem e maltratam os corações desavisados.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Enquanto espero

Gravino, Valéria

9788553270088

150 páginas

[Compre agora e leia](#)

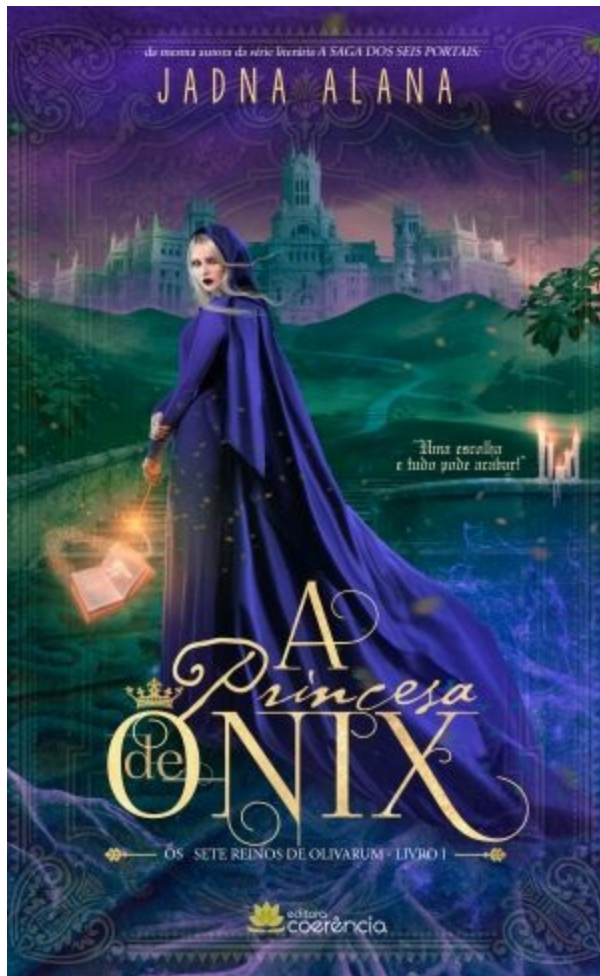
"Enquanto espero" é um romance new adult que concorreu ao Prêmio Kindle de Literatura 2016 e concorre atualmente ao Prêmio Oceanos 2017. A jovem advogada Vitória, encontra dificuldades para conseguir o seu primeiro emprego, mas enfim é admitida pelo Grupo Moura Ribeiro e lá encontra Ricardo, um homem rodeado conflitos e segredos, com quem vivência um romance, no mínimo, complicado. Durante o desenvolvimento de Vitória no grupo empresarial, muitas operações acontecem por motivos escusos e influência da família e do sócio de Ricardo, sem que ele sequer desconfie, trazendo muitas intrigas em torno dos dois e fazendo com que o romance venha a esmorecer.

PERIGOSAS ACHERON

Reconhecendo-se sem condições de sobreviver à dor da separação, Vitória busca na pintura e na terapia de regressão um refúgio para livrar-se de seu sofrimento, quando desvenda, a partir de uma obra de arte que liga o seu passado ao seu presente, o real mistério em torno do fim de seu relacionamento com Ricardo, identificando as forças que contribuem para que eles não se mantenham unidos. Muitos segredos permeiam essa intrigante história, trazendo lições e acontecimentos surpreendentes com as reviravoltas de "mais um encontro" de Vitória e Ricardo.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

A princesa de ônix

Alana, Jadna

9788592572723

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em um mundo onde a magia é possível, Sete Reinos foram criados pela Trindade Iniciadora. Eles foram representados por espécies mágicas diferentes e a lei e o poder foi a única verdade absoluta para ser vivida durante os últimos séculos. No Reino de Ônix, a princesa bruxa Amie Bell, acaba de completar dezoito anos de idade. Uma data que deveria ser comemorada com muita alegria, mas que acaba se tornando o pior dia da vida dela. Encurralada por um feitiço que deu errado, a jovem embarca em uma aventura onde descobrirá o que existe além dos muros do palácio onde viveu a sua vida inteira. Terá que despertar suas habilidades para sobreviver sem todos os caprichos que

PERIGOSAS ACHERON

tinha como princesa e terá que lutar por sua sobrevivência com a ajuda de um Clã que vive contra as leis de Olivarum. Você está pronto para encarar essa aventura? Lembre-se: Se fizer a escolha errada, tudo pode acabar.

[Compre agora e leia](#)